



Universidade de Brasília – UnB

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

CINTIA DE FREITAS RODRIGUES LOUREIRO

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES E
PANDEMIA DE COVID-19: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
MULTIMODAL COM DADOS DO INSTAGRAM**

BRASÍLIA

AGOSTO, 2022

CINTIA DE FREITAS RODRIGUES LOUREIRO

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES E
PANDEMIA DE COVID-19: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
MULTIMODAL COM DADOS DO INSTAGRAM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Mestra em Linguística, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dra. Viviane de Melo Resende (UnB)
Coorientadora: Prof.^a Dra. Carolina Lopes Araújo (UnB)

Brasília

Agosto, 2022

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

LL892v

Loureiro, Cintia de Freitas Rodrigues
Violência doméstica contra mulheres e pandemia de covid
19: uma análise discursiva multimodal com dados do
Instagram / Cintia de Freitas Rodrigues Loureiro;
orientador Viviane de Melo Resende; co-orientador Carolina
Lopes Araújo. -- Brasília, 2022.
294 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2022.

1. Estudos do Discurso. 2. Multimodalidade. 3. Violência
doméstica contra Mulheres. 4. Violência de Gênero. 5. Mídias
Sociais. I. Resende, Viviane de Melo, orient. II. Araújo,
Carolina Lopes, co-orient. III. Título.

CINTIA DE FREITAS RODRIGUES LOUREIRO

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES E
PANDEMIA DE COVID-19: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
MULTIMODAL COM DADOS DO INSTAGRAM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Mestra em Linguística, área de concentração Linguagem e Sociedade.

Brasília, agosto de 2022

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Viviane de Melo Resende – LIP/UnB
Presidenta

Prof.^a Dra. Janaína de Aquino Ferraz
Avaliadora interna (PPGL/UnB)

Prof.^a Dra. Maria Carmen Aires Gomes
Avaliadora externa (UFV)

Prof.^a Dra. Elizabeth Ruano-Ibarra
Examinadora Suplente (CEAM/UnB)

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação somente foi possível porque pude contar com o apoio, o tempo e o conhecimento de pessoas muito generosas.

Agradeço à minha mãe e ao meu pai pelo amplo acesso a bens materiais e, ainda mais importante, infinito oferecimento de bens imateriais – amor, cuidado e respeito.

Agradeço à professora Viviane Resende pelo acolhimento e dedicação com a minha formação. Procurei sua orientação porque queria aprender junto à pesquisadora que me emocionava na mesma medida em que provocava indignação com suas análises. Com ela, aprendi que inspiração é estar atenta ao mundo.

Agradeço às professoras Maria Carmen Aires Gomes, Janaína de Aquino Ferraz e Elizabeth Ruano-Ibarra, que aceitaram o convite para participar da banca examinadora desse trabalho e me iluminaram com suas contribuições.

Estendo este agradecimento às professoras e pesquisadoras que conheci durante o mestrado na Universidade de Brasília (UnB); na Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED); e na Rede Discurso e Gênero: violência e resistência, da Associação de Estudos sobre Discurso e Sociedade (EDiSo).

Agradeço ao honroso apoio financeiro que recebi da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Agradeço ao Acolhetiva, grupo de pesquisa que se formou durante a pandemia, nos encontros virtuais, mas cheio de afeto e leveza: Raylton, Kárin, Cláudio, Daniele, Nair, Elizabeth, Ingrid, Pedro e Larissa. É possível pensar e produzir conhecimento de forma coletiva e amorosa.

Agradeço aos meus amigos e amigas de ampla jornada pelo apoio, os ouvidos e os momentos de descontração: Lina, Lea, Cris, Magela, Rina, David, Claudinha, Aline, Karol, Maiva, Adriana, George, Karina, Angelina, Carlos, Dimitri, Marco da Escócia, Celina, Ricardo, Loretta, Lorena, Mariana e Dani.

Por fim, agradeço a quem divide comigo os meus dias, lamentos, sonhos, vitórias e buscas: Louise, Rebecca e André.

Para Louise e Rebecca,
amores incondicionais.

RESUMO

Este estudo crítico do discurso objetiva analisar ação e representação discursiva sobre o aumento da violência doméstica contra mulheres durante a pandemia de covid-19. Foram compostos um *corpus* de 122 *posts* coletados dos perfis do Instagram ONU Mulheres Brasil; Instituto Patrícia Galvão; Instituto Geledés; Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos; e da ministra da pasta; e um *corpus* do discurso proferido pela ministra no lançamento da Campanha contra a Violência Doméstica de 2020. O recorte temporal é de maio a julho do mesmo ano. A análise buscou identificar como os perfis reagiram diante da escalada da violência doméstica; o que consideraram violência doméstica; e como mulheres em situação de violência e agressores foram representados. Foram utilizadas contribuições dos Estudos Críticos do Discurso (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003; RESENDE; VIEIRA, 2016; VAN LEEUWEN, 2008), da Gramática do Design Visual (KRESS E VAN LEEUWEN, 2021) e da Semiótica Social (VAN LEEUWEN, 2005). Também formaram a base teórica as (inter)disciplinas Ciências Políticas (ALMEIDA, 2017, 2019; BOULOS, 2016; KALIL, 2020), Comunicação (CASTELLS, 2017, MARTINO 2014, 2019; MELLO, 2020) e Estudos de Gênero (BIROLI, 2018), com os feminismos decolonial (LUGONES, 2008, 2014; SEGATO, 2012), comunitário (PAREDES, 2008, 2019) e negro (CARNEIRO, 2011; CRENSHAW, 1991, 2012; HOOKS, 2019). As análises desvelaram textos marcados por valores, crenças e visões de mundo que as instituições defendem ou a que se associam, com a agenda anti-gênero e o discurso conservador de um lado, e a agenda progressista e o discurso feminista de outro. Enquanto os perfis ligados ao organismo internacional e à sociedade civil promoveram o debate sobre as origens da violência doméstica, os perfis do ministério e da ministra silenciaram sobre o assunto. Houve dificuldade generalizada em dialogar com potenciais agressores, com interpelações direcionadas para que vítimas e testemunhas denunciem os crimes. Houve exaustiva nominalização dos crimes no lugar de usar verbos para descrever as agressões. Os crimes foram representados com a agência omitida, com as agressões estabelecidas de forma direta com o contexto de isolamento social. Houve discussão sobre o que fazer para superar o problema, mas esse esforço foi mitigado pela responsabilização inespecífica das ações. Perfil ligado ao organismo internacional e à sociedade civil reconhecem a violência interseccional, o que é ausente no perfil da ministra e reconhecido com menor ênfase pelo ministério. As mulheres foram representadas com atributos que reconheceram as estruturas de classe, gênero, idade, território, sexualidade, raça e deficiência. Nas representações de agressores, sua ação foi representada de forma pressuposta, com presença ligada ao discurso punitivista. A ministra representou as mulheres como vítimas circunstanciais de um crime que inclui, na mesma medida, crianças, jovens, idosos e pessoas com deficiência no rol de vítimas da violência doméstica, negando o eixo de gênero. De forma geral, os textos analisados mostraram-se úteis para a discussão sobre a violência doméstica no contexto da pandemia, mas também auxiliaram na perpetuação de projetos de poder que podem não priorizar a segurança e a proteção da vida das mulheres.

Palavras-chave: violência doméstica contra mulheres; violência de gênero; multimodalidade; Estudos Críticos do Discurso; análise de discurso.

ABSTRACT

This critical discourse study aims to analyze discursive action and representation about the increase in domestic violence against women during the covid-19 pandemic. It was composed a *corpus* of 122 posts collected from Instagram's profiles UN Women Brazil; Patricia Galvão Institute; Geledés Institute; Ministry of Women, Family and Human Rights; and the minister of the portfolio profiles; and a *corpus* of the speech given by the minister at the launch of the 2020 Campaign against Domestic Violence. The time frame is from May to July of the same year. The analysis sought to identify how the profiles reacted to the escalation of domestic violence; what they considered domestic violence; and how women in situations of violence and aggressors were represented. Contributions from Critical Discourse Studies (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003; RESENDE; VIEIRA, 2016; VAN LEEUWEN, 2008), Visual Design Grammar (KRESS AND VAN LEEUWEN, 2021) and Social Semiotics (VAN LEEUWEN, 2021) were used. The (inter)disciplines Political Sciences (ALMEIDA, 2017, 2019; BOULOS, 2016; KALIL, 2020), Communication (CASTELLS, 2017, MARTINO 2014, 2019; MELLO, 2020) and Gender Studies (BIROLI, 2020) also formed the theoretical basis, with decolonial (LUGONES, 2008, 2014; SEGATO, 2012), community (PAREDES, 2008, 2019) and black (CARNEIRO, 2011; CRENSHAW, 1991, 2012; HOOKS, 2019) feminism. The analyzes revealed texts marked by values, beliefs and worldviews that the institutions defend or associate with, with the anti-gender agenda and the conservative discourse on one hand, and the progressive agenda and the feminist discourse on the other. While the profiles linked to the international organization and civil society promoted the debate on the origins of domestic violence, the profiles of the ministry and the minister were silent on the subject. There was general difficulty in dialoguing with potential aggressors, with interpellations aimed at victims and witnesses to denounce the crimes. There was an exhaustive nominalization of crimes instead of using verbs to describe the aggressions. The crimes were represented with the agency omitted, with the aggressions established directly within the context of social isolation. There was discussion about what to do to overcome the problem, but this effort was mitigated by unspecific accountability for actions. Profiles linked to the international organization and civil society recognize intersectional violence, which is absent in the minister's profile and recognized with less emphasis by the ministry. Women were represented with attributes that recognized the structures of class, gender, age, territory, sexuality, race and disability. In the representations of aggressors, their action was represented in a presupposed way, with their presence linked to the punitive discourse. The minister represented women as circumstantial victims of a crime that equally includes children, young people, the elderly and people with disabilities in the list of victims of domestic violence, denying the gender structure. In general, the analyzed texts proved to be useful for the discussion about domestic violence in the context of the pandemic, but they also helped in the perpetuation of power projects that may not prioritize the safety and protection of women's lives.

Keywords: domestic violence; gender-based violence; multimodality; Critical Discourse Studies; discourse analysis.

RESUMEN

Este estudio crítico del discurso tiene como objetivo analizar la acción y la representación discursiva sobre el aumento de la violencia doméstica contra las mujeres durante la pandemia de covid-19. Se compuso un *corpus* de 122 publicaciones recopiladas de los perfiles de Instagram de ONU Mujeres Brasil; Instituto Patricia Galvão; Instituto Geledés; Ministerio de la Mujer, la Familia y los Derechos Humanos; y el ministro de la cartera; y un *corpus* del discurso pronunciado por la ministra en el lanzamiento de la Campaña contra la Violencia Doméstica 2020. El marco temporal es de mayo a julio del mismo año. El análisis buscó identificar cómo reaccionaron los perfiles ante la escalada de violencia intrafamiliar; lo que consideraban violencia doméstica; y cómo fueron representadas las mujeres en situación de violencia y agresores. Aportes desde Estudios Críticos del Discurso (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003; RESENDE; VIEIRA, 2016; VAN LEEUWEN, 2008), Gramática del Diseño Visual (KRESS AND VAN LEEUWEN, 2021) y Semiótica Social (VAN LEEUWEN, 2005). También formaron la base teórica las (inter)disciplinas Ciencias Políticas (ALMEIDA, 2017, 2019; BOULOS, 2016; KALIL, 2020), Comunicación (CASTELLS, 2017, MARTINO 2014, 2019; MELLO, 2020) y Estudios de Género (BIROLI, 2020) también formaron el marco teórico (2018), con feminismos decoloniales (LUGONES, 2008, 2014; SEGATO, 2012), comunitarios (PAREDES, 2008, 2019) y negros (CARNEIRO, 2011; CRENSHAW, 1991, 2012; HOOKS, 2019). Los análisis revelaron textos marcados por valores, creencias y cosmovisiones que las instituciones defienden o asocian, con la agenda anti género y el discurso conversacional, por un lado, y la agenda progresista y el discurso feminista por otro. Mientras los perfiles vinculados al organismo internacional y la sociedad civil promovían el debate sobre los orígenes de la violencia intrafamiliar, los perfiles del ministerio y de la ministra guardaban silencio sobre el tema. Hubo dificultad general para dialogar con los potenciales agresores, con interpelaciones dirigidas a víctimas y testigos para denunciar los crímenes. Hubo una nominalización exhaustiva de los delitos en lugar de utilizar verbos para describir las agresiones. Los delitos fueron representados con la agencia omitida, con las agresiones establecidas directamente en el contexto del aislamiento social. Hubo una discusión sobre qué hacer para superar el problema, pero este esfuerzo se vio mitigado por la responsabilidad inespecífica de las acciones. Perfiles vinculados al organismo internacional y sociedad civil reconocen la violencia interseccional, la cual está ausente en el perfil del ministro y reconocida con menor énfasis por el ministerio. Las mujeres fueron representadas con atributos que reconocían las estructuras de clase, género, edad, territorio, sexualidad, raza y discapacidad. En las representaciones de los agresores, su acción fue representada de manera presupuesta, con una presencia ligada al discurso punitivo. La ministra representó a las mujeres como víctimas circunstanciales de un delito que incluye por igual a niños, jóvenes, ancianos y personas con discapacidad en la lista de víctimas de violencia doméstica, negando el eje de género. En general, los textos analizados demostraron ser útiles para la discusión sobre la violencia doméstica en el contexto de la pandemia, pero también ayudaron en la perpetuación de proyectos de poder que pueden no priorizar la seguridad y protección de la vida de las mujeres.

Palabras clave: violencia doméstica contra la mujer; violencia de género; multimodalidad; Estudios Críticos del Discurso; análisis del discurso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1: Tweet da OMS sobre surto de pneumonia em Wuhan (2020).....	27
Figura 1.2: Resumo dos dados sobre feminicídios e violência doméstica em 2021 (Fonte: Reprodução do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2021, p. 14).....	29
Figura 1.3: Gráficos de feminicídios e demais mortes violentas intencionais de mulheres por raça/cor (Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2021, p. 14).....	30
Figura 1.4: Relatos de violência doméstica de usuários do Twitter (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020, p. 12).....	32
Figura 2.1: Redes sociais mais populares em todo o mundo em janeiro de 2022, classificadas pelo número de usuárias e usuários ativos (em milhões) (Fonte: Statista.com).....	44
Figura 2.2: Elementos possíveis de um processo de midiatização (MARTINO, 2019, p. 26).	46
Figura 2.3: Mapa ontológico do funcionamento social da linguagem em diálogo com o giro decolonial (RESENDE, 2019, p. 32).....	51
Figura 3.1: Linha do tempo com principais ações destacadas no Instagram do MMFDH.....	60
Figura 3.2: Comandos inseridos no PROMPT.....	64
Figura 3.3: Comandos inseridos no PROMPT.....	64
Figura 3.4: Print da planilha de metadados referente ao Instituto Patrícia Galvão.....	66
Figura 3.5: Aba da ferramenta de transcrição do Youtube.....	67
Figura 3.6: Representação de visualização de dados no Instagram.....	68
Figura 3.7: Representação de visualização de dados considerados pela pesquisa no Instagram	69
Figura 3.8: Representação de visualização de dados verbais da pesquisa.....	70
Figura 3.9: Representação de visualização de dados visuais da pesquisa.....	75
Figura 3.10: Planilha de descrição de imagens de acordo com as categorias de preparação e metafunção composicional.....	77
Figura 3.11: Representação da composição verbo-visual das imagens.....	78
Figura 3.12: Planilha de descrição de imagens de acordo com as categorias de preparação e metafunção composicional.....	79
Figura 4.1: Gráfico de movimentos retóricos do perfil ONU Mulheres no Instagram.....	91

Figura 4.2: Gráfico de movimentos retóricos do perfil Instituto Patrícia Galvão no Instagram	
94	
Figura 4.3: Gráfico de movimentos retóricos do perfil Instituto Geledés	97
Figura 4.4: Gráfico de Movimentos retóricos do perfil Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos no Instagram.....	101
Figura 4.5: Gráfico de movimentos retóricos do perfil da ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos no Instagram.....	104

LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1: Perfis selecionados e números de publicações coletadas.	63
Quadro 3.2: Comandos criados para o script Python.	64
Quadro 3.3: Grupos de imagens analisados na pesquisa e quantidade de imagens.....	75
Quadro 3.4: Escolhas analíticas para descrição de imagens de acordo com as metafunção da Gramática do Design Visual.....	75
Quadro 3.5: Escolhas analíticas: perguntas de pesquisa, perguntas de análise e recursos analíticos.....	81
Quadro 4.1: Trechos com intertextualidade atribuída ao robô Isa.bot	115
Quadro 4.2: Representação verbal de agressores no perfil ONU Mulheres	140
Quadro 4.3: Representação verbal de mulheres em situação de violência doméstica no perfil ONU Mulheres	141
Quadro 4.4: Representação verbal das mulheres em situação de violência no perfil do Instituto Patrícia Galvão	143
Quadro 4.5: Representação verbal dos agressores no perfil do Instituto Patrícia Galvão.....	144
Quadro 4.6: Representação verbal de agressores no perfil do MMFDH.....	150
Quadro 4.7: Representação verbal de agressores no perfil da ministra do MMFDH.....	152

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 . PANDEMIA ENCONTRA BRASIL BANHADO POR “ONDA CONSERVADORA”.....	19
1.1 “ONDA CONSERVADORA” E POLÍTICAS ANTI-GÊNERO NO BRASIL	19
1.2 A ESCALADA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE A PANDEMIA.....	26
1.3 LEI MARIA DA PENHA: O QUE MUDOU DURANTE A PANDEMIA	30
1.4 VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E REDES SOCIAIS.....	32
CAPÍTULO 2 . ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO, ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E ESTUDOS DE GÊNERO	34
2.1 GÊNERO, RAÇA, CLASSE E VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES	35
2.2 REDES SOCIAIS, MÍDIA E PRÁTICAS SOCIAIS	41
2.3 LINGUAGEM E SOCIEDADE	48
2.3.1 <i>O funcionamento social da linguagem</i>	48
2.3.2 <i>Os significados do discurso em Análise de Discurso Crítica</i>	54
2.3.3 <i>As funções da linguagem na Gramática do Design Visual</i>	56
2.3.4 <i>Multimodalidade para a Semiótica Social</i>	57
CAPÍTULO 3 . PERCURSO METODOLÓGICO	59
3.1 APRESENTAÇÃO DOS <i>CORPORA</i>	59
3.2 COLETA DE DADOS.....	62
3.3 ANÁLISE DOS DADOS MULTIMODAIS	67
3.3 DESCRIÇÃO E ESCOLHAS ANALÍTICAS PARA OS TEXTOS VERBAIS	70
3.4 DESCRIÇÃO E ESCOLHAS ANALÍTICAS PARA OS TEXTOS VISUAIS	74
3.5 ANÁLISE INTERSEMIÓTICA, MACROANÁLISE E ANÁLISE FINA.....	80
CAPÍTULO 4 . AÇÃO E REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO INSTAGRAM.....	83
4.1 COMO OS PERFIS ANALISADOS REAGIRAM DISCURSIVAMENTE DIANTE DO AUMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19?.....	83
4.1.1 <i>ONU Mulheres</i>	90

4.1.2 Instituto Patrícia Galvão.....	93
4.1.3 Instituto Geledés.....	96
4.1.4 Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos	100
4.1.5 Ministra do MMFDH.....	103
Considerações	107
4.2 O QUE É VIOLÊNCIA DOMÉSTICA PARA OS PERFIS ANALISADOS?	108
4.2.1 ONU Mulheres.....	110
4.2.2 Instituto Patrícia Galvão.....	118
4.2.3 Instituto Geledés.....	123
4.2.4 Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos	125
4.2.5 Ministra MMFDH	130
Considerações	134
4.3 COMO AS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E OS AGRESSORES SÃO REPRESENTADAS/OS NOS TEXTOS?.....	135
4.3.1 ONU Mulheres.....	137
4.3.2 Instituto Patrícia Galvão.....	142
4.3.3 Instituto Geledés.....	144
4.3.4 Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos	146
4.3.5 Ministra MMFDH	151
Considerações	153
CAPÍTULO 5 . REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, DAS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA E DE SEUS AGRESSORES NO DISCURSO DA MINISTRA DO MMFDH	155
CONSIDERAÇÕES	174
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	175
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	180
APÊNDICE I – PLANILHAS DE IMAGENS.....	189
APÊNCIDE II - TABELAS	205
ANEXO I – PUBLICAÇÕES INSTAGRAM	216
INSTITUTO GELEDÉS.....	216

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO	224
ONU MULHERES	235
MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS.....	253
MINISTRA DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS	280

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um estudo crítico do discurso que objetivou analisar ação e representação discursiva sobre o aumento da violência doméstica contra mulheres durante a pandemia de covid-19. A ideia para esse trabalho surgiu junto com a pandemia, no primeiro semestre de 2020, quando estava reformulando o projeto de pesquisa. Ao monitorar as redes sociais para saber quais assuntos estavam ganhando a atenção do público, percebi que entre as tantas notícias que já traziam as consequências secundárias da emergência mundial de saúde - como desemprego, desabastecimento e crise política – estava o aumento no número de denúncias de casos de violência doméstica contra mulheres para os canais oficiais da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos.

Busquei acompanhar como o assunto era desdobrado nos jornais de grande circulação e em perfis nas redes sociais, e tive as primeiras impressões sobre diferenças e similaridades nas formas de abordar os crimes. Notei também lançamentos de novos dispositivos tecnológicos para denunciar, campanhas digitais e uma série de eventos *online* para tratar o assunto. Havia uma movimentação de diversas frentes em torno da escalada da violência doméstica contra mulheres no contexto da pandemia.

Essas pistas me fizeram perceber a relevância do tema e o potencial investigativo do enquadramento que estava sendo dado ao problema social. Porém, ao submeter o projeto, não tinha a menor ideia de que, dois anos depois, ainda estaríamos vivendo a pandemia – e suas consequências. Portanto, esta pesquisa também foi acompanhando e se adaptando à conjuntura da emergência mundial de saúde.

Para analisar ação e representação discursiva sobre o aumento da violência doméstica contra mulheres durante a pandemia de covid-19, considerei a rede social Instagram, com vozes do poder público (Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos/MMFDH; e a ministra da pasta), de organismo internacional (ONU Mulheres) e da sociedade civil organizada (Instituto Patrícia Galvão e Instituto Geledés) – com coleta de publicações feitas entre março e julho de 2020; e também o discurso proferido pela ministra do MMFDH no lançamento da Campanha de Conscientização e Enfrentamento à Violência Doméstica, em 15 de maio de 2020. Analiso como os perfis do Instagram reagiram discursivamente diante da escalada da violência doméstica; o que é violência doméstica para os perfis analisados e no discurso da

ministra; e como mulheres em situação de violência e agressores foram representados nos textos multimodais no Instagram e no discurso público proferido pela ministra.

A base teórica, metodológica e analítica para minha investigação está nos Estudos Críticos do Discurso, que me permitiram analisar a faceta discursiva da violência doméstica contra mulheres com o intuito de identificar modos de agir e de representar que possam contribuir ou não para a superação desse problema social no Brasil. Combinei contribuições dos estudos do discurso (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003; RESENDE; VIEIRA, 2016; VAN LEEUWEN, 2008), da Gramática do Design Visual (KRESS E VAN LEEUWEN, 2021) e da Semiótica Social (VAN LEEUWEN, 2005). Também busquei aportes, principalmente metodológicos, em pesquisas desenvolvidas por analistas da América Latina que centram suas reflexões em problemas sociais localizados em nossa região, com o reconhecimento de estruturas sociais herdadas da colonialidade.

A partir da ancoragem nos ECD, também busquei apoio em outras (inter)disciplinas. Primeiro, foi necessário fazer uma análise de conjuntura para enquadrar o problema social no contexto da pandemia de covid-19. Com Almeida (2017, 2019), Boulos (2016), Kalil (2020) e Mello (2020), compreendi que, seguindo o que já havia acontecido em outros países do mundo e também na América Latina, o Brasil atravessava uma onda conservadora quando começou a pandemia. Uma sondagem documental também me levou ao perfil das vítimas de violência doméstica no Brasil e a constatação da violência interseccional, afetando mais gravemente as mulheres negras.

Com conceitos dos Estudos de Gênero, especificamente dos feminismos decolonial (LUGONES, 2008, 2014; SEGATO, 2012), comunitário (PAREDES, 2008, 2019) e negro (CARNEIRO, 2011; CRENSHAW, 1991, 2012; HOOKS, 2019), discuti o quadro teórico proposto por Biroli (2018) para compreender como as desvantagens das mulheres na balança do gênero - da raça, do sexo e da classe - geram e perpetuam, também, violência.¹

Já o suporte digital Instagram e como as redes sociais estão imbricadas em nosso dia a dia foram compreendidos a partir das propostas de Castells (2017), Fairclough (2003, 2006) e Martino (2014, 2019).

¹ Compreendo que a violência doméstica extrapola os limites da cisheteronormatividade - pessoas em relacionamentos afetivos e sexuais com alguém do sexo oposto e ambos com identidade de gênero correspondendo ao sexo biológico. Contudo, neste trabalho, concentro o olhar sobre a violência doméstica praticada por homens contra mulheres cis heteronormativos.

Situar a pesquisa entre campos de conhecimento diversos, mas complementares, foi a minha principal dificuldade e, talvez por isso, acredito que seja uma das contribuições deste trabalho. Mesmo sabendo que minhas conclusões são situadas e não se acabam nelas mesmas, acredito que foi importante ter olhado com diferentes lentes, e não somente com uma, na hora de buscar respostas.

Também considero fundamental explorar, nos estudos do discurso, o potencial explanatório dos dados multimodais das redes sociais e a relação entre gêneros discursivos e suportes digitais. Portanto, outro desafio teórico e metodológico nesta caminhada foi compreender a constituição multimodal do discurso e conseguir visualizar como diferentes sistemas semióticos (verbal, visual, audiovisual) se unem para formar uma postagem.

A escolha do tema, para além do enquadramento dado pelo contexto da pandemia à crise social vivida mundialmente, se justifica por diversos motivos, mas o que agrega um fator apelativo no Brasil de hoje é o aumento da violência contra mulheres em meio a um cenário com ascensão do conservadorismo, da defesa da agenda anti-gênero e do forte antagonismo político. Também optei por analisar uma pluralidade de vozes para aumentar as possibilidades de encontrar mais pistas para as perguntas de pesquisa.

Com isso, essa pesquisa possibilita uma melhor compreensão da violência doméstica contra mulheres a partir de vozes diversas, de forma situada localmente e temporalmente, a partir dos olhares de disciplinas também diversas.

Esta dissertação se divide em cinco capítulos, com o primeiro sendo dedicado à análise da conjuntura para compreender a “onda conservadora” que assolava o país quando começou a pandemia. Também traz uma sondagem documental sobre o aumento da violência contra as mulheres durante a pandemia no Brasil, com destaque para o perfil de classe e raça das vítimas; e levantamento das incorporações sofridas pela Lei Maria da Penha para se adaptar ao contexto de isolamento social imposto pela emergência mundial de saúde.

O segundo capítulo traz os marcos teóricos da pesquisa. Discuto as contribuições dos Estudos de Gênero para compreender como as mulheres estão em desvantagem em diversas esferas de nossa sociedade, e como a violência doméstica é resultante do descompasso de poder e de papéis exercidos por homens e mulheres. Também busquei compreender a relação entre mídia e sociedade, e a ascendência e o potencial das redes sociais nos dias atuais a partir dos aportes dos Estudos de Comunicação. Trago ainda o arcabouço teórico e metodológico dos Estudos Críticos do Discurso para acessar os dados multimodais da pesquisa, especificamente

a abordagem dialético-relacional, com auxílio da Gramática do Design Visual (GDV) e da Semiótica Social.

O terceiro capítulo é dedicado ao percurso metodológico da pesquisa, com detalhada descrição da composição dos *corpora*, coleta, visualização, tratamento de dados e escolhas analíticas.

As análises são apresentadas nos capítulos 4 e 5. O capítulo 4 reúne as análises estruturadas e interpretações do *corpus* 1, que corresponde aos textos multimodais do Instagram dos cinco perfis analisados. Já o cinco traz uma análise sequencial posterior a uma análise estruturada do *corpus* 2, que é o discurso proferido pela ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos na ocasião do lançamento da Campanha de Conscientização e Enfrentamento à Violência Doméstica e os quatro banners exibidos e comentados pela ministra durante sua fala.

Por fim, reflito sobre os achados desse trabalho de forma a também contribuir para que a violência doméstica contra mulheres seja, ao menos, mais bem compreendida em nossa sociedade, um passo necessário para a superação dos crimes.

CAPÍTULO 1. PANDEMIA ENCONTRA BRASIL BANHADO POR “ONDA CONSERVADORA”

Este primeiro capítulo tem o propósito de apresentar e discutir a conjuntura do problema social analisado nesta dissertação em faceta discursiva: o aumento da violência doméstica contra mulheres no contexto da pandemia de covid-19 do Brasil. Primeiro, recorro a análises sociais para compreender como o país atravessava uma “onda conservadora” quando começou a pandemia. Entre os eixos de ação desse movimento que representa atrasos na busca por justiça social no país, discuto o avanço de políticas anti-gênero e a emergência de visões de mundo particulares (discursos) antagônicas, o que resultou na polarização não somente no campo político, mas nas interações sociais em geral, inclusive nas redes sociais.

Na segunda seção, apresento sondagem documental com números que denunciam o aumento de múltiplas agressões e assassinatos de mulheres pelo fato de serem mulheres durante a pandemia, com destaque para o perfil de classe e raça das vítimas. Por fim, trago um levantamento das principais incorporações sofridas pela Lei Maria da Penha nos últimos dois anos em adaptação ao contexto de isolamento social imposto pela emergência mundial de saúde; e discuto o potencial das redes sociais no combate à violência doméstica.

1.1 “Onda conservadora” e políticas anti-gênero no Brasil

O termo “onda conservadora” foi utilizado pela primeira vez no contexto brasileiro recente em um artigo publicado por Guilherme Boulos no jornal *Folha de S. Paulo* após o primeiro turno das eleições de 2014. No texto, denuncia a eleição de um Congresso Nacional marcado por representantes conservadores, em que “[a] bancada da bala e os evangélicos fundamentalistas tiveram votações expressivas em vários estados do país” (BOULOS, 2016, p. 29). O artigo pioneiro de Boulos foi reproduzido no livro “A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil” (DEMIER; HOEVEIER, 2016), que reúne contribuições de 20 autoras e autores, de diversos campos do conhecimento, na argumentação empírica sobre o “direitismo político e o conservadorismo comportamental”. O retrato que a obra traz é do período logo após o que ficou conhecido como Jornadas de Junho de 2013 e antes do processo que resultou no *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, com avanço do antipetismo, do apartidarismo e da agenda anticorrupção como justificativas para o apoio ao conservadorismo.

Para Boulos (2016), enquanto as Jornadas de Junho “deixaram um legado positivo com o crescimento das mobilizações populares” (p. 30), houve também uma outra vertente, percebida pelo autor ao analisar discursos particulares:

A direita saiu do armário. Passou a adotar abertamente um discurso mais ousado e raivoso. Os velinhos do Clube Militar tiraram a poeira das fardas para defender a reedição de 1964. Homofóbicos, racistas e elitistas passaram a falar sem pudores de suas convicções. Isso tudo se sintetizou num antipetismo feroz que correu o país. (BOULOS, 2016, p. 30).

A compreensão desse período é fundamental para os passos seguintes da política nacional, que continuou sendo acompanhada pelos olhares atentos de críticas e críticos sociais brasileiros. Em produções mais recentes, Ronaldo de Almeida (2017; 2019) analisa esse processo social em curso no Brasil, que, na prática, tem significado retrocessos em direitos e conquistas sociais após a Constituição de 1988, além da polarização e recrudescimento do debate público e político. Para o autor, é preciso identificar as linhas de força, de diferentes dimensões e intensidades, para definir o conservadorismo e a pauta conservadora a partir do debate político e religioso brasileiro, um caminho para a compreensão da caracterização do discurso conservador. Essas linhas de forças são: econômica, moral, securitária e interacional.

Na primeira linha de força, a econômica, a polarização que vemos no debate público gira em torno do papel do Estado e das políticas de proteção social: de um lado, a defesa e a celebração do esforço pessoal, do empreendedorismo, aliadas a uma tendência de precarização do trabalho e informalidade, que se solidificou e mostrou seus efeitos nefastos durante a pandemia; de outro, o histórico de políticas e programas sociais, como o Bolsa Família, extinto após 18 anos de criação, também durante a pandemia. O maior programa de transferência de renda do mundo deu lugar a uma iniciativa criada durante a crise mundial de saúde para amparar brasileiros que enfrentavam dificuldades financeiras: o Auxílio Brasil.

De acordo com o quadro proposto por Almeida (2017; 2019), a segunda dimensão que precisa ser caracterizada para a compreensão da “onda conservadora” tem relação com a moral e os costumes, em que tanto a atuação da bancada evangélica quanto o contingente de evangélicos no Brasil têm papel direto. Na prática, o que esse segmento busca vai além da proteção da sua própria moralidade na vida pública, mas está determinado a uma longa e contínua batalha para que valores conservadores cristãos sejam inscritos na ordem legal do país, por meio de decretos e leis, para atingir toda a sociedade.

O autor destaca três projetos que, independentemente de terem sido aprovados ou não, influenciaram no fortalecimento do discurso conservador no Brasil, nas discussões pautadas na mídia e também nos processos eleitorais: Estatuto do Nascituro (estende direitos do Estatuto da Criança e do Adolescente ao feto), Estatuto da Família (define família somente a partir da união de homens e mulheres cis heteronormativos, que performam papéis de gênero correspondentes ao sexo biológico) e o projeto de Cura Gay (suspende o trecho da resolução do Conselho Federal de Psicologia de 1999 que proíbe o tratamento de homossexualidade como se fosse doença). Nesse mesmo sentido, lembremos que um primeiro levante anti-gênero que deu visibilidade ao então deputado federal Jair Bolsonaro foram as críticas aos materiais didáticos de combate à homofobia produzidos pelo governo federal, pejorativamente chamados de “kit gay”, em 2011. Esse fato tornou o deputado uma das vozes da bancada evangélica no Congresso Nacional e foi também base para sua eleição em 2018.

Almeida chama a atenção para dois aspectos desse contexto: o crescimento tanto da bancada evangélica na Câmara Federal quanto do número de evangélicos no Brasil. Mesmo as ideias conservadoras sendo mais antigas e profundas do que a atuação de evangélicos no país, o autor aponta a expansão desse segmento religioso como um elemento inovador para o conservadorismo no Brasil de hoje e determinante para a eleição do presidente Jair Bolsonaro em 2018. Portanto, “o foco nos evangélicos se dá não como causa ou resultado do processo mais geral, mas em articulação a ele” (ALMEIDA, 2019, p. 207).

A terceira linha está vinculada ao emprego da força repressiva e punitiva do Estado: a ação dos aparelhos de segurança pública. “A redução da maioria penal, a lei do desarmamento, a lei antiterror, a política de encarceramento, a militarização de parcela da gestão pública” (ALMEIDA, 2017, p. 21) são exemplos de discussões e iniciativas que evidenciam o aumento da força do Estado no controle de comportamentos e contribuem para a criminalização de uma parcela da população brasileira. É mais uma tentativa de controle dos comportamentos e, ao mesmo tempo, corrobora para a criminalização de uma parcela da população brasileira. Essa dimensão também predominou no discurso de políticos de extrema direita nas eleições de 2018, um dos eixos principais do discurso disseminado pelo então candidato Bolsonaro, seus filhos e aliados.

A última dimensão é a mais tática, por ser vivida por toda a sociedade, no dia a dia das pessoas e, principalmente, nas comunicações em redes sociais: as interações sociais em meio a um forte antagonismo político. É nessa linha de força que se manifestam as divergências

políticas, morais e religiosas que são tanto resultado quanto combustível para as discussões nas outras esferas. Almeida (2019) aponta três afetos sociais acentuados no cenário de intolerância crescente: vingança, fobia e ódio.

O termo “vingança” contra o menor infrator foi evocado no debate público em torno do projeto de redução da maioria penal, cuja legitimidade se baseou demasiadamente na temperatura da opinião pública. “Fobia” por gerar repulsa dissimulada em relação à diversidade sexual e de gênero, podendo atingir níveis de pânico moral como a suposta “erotização das nossas crianças” que deve ser combatida pelas “pessoas de bem”. Por fim, o ódio político se manifestou na estigmatização de políticos a simples eleitores de esquerda e na criminalização dos movimentos sociais. Esses são alguns dos atuais afetos mobilizados pela lógica do inimigo: o menor infrator, o gay ou a feminista e o esquerdista. Tais afetos sociais são pouco abertos às diferenças, muito voltados sobre si mesmos como medida para a vida pública e, por vezes, simbólica e fisicamente agressivos com o que renegam. (ALMEIDA, 2019, p. 210).

Nessa esfera interacional, a jornalista brasileira Patrícia Campos Mello (2020) nos conta que esta onda conservadora levou ao poder, mundialmente, líderes “tecnopopulistas” que, entre as muitas similaridades, se posicionaram em combate à mídia tradicional e crítica, sempre na tentativa de minar a reputação de jornais e jornalistas, principalmente mulheres. Uma ameaça ao direito à informação e à liberdade de informação por parte de jornalistas. “As redes sociais eliminaram o intermediário, ou *gatekeeper*, da mídia tradicional, e permitiram a confraternização do eleitorado que se sentia desprezado pelas elites intelectuais”. (MELLO, 2020, p. 138). Sem as redes sociais, seria mais difícil para esses líderes passarem sua mensagem pelo filtro da mídia tradicional, com isso a denominação de tecnopopulistas.

A autora foi alvo de *ciber* ataques e de ofensas misóginas proferidas pelo próprio presidente Jair Bolsonaro, que foi condenado a pagar multa de R\$ 35 mil reais pelas ofensas proferidas contra a jornalista. Em uma entrevista a jornalistas, ele insinuou que Patrícia estaria oferecendo sexo em troca de informações para uma reportagem que investigava o esquema de compra de mensagens no *WhatsApp*. No contexto das eleições de 2018 no Brasil, a jornalista foi uma das primeiras a publicar matéria sobre um esquema em que empresários estariam contratando agências de marketing para enviar mensagens em massa via *WhatsApp* para influenciar as eleições. A publicação dessa denúncia resultou em uma série de ataques anônimos e produção de conteúdo difamatório contra a profissional. “Trata-se de uma nova forma de censura, terceirizada para exércitos de *trolls* patrióticos repercutidos por robôs no Twitter, Facebook, Instagram, *WhatsApp*. E as jornalistas mulheres são as vítimas preferenciais” (p. 92-93).

Steve Bannon foi um dos estrategistas da campanha do ex-presidente americano Donald Trump, grande inspiração do presidente brasileiro Bolsonaro, e é considerado ideólogo dos novos tecnopopulistas. Ele foi vice-presidente da *Cambridge Analytica*, instituição que protagonizou o escândalo que envolveu roubo de dados de usuárias e usuários da rede social Facebook. Com estes dados, era possível a prática do *microtargeting*:

Sem que as pessoas soubessem, a empresa ia segmentando esses milhões de usuários em grupos, seguindo um método “psicográfico” que classificava pessoas em “abertas a novas experiências”, “extrovertidas”, “metódicas”, “empáticas” ou “neuróticas”. A partir desse desenho inicial, eles agregavam outras informações para criar campanhas políticas que exploravam as ansiedades de segmentos da população. Com os dark ads, só determinados grupos recebiam certas mensagens em suas linhas do tempo do Facebook - pessoas contra a imigração poderiam ver anúncios xenófobos, enquanto ativistas ambientais se deparariam com mensagens com viés ambientalista, por exemplo. Era o *microtargeting*, ou microdirecionamento. (MELLO, 2020, p. 139).

No Brasil, mensagens enviesadas divulgadas em redes sociais pautaram as discussões das eleições de 2018, assim como o debate público, abastecendo a base apoiadora de conteúdo para suas discussões em interações virtuais e na vida real. O conteúdo era direcionado para ativar emoções. “Com os grupos de WhatsApp e o Facebook, pela primeira vez, eleitores antes tachados de racistas ignorantes e homofóbicos recebiam notícias com que concordavam e podiam exprimir suas opiniões, sem temer sermões politicamente corretos” (MELLO, 2020, p. 148).

Essas informações manipuladas e mentirosas são usadas também para distrair as pessoas de assuntos que realmente importam e que estão sob responsabilidade do governo, uma cortina de fumaça que consegue dominar o debate público. As pessoas podem não acreditar nas notícias, mas os temas pautam as conversas diárias, o noticiário e até as discussões do campo político oposto.

A “onda conservadora” foi potencializada em diferentes aspectos após a vitória de Bolsonaro nas eleições majoritárias de 2018. Já empossado, o novo presidente pareceu não ter descido do palanque e continuou centrando seu discurso para instigar e agradar sua base apoiadora conservadora cristã. Foram inúmeras situações de desrespeito a profissionais de imprensa, descrédito a instituições públicas, além de reafirmação de homofobia e misoginia. Um sinal verde de legitimação para ainda mais intolerância e polarização.

O livro *Derechos en riesgo en América Latina. 11 estudios sobre grupos neoconservadores*, editado por Ailynn Torres Santana (2020), mostra como esta onda

conservadora é catalisadora de processos de desdemocratização na América Latina, com clara ameaça, principalmente, aos direitos das mulheres e das pessoas LGBTQI+. Os estudos analisam quem são os atores e atrizes que fazem parte desta arena conservadora, quais seus discursos e quais os efeitos já constatados. Em comum nesses processos regionais - na Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador e Peru -, temos novos e velhos políticos com programas explícitos de direita e ultradireita (neoliberais e conservadores) e fundamentalismos religiosos.

O discurso conservador do presidente brasileiro não se limitou ao plano potencial, podendo ser rastreado também em sua materialidade. Isabel Kalil (2020) fez uma análise de como a atual gestão do governo federal incorporou e colocou em prática políticas anti-gênero. O primeiro passo foi a criação do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), com a pastora Damares Alves como chefe da pasta, representando e atuando como guardiã dos valores conservadores cristãos da nova gestão. Logo nos primeiros meses, ao lado do Ministério da Economia e do Ministério da Justiça, o MMFDH formou um

tripé [que] apoiou um projeto de esvaziamento de políticas contra as desigualdades de gênero, raça e classe, de formas de participação da sociedade civil em órgãos de justiça (como as comissões de memória e justiça sobre período da ditadura) e os investimentos públicos (especialmente nas áreas de ciência e educação). No campo específico dos direitos humanos, segundo a própria ministra Alves, o governo está fazendo uma “releitura” dos direitos humanos no Brasil. (KALIL, 2020, p. 43, tradução minha).

Na análise da autora, a ministra Damares ganhou ainda mais força após os desligamentos dos ministros da Saúde (Luiz Henrique Mandetta), da Justiça (Sergio Moro) e da Educação (Abraham Weintraub). Com isso, avançou em sua agenda conservadora e criou, em junho de 2020, o Observatório Nacional da Família - na mesma ocasião do lançamento de uma campanha de abstinência sexual -, cujo objetivo enunciado é promover o desenvolvimento de estudos e pesquisas relacionados à temática da família, tornando-se referência para a elaboração de políticas públicas voltadas à família. O entendimento de família nesse contexto é a família tradicional patriarcal, formada por mãe biologicamente do sexo feminino, pai biologicamente do sexo masculino e sua prole. “Isso pode ser observado na eliminação de materiais produzidos pela Secretaria de Direitos Humanos do governo Dilma Rousseff, caracterizada por uma noção plural de família e que agora foi substituída por uma noção singular de arranjo familiar” (KALIL, 2020, p. 45).

De acordo com Kalil (2020), a agenda anti-gênero foi absorvida pela agenda da família: “as agendas anti-gênero não desapareceram completamente, mas foram ressignificadas. Nesse sentido, ‘família’ é uma categoria-chave capaz de catalisar demandas sociais muito sensíveis, como segurança, saúde e educação” (p. 44). Para isso, foi criada, no âmbito do MMFDH, a Secretaria Nacional da Família, sob coordenação da advogada Ângela Gandra, integrante do Sindicato dos Juristas Católicos de São Paulo, numa clara divisão de tarefas com Damares entre uma união entre evangélicos e católicos. Já Damares é fundadora da Associação Nacional de Juristas Evangélicos (ANAJURE). As duas instituições militam em pautas comuns, como aborto, liberdades religiosas e homofobia. Em julho de 2019, a ANAJURE foi nomeada para contribuir tecnicamente com uma nova versão do Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH-4). Para Kalil (2020), esse movimento implica diretamente nas concepções de direitos humanos, para quem “igualdade, não discriminação, pluralidade e autonomia individual não são negociáveis (...) Essas mudanças representam não apenas o esvaziamento de certas políticas setoriais, mas a erosão da democracia no Brasil” (p. 47).

No âmbito dos Estudos do Discurso, artigos também se debruçaram sobre o avanço da agenda anti-gênero no Brasil. Leonam Cunha (2020) analisou a antipolítica de gênero do governo Bolsonaro para além das fronteiras do Brasil, em discursos no âmbito da Organização das Nações Unidas. Em um ato relacionado a resoluções da ONU, o governo brasileiro enviou veto ao termo “gênero” e pedido de exclusão de trecho de resolução que problematizava a criminalização do aborto. A ministra Damares Alves, por ocasião da 63ª sessão sobre a Situação da Mulher, fez referência à inviolabilidade do direito à vida. Damares defendeu que o entendimento do conceito “vida” para o atual governo começa na concepção.

Vanessa Leite (2019) analisou a construção do pânico moral em torno de terminologias como “kit gay” e “ideologia de gênero” na agenda de defesa das crianças e adolescentes, assunto que dominou as eleições presidenciais de 2018. Já Dina Ferreira e Iara Nascimento (2019) mostram a construção da identidade feminina no discurso da ministra na Câmara dos Deputados e apontam postura alinhada ao discurso conservador cristão, em que a mulher é representada em posição de submissão em relação ao homem. Janaína Negreiros Persson (2021) explorou como o termo gênero está evoluindo na política brasileira a partir da análise crítica de pronunciamentos de deputadas federais de extrema direita no período 2019-2020. A pesquisadora identificou as ferramentas discursivas utilizadas por essas deputadas para representar o outro/a e a si mesmas e seus pares.

A campanha do governo federal contra violência doméstica de 2020, que compõe *corpus* nessa dissertação, também foi analisada por Cibely da Silva e Jorge Barbosa (2020). A autora e o autor mostram a invisibilidade do tema feminicídio e de sua faceta interseccional no discurso da ministra. Esse estudo ratifica a importância histórica e social do evento discursivo que simboliza como o governo federal respondeu ao crescimento da violência doméstica durante a pandemia.

Um olhar atento para essas linhas de força que caracterizam a “onda conservadora” no Brasil e a análise sobre o avanço de políticas anti-gênero nos primeiros 18 meses do governo Bolsonaro podem ajudar a melhor compreender a situação política e social em que o país se encontrava no início da pandemia de covid-19, quando começou a ser registrado aumento no número de casos de violência doméstica contra mulheres em meio ao isolamento social imposto pela crise sanitária internacional.

1.2 A escalada da violência doméstica durante a pandemia

De acordo com o documento *Origin of SARS-CoV-2*, da Organização Mundial de Saúde (OMS), a origem do SARS-CoV-2, vírus que causa a infecção respiratória conhecida como covid-19, ainda não foi totalmente traçada, mas evidências sugerem que o vírus tem origem animal natural e não foi manipulado ou construído, como apontam algumas teorias conspiratórias.

A pandemia de covid-19 também chegou em forma de “onda”. Os primeiros casos em humanos foram registrados na cidade de Wuhan, localizada na região central da China, em dezembro de 2019. Em 1º de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) criou uma Equipe de Apoio à Gestão de Incidentes nos três níveis da organização: sede, sede regional e nível de país, colocando a Organização em situação de emergência para lidar com o surto. No dia 4 de janeiro, a OMS noticiou no Twitter o surto de pneumonia em Wuhan e as primeiras providências tomadas, conforme Figura 1.1:

Figura 1.1: Tweet da OMS sobre surto de pneumonia em Wuhan (2020)



Fonte: reprodução OMS

A partir de então, o que se viu foram duas “ondas”, uma desafiando a outra: em uma, os casos de infecção grave causados pela covid-19 se multiplicando também fora da China, atingindo outros países da Ásia, Europa, Américas e África, nesta ordem cronológica; do outro lado, a força empregada por parte de governos, organismos internacionais, centros de pesquisas e profissionais de saúde na tentativa de identificar como controlar o vírus e frear o avanço das mortes.

De acordo com o 89º Boletim Epidemiológico Especial Doença pelo Novo Coronavírus – covid-19, do Ministério da Saúde do Brasil, o primeiro caso de covid-19 foi registrado no país em 26 de fevereiro de 2020. Deste dia até a 13 de novembro de 2021, já haviam sido confirmados 21.953.838 casos e 611.222 óbitos por covid-19 no país: uma taxa de mortalidade acumulada de 288,6 óbitos por 100 mil habitantes. Nesse período, “O maior registro de notificações de casos novos em um único dia (150.106 casos) ocorreu no dia 18 de setembro de 2021 e de novos óbitos (4.249 óbitos) em 8 de abril de 2021”, aponta o documento. A primeira morte confirmada foi em 12 de março de 2020, conforme Boletim Epidemiológico número 20.

O contexto de pandemia suscitou pesquisas em todo o mundo, em todas as áreas do conhecimento. Ainda há muito a se saber sobre suas causas e seus efeitos. O que já conseguiu ser traçado é o perfil das vítimas da doença e como as múltiplas crises decorrentes da pandemia

de covid-19 desvelaram e agravaram problemas sociais conhecidos, mas que se mantinham ignorados.

De acordo com o boletim 34 da publicação *Covid-19: Políticas Públicas e as Respostas da Sociedade*, produzido pela Rede Pesquisa Solidária, a pandemia no Brasil tem um viés interseccional, já que desigualdades raciais e de gênero implicam maiores chances de morrer pela doença. O estudo mostra que homens negros morrem mais por covid-19 do que homens brancos, independentemente de sua ocupação. Isso significa que tanto os homens negros que estão no topo quanto os que estão na base do mercado de trabalho morrem mais que os brancos por covid-19. Já “mulheres negras morrem mais do que todos os outros grupos (mulher branca, homens brancos e homens negros) na base do mercado de trabalho, independente da ocupação”, aponta o estudo que tomou como base dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde sobre os óbitos por covid-19 registrados em 2020 no Brasil.

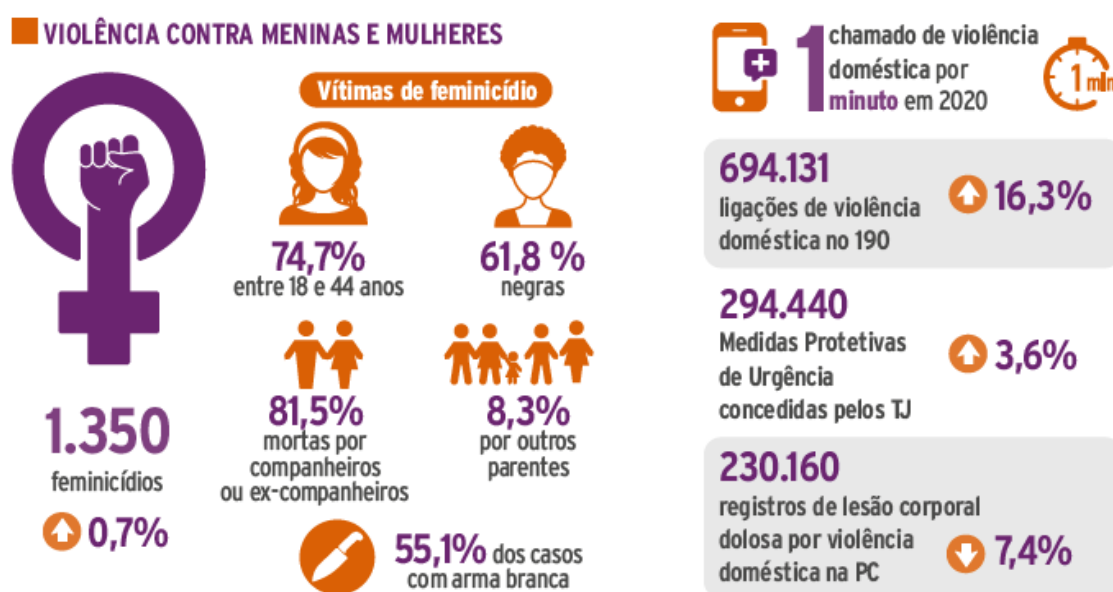
As formas de inserção mais precárias no mercado de trabalho, com informalidade e profissões com maior exposição ao vírus, são fatores que permitem compreender os números. De acordo com declaração de Phumzile Mlambo-Ngcuka, vice-secretária geral da ONU e diretora executiva da ONU Mulheres, na saúde as mulheres estão na linha de frente no atendimento médico e social, representando 70% da força de trabalho nesses setores em todo o mundo. Com isso, estão também mais expostas ao novo vírus. As mulheres também são maioria no mercado informal e no trabalho doméstico, ocupações de alta vulnerabilidade. No ambiente familiar, a maior quantidade dos serviços domésticos é realizada por mulheres, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

No contexto agravado de vulnerabilidade social em meio à crise sanitária, as mulheres brasileiras também não encontraram segurança dentro de casa. Logo após as primeiras medidas de isolamento social serem implementadas, a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos do governo federal registrou aumento no número de denúncias registradas pelo Ligue 180, a Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência. Em abril de 2020, a quantidade de denúncias de violência contra mulheres recebidas pela central saltou quase 40% em relação ao mesmo período de 2019.

O número é confirmado em notas técnicas elaboradas pelo Fórum Nacional de Segurança Pública, que monitorou casos de violência doméstica durante a pandemia. Apesar do aumento de ligações para canais oficiais de ajuda e da violência letal – feminicídios e homicídios de mulheres –, houve queda nos registros policiais de violações relacionadas à

violência doméstica, como lesão corporal dolosa, ameaça e estupro. Isso mostra, de acordo com o relatório, que as mulheres em situação de violência encontraram mais dificuldades para realizar as denúncias do que em períodos anteriores à pandemia por conta da maior convivência com agressores dentro de casa e das dificuldades de deslocamento e acesso a instituições e redes de proteção.

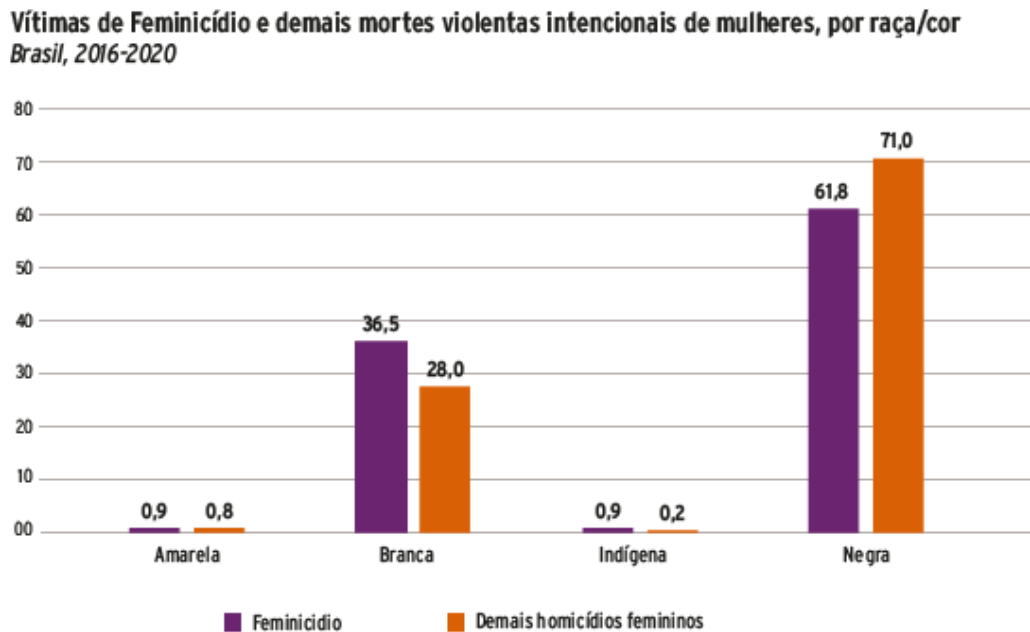
Figura 1.2: Resumo dos dados sobre feminicídios e violência doméstica em 2021



Fonte: Reprodução do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2021, p. 14)

A Figura 1.2 nos mostra que o perfil das mulheres vítimas de violência no Brasil também traz viés de raça. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021, publicado em julho, as centrais de atendimento do 190 em todo país receberam uma denúncia de violência doméstica a cada minuto em 2020, índice que subiu 16,3% em relação ao ano anterior. O número de assassinatos de mulheres pelo fato de serem mulheres (feminicídio) aumentou 0,7% também no ano em que começou a pandemia: foram 1.350 brasileiras que perderam suas vidas de forma violenta, 81,5% mortas por companheiros ou ex-companheiros.

Figura 1.3: Gráficos de feminicídios e demais mortes violentas intencionais de mulheres por raça/cor



Fonte: Reprodução do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2021, p. 14)

De acordo com os gráficos na Figura 1.3, as vítimas de feminicídio no Brasil são, em sua maioria, mulheres negras (61,8%), entre 18 e 44 anos (74,7%).

1.3 Lei Maria da Penha: o que mudou durante a pandemia

No Brasil, a Lei Maria da Penha, sancionada em 7 de agosto de 2006, é um importante marco no combate à violência doméstica contra mulheres (física, psicológica, sexual, patrimonial e moral). Por se tratar de uma vivência de violência cíclica, prolongada e silenciosa, a legislação sobre violência doméstica no país não se limita a determinar penalidades em casos de agressões dentro do ambiente doméstico, no âmbito da família ou em qualquer relação íntima de afeto, mas mobiliza uma teia articulada de atores para prevenção, ação e amparo a pessoas em situação de violência. A legislação vem sendo atualizada. Antes do início da pandemia, é destaque a Lei Nº 13.880, de 2019, que determina a perda de porte ou posse de arma de fogo do agressor em casos de violência doméstica.

O contexto de pandemia, com restrições e adaptações de horários de funcionamento de serviços públicos e dos considerados serviços essenciais, estremeceu a rede de assistência a mulheres, o que foi apontado na seção anterior como sendo um dos motivos para a diminuição

de registros policiais de crimes relacionados à violência doméstica. Por isso, diversas medidas foram tomadas logo no início das restrições de mobilidade social para garantir que serviços como Centros de Referência de Atendimento a Mulheres, casas-abrigo, delegacias, defensorias, juizados, serviços de saúde, centrais de atendimento telefônico e demais iniciativas de atendimento a mulheres mantivessem as portas abertas.

A própria Lei Maria da Penha também sofreu alterações (incorporações) durante a pandemia, tanto na aplicação quanto na sua operacionalização, na busca de responder às demandas impostas pelo novo cenário.

Em julho de 2020, a Lei nº 14.022/2020 regulamentou a possibilidade da denúncia de violência doméstica por via eletrônica ou telefone e estabeleceu que os órgãos de proteção se façam presentes no local da ocorrência. Dessa forma, as denúncias que chegavam via Ligue 180 ou Disque 100 deveriam ser repassadas imediatamente à autoridade policial para verificar a ocorrência no local².

Outra mudança está prevista na Lei 13.894/2020, também de 2020, que obriga o agressor a frequentar centro de educação e de reabilitação, assim como ter acompanhamento psicossocial.

Já em 2021, foi sancionada a Lei nº 14.188/2021, que incluiu a existência da violência psicológica como item para o afastamento do lar e também tipifica este tipo de agressão no Código Penal. No mesmo ano, também foram publicadas outras três normas diretamente relacionadas à Lei Maria da Penha: a Lei nº 14.132/21, que inclui artigo no Código Penal (CP) para tipificar os crimes de perseguição (*stalking*); e a Lei nº 14.149/21, que institui o Formulário Nacional de Avaliação de Risco, com o intuito de prevenir feminicídios. Já a Lei nº 14.164/21 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para incluir conteúdo sobre a prevenção à violência contra a mulher nos currículos da educação básica, além de instituir a Semana Escolar de Combate à violência contra a Mulher, a ser celebrada todos os anos no mês de março.

Em 2022, o Supremo Tribunal Federal validou mudança proposta na Lei nº 13.827/2019, que autoriza delegadas, delegados e policiais a concederem medidas protetivas e, assim, afastar imediatamente o agressor da vítima, sem precisar de ordem judicial.

Todas as leis citadas nesta seção tiveram origem no Poder Legislativo Federal, ou seja, foram propostas por integrantes do Congresso Nacional. De acordo com levantamento

² Essa mesma lei também estende serviços públicos e atividades essenciais para atendimento a crianças, adolescentes, pessoas idosas e pessoas com deficiência vítimas de crimes previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente e no Estatuto do Idoso.

divulgado pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), das 41 leis de proteção dos direitos das mulheres sancionadas por Jair Bolsonaro, apenas 22 foram apresentadas durante seu governo. E mais: “dessas 22 leis aprovadas, somente 5 foram de autoria do atual Poder Executivo, as outras 17 foram produto de propostas formuladas por membros do Poder Legislativo” (p. 2). O relatório também aponta que, de 1995 a 2022, as mulheres são as responsáveis por 61% das autorias nesta temática de leis de proteção às mulheres, enquanto os homens ficam com 39%.

1.4 Violência doméstica e redes sociais

Logo no início da pandemia, as redes sociais se constituíram em um termômetro para a violência doméstica no país, como mostra levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Com mais pessoas em casa, aumentou também a quantidade de relatos de testemunhas que usaram as redes sociais para registrar agressões nas casas e apartamentos da vizinhança, conforme figura:

Figura 1.4: Relatos de violência doméstica de usuários do Twitter

Relato 1

“os vizinhos estavam brigando e ele bateu na mulher, eu não consigo ouvir isso e não sentir vontade de chorar, parece que eu sinto na pele tudo o que ela está sentindo.” (relato de usuário em redes sociais)

Relato 2

“Meus vizinhos estão brigando a essa e eu to quase entrando lá c o pé na porta p n ter esses barato de agressão e etc.” (relato de usuário em redes sociais)

Relato 3

“gente os vizinhos estão brigando e a mulher dele tá berrando e to preocupado pq ta bem pesado ja vou ficar com o telefone da policia.” (relato de usuário em redes sociais)

Fonte: reprodução Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020, p. 12)

De acordo com relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020), “os dados desagregados por mês indicam um aumento de 431% entre fevereiro e abril, ou seja, os relatos de brigas de casal com indícios de violência doméstica aumentaram quatro vezes”. Portanto, antes mesmo dos dados oficiais serem divulgados, já era possível perceber essa crescente nos

relatos de usuários e usuárias, o que mostra a capilaridade do alcance do Twitter, Instagram ou Facebook e sua própria imbricação em nosso dia a dia.

De forma geral, a relevância da comunicação digital se acentuou diante das medidas de restrição de circulação de pessoas durante a pandemia. As redes sociais se solidificaram como meio de comunicação entre pessoas; fonte de informação, principalmente em tempo real, sobre o andamento da pandemia; e também o suporte por meio do qual serviços digitais eram divulgados e oferecidos, entre eles os de apoio a mulheres em situação de violência doméstica. Novos aplicativos e plataformas foram disponibilizados para receber denúncias de violência doméstica, assim como campanhas, e-books e eventos *online* levantaram a discussão e buscaram conscientizar sobre o tema.

As redes sociais se tornaram uma importante ferramenta no combate à violência doméstica, mas suas próprias características também abrem espaço para a dispersão de discursos que podem não se configurar como aliados da causa. As publicações também têm o potencial de manter assimetrias de (destituição) de poder que contribuem para a violência contra mulheres. Isso pode acontecer a partir dos posicionamentos discursivos, de como explicar o próprio problema social, de tentar buscar falsas justificativas para os crimes, por exemplo, em uma arena discursiva extremamente acirrada e antagonica, com ampla simpatia pela agenda anti-gênero, conforme discutido no início deste capítulo.

Com esse entendimento, esta pesquisa investiga o discurso institucional de entidades ligadas ao campo social dos direitos humanos de mulheres, pois essas entidades detêm poder legitimador não somente nas práticas discursivas sobre a violência doméstica contra mulheres, mas nas redes de práticas sociais.

CAPÍTULO 2. ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO, ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO E ESTUDOS DE GÊNERO

Após a discussão da conjuntura do problema social a ser analisado, em que me vali de análises sociais, vou expor neste capítulo os marcos teóricos da pesquisa. Busquei suporte nos Estudos de Gênero e nos Estudos de Comunicação a partir de minha ancoragem nos Estudos Críticos do Discurso (EDC).

Os ECD compõem um campo de conhecimento da Linguística que busca, em diálogo com outras disciplinas, analisar problemas sociais de nossos dias em sua faceta discursiva, a fim de identificar o que está impedindo ou contribuindo para a sua superação. A multidisciplinariedade é necessária porque uma análise apenas linguística não daria conta de explicar possíveis efeitos e consequências dos textos na sociedade (FAIRCLOUGH, 2003). Tomo como base para minha pesquisa o frutífero ramo dos ECD desenvolvido por pesquisadoras latino-americanas, que tem como prisma central investigar, por meio do discurso, problemas sociais situados em nossa região, com reconhecimento das estruturas sociais herdadas e/ou intensificadas desde a colonialidade.

Minha aproximação com cada campo de estudo interdisciplinar não se deu de forma pré-estabelecida, mas ocorreu gradativamente, na medida em que a pesquisa era desenhada, eu me familiarizava com os dados coletados e refletia sobre as questões particulares da investigação a fim de compreendê-las e respondê-las. Meus primeiros contatos tanto com os Estudos de Gênero quanto com os Estudos Críticos do Discurso se deram pelas suas abordagens decoloniais, portanto entendo que a perspectiva decolonial também atravessa a investigação.

Este capítulo está dividido em três seções. Na primeira, discuto as contribuições dos Estudos de Gênero, especificamente os Estudos Feministas, para compreender as desvantagens de mulheres em diversas esferas de nossa sociedade. A escolha por este campo interdisciplinar e o foco nos feminismos se deu pelo suporte teórico para a compreensão do descompasso nas relações sociais e de poder que geram a violência contra mulheres. Também discuto o atravessamento de outros eixos de (destituição) de poder, como raça e classe, pois somente a perspectiva de gênero é insuficiente para compreender as experiências vividas por mulheres em nossa região.

Já com os Estudos de Comunicação, foco da segunda seção do capítulo, busco suporte para compreender a relação entre mídia e práticas sociais. Na última seção, trago o arcabouço

teórico e metodológico dos Estudos Críticos do Discurso para acessar também os dados multimodais da pesquisa, especificamente a abordagem dialético-relacional, com auxílio da Gramática do Design Visual (GDV) e da Semiótica Social.

2.1 Gênero, raça, classe e violência contra mulheres

Nesta seção, discorro sobre a violência de gênero como um processo estrutural em nossa sociedade patriarcal, resultado de um descompasso entre os papéis pré-determinados para homens e mulheres, em que as mulheres estão em desvantagem e em situação mais vulnerável em diversos aspectos. Essa assimetria de poder é fatal e persistente, já foi muito maior e agora ganha novo fôlego com o avanço do conservadorismo no Brasil, como vimos no capítulo anterior.

Concentro-me na discussão de conceitos teóricos elementares para a compreensão da violência de gênero e a análise dos dados da pesquisa, em um caminho que atravessa parte do que já foi discutido no campo dos Estudos de Gênero, com foco nos estudos feministas. Uma das pensadoras que mais auxiliaram a popularizar as ideias feministas foi a ativista e pensadora bell hooks. “Feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão” (HOOKS, 2019, P. 17), afirma a autora ao reforçar que o problema não é individual, e sim estrutural: o patriarcado institucionalizado. Para ela, é importante compreender que a disseminação do sexismo é levada a cabo por todos os integrantes da sociedade, não apenas os homens.

Os Estudos de Gênero compreendem gênero como um instrumento para a investigação social. Para esse campo de estudo, os gêneros (feminino e masculino) são construções sociais que reúnem todas as expectativas em relação aos papéis, comportamentos e funções esperados de uma pessoa com base no seu sexo biológico (fêmea e macho). As expectativas compreendem limites e possibilidades diferentes para pessoas do gênero masculino e pessoas do gênero feminino, com uma assimetria sobre a compreensão da importância dos papéis a serem exercidos por cada gênero, o que privilegia os homens e deixa as mulheres em desvantagens.

A visão pré-determinada sobre os gêneros está imbricada em nossa existência e modela tanto a forma quanto mulheres e homens são socializados quanto como a própria sociedade é organizada, portanto não pode ser restrita às implicações nas expectativas sobre a sexualidade. Em *Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*, Flávia Biroli (2018) situa as

transformações nas relações de gênero no contexto brasileiro, discutindo o que produz e mantém as desigualdades de gênero. Alguns pontos levantados nessa obra serão os fios condutores da presente seção. Discuto, também com o auxílio de conceitos e categorias dos feminismos negro, comunitário e decolonial, como somente a perspectiva de gênero não é suficiente para compreender as desvantagens das mulheres nesta balança.

Biroli (2018) aponta como a divisão sexual do trabalho, que são as expectativas sobre quem deve trabalhar/produzir o que na vida em sociedade, está no centro das formas de exploração que produzem o gênero. Para a autora, quando é apontada a diferença do que seria “naturalmente” feminino ou masculino, implica-se “a atribuição distinta de habilidades, tarefas e alternativas na construção da vida de mulheres e homens” (p. 38-9).

Muitas das percepções sobre quem somos no mundo, o que representamos para as pessoas próximas e o nosso papel na sociedade estão relacionadas à divisão sexual do trabalho. Nela se definem, também, dificuldades cotidianas que vão conformando trajetórias, possibilidades diferenciadas na vida de mulheres e homens. Trata-se de questão sensível, ainda, porque confere a todas as mulheres uma posição semelhante (a elas são atribuídas tarefas de que os homens são liberados) e porque as distingue dos outros atores (elas são diferentemente marcadas e oneradas pela divisão de tarefas e responsabilidades segundo os recursos que detêm para “driblar” o tempo e a energia que tais tarefas requerem). (BIROLI, 2018, p. 23-4).

Na prática, fomos levadas a acreditar que as mulheres “levam mais jeito” para serem cuidadoras (da casa, das crianças, de pessoas idosas, de doentes) e assumirem funções ligadas ao ambiente doméstico; enquanto os homens seriam “liberados” dessas funções para servir ao mercado de trabalho formal. A responsabilização desigual sobre quem é destinada à esfera doméstica e à função de cuidadora, numa delimitação também injusta do que seria trabalho remunerado (no mercado de trabalho) e não remunerado (de cuidado), seria o principal sustentáculo do sistema capitalista: “o patriarcado, como sistema político, consistiria numa estrutura de exploração do trabalho das mulheres pelos homens” (BIROLI, 2018, p. 30). A prosperidade do capitalismo estaria vinculada, então, ao trabalho (não-remunerado) exercido por mulheres não só na esfera privada, mas em funções (mal remuneradas) ligadas ao cuidado (saúde, educação, assistência social) na esfera pública. Mesmo quando também ocupam posições no mercado formal de trabalho, elas exercem mais atividades doméstica do que os homens, ou então são as responsáveis por terceirizar e supervisionar essas funções, que são exercidas também por outras mulheres. Biroli (2018) ressalta que:

1) cuidar exige tempo e energia, retirados do exercício de outros tipos de trabalho, assim como do descanso e do lazer; 2) a grade de valorização (simbólica e material) das ocupações é determinante na precarização do trabalho de quem cuida e na vulnerabilidade de quem precisa de cuidado; e 3) os padrões de organização e (des)regulação das relações de trabalho incidem diretamente sobre as relações de cuidado, podendo favorecer ou dificultar a tarefa de cuidarmos uns/umas dos/as outros/as. (p. 70).

Como citado no capítulo anterior, funções ligadas ao cuidado foram ainda mais exigidas e exploradas no momento de crise da pandemia de covid-19, deixando as mulheres que exercem essas funções ainda mais sobrecarregadas e expostas ao vírus.

Para fazer um resgate histórico sobre a origem do descompasso na balança do gênero e localizar minhas referências teóricas desde a América Latina, trago agora contribuições de autoras que são compreendidas como representantes do feminismo comunitário e do feminismo decolonial, corrente que inseriu o elemento colonial nas discussões sobre feminismo. Com isso, o que busco compreender foi como a intrusão colonial na América Latina teve influência na concepção de gênero e sua articulação com o patriarcado e o capitalismo.

Para María Lugones (2008; 2014), o sistema de gênero na América Latina foi inaugurado a partir da intrusão dos colonizadores, com a distinção, na compreensão dos invasores, de quem seria humano (colonizadores) e não-humano (pessoas colonizadas – povos originários das Américas e da África). Com isso,

O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/ agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão. A mulher europeia burguesa não era entendida como seu complemento, mas como alguém que reproduzia raça e capital por meio de sua pureza sexual, sua passividade, e por estar atada ao lar a serviço do homem branco europeu burguês. (LUGONES, 2014, p. 936).

Nesse entendimento, a dicotomia dos gêneros era uma característica dos “humanos” (colonizadores), com o sexo desvinculado do gênero quando da caracterização dos colonizados. Portanto, entre os colonizados, percebidos como não-humanos, não haveria divisão de papéis relacionados ao gênero, mas sim comportamentos sexuais esperados para machos e fêmeas.

A imposição colonial do gênero defendida por Lugones também compreende o cristianismo como “o instrumento mais poderoso da missão de transformação”. Quanto mais essa missão colonizadora avançava, mais promovia “o apagamento das práticas comunitárias ecológicas, saberes de cultivo, de tecelagem, do cosmos, e não somente na mudança e no controle de práticas reprodutivas e sexuais” (p. 938). As consequências dessas dicotomias

impostas pela colonização podem ser percebidas até hoje, segundo Lugones (2014): “diferentemente da colonização, a colonialidade do gênero ainda está conosco; é o que permanece na intersecção de gênero/classe/raça como construtos centrais do sistema de poder capitalista mundial” (p. 939).

Para Rita Segato (2012), há evidências de que um sistema (hierárquico) de gênero já existia antes da intrusão, no que ela denominou de “patriarcado de baixa intensidade” no “mundo-aldeia”. A colonização, segundo a autora, estremeceu as relações de gênero já existentes nas civilizações e configurações sociais pré-intrusão, com reflexos diretos nas concepções entre espaço público e espaço privado para os povos originários das Américas, trazendo desvantagens para as mulheres.

A necessidade de lidar com o homem branco, de ser intermediário com os colonizadores, teria transportado o homem não-branco do ambiente comunitário do mundo-aldeia para uma esfera pública reconfigurada e extremamente tensionada por disputas com os invasores. Além dos prejuízos para as relações comunitárias e intrafamiliares, as mulheres ficaram em desvantagem ao serem deixadas à parte da nova conjuntura do espaço público e com a perda da importância do espaço doméstico, agora despolitizado e não mais habitado pelos homens. Nesse novo cenário, “o homem da família indígena-camponesa torna-se o representante da pressão colonizadora e desapropriadora a portas fechadas” (SEGATO, 2018, p. 14). As mudanças nas práticas e relações sociais a partir da colonização levou mais violência para dentro do ambiente privado: “o confinamento compulsivo do espaço doméstico e das suas habitantes, as mulheres, como resguardo do privado tem consequências terríveis no que respeita à violência que as vitimiza” (SEGATO, 2012, p. 121).

O encontro de duas intensidades diferentes de sistemas de gênero foi denominado por Julieta Paredes (2008, 2019) como “entroncamento patriarcal”: “o (patriarcado) colonial e o patriarcado indígena, que a partir de 1492 estão conectados, fazendo uma série de pactos entre homens, relações que moldam a situação atual das mulheres indígenas, de maior opressão e discriminação” (PAREDES, 2019, p. 84). A autora reivindica, assim, que a luta contra a dominação de gênero é anterior ao processo de colonização. “Nossas avós não eram a segunda opção em relação aos homens, elas tinham comando político, militar e logístico nas lutas” (PAREDES, 2019, p. 80).

Assim como Lugones (2014), Segato (2018) defende que não é possível falar de violência de gênero hoje sem contextualizar o processo contínuo de exploração, desproteção e

precarização da vida em nossa sociedade a partir da intrusão, o que ela denomina de pedagogia da crueldade:

A masculinidade está mais disponível para a crueldade porque a socialização e a formação para a vida do sujeito que terá que carregar o fardo da masculinidade o obriga a desenvolver uma afinidade significativa - em uma escala de tempo de grande profundidade histórica entre masculinidade e guerra, entre masculinidade e crueldade, entre masculinidade e distância, entre masculinidade e baixa empatia. Nós mulheres somos empurradas para o papel de objeto, disponível e descartável, pois a organização corporativa da masculinidade leva os homens à obediência incondicional a seus pares - e também opressores-, e encontra neles as vítimas à mão para dar lugar à cadeia exemplar de comando e expropriações. (SEGATO, 2018, p. 13).

Conforme a autora, esse ideal de masculinidade que integra a pedagogia da crueldade também vitima os próprios homens, que têm de “carregar o fardo” dos códigos de violência, com as mulheres e toda a sociedade vivendo reflexos desse descompasso histórico de poder. Assim, Segato (2018) defende a importância de não reduzir a violência de gênero a uma questão da relação entre homens e mulheres, mas como relações e práticas sociais se constituíram em contexto e circunstâncias históricas: “Não ‘guetizar’ a violência de gênero também significa que seu caráter enigmático desaparece e a violência deixa de ser um mistério quando é iluminada pelo mundo atual em que vivemos” (p. 13).

Mesmo com maior acesso à educação formal, mais empregos e também com (pouca) representação na política, o trânsito entre as esferas pública e privada ainda é limitado. Tais desvantagens não atravessam as mulheres de forma homogênea, conforme nos fala, principalmente, o feminismo negro. Para bell hooks (2019), os ganhos das mulheres (brancas) nas últimas décadas pouco trouxeram de mudanças para as vidas de mulheres pobres e negras, que já compunham a base da classe trabalhadora: “como os homens privilegiados não se tornaram igualmente responsáveis pelas tarefas domésticas, a liberdade de mulheres de classe privilegiada de todas as raças exigiu a subordinação sustentada das trabalhadoras pobres” (p. 71).

Retomando a discussão de Biroli (2018), embora a divisão sexual do trabalho produza o gênero, este então não se manifesta de forma independente em relação à raça e à classe. Isso significa que o impacto da divisão sexual do trabalho se revela em conjunto com as posições de classe social e com o racismo estrutural, com mulheres negras e sua prole constituindo a faixa mais pobre da população.

Com a expressão “matriarcado da miséria”, Suely Carneiro (2011) fala como a experiência das mulheres empobrecidas e racializadas é atravessada por exclusão:

a conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida, que se manifestam em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima; em uma expectativa de vida menor, em cinco anos, em relação à das mulheres brancas; em um menor índice de casamentos; e sobretudo no confinamento nas ocupações de menor prestígio e remuneração. (CARNEIRO, 2011, p. 127-128).

Essa noção de que múltiplas estruturas de opressão atravessam as pessoas de formas diferentes foi sistematizada, no âmbito do feminismo negro, no conceito de interseccionalidade, proposto por Kimberlé Crenshaw (1991, 2012) ao analisar a incidência cruzada do racismo e do patriarcado nas práticas de violência contra mulheres negras. De acordo com a autora, a violência doméstica sofrida por essas mulheres, por exemplo, “é apenas a manifestação mais imediata da subordinação que elas experimentam. Muitas mulheres que procuram proteção estão desempregadas ou subempregadas” (CRENSHAW, 1991, p. 1245).

Isso acontece porque a desigualdade de gênero, além de hierarquia e subordinação, também provoca tolerância às violências que afligem as mulheres, principalmente as mais destituídas de poder (simbólico, econômico, político), o que torna mais difícil deixar um lar violento, por exemplo. “Sua posição relativa implica condições materiais e cotidianas desvantajosas e de maior vulnerabilidade em relação aos homens, sobretudo quando têm filhos pequenos” (BIROLI, 2018, p. 47-48). “Sabemos, sem dúvida, que se uma mulher é economicamente autossuficiente, ela é mais propensa a terminar um relacionamento cuja norma seja a dominação masculina, quando escolhe libertação. Ela sai do relacionamento porque pode” (HOOKS, 2019, p. 82).

Ainda de acordo com o quadro teórico de Biroli (2018), a concepção utópica de família determinada pelas expectativas de gênero auxilia na ocultação de violências contra mulheres dentro de casa. Em uma dimensão de controles, “gênero e sexualidade têm grande importância (...) uma vez que estão em questão os controles sobre os corpos e a normalização dos afetos” (p. 117). Nesse ponto, é problematizada a questão da privacidade doméstica, que oculta a despolitização deste ambiente, como também discutido por Segato (2012), e o afastamento do Estado para assuntos referentes ao contexto íntimo. Já na dimensão operada por privilégios e desigualdades, “as formas reconhecidas e valorizadas de vida familiar são também limitadas pelas condições materiais de vida” (p. 117-8). Isso significa que a própria concepção de família também varia e é vivida de forma diferente de acordo com os demais eixos de opressão, como raça, classe, gênero, sexualidade, idade e deficiência.

O elo entre violência contra mulheres, gênero e patriarcado não está claro para a maioria da população, pois “o público raramente conecta o fim da violência masculina ao fim da dominação masculina e à erradicação do patriarcado. A maioria (...) ainda não compreende a conexão entre dominação masculina e violência masculina em casa” (HOOKS, 2019, p. 160).

A doutrina cristã é apontada por bell hooks (2019) como sendo uma barreira para a superação da desigualdade de gênero porque “tolera o sexismo e a dominação masculina, inspira as formas como aprendemos tudo sobre os papéis dos gêneros nesta sociedade” (p. 153). Para ela, “o fundamentalismo não só incentiva as pessoas a acreditar que a iniquidade é ‘natural’ como também perpetua a noção de que o controle do corpo feminino é necessário. Daí o ataque aos direitos reprodutivos” (p. 155).

Conforme vimos no capítulo anterior, a defesa da família e o ataque às questões de gênero são pilares da “onda conservadora” que vemos em curso no Brasil. A negação da “noção de gênero é, na prática, uma recusa ao reconhecimento da diversidade e da pluralidade nas sociedades” (BIROLI, 2018, p. 158). Portanto, o gênero extrapola os limites de categoria e é um catalisador de sentidos na arena discursiva cada vez mais antagônica e feroz que emergiu com o conservadorismo no Brasil.

2.2 Redes sociais, mídia e práticas sociais

Nesta seção, discutirei alguns marcos da Teoria da Comunicação que me auxiliaram a compreender a relação entre comunicação, tecnologia e sociedade, afim de localizar as redes sociais na discussão de problemas sociais contemporâneos. Discuto um conceito central desta pesquisa: “mídiatização” (MARTINO, 2014; 2019). Busquei analisar como a dicotomia “mídia e sociedade” vem dando lugar ao que é chamado de “sociedade mídiatizada”, com a imbricação entre mídia e práticas sociais.

A Teoria da Comunicação tem nos apontado como as formas e meios utilizados para nos comunicar têm relação direta com as práticas sociais. Um dos marcos principais para esse campo de estudo é a passagem da cultura escrita para a cultura com suporte eletrônico (cinema, rádio, televisão), e dessa para a cultura com suporte digital (internet). O suporte tecnológico utilizado tem influenciado de forma determinante os processos de comunicação no último século.

Para o sociólogo espanhol Manuel Castells (2017), o advento da internet trouxe autonomia para as práticas sociais de comunicação. “Ela (a internet) foi deliberadamente programada por cientistas e *hackers* como uma rede descentralizada de comunicação por computadores capaz de resistir ao controle de qualquer tipo de comando” (p. 201). A primeira década do século XXI trouxe a maior transformação social promovida nesta era da cultura digital: “a passagem da interação individual e empresarial na internet (o uso do correio eletrônico, por exemplo) para a construção autônoma de redes sociais controladas e guiadas por seus usuários” (p. 201).

A chegada das redes sociais se deu com a “criação de uma espécie de derivado das comunidades virtuais, os sites de relacionamento onde pessoas podiam seguir umas às outras e montar redes de contatos e espaços de troca de informação” (MARTINO, 2014, p. 277). O fenômeno surgiu ancorado na conectividade e na autorrepresentação:

A chave do sucesso de um SNS (Social Network Site) não é o anonimato, mas, pelo contrário, a autorepresentação de uma pessoa real conectando-se com pessoas reais. As pessoas constituem redes para estar com outras, e para estar com outras com as quais desejam estar, com base em critérios que incluem aquelas que já conhecem ou as que gostariam de conhecer. Assim, é uma sociedade em rede autoconstruída na base da conectividade perpétua. (CASTELLS, 2017, p. 202).

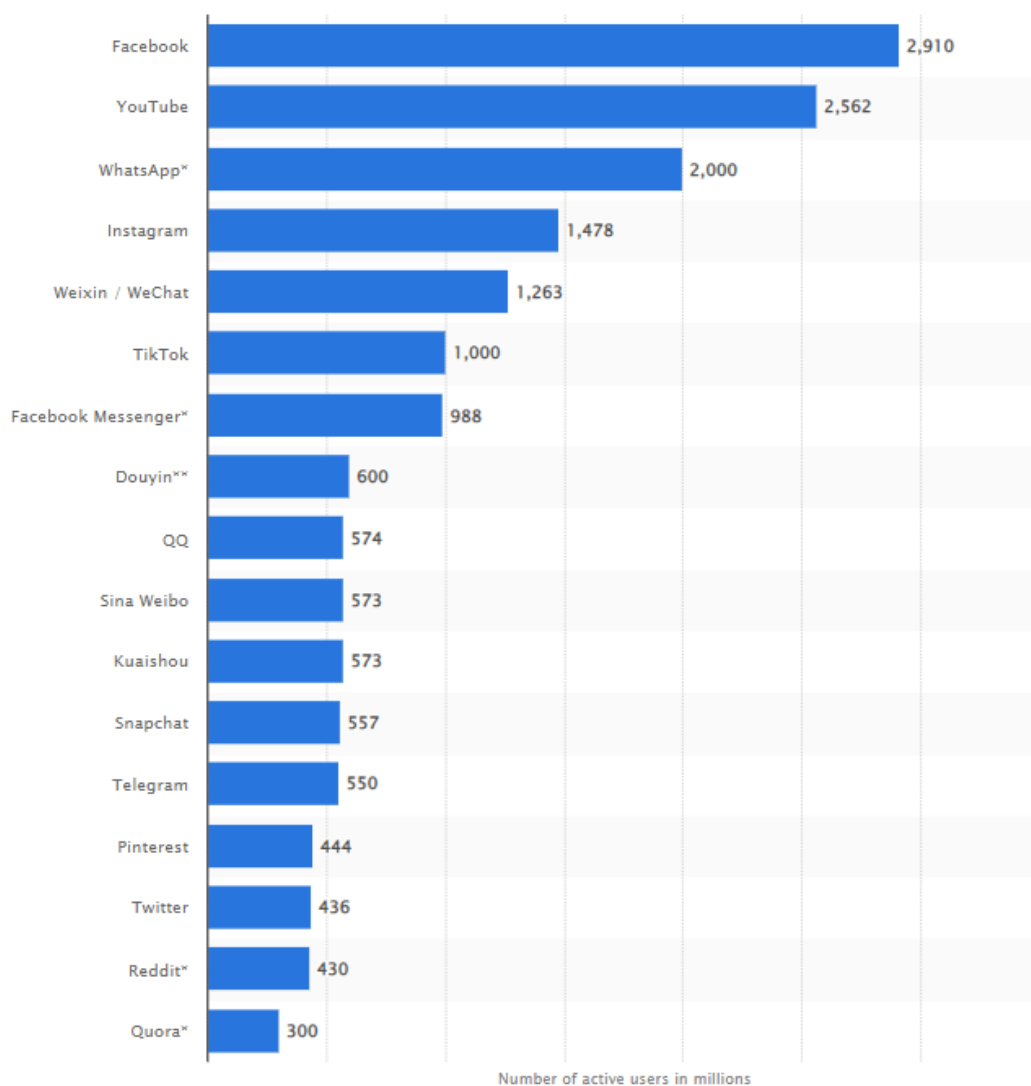
A trajetória das redes sociais tomou força a partir do lançamento dos *smartphones*. Os celulares conectados à internet trouxeram muitas e contínuas mudanças, incluindo formato do conteúdo digital, participantes, novas estratégias e objetivos comunicacionais. Em relação ao formato dos conteúdos produzidos para o meio digital, “a lógica das mensagens via celular exige textos relativamente curtos e diretos – quem decidir interagir com outra pessoa a partir dessa mídia precisa, de alguma maneira, se adaptar a essa lógica” (MARTINO, 2014, p. 272). Somados aos textos, temos também áudios, vídeos e imagens sendo utilizados à exaustão da criatividade para informar e entreter no mundo *online*.

Já em relação a participantes, esta “nova” arena comunicacional foi, primeiramente, povoada por usuárias e usuários individuais, e depois passou a ser habitada também por profissionais liberais, governos, organismos internacionais, sociedade civil organizada e demais atores e atrizes sociais. Mesmo instituições históricas frutos de estruturas políticas tradicionais, como as famílias reais representantes de monarquias, abriram contas oficiais para marcar presença digital nas redes.

A história das redes sociais também passa pelos seus usos estratégicos. Com esta explosão do número de usuárias e usuários nas duas últimas décadas, ela se tornou central em nossas vidas, não se limitando mais a unir pessoas, com foco no relacionamento e bate-papos, mas também “para marketing, e-commerce, educação, criatividade cultural, distribuição de mídia e entretenimento, aplicações de saúde e, sim, ativismo sociopolítico” (CASTELLS, 2017, p. 201). Isso porque conseguem reunir, em um só site ou aplicativo, ferramentas e recursos que antes estavam pulverizados na internet, e também fora dela, como registrar e editar fotos e vídeos, compartilhar *links*, avaliar serviços, comprar e anunciar serviços e mercadorias etc. Isso não significa que todas as redes disponham de todas essas ferramentas. Elas se segmentaram ao longo do tempo e hoje temos, por exemplo, redes focadas em: busca de empregos (*LinkedIn*), compartilhamento de vídeos (*YouTube*), compartilhamento de fotos e vídeos (*Instagram*, *Twitter*), compartilhamento de áudio (*Spotify*), troca de mensagens pessoais ou em grupo (*WhatsApp*) etc.

A figura a seguir reúne dados de abrangência das redes sociais por número de usuárias e usuários em todo o mundo, o que imprime seu poder nos dias atuais.

Figura 2.1: Redes sociais mais populares em todo o mundo em janeiro de 2022, classificadas pelo número de usuárias e usuários ativos (em milhões)



Fonte: reprodução Statista.com

Conforme Figura 2.1, o Instagram é a 4ª rede social com maior número de usuárias e usuários do mundo. Lançado em 2010, o aplicativo explorou (e ainda explora) o fato de os *smartphones* terem câmeras fotográficas acopladas. Com isso, a pessoa com conta no Instagram pode fazer capturas de fotos e vídeos com seu celular e, em seguida, publicá-las na rede social. O apelo visual do Instagram se deu, inicialmente, pelas ferramentas disponibilizadas para edição e filtros de conteúdo visual. Assim, publicam-se fotos esteticamente mais bonitas e com uma aparência mais profissional, explorando diversas formas de comunicação, principalmente a autorrepresentação. Os perfis institucionais também utilizam o Instagram para se

autodefinirem e se auto representarem, com investimento estratégico na produção do conteúdo multimodal, que não necessariamente é captado por um celular.

A presença dos dispositivos tecnológicos de comunicação em nossas vidas já nem é mais percebida com estranheza: estamos sempre com um celular na mão. “De certa maneira, a internet é uma extensão da mente humana – unidade coletiva da experiência e do imaginário do ser humano” (MARTINO, 2014, p. 269). Com essa onipresença, “a internet permitiu a supressão do espaço” (p. 275).

O conceito de midiatização tem sido explorado para denominar essa presença constante das mídias em nosso cotidiano, em que “as atividades humanas, mesmo as mais simples, não podem deixar de levar em conta essa presença da mídia no tecido social da sociedade” (MARTINO, 2014, p. 273). Luís Mauro Sá Martino é um dos pesquisadores que vêm discutindo o conceito de midiatização como “a articulação entre o ambiente midiático e as práticas sociais dentro de um contexto histórico, social e político” (MARTINO, 2019, p. 18).

Não se trata, é bom deixar claro logo de saída, de falar dos efeitos que as mídias têm no cotidiano – isto é, o que a mídia faz com as pessoas e com a sociedade. A ideia de midiatização trabalha com outra perspectiva: a mídia não poderia, de fato, “fazer” nada com a sociedade na medida em que é parte dessa sociedade e não existe como categoria e instituição à parte. (MARTINO, 2014, p. 273).

O autor propõe o seguinte quadro teórico:

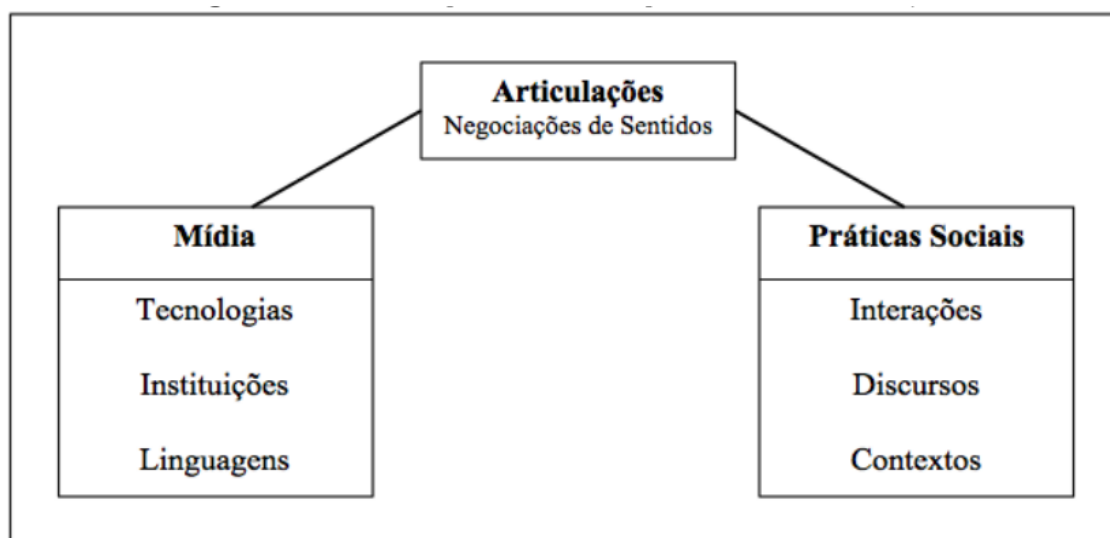
A ideia ancora-se em três aspectos: (1) a articulação, não “influência” ou “efeitos”, entre a (2) mídia, entendida, simultaneamente, como instituição, tecnologia e linguagem e (3) práticas sociais, compreendidas como ações cotidianas em seu contexto de desigualdades e conflitos históricos, econômicos e sociais. (MARTINO, 2019, p. 18).

Essa proposta indica uma imbricação entre mídia e práticas sociais, em que três dimensões da mídia formam o ambiente midiático: 1) técnica (mídia como suporte, dispositivo tecnológico); 2) instituição (mídia compreendida como empresa de comunicação); 3) e linguagem, “refere-se às especificidades formais de adequação de qualquer mensagem veiculada em um meio” (MARTINO, 2019, p. 24).

O conceito de práticas sociais trazido pelo autor refere-se ao “conjunto de ações executadas por indivíduos e comunidades a partir da interação com os outros” e “estão vinculadas, também, à criação de formas de distinção social, de criação e manutenção de hierarquias e de poder” (MARTINO, 2019, p. 25). Desta forma, as interações, os discursos e os

contextos formam as práticas sociais. Martino sintetiza o quadro teórico da mediação na figura abaixo:

Figura 2.2: Elementos possíveis de um processo de mediação



(MARTINO, 2019, p. 26)

A partir desta compreensão sobre a articulação entre os elementos e momentos que compõem tanto mídia quanto práticas sociais, me filio ao conceito de mediação nessa pesquisa. A figura proposta por Martino (2019), em que o discurso é um momento da prática social, dialoga com o quadro teórico da abordagem dialético-relacional dos Estudos Críticos do Discurso (também conhecida como Análise de Discurso Crítica – ADC).

No quadro teórico proposto por Norman Fairclough (2003, 2006) sobre o funcionamento da linguagem e da sociedade, as práticas sociais também são compreendidas como articulações dos elementos sociais – linguísticos e não linguísticos - que são associados a áreas particulares da vida social (p. 25). Para Fairclough (2006), “práticas sociais são as formas como as coisas geralmente são feitas ou acontecem em áreas particulares da vida social” (p. 26).

É possível traçar alguns paralelos entre a compreensão de Fairclough e Martino sobre a mídia nas práticas sociais. A partir do conceito “*mediation*”, conforme Fairclough, e de mediação, de Martino, a mídia pode ser compreendida como instituição, suporte e linguagem, com esses eixos que formam o ambiente midiático também em articulação interna.

A mídia como instituição refere-se ao uso dos meios tecnológicos para disseminar comunicação por parte de instituições, como as empresas que detém conglomerados de comunicação de jornais impressos, televisão, rádios e plataformas digitais - ou o cruzamento entre grupos de mídia e instituições políticas e religiosas, um aspecto importante do cenário midiático brasileiro. Para Fairclough (2003), “a capacidade de influenciar e controlar processos de mediação é um importante aspecto do poder nas sociedades contemporâneas” (p. 31). Martino (2019) defende que é possível a articulação entre mídia e sociedade mesmo diante das assimetrias de poder entre as instituições e demais atores e atrizes sociais envolvidos nas práticas, assim reconhecendo “as desigualdades de poder existentes, sobretudo em relação aos conglomerados de mídia que detém uma significativa força política e econômica” (p. 22).

Já a mídia entendida como suporte possibilita, de acordo com o quadro teórico de Fairclough, a articulação entre cadeias de textos, eventos e práticas sociais. “Mediação não envolve apenas um texto individual ou tipos de texto, é em muitos casos um processo complexo que abarca o que chamarei de 'cadeia' ou 'redes' de textos” (p. 30). O autor defende que:

As sociedades modernas complexas envolvem a formação em rede de diferentes práticas sociais através de diferentes domínios ou campos da vida social (ex: a economia, educação, vida familiar) e perpassam diferentes escalas da vida social (global, regional, nacional e local). Os textos são uma parte crucial dessas relações em rede – as ordens do discurso associadas com redes de práticas sociais especificam relações particulares em cadeias e tessituras entre tipos de textos (FAIRCLOUGH, 2003, p. 30)

Essa compreensão reconhece os aspectos de mobilidade e de potência que podem ser encontrados nas práticas sociais, principalmente as comunicativas, como aponta Martino. Como exemplo, podemos pensar em uma transmissão ao vivo no Instagram de uma personalidade do campo social político falando sobre aborto, por exemplo. Entre seus seguidores e seguidoras assistindo à transmissão, há integrantes de campos sociais distintos que têm em comum o interesse pela política ou pelo político em questão. Uma pesquisadora do campo de gênero pode assistir à transmissão e colher informações para fazer uma publicação em sua conta na mesma rede social, que vai alcançar os seus próprios seguidores e seguidoras, que tendem a ser de um campo social com interesse e conhecimento sobre o assunto. Aqui temos a articulação entre textos (texto falado na transmissão e texto multimodal da postagem), eventos (a transmissão e a publicação) e campos sociais (político e científico) diferentes dentro da mesma prática de produção digital para a rede social Instagram.

Essa ideia reforça o potencial das redes sociais para a dispersão de discursos, pois as redes em articulação estão sempre em “negociações de sentido”, conforme Martino e também Fairclough. Isso significa que os textos materializados podem ecoar discursos diversos a depender das associações com outros elementos da vida social, inclusive transitando entre dimensões e práticas - por exemplo, quando posts de redes sociais se tornam objeto para pesquisas científicas, para textos jornalísticos, para discursos parlamentares etc.

No processo de materialização do discurso em textos, Martino aponta para a necessidade de adequação da mensagem de acordo com o suporte tecnológico, o que ele chama de “linguagem midiática”:

A título de exemplo, vale recordar as limitações de caracteres de uma rede como o Twitter, ou de conteúdo presentes em quase todas as redes. Falar de uma “linguagem” da mídia é levar em consideração as maneiras formais de codificação derivadas de materialidade técnica dos meios e dos agenciamentos institucionais de sua produção (MARTINO, 2019, p. 24).

Para os Estudos Críticos do Discurso, essa necessidade de adequação implica no surgimento de novos gêneros discursivos possibilitados e constrangidos pelo suporte tecnológico. A função da linguagem – e do discurso - como papel central nas práticas sociais será aprofundada na próxima seção, que trata dos Estudos Críticos do Discurso.

2.3 Linguagem e sociedade

A característica multimodal do Instagram, que reúne diferentes sistemas semióticos – verbal, visual e audiovisual –, impôs a busca por abordagens também diversas para formar um arcabouço de teorias, conceitos e categorias analíticas que possibilitassem lidar de forma adequada com os textos coletados. Nesta seção, passo a discutir os suportes que encontrei a partir dos Estudos Críticos do Discurso, com contribuição também da Gramática do Design Visual (GDV) e da Semiótica Social (SS). Todas essas propostas trazem semelhanças entre si sobre a compreensão do funcionamento da linguagem na vida social.

2.3.1 O funcionamento social da linguagem

Os Estudos Críticos do Discurso, conforme exposto na apresentação do capítulo, constituem um campo de conhecimento da Linguística que dialoga com outras disciplinas no esforço de

analisar problemas sociais em sua faceta discursiva. Nesta pesquisa, o problema social analisado é a representação da violência doméstica contra mulheres e a forma de acessar esse problema foi a partir de textos multimodais publicados no Instagram e do discurso público proferido pela ministra do MMFDH, compreendendo mais sobre as estruturas sociais que atravessam os elementos constituintes da realidade (seção 2.1) e as redes de práticas sociais envolvidas (seção 2.2).

Para Viviane Resende (2019), os ECD “são capazes de sustentar explanação de problemas sociais particulares com base no uso da linguagem porque esta mantém um tipo especial de relação com outros elementos sociais” (p. 30). Para a abordagem dos ECD que é base teórica e metodológica deste estudo (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003; RESENDE; VIEIRA, 2016), a relação entre linguagem e sociedade é dialética; se moldam mutuamente (FAIRCLOUGH, 2003, p. 25). Dessa forma, o discurso pode ser a porta de entrada para a discussão de problemas sociais de nossos dias, já que é parte das estruturas sociais, de nossas práticas sociais e de nossas próprias ações no mundo.

Nos ECD, o termo discurso remete a dois conceitos. Conforme utilizado no parágrafo anterior, em sua forma mais abstrata, corresponde às ordens do discurso (RESENDE, 2017) que “controlam/possibilitam a ação discursiva em relação a campos particulares da atividade humana, e os textos resultam dessa ordenação. Essa dinâmica deve ser o foco analítico central nos estudos críticos do discurso” (p. 31). Já a forma mais concreta se refere ao uso que dei no capítulo 1, quando falei de visões de mundo (discursos) particulares, como discurso conservador, discurso progressista, discurso negacionista, discurso feminista, ao discutir a conjuntura do problema social analisado.

Outra característica elementar compartilhada pelas abordagens que formam os Estudos Críticos do Discurso é seu posicionamento explícito, “um movimento social de analistas de discurso politicamente comprometidos” que “estuda como o abuso do poder e a desigualdade social são promulgados, reproduzidos, legitimados e resistem no texto e na fala no contexto social e político” (VAN DIJK, 2016, p. 19). Com isso, a noção de poder também é central nos ECD, principalmente o “poder social dos grupos ou instituições exercido por meio do discurso” (VAN DIJK, 2016, p. 22).

Para Castells (2017), “as relações de poder são constitutivas da sociedade porque os que detêm o poder constroem as instituições segundo seus valores e interesses” (p. 20). Além da coerção, o autor aponta que o poder também pode ser exercido por meio da “construção de

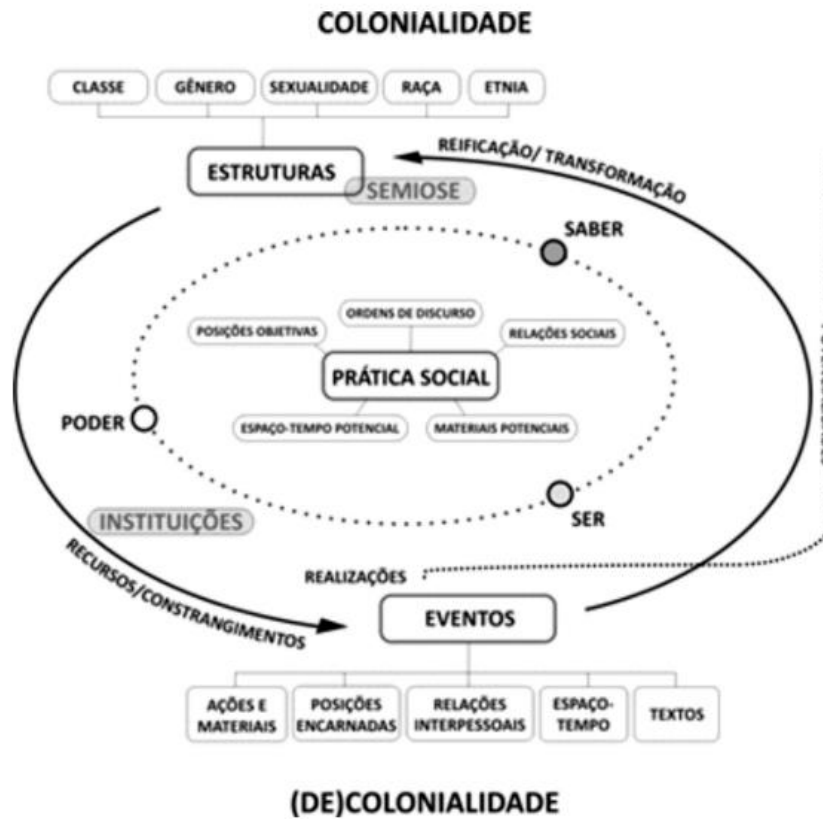
significado na mente das pessoas, mediante mecanismos de manipulação simbólica” (p. 20). Nesse sentido, as redes sociais podem ser compreendidas como campos de batalha discursivo:

É por isso que a luta fundamental pelo poder é a batalha pela construção de significado na mente das pessoas. Os seres humanos criam significado interagindo com seu ambiente natural e social, conectando suas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais. A constituição de redes é operada pelo ato da comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte da produção social de significado é o processo da comunicação socializada. (CASTELLS, 2017, p. 21).

O poder, no entanto, não deve ser concebido como absoluto. “Para a ADC [Análise de Discurso Crítica] o poder é temporário, com equilíbrio apenas instável. Por isso, relações assimétricas de poder são passíveis de mudança e superação” (RESENDE; VIEIRA, 2016, p. 26). De acordo com van Dijk (2016), há um gradiente de forças no exercício do poder, que pode variar de acordo com situações e domínios sociais específicos. “Além disso, grupos dominados podem mais ou menos resistir, aceitar, tolerar, ser conivente ou cumprir, ou legitimar tal poder, e até mesmo achar que é “natural” (p. 23).

Em um mapa ontológico do funcionamento social da linguagem, em diálogo com o giro decolonial, Resende (2019) compartilha sua proposta de como a linguagem se relaciona com outros elementos da vida social.

Figura 2.3: Mapa ontológico do funcionamento social da linguagem em diálogo com o giro decolonial



Fonte: reprodução (RESENDE, 2019, p. 32)

A partir desse mapa, pode visualizar quais elementos seria necessário acessar na busca por responder às perguntas da pesquisa; também estruturou minha compreensão sobre como os conceitos-base discutidos até aqui dialogam entre si, pois estão conectados nessa forma de compreender os elementos constitutivos da realidade, partindo da ordenação dialético-relacional entre linguagem e sociedade. O mapa ontológico é dividido em potencialidades e realizações. No âmbito das potencialidades, temos as práticas sociais e as estruturas sociais. Na parte de cima da figura 2.3, são apontadas as estruturas sociais herdadas da colonialidade:

Destaco as estruturas sociais de classe, gênero, sexualidade, raça e etnia, que atuam sobre as instituições ordenadoras das práticas sociais e o potencial de significação (semiose), enfatizando seu caráter abstrato, de maior permanência, embora nunca permanência trans-histórica – haja vista, por exemplo, as modificações em estruturas de gênero e as pressões que intentam reduzir essas modificações ao longo da história, em tensão com as forças que as promovem. Enfatizo, sobretudo, sua ampla penetração numa variedade de práticas: enquanto a noção de prática social diz respeito a potencialidades já situadas em campos ou esferas da atividade humana, a noção de estrutura é ainda mais abstrata, já que uma estrutura como a de classe (ou gênero,

sexualidade, raça, etnia) transcende as práticas situadas, ocupa os diferentes campos, exerce suas influências nas mais diversas esferas institucionais e modalidades semióticas. Uma contribuição importante para uma compreensão mais complexa disso, que pode ser considerada decolonial no sentido mais amplo, é a noção de interseccionalidade, formulada por feministas negras. (RESENDE, 2019, p. 32-3).

A ideia de interseccionalidade, conforme a autora e como discutido na seção 2.1, não pode ser tomada somente como uma categoria, mas como uma forma de compreender que as estruturas sociais se cruzam, e esses elos trazem mais desvantagens para grupos sociais específicos, como o das mulheres negras. Dessa forma, a ontologia de onde parte a investigação reconhece a interseccionalidade em todos os estratos da realidade concebida, desde as estruturas até os eventos sociais, passando pelas práticas sociais.

Apesar das amarras causadas pela ampla penetração das estruturas, o quadro teórico proposto mostra que há espaço para a potência, centralizada também nas práticas sociais e nos elementos que as compõem. A noção de prática social, discutida na seção anterior em sua articulação com a mídia, aqui é teorizada de forma mais ampla. “Os elementos constituintes da prática são elementos de potência, e os elementos do evento realizado são concretizações dessa potência” (RESENDE, 2019, p. 33).

Para melhor compreensão do que é essa potência e como o potencial é materializado, tomo como exemplo a prática de produção de conteúdo digital para o Instagram, foco de minha análise, que pode ser teoricamente estabelecida a partir das posições objetivas particulares dessa prática (quem são os atores e atrizes sociais previstos na prática: jornalista, designer, videomaker, fotógrafo, redator, etc.); relações sociais (como atores e atrizes sociais podem ser relacionar entre si e com as instituições também potencialmente envolvidas na prática); materiais potenciais (o que é necessário para realizar a prática: computador, acesso à internet, programa de edição de imagens, etc.) espaço e tempo potencial (em qual lugar e qual a relação com o tempo as atividades da prática preveem); e ordens do discurso, que é nível discursivo das práticas sociais, constituído de discursos, gêneros e estilos (FAIRCLOUGH, 2003). Este nível opera o controle (potência) da variedade linguística.

De acordo com Fairclough (2003), os três momentos da ordem do discurso – gêneros, discursos e estilos – acontecem de forma simultânea quando do uso da linguagem, ou seja, estão presentes em todo texto. Os gêneros estão ligados às formas relativamente estáveis de agir e interagir; os discursos, às formas de representar; e estilos, às formas de identificar.

Todos esses elementos estão inter-relacionados, por isso a materialização do potencial combinado de cada um deles é capaz de gerar textos diversos, porque esses são atravessados não só pelo potencial das práticas, mas também pelas estruturas sociais. Assim, “os textos não são apenas efeitos de estruturas linguísticas e ordens do discurso, eles são também efeitos de estruturas sociais, e de práticas sociais em todos os seus aspectos, então se torna difícil separar os fatos que moldam os textos” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 25).

Voltando ao exemplo da prática social de produção de conteúdo digital para o Instagram, agora em correspondência com os Eventos (no campo das realizações), as publicações feitas por um perfil são os textos gerados a partir dessa prática. Digamos que uma postagem trata da divulgação de um vídeo promocional de uma instituição ligada ao campo dos direitos das mulheres. Para materializar essa publicação, foi necessário captar e editar as imagens do vídeo, além de elaborar a legenda da postagem e publicar todo o material (ações); essas ações necessitaram de uma câmera para a filmagem (e um/a cinegrafista), um programa de edição de vídeo (e um editor ou editora de vídeo) e acesso à internet para a publicação (e um gestor ou gestora de redes sociais) – constituindo os materiais e pessoas encarnados. A ideia desta postagem pode ter surgido em uma reunião de pauta semanal com toda a equipe responsável pelo setor de comunicação da instituição; tendo sido posteriormente aprovada por gestores e gestoras da instituição; antes de ser divulgado, o vídeo elaborado deve ter sido aprovado por essas mesmas pessoas (relações interpessoais). Todo esse processo acontece pessoalmente, em uma agência de comunicação, e também por troca de e-mails, em um período (espaço-tempo). Esses elementos que podem ser acessados são as materializações da prática social e estão na ordem dos eventos, de acordo com a figura 2.3.

Para a ADC, não é desejável analisar somente os textos situados, mas é necessário incluir a análise dos outros elementos que constituem os eventos sociais, as redes de práticas de onde os eventos resultaram e compreender o atravessamento das estruturas sociais. Para Resende e Vieira (2016), “o texto traz em si traços da ação individual e social que lhe deu origem e de que fez parte; da interação possibilitada também por ele; das relações sociais, mais ou menos assimétricas, entre as pessoas envolvidas na interação” (p. 24).

O atravessamento das estruturas sociais se dá de forma menos tátil, mas também pode ser rastreado em um esforço investigativo para “desvelar discursos que servem de suporte a estruturas de dominação ou que limitam a capacidade de transformação dessas estruturas” (RESENDE, 2008, p. 40). Assim, a ADC propõe “em pesquisas situadas, compreender o uso

da linguagem como ancorado em estruturas semióticas e sociais, sem perder de vista a flexibilidade dos eventos comunicativos, que permite a criatividade na produção de textos” (RESENDE; VIEIRA, 2016, p. 16).

Nesta perspectiva, o discurso inclui linguagem verbal, comunicação não verbal e imagens visuais – todos os elementos semióticos das práticas sociais (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 38). Compreender a constituição multimodal do discurso e como a interação entre diferentes sistemas semióticos implica na construção de significados sociais foi possível, nesta pesquisa, com o suporte de teorias e conceitos da Análise de Discurso Crítica, da Gramática do Design Visual e da Semiótica Social.

2.3.2 Os significados do discurso em Análise de Discurso Crítica

Tanto a Análise de Discurso Crítica quanto a Gramática do Design Visual são abordagens teórico-metodológicas que tomaram como base a Gramática Sistêmico-Funcional de M.A.K. Halliday (2014), dentre outras influências de diversas áreas. A linguagem é entendida como um sistema para a construção de significados sociais, com recursos semióticos compostos por camadas, que correspondem a categorias funcionais estruturadas para construir três tipos de significados simultaneamente. Cada nível interno de sua gramática é vinculado a um tipo de significado, as chamadas metafunções. Nesse enquadre, temos as metafunções interpessoal (relações sociais), ideacional (representação das experiências) e textual (organização da mensagem).

A Gramática Sistêmico-Funcional reconhece que falantes de uma língua a usam de diferentes formas e para diferentes propósitos a partir de suas escolhas. Com isso, as formas de agir, interagir, representar e organizar as mensagens não são aleatórias, mas sim selecionadas para melhor alcançar objetivos e manter interesses, sendo assim uma questão que envolve o poder e o discurso. Tanto Fairclough (2003) quanto Kress e van Leeuwen (2021) adaptaram o modelo das metafunções de Halliday para seus próprios modelos de análise de textos.

Como vimos na seção anterior, Fairclough (2003) propõe três momentos da ordem do discurso: gênero, discurso e estilos. Cada um desses momentos está vinculado a um tipo de significado do discurso: os gêneros são ligados ao significado acional; discursos ao representacional; e estilos vinculado ao significado identificacional. Com o quadro teórico, é

possível investigar como os textos cumprem essas funções (agir, representar, identificar) ao se relacionar com os outros momentos do mundo social.

Resende (2017) propõe um reordenamento nos elementos constituintes nas ordens do discurso para gênero-suporte e discurso-estilo, “ênfatizando, por um lado, a estreita relação entre identificação e representação, e, por outro, a relevância do suporte também como elemento estruturante do potencial semiótico acional” (RESENDE, 2017, p. 31).

É evidente que a questão da identidade não se restringe ao discurso, e sustentar que identidades sejam simplesmente discursivas seria minimizar a complexidade dos processos identificacionais. Por isso, prefiro manter discursos e estilos teoricamente ligados, para manter em foco que a identificação discursiva não se confunde com a identidade como conceito mais amplo, e que, quando se trata de discutir identificação em análise de discurso, o que está em questão é a análise do quanto nos vinculamos, em textos, a discursos particulares. Isso não minimiza o papel do discurso na construção de identidades, mas torna mais claro o conceito, muitas vezes vago, de estilos. (RESENDE, 2017, p. 31-32).

Com esta compreensão da relação entre discurso e identidade, foi possível analisar, em conjunto, o comprometimento das vozes analisadas na pesquisa ao lançar mão de discursos particulares para representar o problema social da violência doméstica, as mulheres em situação de violência e seus agressores.

Já o conceito de gênero-suporte atende a demanda teórica para a compreensão de novos gêneros discursivos possibilitados pelos suportes tecnológicos, como as redes sociais. “Assim como todo texto necessariamente materializa gêneros, discursos e estilos, a realização de textos só é possível por meio de suportes (revistas, jornais, programas de televisão, sites, conversas etc.) que os materializam” (RESENDE, 2017, p. 33).

Associados ao significado acional do discurso, “os suportes são, também, espaços sociais, no sentido de que são socialmente construídos, respondendo a interesses e propósitos particulares, e assim funcionam nas práticas sociais” (ACOSTA, RESENDE, 2014, p. 134-135). Portanto, o suporte também é capaz de influenciar e moldar a ação discursiva e a interação com outros elementos das práticas sociais, e vice-versa. Essa concepção se soma também ao conceito de mediação para a compreensão do funcionamento das mídias digitais em nosso dia a dia. Com esse entendimento, foi possível compreender a ação discursiva dos perfis do Instagram analisados.

As categorias analíticas da ADC estão vinculadas aos significados do discurso e serão discutidas no Capítulo 3.

2.3.3 As funções da linguagem na Gramática do Design Visual

A proposta de Kress e Van Leeuwen (2021) de sistematizar uma gramática para imagens também se baseia na proposta das metafunções de Halliday ao compreender que as funções da linguagem estão ligadas a modos de construir significados sociais. Os autores propõem um inventário das principais estruturas semióticas e como essas se unem para formar imagens, observando regularidades em seus modos de compor, representar e interagir. Além disso, os autores destacam que veem “imagens de qualquer tipo como inteiramente dentro do domínio das realizações e instanciações da ideologia, como meios – sempre – para a articulação de posições ideológicas” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2021, p. 16). Assim como na ADC, as categorias analíticas estão ligadas a essas três funções (representacional, interacional e composicional).

A função representacional está ligada a como os recursos visuais são utilizados para a representação de relações narrativas e conceituais entre as pessoas, lugares e objetos retratados nas imagens. Desta forma, estruturas, processos e circunstâncias são descritos e interpretados na busca por contribuir para a compreensão dos modos de representação dos participantes.

Na função interacional, o foco é investigar como se dá a interação entre os outros tipos de participantes: os produtores e os espectadores das imagens. Kress e Van Leeuwen (2021) ressaltam que “embora a mídia *online* de hoje tenha aberto novas formas de responder aos produtores, a interação ainda será mediada, e os participantes ainda terão que se representar com palavras e imagens” (p. 113). Os autores também destacam que o suporte redes sociais apresenta uma gama de ferramentas para esta representação e para autorepresentação no contexto de interação, como filtros e outros elementos gráficos.

Já a função composicional busca olhar a imagem como um todo, observando “a maneira pela qual os elementos representativos e interativos são feitos para se relacionarem entre si, a maneira como eles são integrados em um todo significativo” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2021, p. 179). Nessa função, é possível analisar como os recursos semióticos são distribuídos, o que ganha mais relevância e o grau de integração entre eles.

2.3.4 Multimodalidade para a Semiótica Social

A Semiótica Social é um campo de estudo que foca no texto e no discurso, assim como a ADC e a GDV, mas principalmente na visão geral de todos os recursos semióticos disponíveis e acionados no processo de produção de significados sociais. A premissa da teoria é realizar análises levando em consideração a integração de todos os elementos semióticos ativados (VAN LEEUWEN, 2005). Também é foco de análise comparar e contrastar modos semióticos, explorando o que eles têm em comum e como eles diferem, e investigar como eles podem ser integrados em suportes digitais multimodais, como o Instagram. Com esse entendimento, foi possível compreender a complexidade e começar a desdobrar os dados coletados para a pesquisa.

O potencial e o uso real dos recursos semióticos disponíveis também podem ser compreendidos como estáveis e regulados. Para van Leeuwen (2005),

o potencial semiótico teórico é constituído por todos os seus usos passados e todos os seus usos potenciais e um potencial semiótico real é constituído por esses usos passados que são conhecidos e considerados relevantes pelos usuários do recurso e pelos usos potenciais que podem ser descobertos pelos usuários com base em suas necessidades e interesses específicos. Tais usos ocorrem em um contexto social, e esse contexto pode ter regras ou melhores práticas que regulam como recursos semióticos específicos podem ser usados, ou deixar os usuários relativamente livres no uso do recurso. (p. 4).

Dessa forma, os recursos semióticos são adaptados, transformados e utilizados “de acordo com os interesses e necessidades do tempo e do cenário” (VAN LEEUWEN, 2005, p. 20). Por isso “a semiótica social deve olhar, não apenas para as ações, para 'O que é feito aqui com palavras (ou imagens, ou música)?', mas também para 'Quem faz isso?', 'Para quem?', 'Onde?', 'Quando'? etc.” (VAN LEEUWEN, 2005, p. 123). Com isso, compreendo que o potencial dos recursos semióticos está relacionado às ordens do discurso, pois também constitui a esfera de potencialidade dentro do mapa ontológica do funcionamento social da linguagem que guia a pesquisa.

O autor propõe quatro formas a partir das quais diferentes sistemas semióticos podem ser integrados para formar um texto multimodal em eventos comunicativos: ritmo, composição, ligação de informação e diálogo. O primeiro fornece coerência e estrutura significativa aos eventos que se desenrolam ao longo do tempo, como filmes e música. Em composição, a atenção é voltada para a coerência e estrutura significativa nos arranjos espaciais, como em

imagens, *layouts* e arquitetura. Já ligação de informação tem a ver com as ligações cognitivas entre as informações repassadas, como os elos temporais ou causais entre palavras e imagens em textos multimodais. Na última proposta, o autor explora trocas dialógicas e formas de interação musical para entender as relações entre os modos semióticos usados (VAN LEEUWEN, 2005, p. 179).

No capítulo metodológico a seguir, vou explicar como se deu a escolha das categorias composição e ligação de informação na busca por compreender as relações intersemióticas dos dados analisados, assim como a escolha das categorias vinculadas à ADC e à GDV.

CAPÍTULO 3 . PERCURSO METODOLÓGICO

Durante a pesquisa que resultou nesta dissertação, muito me auxiliou ler outros estudos do discurso que narram como as investigações foram conduzidas e explicam os métodos utilizados com detalhes. Portanto, neste capítulo, descrevo a composição dos dois *corpora* da pesquisa, com o detalhamento para coleta, visualização, tratamento e análise dos dados.

O objetivo principal da investigação é analisar ação e representação discursiva sobre o aumento da violência doméstica contra mulheres durante a pandemia de covid-19, considerando discursos do poder público, de organismos internacionais e da sociedade civil organizada.

3.1 Apresentação dos *corpora*

Esta pesquisa considerou análise de dois *corpora*: postagens coletados do Instagram de cinco perfis e um discurso público proferido pela ministra do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.

Entre as redes sociais mais utilizadas no Brasil por perfis institucionais está o Instagram. O aplicativo foi lançado há 10 anos e se firmou pelo seu apelo ao conteúdo visual, com foco, primeiramente, em fotos e, posteriormente, também em vídeos. Ao longo dos anos e com ascendente popularidade, o *app* passou a disponibilizar novas funcionalidades. Hoje, para publicar uma postagem, é necessário fazer o carregamento de um arquivo de imagem ou de vídeo, com a opção de inserir ou não legendas. Esse aspecto multissemiótico abre muitas possibilidades de planejamento de pesquisas, o que me motivou a investigar o discurso multimodal da rede social Instagram.

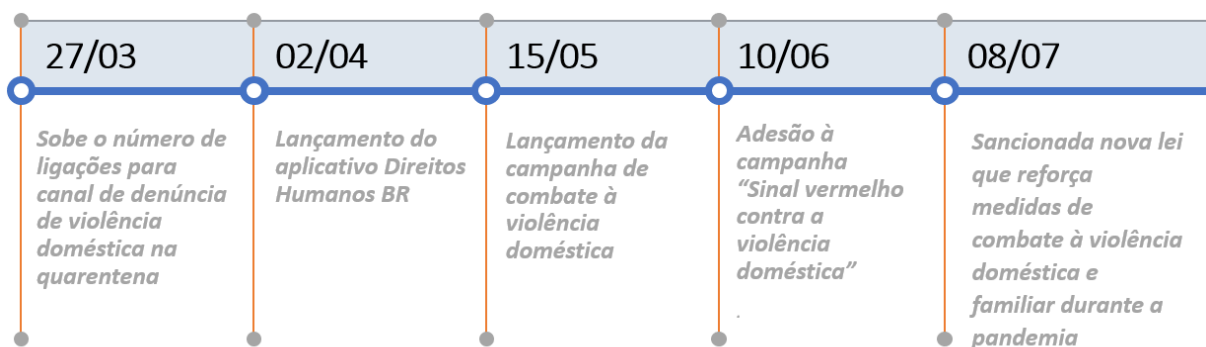
Para essa pesquisa, cuja metodologia é qualitativa-documental com dados coletados do Instagram e um discurso público proferido por ministra de Estado, delimitei três grupos de fala: poder público, organismo internacional e sociedade civil organizada. Inicialmente, havia considerado analisar somente a ação discursiva do poder público, mas, ao refletir sobre a potencialidade e limites dos dados, decidi investigar uma maior diversidade de vozes dentro do campo social dos direitos humanos das mulheres para ampliar as possibilidades de responder às perguntas de pesquisa. Com essa escolha, também se torna possível comparar as formas de agir, representar e se identificar discursivamente dos grupos de fala elencados.

Foram considerados os seguintes perfis no Instagram para representar o poder público: @min_direitoshumanos, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH); e @damaresalvesoficial1, da ministra Damares Alves, titular do mesmo Ministério.

Escolhi o perfil do MMFDH por ser o órgão do Poder Executivo Federal responsável por “promover a igualdade entre homens e mulheres e combater todas as formas de preconceito e discriminação herdadas de uma sociedade patriarcal e excludente”, de acordo a missão descrita no site do órgão. O perfil da ministra Damares Alves, por ela ser a representante da pasta, também foi escolhido para a composição dos *corpora*. Mesmo se tratando de um perfil pessoal, o conteúdo produzido para publicação é composto, em sua maioria, por assuntos da esfera institucional do ministério. O perfil também mobiliza uma quantidade representativa de seguidores (quase 2 milhões, de acordo com dados de julho de 2021) e a ministra é uma das figuras centrais dentro da dinâmica política do atual governo, o que aumenta o poder mobilizador e influenciador do perfil.

A partir da primeira leitura das postagens desses dois perfis, que cronologicamente também foram os primeiros elencados para a análise, elaborei uma linha do tempo em que destaquei as principais ações do governo federal no combate à violência doméstica após o registro do primeiro caso de covid-19 no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020. Senti necessidade de percorrer este caminho inicial para tentar mapear e visualizar os eventos que ganharam destaque na ação discursiva dos perfis no Instagram.

Figura 3.1: Linha do tempo com principais ações destacadas no Instagram do MMFDH



Fonte: Elaboração própria

Conforme a linha do tempo, no dia 27 de março, o governo federal divulgou, pela primeira vez, dados relacionados ao aumento de denúncias de casos de violência doméstica

durante a pandemia. A relevância deste fato fez com que o marco temporal da coleta de dados tivesse início naquele mês. Delimitei, portanto, a janela temporal de março a julho de 2020 por considerar que cinco meses de coleta resultaria em dados relevantes para chegar a respostas às perguntas da pesquisa. Estas delimitações valem para os demais posts coletados na pesquisa documental (ver a seguir).

Também entre as ações destacadas na Figura 3.1 está o lançamento da Campanha de Conscientização e Enfrentamento à Violência Doméstica, no dia 15 de maio de 2020, que ocorreu durante evento no Palácio no Planalto, com a presença da ministra do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e o presidente da República. Este acontecimento é centrado no discurso público proferido pela ministra, em que ela apresenta peças de divulgação da campanha, fala sobre o contexto de emergência mundial de saúde e categoriza o problema da violência doméstica. O discurso da ministra e as peças publicitárias foram utilizados como fontes para a elaboração de publicações tanto o perfil do MMFDH quanto do perfil pessoal da ministra no Instagram. Pela riqueza de dados discursivos e a possibilidade de encontrar mais pistas que me levassem a atingir os objetivos da pesquisa, especificamente os que se referem à representação discursiva das mulheres em situação de violência, decidi incluir o discurso da ministra na investigação. Pela heterogeneidade destes dados, o discurso corresponde a um outro *corpus* da pesquisa, que receberá tratamento analítico diferente pela própria natureza dos dados (detalhado a seguir, nas seções sobre coleta e tratamento dos dados).

Para incluir voz de organismo internacional, estabeleci o perfil @onumulheresbr, da Organização das Nações Unidas, por ser o único canal de organismo internacional com atuação no Brasil exclusivo para ecoar as pautas no campo social de direitos humanos para as mulheres. Criada em 2010, a ONU Mulheres tem entre suas áreas de atuação: liderança e participação política das mulheres; empoderamento econômico; fim da violência contra mulheres e meninas; paz e segurança e emergências humanitárias; governança e planejamento, e normas globais e regionais. Com os dados multimodais extraídos deste perfil, busco compreender a ação discursiva de um organismo que tem se articulado mundialmente em torno dos direitos humanos para as mulheres neste contexto de pandemia, acompanha e tem parcerias com outras nações, além de atuar também em frentes diversas; busco ainda identificar as formas escolhidas para representar a violência doméstica, as mulheres em situações de violência doméstica e possíveis agressores.

O perfil @ipatriciagalvao, do Instituto Patrícia Galvão, oferece oportunidade para explorar um reconhecido trabalho tanto no campo dos direitos das mulheres quanto no da comunicação. O texto de apresentação do Instituto em sua página na internet destaca que “Para o Instituto, a mídia é um espaço estratégico de incidência social e política para qualificar os debates sobre políticas públicas voltadas à promoção da igualdade e equidade de gênero”. A inclusão deste perfil tem a expectativa de adicionar aos dados levantados possibilidades mais diversas de agir discursivamente em resposta ao aumento do número de casos de violência doméstica e como contribuir para a propagação de informações sobre o problema social de forma qualificada. Há também a possibilidade de encontrar formas outras de representação e referência às mulheres em situação de violência e agressores, sendo possível, assim, fazer uma comparação com os dados extraídos dos demais perfis selecionados para a análise.

Também como uma voz da sociedade civil organizada, inclui o perfil @portalgeledes, do Instituto Geledés da Mulher Negra na coleta de dados da pesquisa. Fundado em 30 de abril de 1988, a entidade “se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira”, afirma o texto de apresentação no site do instituto. Este posicionamento político foi um dos motivos para a análise do perfil, que sinalizou potencial para trazer debates mais aprofundados sobre o problema social investigado. Na prática, o “Geledés desenvolve projetos próprios ou em parceria com outras organizações de defesa dos direitos de cidadania, além de monitorar no Portal Geledés o debate público que ocorre sobre cada um deles no Brasil e no mundo”, ainda de acordo com a mesma fonte.

3.2 Coleta de dados

Definidos os perfis a serem analisados e delimitada a janela-temporal de análise, naveguei pela linha do tempo (conjunto de postagens publicadas) dos perfis para selecionar as postagens que abordassem a violência doméstica contra mulheres no contexto da pandemia de covid-19. Nesta etapa, li e observei as legendas dos posts, as imagens e texto dos banners, assim como os áudios e legendas dos vídeos, pois, em alguns casos, a referência aos assuntos abordados constava em somente um desses elementos multimodais. As preocupações principais eram não perder nenhuma postagem nesta varredura e armazenar de forma segura o registro visual das

publicações selecionadas. Somente com uma coleta sem ausências poderia analisar de forma eficiente como se deu a ação discursiva cronologicamente e comparativamente, além das demais questões levantadas na pesquisa.

Por isso, mesmo o Instagram sendo um aplicativo utilizado majoritariamente via *smartphone*, executei a navegação e a seleção de *posts* em computador pessoal *desktop* para possibilitar melhor manejo e organização dos links das postagens selecionadas. Separei em um arquivo do Word a lista de *links* das postagens que tratavam dos assuntos “violência doméstica” e “pandemia de covid-19”, juntamente com o *print* do *post*, feito com a Ferramenta de Captura do Windows. Com este aplicativo, é possível arrastar o cursor do mouse e selecionar a área a ser copiada para, então colar o conteúdo de forma direta e com boa resolução de imagem no documento do Word. Junto a cada *link* e *print* de *post*, copiei a legenda correspondente e transcrevi os textos verbais presentes nos banners que ilustram cada publicação. Em alguns casos, há mais de um banner por postagem, formando uma galeria de imagens.

Foram coletados: 24 *posts* do perfil da Ministra Damares Alves; 47 do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos; 28 da ONU Mulheres, 19 do perfil no Instagram do Instituto Patrícia Galvão e quatro do Instituto Geledés.

Quadro 3.1: Perfis selecionados e números de publicações coletadas.

Perfil	Posts coletados
@min_direitoshumanos	47
@damaresalvesoficial1	24
@onumulheresbr	28
@ipatriciagalvao	19
@portalgeledes	4
TOTAL	122

Fonte: elaboração própria.

Os 122 *posts* coletados estavam disponíveis para a consulta do público no Instagram nas datas da coleta (descritas no Anexo I), mas podem ter sofrido edição ou terem sido apagados posteriormente. Por isso, após esta primeira fase da coleta, levantei as opções de ferramentas

gratuitas para coletar metadados, arquivo de mídias e legendas dos posts de forma automática dos perfis para garantir um outro *back up* (cópia de segurança) das publicações. Essa nova coleta também teve como objetivos: obter os conteúdos visuais (imagens e vídeos – ainda não havia decidido se iria analisar ou não os vídeos) em uma qualidade superior ao obtido com a Ferramenta de Captura; e coletar dados extras sobre as publicações para serem consultados posteriormente, se necessário.

Optei por utilizar um script em *Python*, que é uma linguagem de programação livre e de código aberto que vem sendo utilizada em pesquisas em redes sociais. Após seguir as orientações do site da ferramenta de como instalar e executar o programa, construí um comando no PROMPT especificando os perfis e os dados a serem extraídos do Instagram, como organizo no Quadro 3.2, a seguir:

Quadro 3.2: Comandos criados para o script Python.

Comandos inseridos no PROMPT
instagram-scraper damaresalvesoficial1,ipatriciagalvao,min_direitoshumanos,onumulheresbr
instagram-scraper damaresalvesoficial1 --media-types none --media-metadata --profile-metadata
instagram-scraper ipatriciagalvao,min_direitoshumanos,onumulheresbr --media-types none --media-metadata --profile-metadata

Fonte: elaboração própria.

Figura 3.2: Comandos inseridos no PROMPT

```
C:\Users\cinti\Downloads\Varredura Instagram>instagram-scraper ipatriciagalvao,min_direitoshumanos,onumulheresbr
Searching ipatriciagalvao for profile pic: 100% 1/1 [00:00<00:00, 566.19 images/s]
Searching ipatriciagalvao for posts: 250 media [00:33, 7.54 media/s]
Downloading: 100%|#####| 251/251 [00:40<00:00, 6.26it/s]
Searching min_direitoshumanos for profile pic: 100% 1/1 [00:00<?, ? images/s]
Searching min_direitoshumanos for posts: 1350 media [01:56, 11.63 media/s]
Downloading: 100%|#####| 1351/1351 [06:28<00:00, 3.48it/s]
Searching onumulheresbr for profile pic: 100% 1/1 [00:00<00:00, 1003.18 images/s]
Searching onumulheresbr for posts: 3489 media [05:24, 10.75 media/s]
Downloading: 95%|#####9 | 3325/3490 [04:58<00:15, 10.85it/s]
```

Fonte: *print* do PROMPT

Figura 3.3: Comandos inseridos no PROMPT

```

Searching ipatriciagalvao for profile pic: 100% 1/1 [00:00<00:00, 566.19 images/s]
Searching ipatriciagalvao for posts: 250 media [00:33, 7.54 media/s]
Downloading: 100%|#####| 251/251 [00:40<00:00, 6.26it/s]
Searching min_direitoshumanos for profile pic: 100% 1/1 [00:00<?, ? images/s]
Searching min_direitoshumanos for posts: 1350 media [01:56, 11.63 media/s]
Downloading: 100%|#####| 1351/1351 [06:28<00:00, 3.48it/s]
Searching onumulheresbr for profile pic: 100% 1/1 [00:00<00:00, 1003.18 images/s]
Searching onumulheresbr for posts: 3489 media [05:24, 10.75 media/s]
Downloading: 100%|#####| 3490/3490 [05:13<00:00, 11.13it/s]

C:\Users\cinti\Downloads\Varredura Instagram>instagramscraper damaresalvesooficial1 --media-types none --media-metadata --profile-metadata
'instagramscraper' não é reconhecido como um comando interno
ou externo, um programa operável ou um arquivo em lotes.

C:\Users\cinti\Downloads\Varredura Instagram>instagram-scraper damaresalvesooficial1 --media-types none --media-metadata --profile-metadata
ERROR: Error getting user details for damaresalvesooficial1. Please verify that the user exists.

C:\Users\cinti\Downloads\Varredura Instagram>
C:\Users\cinti\Downloads\Varredura Instagram>instagram-scraper damaresalvesooficial1 --media-types none --media-metadata --profile-metadata
Searching damaresalvesooficial1 for posts: 2722 media [08:33, 5.30 media/s]

C:\Users\cinti\Downloads\Varredura Instagram>
C:\Users\cinti\Downloads\Varredura Instagram>instagram-scraper ipatriciagalvao,min_direitoshumanos,onumulheres --media-types none --media-metadata --profile-metadata
Searching ipatriciagalvao for posts: 250 media [00:31, 7.98 media/s]
Searching min_direitoshumanos for posts: 1350 media [01:37, 13.83 media/s]
Searching onumulheres for posts: 59 media [00:02, 19.71 media/s]

C:\Users\cinti\Downloads\Varredura Instagram>

```

Fonte: *print* do PROMPT

O uso deste tipo de *script* para extrair dados do Instagram é conhecido como *Data Scraping*, que significa raspagem de dados. Após inserir os comandos no PROMPT, recebi o aviso sobre o tempo que duraria a captura das informações. Passado o tempo estimado, busquei as pastas que havia apontado no comando e encontrei todos os arquivos de fotos e vídeos, além de planilhas em Excel com metadados de todos os perfis. Como não há opção de limitar as datas de início e fim da raspagem dos dados, foram coletados todos os dados desde quando os perfis foram criados. Fotos e vídeos são baixados em .jpg e .mp4, respectivamente, com a data em que foram publicados no perfil para facilitar a organização dos dados. Com isso, extraí manualmente das pastas apenas os dados que correspondiam ao recorte temporal da pesquisa.

As planilhas com metadados mostram as seguintes informações de cada publicação: dimensões das fotos e vídeos, URL do *post*, contagem de curtidas dos usuários (*likes*), legenda, número de comentários, marcadores de texto utilizados (*hashtags*, que vêm acompanhadas do símbolo #), data e horário de publicação, e mais uma série de dados que, embora não sejam úteis diretamente para a análise discursiva, foram importantes indicadores sobre a quantidade de informações que são capturadas dos produtores de conteúdo a cada postagem (ID e localização geográfica aproximada de quem fez a publicação, por exemplo).

Figura 3.4: *Print* da planilha de metadados referente ao Instituto Patrícia Galvão

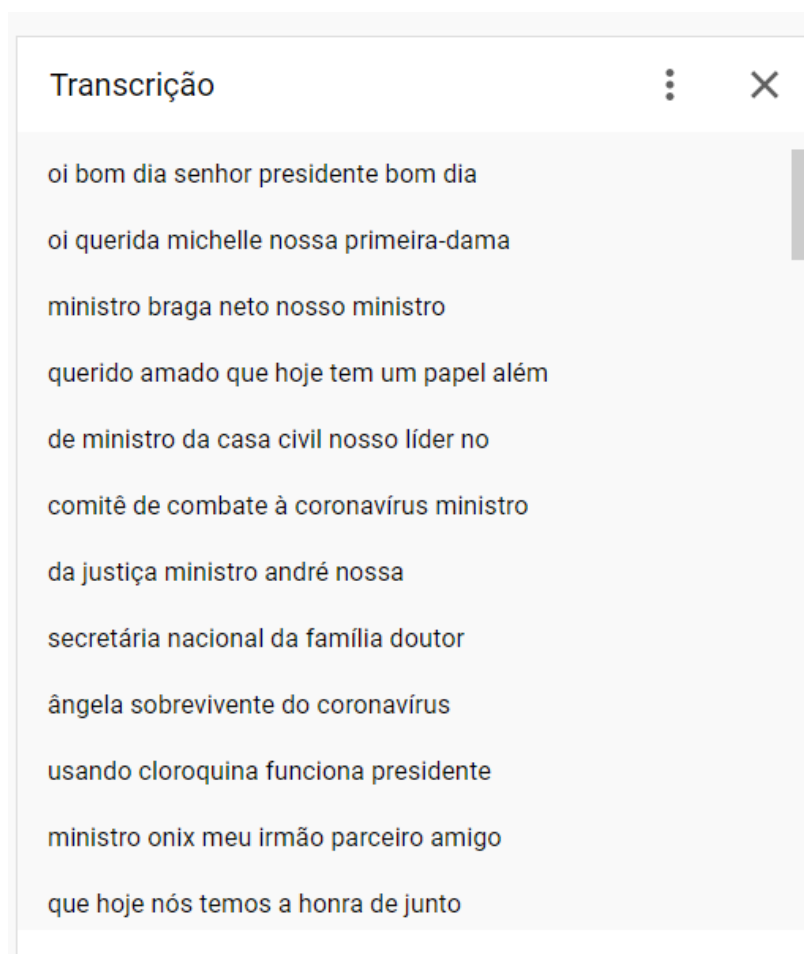
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	
1	typenan	comments	dimension	dimension	display_ur	edge_med	edge_media_to	caption/edges/	edge_med	gating_inf	id	is_video	media_pre	owner/id	shortcode	tags/0	taken_at_1thu
2	GraphSide	false	1080	1080	https://ins	251	Para coibir e punir a violência dc9			23707308	false	86567271	CDmhyajH	14AnosLei	15968331	150	
3	GraphImaj	false	727	1080	https://ins	99	"No dia 6 de agosto de 1985, há 3			23699365	false	ACocqHQ5	86567271	CDjtmf6n1	violenciad	15967384	150
4	GraphVide	false	1139	640	https://ins	20	Após abordar o tema no relatóri 2			23678552	true	ABcqqUVc	86567271	CDcT9bZH		15964903	266
5	GraphSide	false	1080	1080	https://ins	169	Segundo relatório do Fundo Pop0			23677197	false	86567271	CDb1lSkHz	direitossex	15964742	150	
6	GraphImaj	false	750	750	https://ins	161	Há sete anos era sancionada, no 0			23661489	false	ACoqL26e	86567271	CDWP_UP	violenciacc	15962869	150
7	GraphImaj	false	1080	1080	https://ins	82	Terceira maior atividade crimino 1			23649476	false	ACoqy6Kkj	86567271	CDR-1y9HI	DiaMundi	15961437	150
8	GraphSide	false	1080	1080	https://ins	141	Hoje, no Dia da Mulher Negra Le 0			23611384	false	86567271	CDCEuKbn	DiaMulher	15956896	150	
9	GraphSide	false	1080	1080	https://ins	198	Que honra ter uma de nossas pu 9			23599012	false	86567271	CDADbctH	woman	15955421	150	
10	GraphSide	false	1080	1080	https://ins	185	Queremos ver mais exemplos de 1			23589325	false	86567271	CC8nKM6i	BoasComp	15954266	150	
11	GraphVide	false	1333	750	https://ins	59	#BoasCompanhiasFazemDiferen 3			23574806	true	ABcq6aiim	86567271	CC3dDFjm	BoasComp	15952538	266
12	GraphImaj	false	1080	1080	https://ins	34	Principal instrumento normativc 1			23526492	false	ACoqyqSp	86567271	CCmf5-Tn	abusosexu	15946776	150
13	GraphSide	false	1080	1080	https://ins	71	Mais de mil pessoas já assinaran 1			23490273	false	86567271	CCZa-2KH		15942459	150	
14	GraphImaj	false	1080	1080	https://ins	64	via @unfpabrazil: O Sesc e o Fur 8			23482313	false	ACoqtUEEi	86567271	CCWl_74n		15941510	150
15	GraphImaj	false	640	640	https://ins	29	Previsto para ser votado hoje (0 0			23481275	false	ACoqyijL1	86567271	CCWOYkKi	Agricultur	15941386	150
16	GraphImaj	false	480	480	https://ins	62	Elas trabalham de dez e doze ho 0			23446446	false	ACoqgCKV	86567271	CCJ2eoTh	BrequeDo	15937234	150
17	GraphSide	false	1080	1080	https://ins	95	Lançada pela Comissão da Diver: 2			23431393	false	86567271	CCegNQur	direitoslgb	15935439	150	
18	GraphImaj	false	1080	1080	https://ins	191	Hoje celebramos o Dia do Orgull 2			23416487	false	ACoq3TIsY	86567271	CB_NSX1H	orgulholgt	15933663	150
19	GraphVide	false	360	640	https://ins	14	#Repost @sxpoltics • • • • • 0			23395394	true	ACoXhWle	86567271	CB3trvYH	elesnao	15931148	150
20	GraphImaj	false	1080	1080	https://ins	59	A expansão da pandemia da Cov 0			23373290	false	ACoqxwpP	86567271	CBv3FIZnT		15928513	150
21	GraphImaj	false	1080	1080	https://ins	243	Levantamento inédito sobre a vi 4			23352426	false	ACoqzKAK	86567271	CBoctoFH	Covid19	15926026	150
22	GraphImaj	false	1080	1080	https://ins	96	Dados da Secretaria de Seguran 0			23337074	false	ACoqz0Tfr	86567271	CBi_orMH	assediosex	15924196	150
23	GraphImaj	false	1080	1080	https://ins	76	Iniciativa da @revistaazmina, a f 7			23322386	false	ACoqRF3H	86567271	CBdrrQqH	Repost	15922445	150

Fonte: *print* da planilha criada de forma automatizada pelo script *Python*

O segundo *corpus* da pesquisa é composto pelo discurso público proferido pela ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos no dia 15 de maio de 2020, por ocasião do lançamento da Campanha de Conscientização e Enfrentamento à Violência Doméstica, ocorrido no Palácio do Planalto, em Brasília/DF. Como narrado anteriormente, tomei conhecimento deste evento a partir de publicações dos perfis do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e do perfil da ministra desta pasta. A cerimônia foi transmitida ao vivo pela TV Brasil e pelo canal TV Brasil Gov no Youtube, ambos vinculados à Empresa Brasil de Comunicação (EBC), empresa pública que gere as emissoras públicas de rádio e televisão do Poder Executivo Federal. Para ter acesso ao vídeo completo da cerimônia, busquei as palavras-chave “campanha + violência doméstica” no canal TV Brasil Gov no Youtube, que funciona como um repositório tanto de vídeos produzidos pela emissora quanto de transmissões ao vivo realizadas pela TV Brasil.

Para agilizar a transcrição do áudio do vídeo, utilizei a ferramenta “Abrir transcrição” do Youtube, selecionei “Ocultar data e hora” e copiei o texto gerado automaticamente para um arquivo de Word. A partir daí, comecei o processo de revisão de ortografia, pontuação e elaboração de parágrafos. Ao total, a transcrição totalizou 3.606 palavras.

Figura 3.5: Aba da ferramenta de transcrição do Youtube



Fonte: *print* do Youtube.

A heterogeneidade dos dois *corpora* compilados requereu passos metodológicos distintos para dados de diferentes naturezas: as postagens extraídas do Instagram e o discurso proferido pela ministra. Assim como para a coleta, o tratamento dos dados também aconteceu em frentes diversas, respeitando tanto as características quanto a extensão dos dados. Na próxima seção, detalho como foi a abordagem aos textos multimodais analisados na pesquisa.

3.3 Análise dos dados multimodais

Para análise dos dados do primeiro *corpus*, precisei primeiro definir como tratar os dados extraídos da rede social. Os textos multimodais do Instagram são materializados no gênero-suporte (RESENDE, 2017) *post* de rede social, cujas possibilidades e limitações podem variar

de uma rede para outra, mas que também correspondem a um modo relativamente estável de interação na prática social. Há linguagem tanto verbal quanto não-verbal nas postagens coletadas.

Após uma primeira leitura atenta dos dados, em que abordei de forma livre os textos em busca de compreender sua constituição e variações, senti necessidade de me debruçar sobre a compreensão dos dados multimodais coletados na pesquisa, o que chamei de análise do entorno discursivo. Para isso, foram úteis os pressupostos da Semiótica Social, que considera todos os recursos semióticos acionados para a formação de significado. Esta foi a forma como visualizei, em um primeiro momento, os *posts* do Instagram e sua constituição:

Figura 3.6: Representação de visualização de dados no Instagram



Fonte: elaboração própria a partir de dados do Instagram da ONU Mulheres, com base na apresentação da profa. Helen Caple (*University of New South Wales, Australia*) durante Congresso da Associação de Linguística Sistêmico-Funcional da América Latina (ASFAL 2021)

De acordo com a figura 3.6, temos o banner da postagem como texto visual, sua legenda como texto verbal, as *tags* como metadados e ainda o espaço para comentários, constituído de textos verbais e visuais (*emojis*). Todos esses elementos foram o texto multimodal das postagens do Instagram. Para esta pesquisa, decidi me ater ao conteúdo da legenda e dos banners, dispensando metadados e comentários. As *hashtags* foram importantes sinalizadores sobre o conteúdo das postagens no momento da coleta e da análise, mas não foram descritas.

O conteúdo dos vídeos das publicações, assim como os comentários, embora tragam muitas informações relevantes, não foram analisados pela limitação temporal para a realização da pesquisa. No caso dos comentários, os textos não são produzidos pelos perfis – foco de minha análise –, mas elaborados e divulgados pelos seguidores e seguidoras dos perfis, constituindo “reações sociodiscursivas verbais”, na proposta de Maria Carmen Aires Gomes (2022). Desta forma, a pesquisadora propõe “uma categoria analítica descritiva capaz de identificar tipos de comentários reativos produzidos por leitores/as no ambiente de interação virtual” (p. 18).

Nessa fase, também decidi considerar todas as postagens coletadas para a composição final do *corpus*, e já iniciei o mapeamento dos temas principais levantados e iniciei reflexões sobre possíveis categorias analíticas. Na figura 3.7 a seguir, a visualização dos dados que foram considerados para a descrição:

Figura 3.7: Representação de visualização de dados considerados pela pesquisa no Instagram



Fonte: elaboração própria a partir de dados do Instagram da ONU Mulheres.

Com essas escolhas, iniciei o tratamento dos dados propriamente dito, com o desdobramento dos textos multimodais a partir dos dois sistemas semióticos escolhidos para análise: verbal e visual. Primeiro analisei os sistemas separadamente para depois analisar sua integração.

3.3 Descrição e escolhas analíticas para os textos verbais

Para o tratamento dos textos verbais, transcrevi tanto os textos das legendas quanto dos *letterings* (textos verbais sobrepostos às imagens) dos banners, textos verbais que fazem parte da imagem, sendo integrados na mesma composição da publicação, como mostro na figura 3.8:

Figura 3.8: Representação de visualização de dados verbais da pesquisa



Fonte: elaboração própria a partir de dados do Instagram da ONU Mulheres.

Os textos verbais do Instagram são, por natureza e limitação da rede social, muito curtos se compararmos, por exemplo, a textos de portais de notícias. Pensando em como responder à pergunta de pesquisa focada na ação discursiva, senti necessidade de visualizar de forma agrupada os conjuntos de postagens correspondentes a cada um dos cinco perfis. Portanto, mantive a organização da coleta dos dados para iniciar seu tratamento e descrição, quando criei cinco documentos no Word, um para cada perfil.

Todos os textos coletados do Instagram (verbais e visuais) foram analisados de forma estruturada. Nesse tipo de análise, todos os dados são analisados a partir das mesmas categorias e a interpretação é guiada pelas recorrências mais relevantes. Já o discurso da ministra foi analisado em duas fases: uma estruturada e outra sequencial. As abordagens analíticas foram inspiradas na proposta de Resende (2008):

Nas análises mais estruturadas, uma ou poucas categorias foram selecionadas a partir da codificação e então trabalhadas exaustivamente; nas análises mais sequenciais, a análise não partiu da definição prévia de categorias a serem exploradas a fundo, mas

foi conduzida de modo mais livre, incorporando diversas categorias à medida em que a análise se desenvolvia, isto é, apliquei uma estratégia mais sequencialmente dirigida. Nesses casos, utilizei uma aproximação menos estruturada em categorias analíticas específicas e mais ancorada em uma abordagem integral dos recortes; busquei realizar a análise desses recortes de modo sequencial, procedendo à aplicação de diversas categorias, de modo menos pré-definido, à medida que as categorias mostravam-se mais relevantes em cada trecho do recorte. (p. 140)

Importante ressaltar que as categorias foram elegidas após várias leituras atentas dos textos e discussões em grupo de pesquisa, tendo sempre em mente o que eu queria conhecer sobre o problema social estudado, diante das possibilidades dos dados coletados.

As categorias que guiaram a análise estruturada dos textos verbais no Instagram e também do discurso proferido pela ministra do MMFDH foram: estrutura genérica (movimentos retóricos), funções de fala e intertextualidade, ligadas ao significado acional; e representação de ação social, representação de atores sociais e interdiscursividade, do significado representacional. Todas essas categorias têm como base os inventários de Fairclough (2003) e van Leeuwen (2008), que destacarei a seguir.

Após a análise estruturada do texto do discurso da ministra do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, percebi que ainda havia potencial analítico a ser explorado e decidi fazer uma análise sequencial, mais fina, nesse texto e nos cartazes apresentados pela ministra durante o evento que lançou Campanha de Conscientização e Enfrentamento à Violência Doméstica 2020, em que outras categorias analíticas surgiram a partir das pistas que eu já tinha da análise estruturada; entre elas destacou-se a legitimação.

a) Estrutura genérica/movimentos retóricos

A categoria estrutura genérica busca responder a perguntas sobre a ação dos textos no mundo. A subcategoria movimentos retóricos foi aplicada em conformidade com a proposta de Nair Rabelo (2019), tornando possível identificar a segmentação dos textos nas ações discursivas dos perfis, chegando aos objetivos principais e direcionamentos argumentativos dos mesmos. Ao analisar a estrutura genérica de *posts* da rede social Twitter sobre um caso de estupro coletivo no Rio de Janeiro, a autora tomou conjuntos de *tweets* como “uma macro-organização textual”. Por conta das peculiaridades do gênero situado *post* em rede social (textos curtos, diretos e, no caso do Instagram, publicados juntamente com algum arquivo de imagem ou vídeo), Rabelo considerou adequado “perceber não a realização da categoria discursiva

estrutura genérica de cada *post*, mas, sim, a realização de movimentos retóricos em grupos de *posts* elencados” (p. 63). A partir dessa compreensão, ela propõe identificar tipos distintos de ações discursivas que comporiam os movimentos retóricos de cada conjunto de publicações analisado.

O modelo criado por Rabelo para analisar os dados do Twitter se mostrou eficiente também para ser adaptado aos dados de minha pesquisa no Instagram. Embora o limite de caracteres do Twitter (280) seja bem inferior ao limite do campo de legenda do Instagram (2.200), os perfis selecionados para análise adotam como prática comunicacional legendas de tamanhos curtos e médios, aderindo assim ao direcionamento que aponta que postagens com legendas menores apresentam maior índice de engajamento do público (curtidas, comentários e compartilhamentos). Dessa forma, para analisar a estrutura genérica (movimentos retóricos) dos dados, temos cinco macro textos correspondentes aos perfis: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos; Ministra Damares Alves; ONU Mulheres, Instituto Patrícia Galvão e Instituto Geledés. Primeiro mapeei os principais esforços discursivos realizados por cada macro texto utilizando cores de realce diferentes no documento do Word, um para cada tipo de movimento. Depois, analisei os movimentos de cada perfil ao longo do tempo com a criação de gráficos.

A subcategoria movimentos retóricos também foi aplicada na análise do discurso da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos para identificar como o texto se estrutura em termos acionais.

b) Funções de fala

Essa categoria me indicou quais as funções de fala presentes nos textos, dentre trocas de atividades e trocas de conhecimento. Essa descrição me mostrou mais sobre as estratégias comunicativas materializadas nos textos.

Depois dessa descrição, senti necessidade de identificar também para quem as interpelações eram direcionadas. Assim, mapeei para quem os textos estavam direcionando suas demandas, ofertas, afirmações e perguntas, encontrando também mais pistas sobre o esforço discursivo empregado por cada perfil.

Depois desse mapeamento, sintetizei a quantificação numa planilha do Excel para encontrar as recorrências (ver Apêndice II).

c) Intertextualidade

Com essa categoria, levantei as vozes trazidas para dialogar junto à voz autoral dos textos, seja de forma direta ou indireta. Após destacar os trechos de articulação de vozes externas nos textos no Word, elaborei tabelas para quantificar e visualizar esse material. Nesse processo, percebi potencial para ajudar a responder não só a perguntar de pesquisa ligada à ação discursiva dos perfis, mas também sobre a representação da violência doméstica.

d) Interdiscursividade

A categoria de interdiscursividade nos mostra a que discursos os textos se filiam, sinalizam aproximação ou afastamento. A interdiscursividade pode mostrar também contradições, que podem implicar mudanças de forma de ver o mundo de determinados atores sociais ou grupos representados.

e) Representação de ações sociais

Para esta categoria, utilizei subcategorias da representação de eventos sociais de Fairclough (2003) e representação de ações sociais de van Leeuwen (2008), somadas a uma análise temática direcionada para levantar pistas sobre o que é violência doméstica para os perfis analisados. Em uma planilha de Excel (ver Apêndice II), agrupei informações sobre: o nível de abstração como o problema social é tratado (concreto, generalizado ou abstrato); os modos de referências (nominalização); argumentos que constroem, justificam e explicam esse tipo de violência; argumentos que apontam obstáculos para o enfrentamento do problema; e argumentos que apontam soluções para superar o problema.

f) Representação de atores e atrizes sociais

A categoria representação de atores e atrizes sociais de van Leeuwen (2008) foi utilizada de forma parcial, de acordo com a síntese feita por Fairclough (2003), e também inspirada na análise feita por Ingrid Ramalho (2020), em sua dissertação que investiga a representação de pessoas em situação de rua no jornalismo *online*. Criei uma planilha de Excel para reunir a

descrição dessa categoria, com uma aba para cada perfil. Na primeira coluna de cada aba, inseri os trechos em que os participantes apareciam, seguida de colunas com os seguintes descritores: referência, ativação/passivação, nomeada/classificada; classificada de forma específica/genérica (ver Apêndice II).

g) Legitimação

O inventário de van Leeuwen (2008) sobre a construção discursiva da legitimação foi utilizado com foco nas subcategorias legitimação por autoridade e na avaliação moral, que se mostraram necessárias ao analisar o discurso proferido pela ministra do MMFDH. Com isso, pude identificar quando a ministra se utilizou da sua autoridade institucional para transmitir informações não inteiramente verdadeiras e também fez avaliações baseadas em valores morais em seu discurso. Tomei como base as análises feitas por Kárin Ventura (2021), que analisou, em sua dissertação de mestrado, a representação de feminicídio no jornal *Correio Braziliense*.

3.4 Descrição e escolhas analíticas para os textos visuais

Após a primeira abordagem aos dados e a descrição dos textos verbais de acordo com as categorias apontadas na seção anterior, iniciei a abordagem às imagens separadamente, a fim de encontrar regularidades nos modos de representar, de interagir e de compor visualmente nas postagens dos cinco perfis selecionados. Na figura abaixo, indico o que considerei das postagens neste momento da pesquisa:

Figura 3.9: Representação de visualização de dados visuais da pesquisa



Fonte: elaboração própria a partir de dados do Instagram da ONU Mulheres

Nessa fase, ao perceber que ilustrações com características semelhantes teriam maior potencial de responder às perguntas da pesquisa se analisadas em conjunto, dividi as imagens em três grupos, conforme quadro 3.3, a seguir:

Quadro 3.3: Grupos de imagens analisados na pesquisa e quantidade de imagens.

Nome	Descrição	Quantidade
Grupo 1	Todas as imagens coletadas dos cinco perfis analisados	131
Grupo 2	Imagens com fotos com representação de mulheres em situação de violência doméstica dos cinco perfis analisados	42
Grupo 3	Banners de divulgação da Campanha de Conscientização e Enfrentamento à Violência Doméstica 2020	4

Fonte: elaboração própria.

A Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2021) propõe uma descrição para organizar informações visuais em textos. No quadro 3.4 a seguir, resumo quais categorias deste arcabouço utilizei na descrição dos dados da pesquisa de acordo com os grupos de imagens.

Quadro 3.4: Escolhas analíticas para descrição de imagens de acordo com as metafunção da Gramática do Design Visual.

Metafunção	Categorias	Subcategorias	Grupos
Composicional	Valor Informativo		Grupo 1
	Saliência		
	Estruturação		
Representacional	Narrativa	Ação, reação, verbal, mental	Grupo 3
	Conceitual	Analítico, simbólico	Grupo 2
Interacional	Contato Distância Perspectiva		Grupo 2

Fonte: elaboração própria.

O grupo 1, que traz todas as imagens coletadas do Instagram, foi analisado a partir das três categorias da metafunção composicional para auxiliar a minha compreensão sobre como as imagens eram compostas de forma geral. Já o grupo 2, que compreende as imagens com mulheres representadas, foi descrito a partir dos processos analíticos e simbólicos (metafunção representacional), e das categorias contato, distância e perspectiva (metafunção interacional) de forma a buscar responder, principalmente, as perguntas sobre a representação da violência doméstica, das mulheres em situação de violência e de seus agressores. O grupo 3 foi descrito a partir dos processos narrativos, da metafunção representacional, que focam no que está acontecendo com os participantes nas imagens.

Para compilar os dados das análises visuais, criei uma planilha de Excel (ver Apêndice I para planilha completa) com duas abas diferentes: uma para a metafunção composicional e outra para os aspectos representacionais e interacionais dos dados. A seguir, *print* do cabeçalho da planilha do Grupo 1 com as colunas referentes às subcategorias utilizadas para descrição. Considerei importante inserir miniaturas das imagens na planilha para o processo de descrição e análise dos dados ser mais dinâmico.

Figura 3.10: Planilha de descrição de imagens de acordo com as categorias de preparação e metafusão composicional

Mídia	CATEGORIAS DE PREPARAÇÃO					COMPOSICIONAL		
	Ilustração e texto	Mulheres em situação	Agressores	Gestores e figuras públicas	Outros atores	Local do participante	Local do Texto	Saliência
				x		esquerda	direita	Texto: Géledes
	x					x	centro	Texto: Ação
	x					esquerda	direita	Texto: PLPS EM AÇÃO!
	x					direita	esquerda	Texto: VIOLÊNCIA FÍSICA

Fonte: elaboração própria.

a) Categorias de preparação

De acordo com a figura 3.10, as primeiras colunas criadas nesta tabela foram de categorias de preparação, que avalei importantes para identificar do que tratam as imagens: imagens somente com ilustração gráfica (sem foto) e texto; com a fotografia de mulheres sendo representadas como em situação de violência; com a fotografia de possíveis agressores sendo representados; com a presença de gestores e figuras públicas; e com a presença de outros atores e atrizes sociais. A partir destas primeiras descrições, separei as imagens que traziam representação de mulheres em situação de violência e agressores em sua constituição para formar o Grupo 2 e também serem descritas de acordo com a metafusão representacional.

b) Categorias do significado composicional

Já com a descrição das categorias correspondentes ao significado composicional (local do texto, local do participante, saliência), pude compreender melhor o esforço comunicacional da prática

discursiva analisada e as formas de agir dos perfis selecionados para falar sobre o aumento da violência doméstica logo nos primeiros meses de pandemia no Brasil. Todas as imagens do Grupo 1 (131) foram analisadas a partir destas categorias. Importante ressaltar que a maioria das imagens trazia também textos em sua constituição, conforme figura 3.11 a seguir.

Figura 3.11: Representação da composição verbo-visual das imagens







Fonte: elaboração própria, com imagem do MMFDH

Com o exercício de descrição, já foi possível confirmar que, no Instagram, o visual e o verbal não apenas existem lado a lado (acima e abaixo, no caso da Figura 3.11), mas se complementam, e há uma variação sobre os papéis que texto e imagem cumprem em cada publicação. As imagens, muitas vezes, foram utilizadas como mero apoio ilustrativo. Mas também carregam consigo o peso informacional de comunicar sobre o que está sendo falado, sobre quem se está falando, e aspectos e sensações importantes sobre o conteúdo global de cada *post*. Esta forma tão peculiar como imagem e texto formam um corpo discursivo no Instagram afeta diretamente como o conteúdo é lido e consumido, assim como as possibilidades de análise.

c) Categorias do significado representacional

No *print* a seguir, mostro a organização feita em planilha de Excel (ver Apêndice I para planilha completa) para compilar a descrição dos dados a partir das categorias das metafunções representacional e interacional.

Figura 3.12: Planilha de descrição de imagens de acordo com as categorias de preparação e metafunção composicional

Mídia	REPRESENTACIONAL				INTERACIONAL		
	CONCEITUAL						
	Raça	Faixa etária	Classe	Processos	Contato	Distância social	Perspectiva
	Branca	Adulta	Média	Comportamental	Oferta	Aberto	Frontal
	Branca	Adulta	Média	Simbólico	Oferta	Médio	Frontal
	Negra	Adulta	Média	Material e verbal	Oferta	Médio	Oblíquo
	Branca	Adulta	Média	Simbólico	Oferta	Aberto	Câmera alta

Fonte: elaboração própria.

Conforme a figura 3.12, nas colunas referentes à categoria conceitual analítica, criei os descritores para aspectos referentes a raça, faixa etária e classe das mulheres representadas nas imagens. Com esta descrição, busco responder à pergunta sobre a representação das mulheres em situação de violência doméstica.

A coluna nomeada como “Processos”, dentro da guarda-chuva “Simbólico”, foi inicialmente criada para descrever que tipo de processo acontecia na imagem. Destaquei os banners da Campanha de Conscientização e Enfrentamento à Violência Doméstica 2020 para serem analisados separadamente após a percepção dos mesmos processos nas imagens e o potencial de uma análise fina posterior. Essas imagens foram divulgadas tanto no evento que marcou o lançamento da campanha, realizado no dia 15 de maio de 2020, quanto nos perfis do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e da ministra à frente da pasta.

d) Categorias do significado interacional

As categorias contato, distância social e perspectiva, que também aparecem na planilha da Figura 3.12, trouxeram informações sobre a interação das pessoas em situação de violência com quem lê a imagem (observador, nos termos da GDV), como estes participantes demandam e ofertam informações e outras pistas. Essas descrições foram importantes também para auxiliar a responder sobre as formas de representação das mulheres em situação de violência nas publicações.

3.5 Análise intersemiótica, macroanálise e análise fina

Após a descrição e análise dos textos verbais e visuais com as categorias relacionadas aos significados e funções dos dois sistemas semióticos, analisei a relação intersemiótica dos textos verbais e textos visuais a partir das categorias Composição e Ligação de Informação (subcategorias: Elaboração e Extensão) propostas por van Leeuwen (2005). Com as categorias da Semiótica Social, pude compreender as relações entre os dois sistemas e como eles operam no processo de criação de significado social, o grau de especificação e explanação das informações, assim como as similaridades, contrastes e complementaridades estabelecidos.

Após percorrer esse caminho, em que me vali de descrição e análises já comentadas, iniciei a macroanálise multimodal dos dados, ancorada em minhas perguntas de pesquisa, que é o que trago no próximo capítulo, junto com uma análise fina (capítulo 5). Essa foi a sequência cronológica em que as análises finais ocorreram.

A análise trazida para a dissertação se diferencia das análises dos sistemas em separado porque reconhece a complexidade multimodal dos textos e busca a interpretação das análises. Assim, dividi a macroanálise em três seções, cada uma referente à uma pergunta de pesquisa. Com isso, de forma mais estruturada, busquei responder a cada pergunta desta forma: 1) resposta mais geral, a partir das recorrências encontradas nos *corpora* como um todo; 2) respostas mais específicas, a partir das recorrências de cada perfil do *corpus* 1, sempre trazendo exemplos-chave para esta compreensão; 3) respostas tematizadas, em que discuto o que me chamou atenção nos achados.

Assim, parte das descrições e análises feitas nos sistemas separadamente não aparece na macroanálise, mas foram fundamentais para as análises-piloto que compartilhei com meu

grupo de pesquisa Acolhética, para o capítulo parcial analítico que submeti para a Qualificação da pesquisa, para a apresentação em eventos científicos, como o Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED), para a elaboração de artigos finais em disciplinas que cursei durante o mestrado na Universidade de Brasília (UnB) e também para um artigo publicado. Faço essas referências para ressaltar o quão útil foi para mim compartilhar meus exercícios analíticos em grupo e iniciar uma relação com os dados mesmo quando ainda estava assimilando as teorias. Aliás, somente com muita experimentação pude assimilar as teorias para, depois de mais segura, poder testá-las.

No quadro 3.5 a seguir, sintetizo as escolhas para o desenvolvimento das análises dos *corpora*. Essas escolhas têm como base as questões ontológicas, epistemológicas e metodológicas do percurso investigativo.

Quadro 3.5: Escolhas analíticas: perguntas de pesquisa, perguntas de análise e recursos analíticos

Perguntas de pesquisa	Perguntas de análise	Recursos analíticos
Como perfis no Instagram do campo social dos direitos humanos das mulheres reagiram diante da escalada da violência doméstica durante a pandemia de covid-19?	<ul style="list-style-type: none"> - Quais ações discursivas as postagens (texto e imagens) materializam? - O que os textos fazem? - Como as imagens são compostas? 	<ul style="list-style-type: none"> - Movimentos retóricos - Funções de fala - Função composicional (GDV)
O que é violência doméstica para esses perfis?	<ul style="list-style-type: none"> - Como a violência doméstica é construída e explicada? - Como a violência doméstica é caracterizada, avaliada e julgada? - Quem é chamado para falar sobre o problema? - O enquadramento dado ao assunto buscou explicar as origens do problema social a fim de superá-lo? 	<ul style="list-style-type: none"> - Intertextualidade - Representação de problema social - Legitimação - Interdiscursividade
Como as mulheres em situação de violência e os agressores foram representados no Instagram e no discurso da ministra?	<ul style="list-style-type: none"> - As mulheres em situação de violência e os agressores são representados de forma ativa/passiva, individual/coletiva nos textos e imagens? - O que as mulheres e os agressores fazem nos textos e imagens? - Como as mulheres e agressores interagem entre si nas imagens e com quem lê? 	<ul style="list-style-type: none"> - Representação de atores sociais - Legitimação - Função representacional (GDV) - Função interacional (GDV) - Interdiscursividade

	<ul style="list-style-type: none">- Como os textos descrevem e fazem referência às mulheres e aos agressores?- Quais atributos mulheres e agressores têm nas imagens?- Os modos de referência e os atributos das mulheres refletem os múltiplos atravessamentos de estruturas sociais?- Quais discursos são invocados nos textos?	
--	--	--

Fonte: elaboração própria.

CAPÍTULO 4. AÇÃO E REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO INSTAGRAM

Neste capítulo, trago as análises do *corpus* 1, que corresponde aos textos multimodais dos seguintes perfis do Instagram: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (@mdhbrasil - MMFDH) e da ministra Damares Alves (@damaresalvesoficial1), no âmbito do poder público, especificamente o Poder Executivo Federal; ONU Mulheres (@onumulheresbr), para representar a voz de um organismo internacional na discussão; Instituto Patrícia Galvão (@ipatriciagalvao) e Geledés Instituto da Mulher Negra (@portalgeledes), como organizações da sociedade civil organizada nacional reconhecidas pelo trabalho realizado no campo social dos direitos humanos para as mulheres. Cada uma das três seções deste capítulo busca responder a uma pergunta de pesquisa. Assim, temos a seguinte divisão: 4.1) Como os perfis reagiram discursivamente diante da escalada da violência doméstica durante a pandemia de covid-19?; 4.2) O que é violência doméstica para os perfis?; 4.3) Como mulheres em situação de violência e agressores foram representados no Instagram?

O recorte temporal é de publicações entre março e julho de 2020. A pluralidade de vozes é um esforço investigativo na expectativa de buscar respostas diversas, já que os grupos de fala correspondem a instituições que têm missões e interesses próprios, assim podendo ser comparados seus modos de agir e representar discursivamente.

4.1 Como os perfis analisados reagiram discursivamente diante do aumento da violência doméstica contra mulheres durante a pandemia de covid-19?

Nesta primeira seção do capítulo analítico, busco responder à pergunta sobre a ação discursiva nos textos, investigando como as vozes analisadas reagiram discursivamente diante do aumento da violência doméstica contra mulheres durante a pandemia. Para mapear esse esforço discursivo, analiso as possibilidades e limitações do gênero-suporte, o *layout* dos *posts*, as ações discursivas materializadas nos textos (verbais e visuais) e quem interpelam. As categorias analíticas norteadoras foram: estrutura genérica/movimentos retóricos e funções de fala (ECD); valor informativo, saliência e estruturação (GDV); e composição e link de informação/subcategorias: Elaboração e Extensão (Semiótica Social).

Os cinco perfis analisados estão ligados ao campo social dos direitos humanos das mulheres e agem não somente nas redes sociais, mas em ações materiais no mundo. Ao analisar suas ações discursivas, reconheço que essas instituições têm controle relativo sobre como agir discursivamente e sobre o que está sendo discutido em suas publicações. Portanto, busco analisar como esse poder foi direcionado e utilizado ao se manifestar nos textos multimodais no Instagram, na conjuntura do aumento de casos de violência doméstica contra mulheres durante a pandemia de covid-19.

Os textos analisados nesta seção materializam o gênero-suporte *post* de rede social. Esse gênero-suporte relativamente “novo” se estabeleceu a partir do surgimento de uma nova prática social: a produção de conteúdo digital para redes sociais, primariamente discursiva e multimodal. As possibilidades e limitações estabelecidas pelo Instagram buscam moldar estrategicamente o gênero para construir engajamento e promover interação entre usuáries e usuáries e os perfis. Sua interface sofreu diversas atualizações desde que foi lançado, aumentando gradativamente as funcionalidades oferecidas com o passar dos anos.

O suporte possibilita diversas ações e tipos de interações para usuáries e usuáries, sejam produtoras/es de contas profissionais ou pessoais. A partir da criação de uma conta na rede social, é possível divulgar textos verbais, visuais e audiovisuais; editar e compor textos visuais e audiovisuais; inserir trilha sonora, filtros, *gifs*, localização e outros dados e elementos gráficos nas composições. Nas interações, é possível curtir, compartilhar e comentar nas publicações; responder e curtir comentários das publicações; responder perguntas e enquetes; enviar mensagens privadas; acessar área de vendas de perfis comerciais; entre outras.

Esse suporte não possibilita, por exemplo, que se crie postagem para ser publicada em conta de outro perfil, ou que se apaguem comentários ou outros conteúdos que não os seus próprios. Mas há uma função disponibilizada a usuáries e usuáries para denunciar conteúdos ofensivos e criminosos e, a partir da avaliação do próprio Instagram, uma postagem ou uma conta podem ser, respectivamente, apagadas ou suspensas.

Com relação ao acesso, o Instagram está disponível em duas versões: *mobile* (em dispositivos móveis, como celular e *tablet*) e *web* (em computadores com acesso à internet). Nos dois casos, constatamos que as imagens estão localizadas em um lugar de destaque em relação aos textos verbais, conforme *prints* abaixo:

Texto 1



Curtido por clarinha511 e outras pessoas

portalgeledes Geledés está articulando sua rede de Promotoras Legais Populares-PLPs, agentes multiplicadoras de cidadania, isto é, são mulheres comprometidas com suas comunidades e com a sociedade, que escutam, orientam, dão conselhos e auxiliam as mulheres no acesso à justiça e aos serviços de defesas de seus direitos.

No contexto do coronavírus no Estado de São Paulo, as PLPs atuarão no levantamento de dúvidas e necessidades das mulheres das comunidades periféricas no acesso aos benefícios públicos; sobre as ações de solidariedade em suas comunidades e regiões; informação sobre violência doméstica e

Capturada de tela do celular

Texto 2



Captura de tela de navegador da Internet em computador

Na versão *mobile* (à esquerda), a imagem vem acima da legenda, o que significa que quem estiver acessando sua linha do tempo no Instagram a partir de seu celular, por exemplo, vai visualizar primeiro a imagem (ou vídeo) da postagem para, depois de mais uma rolagem com o dedo na tela, conferir a legenda. Já na versão *web* (à direita), a imagem fica à esquerda. De acordo com a Gramática do Design Visual, os recursos semióticos localizados na parte de cima das composições de alongamento vertical estão em um lugar de privilégio, pois seriam os mais importantes do texto. Já os elementos localizados à esquerda das composições com alongamento horizontal estão no lugar considerado o ponto de partida da leitura. Nos dois tipos de alongamento temos, então, as imagens sendo privilegiadas e orientando o consumo de informações a partir de sua localização, o que está em conformidade com a premissa do Instagram de ser um aplicativo, desde sua origem, com foco no apelo visual.

Após esta breve caracterização de como o gênero discursivo é moldado pelo Instagram e opções de acesso do gênero-suporte, foco no esforço discursivo dos perfis. De forma geral,

os perfis mostraram de forma direta quais movimentos discursivos priorizaram ao longo do período coletado, e se diferenciam, em maior ou menor grau, com relação ao uso e integração dos recursos semióticos acionados em suas ações discursivas.

Com relação à integração de texto e imagem (legendas das publicações e banners), a maioria das publicações é caracterizada pela coerência entre as informações trazidas e pelo equilíbrio entre informações gerais e informações específicas entre os sistemas semióticos. Com isso, temos desde postagens em que a maior parte das informações específicas está nas legendas até postagens sem legendas, apenas com os banners sendo responsáveis por transmitir toda a informação, conforme os dois exemplos a seguir (Texto 3 e Texto 4).

Na primeira (Texto 3) postagem que utilizo como exemplo, do perfil do Instituto Geledés, a imagem foi utilizada para sinalizar o assunto principal da publicação: as PLP (Promotoras Legais Populares) e sua operacionalização durante a pandemia. É utilizada somente a sigla da iniciativa no banner, o que indica que o Portal Geledés já filtra a interlocutora ou interlocutor a partir do conhecimento ou não dessa iniciativa. O nome por extenso e todas as outras informações são encontradas na legenda.

Texto 3



Fonte: reprodução Instituto Geledés

Já no segundo exemplo (Texto 4), retirado do perfil oficial da ministra, temos uma legenda curta “Ninguém fica para trás”, lema utilizado pelo governo federal em campanhas no início da pandemia e reforçado por integrantes do governo e apoiadores em suas manifestações públicas. Ainda na parte dedicada à legenda, há a marcação de três perfis – o presidente da República, a primeira-dama e a Secretária Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Há ainda uma série de *hashtags* que também não sinalizam o assunto tratado no post, mas que serão úteis para o mecanismo de busca dentro do próprio aplicativo por quem está interessado em saber mais sobre as ações do governo, centradas na figura do presidente e da ministra.

Texto 4



Fonte: reprodução ministra MMFDH

É na imagem que está o assunto principal tratado pelo perfil: o lançamento do disque denúncia com atendimento em libras. Assim, a postagem apresenta a estratégia tanto de informar a iniciativa específica quanto de reforçar a mensagem geral do governo nessa conjuntura de pandemia.

Em relação ao uso de recursos semióticos na elaboração de imagens das publicações, percebi muitas similaridades nos aspectos composicionais das peças, com *layouts* pré-estabelecidos para tipos de publicações com o mesmo objetivo comunicacional ou para grupos

Texto 8



Exemplo de banner publicitário
(Fonte: reprodução perfil ministra)

Texto 9



Exemplo de fotos de eventos
(Fonte: reprodução MMFDH)

Texto 10



Exemplo de reprodução de *prints*
(Fonte: reprodução perfil ministra)

Destaco que as imagens categorizadas como correspondendo a banco de imagens não tiveram sua origem rastreada porque seria um esforço de investigação que não traria tantas informações úteis para minhas perguntas, por isso o esforço foi em refletir sobre as características recorrentes dessas imagens e sobre o poder que uma produtora ou produtor de conteúdo digital tem em mãos ao escolher uma imagem que sintetize todos os atributos que busca apresentar ou não por meio do texto visual. Voltarei a discutir sobre banco de imagens ainda nessa seção, ao tratar de achados específicos dos perfis.

Há apenas dois banners compostos por fotos sem a complementação de *lettering* e outros elementos gráficos em sua composição. Há presença de texto verbal compondo a maioria (129/131) das imagens publicadas nos perfis, o que reforça que a multimodalidade ganha contornos complexos nos dados. Visual e verbal não apenas se complementam, mas são imbricados no aspecto composicional das imagens.

Com relação ao formato dos textos verbais, a opção, na maior parte das publicações, é por textos curtos, com informações objetivas e diretas, seguindo o que orientam as boas práticas de produção de conteúdo digital, em que o foco é ampliar a difusão das principais mensagens priorizadas pelos perfis. Essa característica contribuiu para a análise do esforço discursivo empregado, em que mapeei sete principais movimentos realizados nas publicações dos cinco perfis entre março e julho de 2020: 1) posicionamento (17); 2) mobilização (7), 3) divulgação de canais de denúncia (40), 4) conscientização (12), 5) notícia (3), 6) divulgação de ação institucional (30) e 7) registro de repercussão da mídia (6). Embora mais de um movimento

discursivo possa ser registrado na mesma postagem, elenquei o que mais recebeu ênfase nos textos verbais e nas imagens.

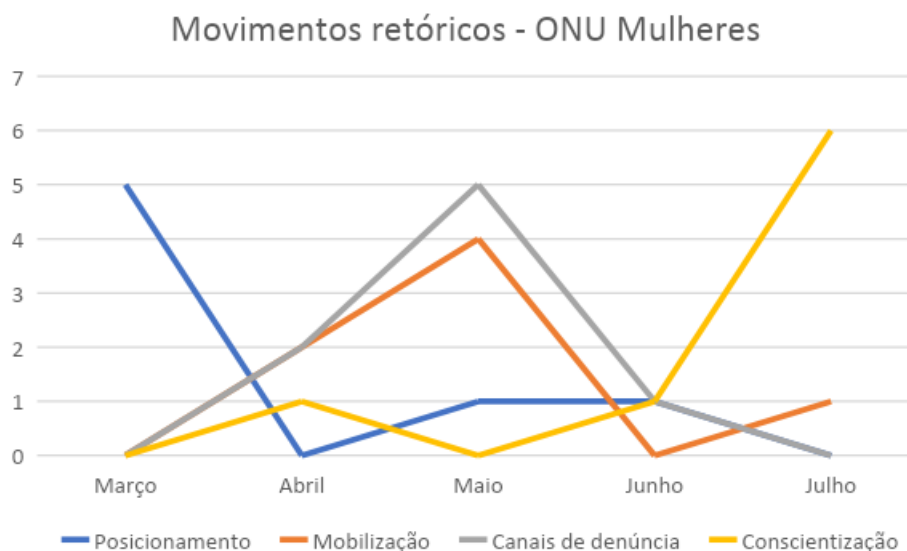
Esse esforço discursivo dos perfis recorreu às funções de fala afirmação (126), demanda (101), pergunta (12) e oferta (4). As ocorrências foram mapeadas por postagem, portanto, uma mesma postagem poderia apresentar uma ou mais funções de fala. As trocas de informações e de atividade são direcionadas a interlocutoras e interlocutores específicos, que são interpelados em maior ou menor grau. O mapeamento mostrou a interpelação dos seguintes grupos em postagens: geral (72), com a presença de interlocutor inespecífico; testemunhas (2); mulheres (10); homens (2); geral e empresas (1); geral e testemunhas (11); geral, testemunhas e mulheres (12); geral, magistrados, testemunhas e mulheres (1); geral e mulheres (14); testemunhas e mulheres (3).

Sabendo que esse panorama geral apresentado em dados numéricos é bastante abstrato, passo a debater os achados a partir das recorrências de dados de cada perfil.

4.1.1 ONU Mulheres

No perfil da ONU Mulheres, identifiquei quatro tipos de ações discursivas: 1) posicionamento (7), com postagens em que predominam declarações e proposições institucionais; 2) mobilização (7), reunindo postagens em que há registro e estímulo a ações para que a questão da violência doméstica seja debatida, como a divulgação de eventos *online*; 3) canais de denúncias (8), em que o objetivo comunicacional principal do texto é divulgar os canais de denúncia para mulheres em situação de violência doméstica; 4) conscientização (8), em que são ordenadas informações para a melhor compreensão do problema social abordado.

Figura 4.1: Gráfico de movimentos retóricos do perfil ONU Mulheres no Instagram



Fonte: elaboração própria.

Conforme a Figura 4.1, o organismo internacional priorizou comunicar seu posicionamento sobre o assunto da violência doméstica contra mulheres no início do período de coleta, depois passou a publicar *posts* de mobilização e de promoção dos canais de denúncias e, ao final do período analisado, o foco eram os textos com a ação de conscientização.

Ao comunicar seu posicionamento, o perfil se utilizou, na maioria das vezes, de oferta de informação seguida de demanda por atividade, como no exemplo abaixo.

Texto 11

Como prevenir a violência contra as mulheres e meninas em tempos de crise?

A pandemia do COVID-19 pode dificultar o acesso a serviços essenciais que respondam à violência doméstica e outras formas de violência contra as mulheres e meninas.

Solicitamos aos governos para fortalecer os mecanismos de resposta à violência de gênero.

#RespostaCOVID19 #coronavirus

onumulheresbr • Following

onumulheresbr 126 milhões de mulheres na América Latina e Caribe trabalham no setor informal. Solicitamos aos governos que incorporem medidas de compensação para as trabalhadoras informais para manter a geração de renda das mulheres mais afetadas. #coronavirus #COVID19 #RespostaCOVID19

77 w

390 likes

MARCH 25, 2020

Add a comment... Post

Fonte: reprodução OU Mulheres

Esse movimento de trazer novas informações e, em seguida, interpelar para que ações sejam tomadas revela uma estratégia comunicacional que busca uma maior troca e engajamento com a audiência. O organismo formula perguntas e, em seguida, oferece respostas também com efeito de maior ritmo dos textos verbais. Nessas trocas de informação e de atividades, a maioria das mensagens foi direcionada à população em geral (31), seguida de testemunhas de violência contra mulheres (7) e governo (6). Somente duas publicações interpelavam diretamente mulheres vítimas de violência doméstica para que fizessem denúncias.

Na publicação, a ONU interpela os “governos” para que incorporem medidas de compensação para as trabalhadoras informais, a fim de manter a renda das mulheres mais afetadas. O uso do plural para se referir ao governo foi uma escolha em todas as recorrências desse participante, aumentando a generalização da responsabilidade pelas ações, já que assim engloba os governos federal, estaduais e municipais. Já no banner, o assunto tratado é violência doméstica e mecanismos de respostas à violência de gênero. É a compreensão dos problemas multidimensionais que afligem principalmente as mulheres durante a pandemia.

Com esse mapeamento, encontrei achados relevantes da ONU Mulheres como ator especializado e capaz de formulações sobre ações de combate à violência doméstica e de gênero, como a inauguração de canal de denúncia, em parceria com outros órgãos, para que esse tipo de crime seja denunciado. A ONU Mulheres também planejou e promoveu eventos *online*, com a presença de participantes especializados e de origens diversas (representantes de instituições, movimentos sociais e atrizes com grande popularidade), para promover debates sobre a violência doméstica no contexto de pandemia, atuando, assim, como um mobilizador relevante para amplificar informação sobre esse contexto vivido durante a pandemia por mulheres brasileiras.

Com relação ao uso dos recursos visuais em suas composições, o perfil foi o que utilizou de forma mais diversa e criativa os recursos semióticos, com maior variação de *layout* e de peças produzidas pela organização, o que pode indicar maior emprego tanto de recursos financeiros quanto de mão de obra qualificada para esta finalidade em comparação com os outros perfis. Predominou a disposição horizontal das informações nas imagens, com maior recorrência de fotos ilustrando o lado direito das composições, como encontrado abaixo.

Texto 12



Fonte: reprodução ONU Mulheres

Texto 13



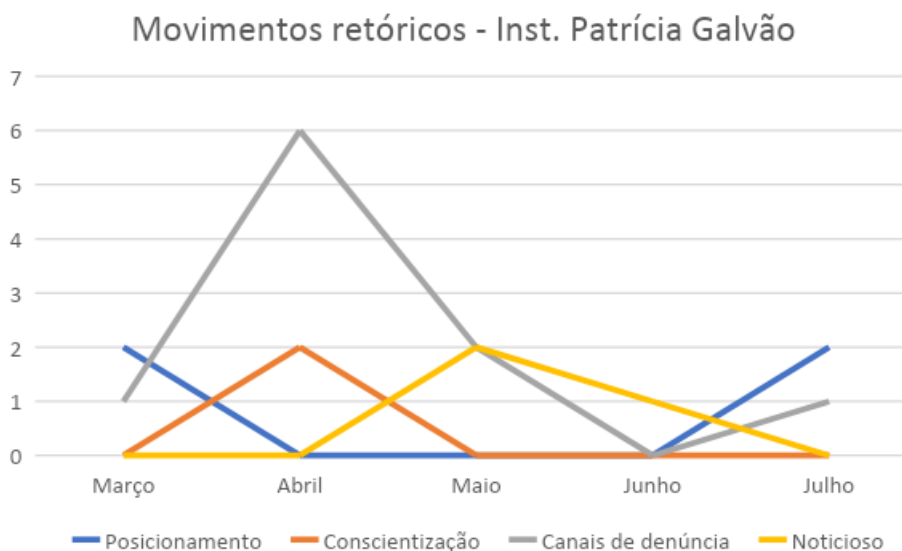
Fonte: reprodução ONU Mulheres

Essas figuras fazem parte de uma série de publicações do organismo internacional da iniciativa “Geração Igualdade”, que tinha o lema “Nossa voz será maior” sempre compondo as postagens. Em termos do valor da informação, os rostos em close das duas mulheres estão em lugar de destaque nas imagens, assim como dividem a saliência com o lema da iniciativa por conta da luz e brilho que emanam. Já os textos verbais aparecem como informações dadas, que a produtora ou produtor do conteúdo entende que já é de compreensão da audiência. Para a ONU Mulheres, todos já deveriam ter tomado a consciência de que a pandemia agravou as desigualdades e violências, assim como a importância de ouvir e acolher mulheres vítimas de violência, sendo a informação nova destacada os casos concretos exemplificados pelas modelos fotografadas em preto e branco.

4.1.2 Instituto Patrícia Galvão

Os posts coletados no perfil do Instituto Patrícia Galvão apresentaram as seguintes ações discursivas, de acordo com a Figura 4.2 (a seguir): 1) posicionamento (4), com informações sobre a posição institucional diante do problema da violência doméstica no contexto da pandemia de covid-19; 2) conscientização (2), com informações mais aprofundadas sobre o problema social debatido; 3) canais de denúncia (10), com promoção tanto de formas de denunciar quanto de toda a rede de proteção e apoio às pessoas em situação de violência doméstica; 4) notícia (3), em que foram repassadas informações factuais sobre balanço de casos de violência doméstica.

Figura 4.2: Gráfico de movimentos retóricos do perfil Instituto Patrícia Galvão no Instagram



Fonte: elaboração própria.

Na linha do tempo do período coletado, os *posts* de promoção dos canais de denúncia e rede de apoio às mulheres tiveram bastante destaque nos meses de março e abril, dando depois lugar às publicações de conscientização e conteúdos noticiosos. Publicações de posicionamento foram registradas tanto no mês de início quanto no mês final da coleta.

Esses dados apontam que o esforço discursivo da instituição, no primeiro momento, foi para garantir que mulheres tivessem as informações necessárias sobre os mecanismos de denúncia e de amparo em casos de violência doméstica. Diante da situação de isolamento social recomendado para impedir a proliferação do vírus e conter os números de casos, somente serviços essenciais estavam funcionando (variável a partir da decisão de cada município/estado). A instituição priorizou, nesse período, informar que a rede de proteção e de apoio às mulheres em situação de violência estava aberta para atendimento e acolhimento.

Nos três exemplos abaixo, temos composições elaboradas pelo Instituto Patrícia Galvão para veiculação no Instagram em que as imagens são constituídas de textos verbais e recursos gráficos para organizar as informações dispostas e, assim, orientar a leitura.

Texto 14



Texto 15



Texto 16



Fonte: reprodução Inst. Patrícia Galvão

Nessas imagens, que mostram pouca variação no uso dos recursos semióticos no perfil, a saliência foi analisada a partir do uso de cores e tamanhos das fontes, assim como contraste entre fontes e plano de fundo. Nos textos 14 e 16, os destaques foram as palavras que nomeiam os crimes de “Violência Doméstica” e “Femicídio”, com o restante dos textos verbais trazendo a definição para esses tipos de atos criminosos praticados contra as mulheres. Com isso, o Instituto Patrícia Galvão está dando visibilidade para as escolhas semânticas do campo jurídico criminal que manifestam a violência de gênero na sociedade brasileira. A familiaridade com os termos usados para práticas tão perversas quanto corriqueiras é importante no processo de reconhecimento da própria condição de situação de violência, o primeiro passo para a reflexão sobre como buscar ajuda.

Na imagem ao centro (Texto 15), a postagem traz informações sobre canais de denúncia para casos de ameaça ou suspeita de violência contra a mulher, com saliência para o “Ligar 180”, “Disque 100”, “190” e “193 SAMU”. Assim, a instituição destaca como agir após o reconhecimento da violência sofrida: buscar ajuda pelos canais oficiais.

Texto 17



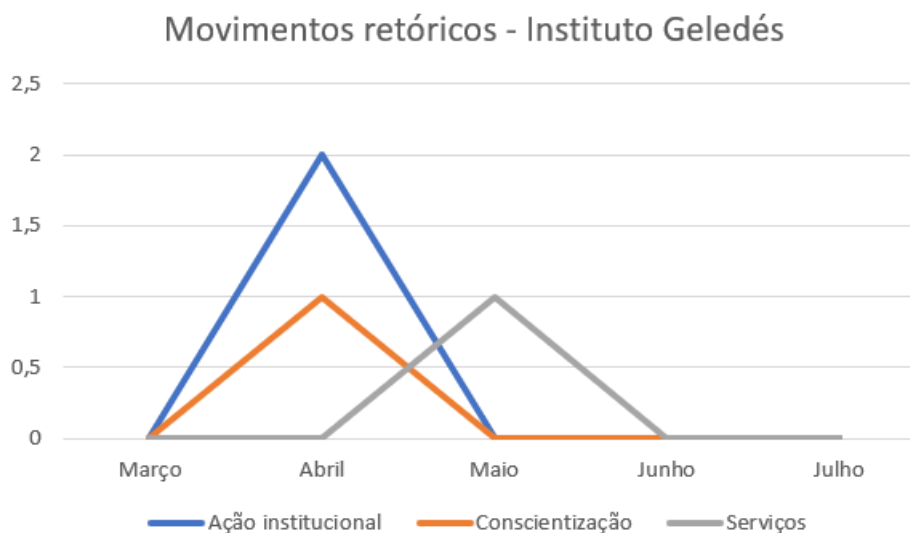
Fonte: reprodução Instituto Patrícia Galvão

No exemplo acima (Texto 17), o instituto decide, no texto da imagem, falar diretamente com as mulheres. Essa estratégia discursiva é utilizada outras 10 vezes, quantidade bem superior à encontrada nas publicações da ONU Mulheres (duas ocorrências), por exemplo. O Instituto Patrícia Galvão também interpelou 10 vezes testemunhas de violência contra mulheres e 17 vezes a população em geral. Ao incluir mais atores sociais em suas trocas informacionais e busca de mobilização por ações, a instituição constrói diálogo mais direcionado a testemunhas de crimes praticados contra mulheres.

4.1.3 Instituto Geledés

A análise dos dados coletados do perfil do Instituto Geledés no Instagram mostra que a instituição foi a que menos publicou postagens sobre o aumento da violência doméstica contra mulheres no contexto da pandemia, com apenas quatro publicações coletadas entre março e julho de 2020. O perfil realizou esforço discursivo em três sentidos: 1) ação institucional (2), em que divulga iniciativas colocadas em prática pela entidade; 2) conscientização (1), em que propõe aprofundamento sobre a compreensão do problema social tratado; e 3) serviços (1), com foco em orientações práticas sobre como buscar rede de apoio e sobre a prevenção de violência.

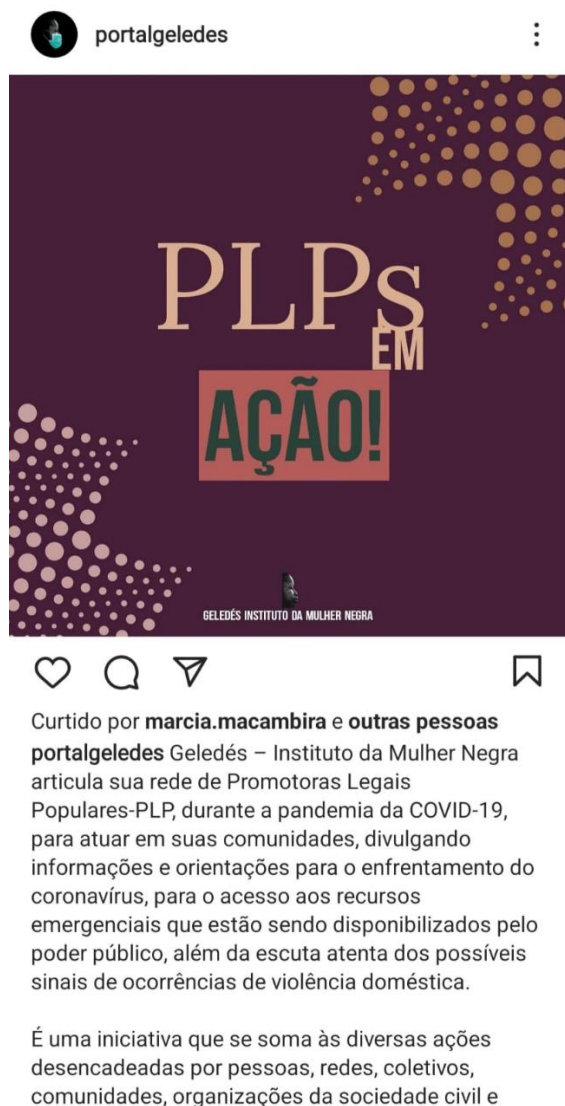
Figura 4.3: Gráfico de movimentos retóricos do perfil Instituto Geledés



Fonte: elaboração própria.

As ações discursivas do Instituto Geledés concentraram-se nos meses de abril e maio. Das quatro postagens analisadas, duas foram categorizadas como ação institucional porque falam sobre a rede de Promotoras Legais Populares (PLP), que “são mulheres comprometidas com suas comunidades e com a sociedade, que escutam, orientam, dão conselhos e auxiliam as mulheres no acesso à justiça e aos serviços de defesas de seus direitos”. Isso significa que a ação discursiva relata uma ação social prática da instituição. As outras duas publicações, embora sejam focadas em conscientização e serviços, são também ancoradas por um planejamento de conteúdo feito dentro da ação social da PLP, conforme explica a legenda da postagem abaixo:

Texto 18



fundos de financiamentos para reduzir o impacto da doença e do confinamento nas periferias e favelas de São Paulo. Além disso, o Portal Geledés vêm divulgando iniciativas que ocorrem em diferentes regiões do Brasil.

A pandemia do novo coronavírus (COVID-19) afeta todas as pessoas, mas seus impactos são mais brutais nas populações mais vulneráveis, como é o caso da população negra, em particular as mulheres negras. A necessidade do isolamento social resultou na bruta interrupção de recursos para pessoas que realizam serviços de maneira informal, e tornou a casa uma barreira para a disseminação da doença. Contudo, sabemos que a casa é um dos lugares mais perigosos para as mulheres em razão da violência doméstica, sendo necessário uma ação que articule orientação, proteção e solidariedade, em um momento que as chances de intervenção social estão mais reduzidas. Neste sentido, a atuação das PLPs é fundamental para a proteção das mulheres.

Começamos a elaboração da proposta no final de março, e na primeira semana de abril divulgamos a iniciativa no Portal Geledés e elaboramos uma página específica sobre o coronavírus (link); produzimos cards informativos para a disseminação nas mídias sociais, com o passo a passo para o acesso à renda emergencial; e orientações da Organização Mundial de Saúde-OMS sobre a prevenção e a necessidade do isolamento social.

Hoje iniciamos a divulgação quinzenal das ações realizadas pelas PLPs, com informações sobre o processo de escuta e as orientações realizadas para o acesso do Auxílio Emergencial. Os contatos foram realizados por meio de telefone, e algumas trocas de mensagens

Fonte: reprodução Instituto Geledés

Nessa publicação de posicionamento, o Instituto Geledés descreve para o público seu planejamento de ações da iniciativa PLP, tanto dentro quanto fora das redes sociais. Para o instituto, foi necessária “uma ação que articule orientação, proteção e solidariedade, em um momento em que as chances de intervenção social estão mais reduzidas”. Portanto, embora reduzido, o esforço discursivo da instituição buscou ser transparente e integrado com ações sociais práticas.

Assim como a ONU Mulheres e o Instituto Patrícia Galvão, o Instituto Geledés também produziu imagens compostas de texto e elementos gráficos para divulgar mais informações sobre violência contra mulheres e como denunciar, mas com uso de elementos gráficos bem

básicos, o que pode indicar baixo investimento de recursos ou nível de profissionalização para a elaboração das peças. Os exemplos abaixo foram extraídos de uma mesma postagem que apresentava uma galeria de imagens. Percebe-se a saliência por conta do tamanho, escolha do negrito e cor das fontes utilizadas para expressões com funções de fala de demanda: “PROTEJA-SE” E “DENUNCIE”.

Texto 19

PROTEJA-SE
CASA DA MULHER BRASILEIRA (CMB):

ESPAÇO INTEGRADO DE ATENDIMENTO ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA QUE REÚNE DIFERENTES SERVIÇOS E PROTEÇÃO

ENDEREÇO: RUA VIEIRA RAVASCO, 26 - CAMBUCI/CENTRO - SÃO PAULO/SP.
TELEFONE: (11) 3276-8000 (ATENDIMENTO EM LIBRAS, NA CENTRAL DE INTERMEDIÇÃO, PARA ATENDER MULHERES SURDAS).
HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO: 24 HORAS.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO #PROMOVAMOS

Texto 20

PROTEJA-SE
DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO:

A DENÚNCIA PODE SER FEITA ATRAVÉS DO FORMULÁRIO DISPONÍVEL NO SITE ([HTTPS://WWW.DEFENSORIA.SP.DEF.BR/DPESP](https://www.defensoria.sp.def.br/dpesp));

POR MENSAGEM DE WHATSAPP: (11) 94220-9995 (AS MENSAGENS ENVIADAS EM DIAS ÚTEIS SÃO LIDAS EM, NO MÁXIMO, 24H);
OU PELO TELEFONE 0800-7734340 (ENTRE 7H E 19H, DE SEGUNDA À SEXTA-FEIRA).

OU PELO TELEFONE 0800-7734340 (ENTRE 7H E 19H, DE SEGUNDA À SEXTA-FEIRA)

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO #PROMOVAMOS

Texto 21

PROTEJA-SE
DOMS - DELEGACIA DE DEFESA DA MULHER:

1ª DELEGACIA DE DEFESA DA MULHER - SEGUIE FUNCIONANDO 24 HORAS;
ACOLHIMENTO E ATENDIMENTO POR EQUIPE MULTIDISCIPLINAR (PSICOLOGIA E SERVIÇO SOCIAL) - SEGUIE FUNCIONANDO 24 HORAS

ZONA NORTE - 4ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER - NORTE (24HS)
ZONA SUL - 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER - SUL (24HS); 6ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER - SUL (24HS)
ZONA LESTE - 6ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER - LESTE (24HS); 7ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER - LESTE (24HS); 8ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER - LESTE (24HS)
ZONA OESTE - 3ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER - OESTE - 9ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER - OESTE

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO #PROMOVAMOS

Texto 22

DENUNCIE

CENTRAL DE ATENDIMENTO À MULHER - DISQUE 180 24HS (A DENÚNCIA PODE SER ANÔNIMA)

EMERGÊNCIA POLICIAL - DISQUE 190 (POLÍCIA MILITAR DO SEU ESTADO)

APLICATIVO SOS MULHER: O APLICATIVO QUE PERMITE QUE MULHERES QUE TENHAM MEDIDAS PROTETIVAS CONCEDIDAS PELA JUSTIÇA ACIONEM O SERVIÇO 190 EM CASO DE RISCO.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO #PROMOVAMOS

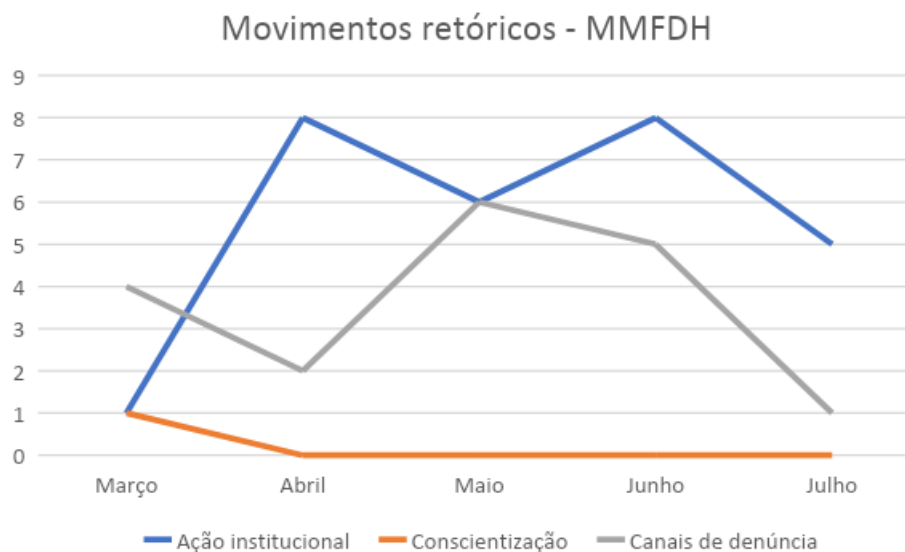
Fonte: reprodução Instituto Geledés

Essas publicações ilustram as principais funções de fala encontradas nos textos coletados do perfil: afirmação e comando, com as mensagens sendo direcionadas para o público em geral. As três primeiras imagens trazem informações sobre instituições públicas que podem ser procuradas por mulheres em situação de violência que buscam proteção do estado: Casa da Mulher Brasileira, Defensoria Pública e Delegacia de Defesa da Mulher. Apesar de informar sobre a função de cada instituição que integra a rede de proteção às mulheres, a ação está focalizada em mulheres que moram no estado de São Paulo, visto que os endereços e números de telefones informados são das representações dos órgãos naquele estado. Isso pode dever-se ao fato de a publicação integrar o esforço discursivo do Instituto de dar conhecimento sobre a rede de Promotoras Legais Populares (PLP), ação social realizada em São Paulo. Já na última imagem, o instituto repassa informações que podem ser integralmente aproveitadas por mulheres de todo país, com os números da Central de Atendimento à Mulher, Emergência Policial e Aplicativo SOS Mulher.

4.1.4 Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos

O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, conforme figura 4.4 (a seguir), realizou postagens em que predominaram as seguintes ações: 1) ação institucional (28), em que o órgão registra ações de combate à violência doméstica de sua própria iniciativa; 2) conscientização (1), com mais informações sobre esse tipo de crime; 3) canais de denúncia (18), com foco para a promoção de canais de denúncias. Em todo o período analisado, os posts de promoção de ações institucionais e de canais de denúncia foram o foco da comunicação ministerial no Instagram.

Figura 4.4: Gráfico de Movimentos retóricos do perfil Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos no Instagram



Fonte: elaboração própria.

O MMFDH teve como propósito principal promover as ações institucionais e medidas emergenciais tomadas pelo órgão diante da escalada da violência doméstica durante os primeiros meses da emergência mundial de saúde, entre elas: lançamento de novos canais de denúncia (via aplicativos), reuniões de acompanhamento da situação, parcerias com empresas privadas, divulgação de cartilhas e campanhas.

Ao promover suas ações institucionais no Instagram, o ministério optou por ressaltar parcerias que fez com diversas instituições ligadas ao Poder Legislativo (Câmara dos Deputados), Poder Judiciário (Supremo Tribunal Federal, Conselho Nacional de Justiça, Colégio de Coordenadores da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Poder Judiciário e magistrados), organismos e organizações internacionais (Banco Mundial e Mercosul) e empresas (Twitter, Avon). Chamou atenção a falta de parcerias com representantes da sociedade civil organizada em contraponto ao grande número de ações envolvendo o poder judiciário. O ministério, ao formar parceria com o Conselho Nacional de Justiça, optou inclusive por divulgar mais a Campanha Sinal Vermelho do que suas campanhas autorais.

Uma característica composicional repetitiva nos textos visuais é o *layout*, com a combinação de fotos de banco de imagens, retângulo com fundo colorido e uma manchete na parte central inferior e a parte inferior com outro retângulo também colorido, mostrando que o órgão não ousa criativamente em suas elaborações visuais. Também destaque, nos textos visuais,

o uso de pessoas com atributos físicos com pouca semelhança com a maioria da população brasileira para ilustrar as composições.

Texto 23



Fonte: reprodução MMFDH

Texto 24



Fonte: reprodução MMFDH

Na postagem à direita, o assunto era uma reunião do ministério com o Colégio de Coordenadores da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Poder Judiciário Brasileiro (Cocevid) e com a Secretaria Nacional de Justiça (Senajus). À esquerda, é a promoção do Webinário internacional “Combate à violência doméstica em tempos de pandemia - O papel das ferramentas digitais”, em parceria com o Banco Mundial. Portanto, somente a postagem à esquerda traria possíveis integrantes estrangeiros nos eventos relatados.

O levantamento dos movimentos retóricos na ação discursiva do ministério também revelou reduzido esforço discursivo para informar sobre o problema social em si: apenas uma publicação falou sobre o que é o crime de violência doméstica, centrando-se em sua definição legal (com informações sobre a Lei Maria da Penha). Portanto, ao contrário da ONU Mulheres, e dos institutos Patrícia Galvão e Geledés, o governo federal não promoveu o debate sobre as origens do problema da violência doméstica no Instagram durante o período analisado.

Texto 25



Fonte: reprodução MMFDH

A imagem acima é de uma publicação para divulgação de cartilha elaborada pelo ministério para auxiliar mulheres no enfrentamento à violência. De acordo com a legenda, o material traz as informações sobre “conceitos básicos sobre o processo de violência, passa pelos impactos, legislação e também aborda o funcionamento da rede de proteção e atendimento”, sem citar a discussão sobre a compreensão das origens do problema.

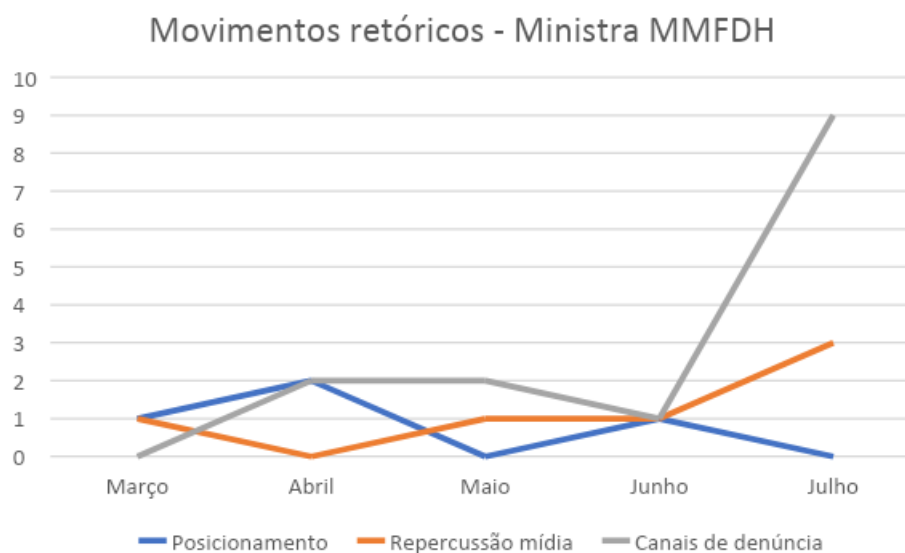
Ao focar na divulgação dos canais de denúncias, o esforço do ministério foi voltado para que as mulheres denunciasses casos de violência doméstica. Ao contrário do Instituto Patrícia Galvão, que incluía também as testemunhas nesse apelo, o ministério priorizou atribuir somente às mulheres a ação de denunciar.

4.1.5 Ministra do MMFDH

De forma semelhante ao perfil do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, temos a falta de esforço discursivo da ministra da pasta sobre o aprofundamento da questão e a atribuição às mulheres do poder de cessar a violência doméstica. Houve interlocução genérica em 30 posts coletados e 11 recorrências de interpelação às mulheres. Na próxima seção, esse

achado sobre a responsabilização das mulheres para superar a violência doméstica será discutido.

Figura 4.5: Gráfico de movimentos retóricos do perfil da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos no Instagram



Fonte: elaboração própria.

Conforme figura 4.5, as publicações coletadas do perfil da ministra do MMFDH priorizaram as mensagens de: 1) posicionamento (4), com opinião ou avaliação pessoal da ministra sobre a violência doméstica no contexto de pandemia; 2) repercussão na mídia (6), com o registro de ações ministeriais e/ou entrevista da ministra a veículos de comunicação; 3) canais de denúncia (14), com a divulgação de promoção de canais de denúncia para o crime de violência doméstica. Houve equilíbrio na divulgação de *posts* de posicionamento, repercussão da mídia e canais de denúncia entre os meses de março e junho; já nas últimas semanas do período analisado, predominaram as postagens com campanhas institucionais para divulgação de canais de denúncia.

Portanto, assim como o perfil oficial do ministério, o perfil pessoal da ministra também foi omissivo ao não discutir as origens do problema social da violência doméstica. Os dados compactuam com a análise de conjuntura que mostra como a agenda anti-gênero é perseguida pela gestão do Poder Executivo Federal.

O esforço discursivo da ministra no Instagram também focou na divulgação de canais de denúncia, principalmente por meio de divulgação de material de campanha institucional

elaborado para o ministério e que teve divulgação também fora da internet. As interpelações do perfil se concentraram no público em geral (10) e nas mulheres (10). O perfil da ministra também foi o canal escolhido para que gestoras do governo federal, parlamentares da base do governo e figuras públicas com ligações com a ministra fizessem uma releitura da campanha Sinal Vermelho, conforme imagens abaixo:

Texto 26



Cristina Mel - cantora gospel

Texto 27



Ângela Gandra - secretária nacional da família

Texto 28



Damares Alves – ministra MMFDH

Texto 29



Tereza Cristina - ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Texto 30



Michelle Bolsonaro - primeira-dama

Texto 31



Cristiane Brito – sec. nacional de políticas para mulheres

Texto 32



Valéria Bolsonaro - deputada estadual/SP

Texto 33



Teresinha Neves – dir. Departamento de Promoção da Dignidade da Mulher

Texto 34



Priscilla Gaspar – sec. nacional dos direitos das pessoas com deficiência

Fonte: reprodução perfil da ministra MMFDH

Nas imagens (26 a 34), as participantes executam processo conceitual simbólico atributivo ao apontar para o observador o X vermelho (atributo) e, com isso, acionar uma rede de significação que comunica o pedido de ajuda. As participantes aparecem em plano médio e encaram o observador em posição de demanda, a maioria com semblante bem sério - exceções são a secretária Ângela Gandra e a ministra Tereza Cristina, que estão sorrindo. O perfil apostou no poder simbólico e potencial comunicacional carregados por essas mulheres para difundir a campanha, muito embora muitas abracem explicitamente a agenda anti-gênero e sejam desconhecidas do público.

A própria ministra incita, desde os primeiros dias após a sua posse, estereótipos de gênero, ao afirmar que “menina veste azul e menino veste rosa”, para ilustrar uma fala mais ‘inofensiva’ da ministra. Ângela Gandra, escolhida para estar à frente da Secretaria Nacional da Família, criada nesta gestão, persegue uma pauta antiaborto e conservadora cristã na política. Defender esse projeto anti-gênero e antifeminista é requisito básico para compor quadros do governo e estar em sua base de apoio. Por isso, parece paradoxal essas mesmas apoiadoras do governo estarem representando mulheres em situação de violência doméstica, um crime que tem na raiz a violência de gênero. As participantes, além do poder simbólico, também compartilham de outros atributos semelhantes: são todas brancas e de poder econômico elevado, como a cantora gospel Cristina Mel, as ministras Tereza Cristina e Damares Alves, e a primeira-dama da República Michelle Bolsonaro.

A ministra Tereza Cristina é empresária do setor de agronegócio, foi eleita deputada federal por dois mandatos e sempre perseguiu, tanto na Câmara dos Deputados quanto agora como ministra, a flexibilização das regras para fiscalização e aplicação de agrotóxicos, tendo sido bem sucedida na liberação de centenas de agrotóxicos no Brasil em sua gestão. São pautas que parecem distantes, ao primeiro olhar, das defendidas pelo *mainstream* feminista, mas que são foco de combate de outros feminismos. Tereza Cristina e Damares foram as únicas mulheres empossadas no cargo de ministra na primeira nomeação de 22 ministros feita pela atual gestão do governo federal, no dia 1º de janeiro de 2019.

Embora não possa ser um atributo identificado na imagem, a secretária nacional dos direitos das pessoas com deficiência, Priscilla Gaspar, é surda. Ela foi tradutora de língua de libras dos programas de campanha do então candidato à presidência da República Jair Bolsonaro.

Sete das dez imagens trazem em sua composição logo do governo federal e assinatura da Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres. Portanto, trata-se de uma comunicação oficial do governo federal, mesmo sendo publicada no perfil pessoal da ministra. Por isso, essa ação deve ser executada e orientada pelo Decreto N° 6.555, de 8 de setembro de 2008, legislação que dispõe sobre as ações de comunicação do Poder Executivo Federal. O item IV do Art. 2° aponta que deve ser seguida a diretriz de “valorização da diversidade étnica e cultural e respeito à igualdade e às questões raciais, geracionais, de gênero e de orientação sexual”. Já o inciso VII fala sobre a necessidade de “vedação do uso de nomes, símbolos ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridades ou servidores públicos”. Com base nessas orientações do próprio governo federal, as imagens publicadas na ação não atendem aos critérios de diversidade e não promoção pessoal ao utilizar gestoras públicas, parlamentares e cantoras com atributos semelhantes para representar mulheres em situação de violência doméstica buscando ajuda.

Essa ação discursiva veiculada no perfil da ministra ocorreu em um período em que vários outros perfis estavam replicando a campanha do Conselho Nacional de Justiça e Associação dos Magistrados Brasileiros. A ampla divulgação resultou em muitos casos de pedido de socorro sendo atendidos, principalmente em farmácias e bancos. Cerca de um ano depois do lançamento da campanha, a Lei N° 14.188, de 28 de julho de 2021, elevou a iniciativa ao patamar de programa de cooperação Sinal Vermelho contra a Violência Doméstica, oficializando-a como uma nova medida de enfrentamento da violência doméstica e familiar contra a mulher.

Considerações

A análise mostrou como o suporte Instagram molda o gênero discursivo a partir de suas funcionalidades oferecidas, o que abre espaço para a materialização da criatividade e da variação do esforço discursivo do conteúdo digital produzido, não podendo configurar, nessa análise situada, um obstáculo para que ações discursivas fossem materializadas e reproduzidas por meio das postagens.

Apesar de alguns padrões encontrados, o esforço visual criativo foi variável entre os perfis, o que pode apontar diferenças entre os objetivos comunicacionais, profissionalização da produção de conteúdo e de recursos financeiros disponíveis para a elaboração das composições

visuais. Já os textos verbais tiveram, em média, formatos mais similares, mas com exceções fugindo bastante à regra de textos curtos e diretos de redes sociais. Foram encontradas desde postagens sem legendas até legendas quase no limite de caracteres comportados no Instagram, com textos mais densos e com maior valor informacional que a média.

O direcionamento do esforço discursivo também variou entre os perfis. Enquanto os perfis ligados a organismo internacional e representantes da sociedade civil organizada promoveram o debate sobre a violência doméstica, houve ausência de publicações que discutissem as origens do problema social no perfil ligado ao Poder Executivo Federal. Um padrão encontrado nas publicações é a falta de diálogo com homens ou potenciais agressores, que, pela ausência de interpelações nos textos, são representados como interlocutores com quem não é possível abrir um diálogo. A teoria base para este estudo defende que não é produtivo reduzir à relação entre homens e mulheres o problema da violência de gênero (SEGATO, 2018) e que os homens sejam incluídos nas lutas feministas (HOOKS, 2019). Portanto, principalmente nas postagens em que o esforço discursivo é de conscientização, seria produtivo abrir diálogo com os homens e potenciais agressores.

As diferenças encontradas apontam como os textos são marcados de formas diferentes pelas estruturas sociais e discursos que as instituições defendem ou a que se associam, como a agenda anti-gênero e a exaustiva interpelação das mulheres para pôr fim aos ciclos de violência doméstica. Esses achados relacionados à ação discursiva estão intrinsecamente ligados aos achados sobre a forma representação da violência doméstica contra as mulheres para cada uma das vozes analisadas, que trago na próxima seção.

4.2 O que é violência doméstica para os perfis analisados?

Esta seção é guiada pela pergunta que a intitula. Com isso, me atenho a analisar como o problema social é representado e interpretado nos textos; quem é chamado para falar sobre o assunto; e quais os argumentos que apontam os obstáculos e formas de superação do problema. Compreender como as vozes explicam o problema social me deu pistas sobre a quais discursos elas estão associadas e reproduzem; quais estruturas sociais são trazidas para a superfície nas discussões e quais são apagadas e negadas; e que outros aspectos do mundo aparecem em suas representações discursivas. As categorias analíticas intertextualidade e interdiscursividade,

conforme Fairclough (2003); e representação de ações sociais, conforme van Leeuwen (2008), foram utilizadas nesse sentido.

Os atos violentos praticados contra mulheres em seu ambiente íntimo são referidos como “violência doméstica” de forma geral nos textos verbais e totalmente excluídos das representações visuais, que se limitaram a representar possíveis cenários e prováveis vítimas dos acontecimentos violentos. Assim, a opção é por representar o crime nominalmente no lugar de usar verbos para descrever as agressões praticadas. Para van Leeuwen (2008), essa objetificação pode servir para “acrescentar propósitos e/ou legitimação às representações (de ações sociais)” (p. 64) assim como “permite classificar, rotular as ações sociais” (p. 65). Portanto, ao juntar os termos “violência” e “doméstica”, há legitimação por autoridade, já que é o termo utilizado também na esfera jurídica, classificando a ação como um crime; direcionando a representação para o discurso criminal e punitivista.

Essa forma de representar já deixa posto em que esfera de poder essas ações devem ser reconhecidas e tratadas, o que poderia acabar distanciando a sociedade da discussão do problema em si, suas origens e o que permite sua manutenção. Por outro lado, os perfis podem recorrer à lexia cristalizada partindo do pressuposto de reconhecimento de seu público, especialmente com a popularização da Lei Maria da Penha, que já contava, em 2020, 14 anos desde sua sanção.

Para hooks (2019), essa nominalização também ajuda a amenizar a gravidade dos crimes praticados:

o termo violência doméstica tem sido usado como um termo “suave”, que sugere emergir em um contexto íntimo que é privado e de alguma maneira menos ameaçador, menos brutal, do que a violência que acontece fora do lar. Isso não procede, já que mais mulheres são espancadas e assassinadas em casa do que fora de casa. (HOOKS, 2019, p. 95-96).

A nominalização, portanto, acaba por mistificar, distanciar e amenizar uma prática social criminosa que deixa reféns tantas mulheres em todo o mundo. Esse achado está ligado ao grau de abstração com o qual o problema social é tratado. Os perfis falam sobre os crimes de violência contra mulheres de forma generalizada ao tratar do aumento de casos, citando pesquisas atuais sobre sua incidência; e de forma abstrata, ao discutir o problema social em si. Essa abordagem é diferente da adotada pelos veículos da mídia tradicional, por exemplo, que fazem a cobertura de casos concretos de violência doméstica contra mulheres. Esse resultado foi importante para compreender os modos de representar a violência doméstica por instituições

ligadas ao campo social dos direitos humanos das mulheres, que se assemelha ao modo abstrato com que as agressões contra mulheres são discutidas de forma geral em nossa sociedade.

Outra similaridade está ligada à forma de enquadrar a escalada de agressões, com todos os perfis ressaltando a relação entre o aumento da violência doméstica contra mulheres e o contexto de isolamento social imposto pela pandemia. No entanto, encontrei formas diferentes de utilização dessa “justificativa”: desde um aspecto contextual numa discussão para compreender a crise social decorrente da emergência mundial de saúde, até uma ligação de causalidade direta para criticar medidas de isolamento tomadas por prefeitos e governadores.

As vozes também relacionam a violência doméstica, na maioria das vezes, ao interior das residências. A maior parte (50/54) dos banners com o cenário possível de crimes ou onde as pessoas em situação de violência estariam situadas representam o ambiente no interior das residências ou em estúdios com fundo neutro, mas que também trazem a ideia de espaço privado e de isolamento. Esse dado pode estar ligado ao contexto de isolamento social, visto que a violência doméstica pode acontecer em outros lugares, como o interior de presídios, a rua, o trânsito etc.

Nas subseções que seguem, irei discutir pontos de semelhança e as principais divergências entre os perfis ao representar o problema social em seus textos multimodais no Instagram.

4.2.1 ONU Mulheres

Os textos analisados do perfil da ONU Mulheres mostram que o organismo internacional compreende a violência doméstica como um problema social fruto do descompasso de poder entre os gêneros masculino e feminino. Um dos dados que contribuem para essa avaliação é a recorrência dos termos “violência de gênero” (6) – contando com as variações “violência baseada em gênero” e “violência com base em gênero” –, “violência machista” (1) e “igualdade de gênero” (7). A escolha lexical, junto a outras pistas levantadas e discutidas a seguir, sinaliza a associação da instituição com o discurso progressista e a afasta do discurso conservador, que nega as questões de gênero.

Ao tratar especificamente sobre a violência doméstica, a instituição utiliza majoritariamente o termo mais geral “violência doméstica” (26), seguido de “violência contra mulheres” (14), “violência contra mulheres e meninas” (5), “violência doméstica e familiar”

(3), “violência contra trabalhadoras domésticas” (2) e “violência contra mulheres negras” (1). Mesmo que alguns *posts* não trouxessem pistas nos textos verbais que fizessem referência à violência doméstica contra mulheres, essas puderam ser levantadas nos recursos semióticos acionados nas imagens. Exemplo disso é a ausência do termo “violência doméstica contra mulheres”, mas a presença majoritária do termo “violência doméstica” somado a imagens com representação de mulheres nas publicações. Nesses casos, a partir da integração dos dois sistemas semióticos, compreende-se que o perfil estava se referindo à violência doméstica praticada contra mulheres, que é o foco desta pesquisa.

Em suas publicações, a instituição defende que a desigualdade de gênero deve ser ponto de partida para qualquer ação de combate à pandemia de covid-19, assim reconhecendo como as mulheres, principalmente as negras, foram impactadas de forma mais contundente, em alusão à violência interseccional. Com essas construções discursivas, o discurso institucional da ONU Mulheres constrói sintonia com os principais pontos discutidos na atualidade nos Estudos de Gênero e Feminismo Negro.

O isolamento social e o contexto econômico são apontados como principais justificativas para o aumento de casos de violência doméstica contra mulheres durante a pandemia, conforme exemplo a seguir:

Texto 35

Qual o impacto da pandemia do COVID-19 para as mulheres?

O impacto econômico da pandemia COVID-19 pode dificultar que uma mulher deixe o parceiro violento, assim como pode aumentar o risco de exploração sexual.

Responder às necessidades das mulheres em situação de violência deve ser prioridade de todas as pessoas.

#RespostaCOVID19 #coronavírus

ONU MULHERES

onumulheresbr • Following

onumulheresbr Em tempos de crise, o índice de violência contra mulheres e meninas aumenta. Pedimos que os governos financiem políticas e programas de prevenção à violência de gênero e capacitação econômica para mulheres e meninas em suas respostas à pandemia. #coronavirus #coronavírus #COVID19 #RespostaCOVID19

35w

ligaeduca Preocupante ao extremo

35w Reply

Liked by ipatriciagalvao and 2,353 others

MARCH 24

Add a comment... Post

Fonte: reprodução ONU Mulheres

O texto (35) pressupõe que a mulher em situação de violência deseja deixar o parceiro, mas encontra dificuldade porque é ele quem detém recursos financeiros. Portanto, a violência que aparece na publicação é econômica e sexual – multidimensional. Em “Responder às necessidades das mulheres em situação de violência deve ser *prioridade de todas as pessoas*” (grifo itálico meu, mas o trecho recebeu fundo contrastado na imagem da publicação), há responsabilização da sociedade pelas respostas às necessidades. O texto da legenda aponta para outra direção, responsabilizando o poder público de forma direta ao cobrar que “governos financiem políticas e programas de prevenção à violência de gênero e capacitação econômica para mulheres e meninas”. Os sentidos de violência na legenda permanecem, incluindo a vinculação ao poder econômico.

A faceta econômica destacada na publicação corresponde a uma nova dimensão de destituição de poder carregada por muitas mulheres em situação de violência doméstica e é determinante para que as agressões se prolonguem. A vulnerabilidade social e dependência econômica impedem que mulheres em situação de violência acessem políticas públicas para a proteção de sua integridade física, psicológica, emocional e moral. De acordo com Alice Bianchini (2018), doutora em direito penal e autora do livro *Lei Maria da Penha*, a mulher brasileira leva, em média, de nove a dez anos para conseguir romper o ciclo da violência doméstica. O primeiro motivo que a impede de denunciar, de acordo com pesquisa citada pela especialista, é a preocupação com os filhos, que inclui exatamente indefinições ligadas à situação financeira, entre outras questões. O segundo motivo apontado pelas mulheres em situação de violência é o medo de vingança do parceiro.

Nas publicações analisadas, o organismo internacional também reconhece o aumento de casos de feminicídio de mulheres negras como consequência do contexto cruel de violência interseccional. A autoridade de representantes de organizações sociais ligadas ao feminismo negro foi invocada nos textos para aprofundar o assunto. As vozes apontam para as estruturas sociais que atravessam as vidas de mulheres negras, apontadas como o grupo populacional mais afetado pelos efeitos da pandemia de covid-19, conforme *print* a seguir:

Texto 36



Fonte: reprodução ONU Mulheres

Na publicação (Texto 36), temos a voz de Nilza Iraci, comunicadora social que é também coordenadora de *Advocacy* e Incidência Política do Instituto Geledés, outro perfil institucional analisado na pesquisa. No site do Geledés, Nilza também é creditada como integrante do Conselho Deliberativo do Instituto Patrícia Galvão, organização também incluída em minha análise. Nilza também faz parte, de acordo com o *print* acima, do Comitê Mulheres Negras Rumo a um Planeta 50-50 em 2030, do qual a ONU Mulheres é integrante. Portanto, a mesma especialista é ligada a três vozes institucionais relevantes na área dos direitos humanos de mulheres, o que confere às suas interpelações legitimação por autoridade.

Em uma estratégia discursiva que possibilita a convocação de uma audiência sintonizada com uma forma de expressão da racialidade, Nilza Iraci utiliza “em preto e preto”, e situa o debate às “mulheres negras, pobres e periféricas” que realizam o trabalho doméstico profissional. Para esse grupo, a violência doméstica é mais uma dentre as múltiplas violências que a pandemia “escancarou”, conforme o texto.

Texto 37

“
Devemos enfrentar o racismo denunciando o tratamento desigual por parte de órgãos ou pessoas que prestam serviços de saúde e de proteção social, pois no polo inferior estão as mulheres negras. O “novo normal” não comporta a omissão do Estado, nem o silêncio diante da violência doméstica, da fome ou do alto custo dos alimentos

ANA LUCIA PEREIRA
Agentes de Pastoral Negros e Comitê Mulheres Negras Rumo a um Planeta 50-50 em 2030

MULHERES NEGRAS RUMO A UM PLANETA 50-50 EM 2030
UM PASSO DECISIVO PELA IGUALDADE DE GÊNERO

DÉCADA DE AÇÃO AFRO MULHERES

onumulheresbr • Seguindo

onumulheresbr #Repost @taisdeverdade with @make_repost

Essas maravilhosas aqui em cima, são algumas das integrantes do Comitê de Mulheres Negras rumo ao planeta 50-50 em 2030. Este projeto que é parceiro da @onumulheresbr, vem pensando em sustentabilidade no mais amplo sentido da palavra e priorizando a vida das mulheres negras, que é comprovadamente o grupo que vem sendo mais afetado diante da pandemia por Covid-19.

Elas atuam com estratégias para ajudar a garantir direitos básicos como acesso ao sistema de saúde, saneamento, combate a pobreza e a

Curtido por feministrampos e outras 210 pessoas

25 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: reprodução ONU Mulheres

No *print* acima (Texto 37), temos uma publicação com a voz de Ana Lúcia Pereira, representante do Agentes de Pastoral Negros do Brasil e também integrante do comitê 50-50. Com a metáfora espacial “no polo inferior estão as mulheres negras”, Ana Lúcia corrobora o debate do problema social levando em conta as questões da interseccionalidade e das vulnerabilidades vivenciadas por mulheres pobres e negras brasileiras, e chama a atenção também para a fome e o alto custo dos alimentos. A responsabilização recai tanto para o Estado (omissão) quanto para a sociedade (silêncio).

Uma estratégia discursiva identificada em cinco postagens para buscar aproximação com o público, principalmente mulheres em situação de violência e testemunhas, foi a utilização da voz atribuída a uma personagem, a Isa.bot, para divulgar uma plataforma de denúncia, conforme quadro a seguir (4.1), em que transcrevi trechos de textos atribuídos a essa voz:

Quadro 4.1: Trechos com intertextualidade atribuída ao robô Isa.bot

1	<p>Não vamos deixar que nenhuma mulher fique desamparada! E eu, ISA.bot, atualizei os meus códigos e conteúdos, e estou pronta para fornecer informações, segurança e acolhimento para todas as mulheres que precisarem da minha ajuda. Então, se você conhece alguém ou você mesma está passando por alguma situação de violência e não sabe o que fazer ou a quem recorrer, eu posso te orientar. Para começar, basta me chamar aqui no inbox da página. Vamos lá? Ah, você pode me acionar também no Google Assistente. Basta dizer: Ok, Google, falar com Robô ISA.</p>
2	<p>Na quarentena, fique em casa, mas saia da violência doméstica! Sou a ISA.bot, uma robô programada para oferecer informações e acolhimento, para que todas as mulheres saibam o que fazer, como e onde buscar ajuda em casos de violência. Para receber orientações, basta me chamar aqui no inbox ou no Google Assistente (Falar: Ok, Google, falar com Robô ISA). Vamos juntas!</p>
3	<p>Olá, sou a ISA.bot: uma robô programada para acolher, informar e promover uma internet mais segura para as mulheres. Tenho uma novidade: diante do aumento do número de registros de violência doméstica durante o isolamento social por coronavírus, me atualizei e agora também ofereço informações e orientações sobre o que fazer, como e onde buscar ajuda em casos como esse. Então, se você sofreu ou conhece alguma mulher que esteja sofrendo algum tipo de violência e precisa de apoio para se sentir mais segura, me chama aqui no inbox ou no Google Assistente (basta dizer: Ok, Google! Falar com Robô ISA). Quer saber +? Entra lá: www.isabot.org</p>
4	<p>#FicaEmCasa é uma recomendação que todos devemos seguir, mas sabemos que a casa também é um lugar perigoso para muitas mulheres. Isso porque boa parte dos casos de violência doméstica são praticados por conhecidos, como companheiros, ex-cônjuges, namorados e familiares. Pensando nisso, preparei um guia rápido de como se proteger, onde e como buscar ajuda, caso você ou alguma mulher que você conheça (compartilhe com ela!) esteja em situação de risco durante a quarentena por coronavírus. Vamos lá? Ah, e se precisar de mais orientações, estou aqui para isso! Me chama inbox aqui na página ou me acione no Google Assistente a qualquer hora, basta dizer: Ok, Google, falar com Robô ISA.</p>
5	<p>É fato: o risco de vida das mulheres em situação de violência aumenta em épocas de isolamento social (taí os números!). Além de se verem forçadas a passar mais tempo junto de seus agressores, elas se encontram distantes de suas redes de apoio e com acesso reduzido aos serviços públicos de atendimento à mulher, já que eles estão funcionando com horários e fluxos adaptados à nova realidade do Covid-19. Não há tempo a perder! Somos todas e todos responsáveis e podemos apoiá-las e oferecer ajuda. Como? Eu sou a ISA.bot (isso mesmo, uma robô!) e estou aqui para isso: fornecer informações e ferramentas para enfrentarmos juntas a violência de gênero. Para me acionar e acessar meu conteúdo, basta me chamar no inbox aqui da página ou no Google Assistente (diga: Ok, Google, falar com Robô ISA)! Saiba mais: isabot.org</p>

Fonte: elaboração própria

Em 5, a voz da ISA.bot traz uma outra voz para falar dos números de violência contra mulheres: a do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Foi a única vez que a ONU Mulheres citou o órgão nas postagens analisadas. Como veremos ao longo deste capítulo, os perfis de organismos internacional e da sociedade civil organizada só trazem a voz do governo federal para seus textos quando citam pesquisas quantitativas da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, não se aliando em outros esforços discursivos, como apoio em campanhas e ações realizadas pelo Poder Executivo Federal durante o período da coleta da pesquisa.

Nos trechos selecionados da voz a robô, há presença do discurso feminista e de cuidado, que podem ser percebidos, principalmente, nos léxicos em negrito (grifos meus), que aparecem na temática de apoio às mulheres em situação de violência, com uma abordagem de acolhimento, com a utilização dos verbos “recorrer”, “orientar”, “chamar”, “acionar”, “oferecer”, “buscar”, “sofrer” e “proteger”. Apesar da filiação a esse discurso, usar tecnologia para amparar pessoas em situação de violência é uma forma distante, impessoal e excludente de interação. Por ser um canal digital, a orientação para vítimas e testemunhas é repassada em estilo coloquial e de proximidade, como em “chama aqui no *inbox* ou no Google Assistente”, inclusive com a possibilidade de ativar o serviço a partir do comando de voz “Ok, Google Falar com o Robô Isa”. No entanto, essas informações somente são assimiladas por usuárias e usuários de internet com conhecimento das ferramentas requeridas: Facebook e Google. Ou seja, apesar de gratuita e disponível a quem tiver acesso à internet, ainda é restrita a pessoas com conhecimento prévio e letramento para o uso dos aplicativos.

A ONU Mulheres também mobilizou parlamentares para falar sobre a violência doméstica no contexto de pandemia em três postagens: a deputada federal Maria do Rosário (PT) e a deputada federal Talíria Petrone (PSOL), conhecidas pela defesa e mobilização de pautas progressistas e feministas. Importante destacar que, dentre as 77 deputadas federais que compõem a bancada feminina na Câmara dos Deputados, a ONU Mulheres procurou ouvir representantes de partidos da esquerda para levantar informações sobre os debates da violência doméstica no âmbito do Legislativo Federal.

Texto 38



Fonte: reprodução ONU Mulheres

O conteúdo das aspas e informações atribuídas às parlamentares indicam que as vozes compartilham percepções semelhantes à ONU Mulheres quanto aos efeitos da pandemia de covid-19 no Brasil e a importância de priorizar ações que defendam o direito das mulheres. Também se complementam e sustentam o mesmo argumento a favor de uma resposta ampla aos efeitos da pandemia. Para as parlamentares, é preciso debater economia, políticas públicas, proteção social, educação, prevenção e eliminação da violência contra mulheres. Portanto, trazer essas vozes do campo da política mostra alinhamento ao discurso progressista.

Já em sua avaliação sobre formas de superar o problema, a ONU Mulheres elenca ações que podem ser tomadas pelos governos e sociedade como um todo: cuidado emocional e igualdade de gênero; fortalecimento de mecanismos de resposta à violência de gênero; aumento de apoio e financiamento de organizações de mulheres que prestam serviços de apoio essenciais às mulheres em situação de violência; serviços de atenção às mulheres vítimas/sobreviventes de violência durante a pandemia; capacitação econômica para mulheres e meninas; medidas de compensação para as trabalhadoras informais para manter a geração de renda das mulheres mais afetadas. No entanto, atribuir a responsabilização a atores genéricos acaba mitigando o esforço discursivo da instituição, conforme discutido em Loureiro e Resende (2022).

Texto 39



Fonte: reprodução ONU Mulheres

Na imagem acima (texto 39), a publicação também aponta a promoção da “masculinidade positiva” como forma de superar a tensão e violência dentro de casa durante a quarentena, mas não elabora mais sobre o assunto. Na imagem, é possível colher algumas informações sobre o que seria esse comportamento que busca harmonia, amparado na ideia de felicidade em família. O termo também pode ser compreendido como um contraponto à “masculinidade tóxica”, que sintetiza o comportamento negativo esperado das pessoas do sexo masculino. No entanto, apelar para o termo “masculinidade” é também acionar as diferentes expectativas de gênero, que estaria na origem da questão da violência contra mulheres, uma contradição encontrada na representação discursiva da instituição.

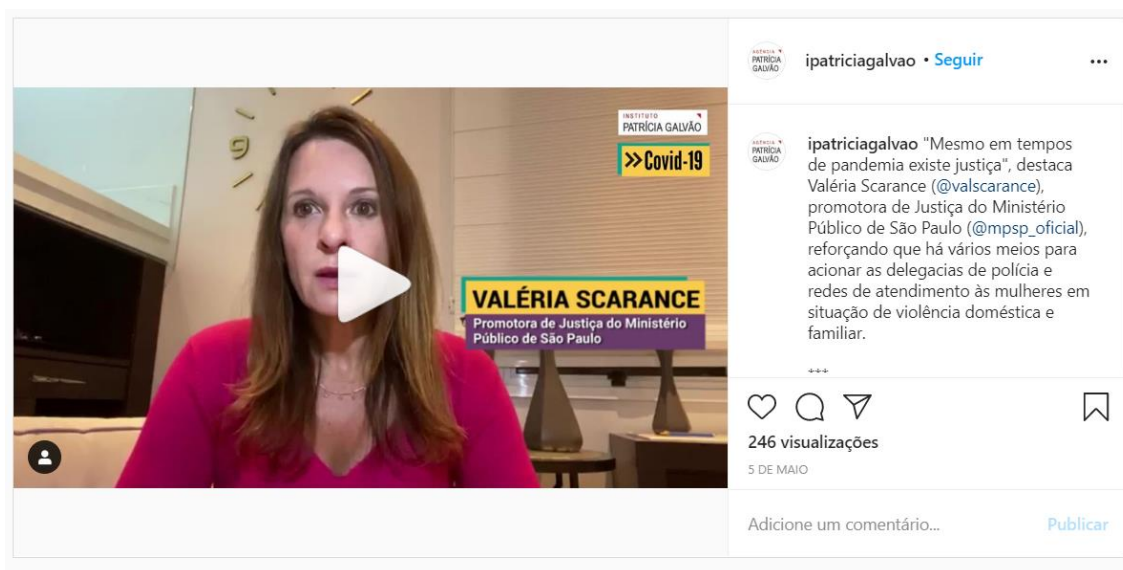
4.2.2 Instituto Patrícia Galvão

O Instituto Patrícia Galvão também representa a violência doméstica ligada à questão de gênero, mas com menos ênfase que a ONU Mulheres. O perfil utilizou uma vez o termo “gênero”, e nomeou os crimes discutidos como “violência doméstica” (11), “violência contra mulher” (18), “violência contra mulheres e meninas” (2) e “violência doméstica e familiar” (2). Como

analisado em suas ações discursivas, o foco do perfil não foi elaborar sobre o problema social em seus textos, mas no aumento de casos no contexto da pandemia, vinculado ao isolamento social, e formas de superar o contexto específico.

A maioria das vozes trazidas para os textos foi por meio de vídeos (8) gravados com autoridades ligadas, principalmente, a órgãos de justiça e segurança pública para falar sobre violência doméstica no contexto de pandemia. O conteúdo dos vídeos não foi analisado, somente da legenda das publicações, que sempre trazem aspas do conteúdo audiovisual:

Texto 40



Fonte: reprodução Instituto Patrícia Galvão

A aspa da legenda do *post*, atribuída à promotora de justiça Valéria Scarance, sintetiza o objetivo de todas as vozes de autoridades trazidas nos textos do Instituto Patrícia Galvão: “Mesmo em tempo de pandemia existe justiça”. Dessa forma, o perfil focou na divulgação sobre o funcionamento da rede de proteção e prevenção de violência doméstica contra mulheres durante a pandemia.

Assim como no perfil ONU Mulheres, a violência interseccional é reconhecida pelo Instituto Patrícia Galvão com o auxílio da intertextualidade de autoridades negras. Foram publicados vídeos de Lívia Sant’anna Vaz, promotora de justiça do Ministério Público da Bahia; e Laina Crisóstomo, advogada e fundadora da Rede TamoJuntas. A promotora Lívia Vaz cita que “mulheres negras, periféricas e LBTs permanecem sendo as mais vulnerabilizadas” no contexto de violência doméstica durante a pandemia. Já a advogada Laina Crisóstomo destaca

“que a vida de mulheres – negras, lésbicas, trans e travestis – importa muito”. A forma de representar e referir às mulheres em situação de violência serão aprofundadas na próxima seção desse capítulo.

Dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e do consórcio formado por SSP|Amazônia Real, Agência Eco Nordeste. #Colabora, Portal Catarinas e Ponte Jornalismo foram trazidos para os textos para retratar de forma menos abstrata o aumento da violência doméstica durante a pandemia. O instituto reconhece que as consequências desse tipo de violência marcam “para sempre a vida daquelas que são vítimas”, e faz a ligação da violência doméstica ao aumento dos casos de feminicídio durante a pandemia, esse último o fim de muitas mulheres que sofreram violência doméstica.

Texto 41

ipatriciagalvao #BoasCompanhiasFazemDiferença ·
#BoasCompanhiasFazemDiferença

Quantas histórias como essa você já ouviu falar? Ou até mesmo já presenciou? A violência contra a mulher também se tornou uma epidemia e pode estar mais próxima de nós do que imaginamos.

Diariamente, milhares de mulheres e meninas são alvo de agressões e das mais variadas formas de violência. Infelizmente, muitas das vezes, elas não têm a quem recorrer.

As consequências podem marcar para sempre a vida daquelas que são vítimas. E são um desafio para que tenhamos um futuro mais justo e igualitário. Por isso, o enfrentamento à violência contra as mulheres precisa da união de todos os setores da sociedade.

Você já se perguntou quantas e quais empresas enfrentam de fato a violência contra as mulheres? Quais iniciativas você conhece ou já ouviu falar que são financiadas por essas companhias? E quais marcas você gostaria de ver como aliadas nesta luta?

Quando a violência deixa de ser uma barreira, as mulheres avançam e toda a sociedade sai ganhando. Nosso empenho é necessário, união é fundamental e #BoasCompanhiasFazemDiferença!

Fonte: reprodução Instituto Patrícia Galvão

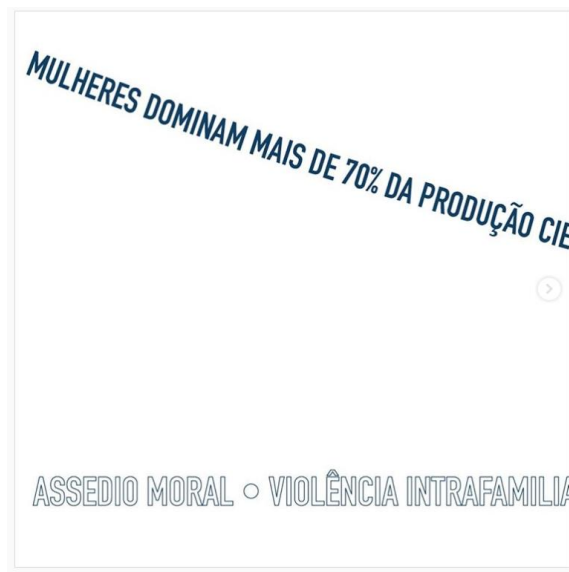
O perfil também compreende as consequências econômicas da violência doméstica ao caracterizá-la como um “obstáculo para o surgimento de novas *conquistas*” por parte das

mulheres: “Quando a violência deixa de ser uma barreira, as mulheres *avançam* e toda a sociedade sai *ganhando*” (grifos meus). Assim, utiliza-se de léxicos ligados ao discurso de prosperidade, em que uma existência positiva é construída a partir de conquistas pessoais, na postagem cuja interpelação é direcionada para empresas privadas.

Para o Instituto Patrícia Galvão, a violência doméstica deve ser combatida por meio de orientações para mulheres em situação de violência; continuidade do atendimento nos serviços essenciais de enfrentamento à violência contra meninas e mulheres; encorajamento para mulheres romperem o ciclo da violência; oferta de apoio psicológico e jurídico; suporte às necessidades básicas como abrigo, medicação e alimentos. Na visão do instituto, o enfrentamento dessa violência depende da união de toda a sociedade, numa demonstração de responsabilização generalizada.

No entanto, ao contrário do encontrado na ONU Mulheres, com a responsabilização, ainda que genérica, do “governo”, há um movimento para uma responsabilização mais concreta ao destacar a importância do apoio da iniciativa privada, cuja participação é considerada “tímida” pela instituição. A legenda a seguir foi retirada de uma publicação sobre uma ação que o Instituto fez com parceiros no intuito de estimular esta participação. A publicação traz uma coleção de sete imagens que formam o seguinte texto: “Mulheres dominam mais de 70% da produção científica nacional. Países comandados por mulheres possuem melhor desempenho no combate à covid-19. Empresas com mulheres em cargos de liderança têm melhor desempenho. Mais de 100 empresas formam coalizão para combater violência contra mulheres.”

Texto 42



← Instagram

ipatriciagalvao Queremos ver mais exemplos de realizações e histórias de sucesso vividas por mulheres, seja na política, nas artes, nos esportes, na ciência e onde mais elas estiverem. E também queremos que a violência contra elas deixe de ser um obstáculo para o surgimento de novas conquistas.

A violência contra as mulheres não tem hora, nem lugar, nem classe social. Pode ocorrer onde menos esperamos e interromper sonhos e impedir um futuro promissor.

É um dever de todas e todos nós ajudar na (re)construção desse novo futuro, onde não deve haver espaço para a violência e o medo. Afinal, quando a violência deixa de ser uma barreira, as mulheres avançam e toda a sociedade sai ganhando. E o enfrentamento dessa violência depende da união de toda a sociedade.

Vemos cada vez mais as pessoas se organizando e se conscientizando, entendendo que a responsabilidade é coletiva, mas a participação da iniciativa privada nesta luta ainda é tímida.

Por isto, nos unimos a organizações e coletivos que defendem os direitos das mulheres para dizer que empresas e corporações podem fazer a diferença e ajudar a garantir um futuro realmente desenvolvido através do investimento social privado.

Precisamos fazer com que todas as empresas entendam que #BoasCompanhiasFazemDiferença e quando elas somam esforços com a sociedade civil no enfrentamento à violência contra as mulheres, todo mundo avança!

Fonte: reprodução Instituto Patrícia Galvão

O esforço discursivo, mais uma vez, se liga ao discurso capitalista e de prosperidade, conforme trecho: “Por isto, nos unimos a organizações e coletivos que defendem os direitos das mulheres para dizer que empresas e corporações podem fazer a diferença e ajudar a garantir um futuro realmente desenvolvido através do investimento social privado”. No entanto, o esforço é mitigado porque não há discussão sobre quais ações efetivas as empresas privadas podem ter para auxiliar no enfrentamento da violência doméstica.

Já na publicação a seguir (Texto 43), a Instituto Patrícia Galvão traz como exemplo a iniciativa tomada pela empresa Magazine Luiza para auxiliar no enfrentamento à violência doméstica:

Texto 43



Fonte: reprodução Instituto Patrícia Galvão

Como explicado na legenda, o botão instalado dentro do aplicativo de compras Magalu é conectado com o canal Ligue 180, meio oficial de comunicação do governo federal para registros de casos deste tipo de crime. Portanto, o esforço financeiro da empresa foi criar a interface para conectar mais pessoas ao canal de denúncia já existente. O relançamento da funcionalidade no aplicativo de compras da Magalu coincide com o período em que o governo federal lançou o aplicativo Direitos Humanos BR, que também passou a receber denúncias sem que a testemunhas ou pessoa em situação de violência precise falar, mas por meio de mensagens de textos. Novamente, temos aqui o auxílio às mulheres por meio de tecnologia.

4.2.3 Instituto Geledés

O Instituto Geledés falou de forma mais abstrata sobre a violência doméstica contra mulheres, sem citar aumento de casos ocorridos durante a pandemia e também sem utilizar o léxico “gênero”, diferente do registrado nos perfis analisados anteriormente. Em seus textos verbais, o perfil fez referência ao problema social como “violência doméstica” (3), “violência doméstica e familiar” (2) e “violência contra mulheres”. A baixa incidência dos léxicos pode estar ligada à reduzida quantidade de postagens encontradas no perfil (4).

Conforme a ONU Mulheres e o Instituto Patrícia Galvão, o Instituto Geledés reconhece que a pandemia afetou de forma mais contundente populações mais vulneráveis, como é o caso da população negra, em particular as mulheres negras. Assim, a violência é construída a partir da interseção de estruturas sociais de raça, gênero e classe, como na publicação abaixo:

Texto 44



Curtido por **marcia.macambira** e outras pessoas
portalgeledes Geledés – Instituto da Mulher Negra articula sua rede de Promotoras Legais Populares-PLP, durante a pandemia da COVID-19, para atuar em suas comunidades, divulgando informações e orientações para o enfrentamento do coronavírus, para o acesso aos recursos emergenciais que estão sendo disponibilizados pelo poder público, além da escuta atenta dos possíveis sinais de ocorrências de violência doméstica.

É uma iniciativa que se soma às diversas ações desencadeadas por pessoas, redes, coletivos, comunidades, organizações da sociedade civil e

fundos de financiamentos para reduzir o impacto da doença e do confinamento nas periferias e favelas de São Paulo. Além disso, o Portal Geledés vêm divulgando iniciativas que ocorrem em diferentes regiões do Brasil.

A pandemia do novo coronavírus (COVID-19) afeta todas as pessoas, mas seus impactos são mais brutais nas populações mais vulneráveis, como é o caso da população negra, em particular as mulheres negras. A necessidade do isolamento social resultou na bruta interrupção de recursos para pessoas que realizam serviços de maneira informal, e tornou a casa uma barreira para a disseminação da doença. Contudo, sabemos que a casa é um dos lugares mais perigosos para as mulheres em razão da violência doméstica, sendo necessário uma ação que articule orientação, proteção e solidariedade, em um momento que as chances de intervenção social estão mais reduzidas. Neste sentido, a atuação das PLPs é fundamental para a proteção das mulheres.

Começamos a elaboração da proposta no final de março, e na primeira semana de abril divulgamos a iniciativa no Portal Geledés e elaboramos uma página específica sobre o coronavírus ([link](#)); produzimos cards informativos para a disseminação nas mídias sociais, com o passo a passo para o acesso à renda emergencial; e orientações da Organização Mundial de Saúde-OMS sobre a prevenção e a necessidade do isolamento social.

Hoje iniciamos a divulgação quinzenal das ações realizadas pelas PLPs, com informações sobre o processo de escuta e as orientações realizadas para o acesso do Auxílio Emergencial. Os contatos foram realizados por meio de telefone, e algumas trocas de mensagens

Fonte: reprodução Inst. Geledés

A diferença, nesse caso, é que o Instituto Geledés utiliza a própria voz para reconhecer a violência interseccional, ao contrário do Instituto Patrícia Galvão e da ONU Mulheres, que trouxeram vozes de representantes de outras instituições, inclusive do próprio Instituto Geledés,

para falar sobre esse ponto crucial para a compreensão da violência doméstica contra as mulheres. Isso pode se dever ao fato de a instituição ser fruto da mobilização de mulheres negras, que têm, além do conhecimento, a autoridade de suas experiências para falar sobre o tema, como Nilza Iraci, já citada nesta seção, e Sueli Carneiro, filósofa e ativista que fundou o instituto.

A voz de outras fontes foi trazida para repassar informações sobre serviços prestados pela rede de proteção e apoio a mulheres vítimas de violência doméstica: Lei 11.340 (Lei Maria da Penha), Defensoria Pública do Estado de São Paulo e Tribunal de Justiça de São Paulo.

Para a Instituição, o problema social precisa ser enfrentado com articulação entre orientação, proteção e solidariedade. Isso significa informações e orientações para a proteção de mulheres, rede de apoio, escuta atenta dos possíveis sinais de ocorrências de violência doméstica e denúncia de casos de agressões. Da mesma forma dos perfis analisados anteriormente nessa seção, não há endereçamento e responsabilização específica sobre o problema, mas o foco no que está sendo feito pela instituição e seus parceiros.

4.2.4 Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos

Ao analisar como o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos representa a violência doméstica em seus textos multimodais, muitas ausências foram percebidas. No tocante ao léxico, não foram mencionadas as palavras “gênero”, “negro” ou “negra” nas publicações analisadas. Essas ausências, no entanto, foram parcialmente preenchidas por outras formas de representação.

As palavras “negra” ou “negro” não são encontradas em textos verbais, mas há imagens em que pessoas em situação de violência doméstica representadas são negras, além de outras características que trazem pistas para um nível de reconhecimento da violência interseccional. Para o ministério, a violência doméstica é um crime praticado não somente contra as mulheres, mas também contra crianças, idosos e pessoas com deficiência, como colocado em seis publicações. Para se referir ao crime, o órgão utilizou as expressões "violência doméstica" (46), "violência contra mulheres" (25) e “violência doméstica e familiar" (13).

Com relação à ausência da palavra gênero, este achado se soma aos encontrados sobre a ação discursiva do perfil, que se alia à agenda anti-gênero da gestão do governo federal. Dessa

forma, a violência doméstica não é explicada com base no desequilíbrio da balança do gênero, mas superficialmente a partir do que é descrito na Lei Maria da Penha, conforme *print* abaixo.

Texto 45



Fonte: reprodução do MMFDH

Ao evocar a lei, o perfil se exime de elaborar sobre o que constitui o crime no mundo social, se atendo ao mundo jurídico, sendo que esse último pode não representar o primeiro em suas singularidades. O modo como mulheres em situação de violência são inseridas na composição do banner é recorrente nesse e em outros perfis: cenários com fundo neutro, provavelmente captados dentro de um estúdio, e com atributos de fotos extraídas de banco de imagens, dada as características genéricas das mesmas.

Os casos de violência doméstica são abordados de forma generalizada, a partir de dados do próprio ministério sobre a incidência do crime. Com bem mais afinco, o Ministério da Família, da Mulher e dos Direitos Humanos também se ancora no isolamento social para explicar o aumento de casos de violência doméstica durante a pandemia, conforme postagem ilustrada a seguir:

Texto 46



Fonte: reprodução do MMFDH

Em “a quarentena recomendada por governos estaduais e municipais como forma de conter a propagação do novo coronavírus (Covid-19) *provocou* um aumento de quase 9% no número de ligações para o canal que recebe denúncias de violência contra a mulher”, o ministério faz uma afirmação categórica sobre os efeitos da pandemia para mulheres. É importante lembrar que, nesse período, o presidente da República travou praticamente uma guerra contra as medidas de restrição de circulação de pessoas e funcionamento do comércio e outras atividades, colocadas em prática por prefeitos e governadores, sempre com a justificativa de resguardar a economia brasileira. Portanto, nessa postagem, o que temos é o ministério atribuindo aos governos estaduais e municipais a responsabilização sobre o aumento de casos de violência doméstica, pois a escalada de casos é representada como um resultado da “quarentena recomendada”. Assim, o ministério se alinha ao discurso propagado por líderes da extrema direita, que ficou conhecido como discurso negacionista por questionar pesquisas científicas e recomendações de instituições de saúde sobre a propagação, prevenção e manejo da covid-19.

Esse posicionamento do ministério desvia o foco do governo federal sobre a responsabilização do problema. A partir das análises dos dados da pesquisa, constatei que o

mistério buscou construir a ideia de que o problema, na verdade, é a dificuldade das mulheres em encontrar ajuda para denunciar, e focou seu esforço comunicativo em divulgar os canais de denúncia e outras ações. Com isso, ameniza sua parcela de culpa, é omissa sobre a discussão do problema e designa quem deve ser o principal agente de mudança social: as mulheres.

Para o ministério, as formas de superar a violência doméstica envolvem, principalmente, o uso da tecnologia e suas inovações na prestação de serviços e atendimento às vítimas. As duas imagens a seguir, em um padrão encontrado neste mesmo perfil, mostram fotos de mãos segurando dispositivos móveis de tecnologia: à esquerda, um celular; à direita, um *tablet*.

Texto 47



Texto 48



Fonte: reprodução MMFDH

Como as imagens dos dispositivos povoam, respectivamente, a parte direita e superior das imagens, o valor de informação da linguagem visual é de aspiração, o que o produtor da imagem gostaria que se visse como desejável: mulheres usando a tecnologia para denunciar e se informar sobre violências praticadas contra as mesmas.

Os *letterings* complementam a informação das fotos ao informar do que tratam as ações. Na imagem à direita (Texto 47), a foto aspiracional condiz com uma mulher acessando o aplicativo Direitos Humanos Brasil, do governo federal; enquanto à esquerda (Texto 48) uma mulher acessa seu dispositivo móvel para ler uma cartilha que auxilia mulheres no enfrentamento à violência durante a pandemia. Nas postagens, o órgão do Poder Executivo

Federal está atribuindo exclusivamente às mulheres em situação de violência a agência para superar o problema social da violência doméstica contra elas.

Assim como a ONU Mulheres e o Instituto Patrícia Galvão, o ministério faz a ligação direta entre violência doméstica e feminicídios ao estabelecer tentativa de feminicídio como uma categoria de violência doméstica e também ao noticiar o lançamento oficial do Protocolo Nacional de Investigação e Perícias nos Crimes de Feminicídio.

Texto 49



Fonte: reprodução MMFDH

Ao utilizar o termo feminicídio por duas vezes, o ministério reconhece que mulheres são mortas pelo fato de serem mulheres, portanto há questão de poder e gênero envolvida e indiretamente reconhecida. No caso da postagem acima, o foco é na divulgação da padronização das investigações para feminicídios, mas este léxico não é utilizado no *lettering* da imagem, somente na legenda. Na imagem, lugar de maior destaque no gênero-suporte, foi utilizado o termo mais geral “violência contra mulher”. Novamente o assunto é debatido dentro da esfera jurídica e criminal, aliando-se ao discurso penal.

Entre as formas de combate ao crime apontadas pelo ministério estão também: envolver a vizinhança contra a violência doméstica durante a pandemia; empreender; monitorar políticas

e promover a troca de experiências com organismos internacionais e empresas privadas; garantir a proteção das mulheres vítimas de violência; assegurar a continuidade do serviço de atendimento, classificado como essencial; garantir segurança das equipes da rede socioassistencial; e desenvolver sistemas de proteção social efetivos para assegurar a igualdade entre mulheres e homens.

Tais questões foram discutidas trazendo como fonte de informação o próprio ministério, suas gestoras e gestores, sem a adição de vozes de outras esferas da sociedade – pesquisadoras e pesquisadores, especialistas, representantes de organismos internacionais e da sociedade civil organizada –, ao contrário dos outros perfis analisados. Com isso, a ação da pasta no Instagram não envolve outras vozes, mas discute a questão da violência doméstica com a difusão de conhecimentos, ideias, opiniões e visões de mundo apenas centrados na própria instituição. A ausência de vozes externas ao ministério reforça discurso único e falta de diálogo.

4.2.5 Ministra MMFDH

O perfil da ministra do MMFDH se refere ao problema social analisado como “violência doméstica” (21) e “violência contra mulheres” (6). Conforme esperado, os perfis do ministério e o da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos compartilham de várias similaridades nos modos de representar a violência doméstica contra mulheres. A primeira é o próprio entendimento de quem são as vítimas, em que as mulheres são incluídas no grupo onde também estão crianças, idosos e pessoas com deficiência. Além do eixo de gênero, o perfil da ministra também ignora o atravessamento da raça e da classe nas questões da violência doméstica, pois estes eixos não foram citados nos textos verbais, nem representados nos textos visuais que traziam imagens de mulheres. Portanto, ao contrário do perfil do ministério, a violência interseccional não foi reconhecida nos dados coletados do Instagram da representante da pasta que é responsável pelas políticas que envolvem as mulheres e os direitos humanos no Brasil.

Assim como o ministério, a ministra também não ecoou outras vozes, se não a sua própria e a da secretária Nacional de Mulheres do ministério, nos textos divulgados em seu perfil no Instagram. Outra similaridade é a ligação que o perfil faz entre a questão do isolamento social e o aumento de casos. Enquanto o perfil do ministério adotou a postura do presidente e avaliou de forma negativa as medidas de restrição que prefeitos e governadores tomaram, a

ministra foi além em sua leitura de cenário diante dos números crescentes, conforme Texto 50, a seguir:

Texto 50



Fonte: reprodução Instagram ministra MMFDH

O banner da publicação é uma repostagem do perfil @DHumanosBrasil (MMFDH) no Twitter sobre o aumento de casos registrados de violência doméstica pelo Disque 100 e Ligue 180, canais do governo federal que recebem denúncia de violência contra mulheres e os direitos humanos de forma geral. Na legenda, a ministra, falando em primeira pessoa, reage à notícia com: “*Lamento* informar, mas a tendência é aumentar. Em alguns países a violência doméstica aumentou durante a quarentena”. Não há condicionalismos, sequer promessa de que alguma ação seria tomada pelo governo federal, somente a sentença de que a violência doméstica vai aumentar no futuro próximo. A afirmação ainda é levemente mitigada pelo léxico “tendência”, mas contextualmente é considerada catalisadora de pânico social e moral por ter sido proferida por uma ministra de Estado, uma característica do discurso conservador cristão que tem na ministra sua principal defensora e representante. Essa estratégia de mobilização pelo medo também é uma forma indireta de criticar as medidas de isolamento.

Como forma de superar a violência doméstica, o perfil cita superficialmente a necessidade de medidas eficazes, refere o auxílio da vizinhança e clama de forma comparativamente mais contundente pela agência das mulheres para denunciar, conforme postagem ilustrada abaixo:

Texto 51



Fonte: reprodução Instagram ministra MMFDH

Na imagem, a escolha foi por representar a ministra como ela ficou conhecida entre seus apoiadores antes de ser cotada para assumir a função. A ministra segura o microfone em um processo verbal, com semblante agitado e preocupado. Somente parte do rosto está iluminado e há gradiente de luzes também no fundo da composição visual. Essa atmosfera criada a partir da escolha da imagem remete aos modos de agir de líderes religiosos durante cultos e pregações e é uma característica encontrada em outras duas composições visuais analisadas no perfil, em que a ministra também está em processo verbal com semblante de consternação e indignação.

Ao lado do rosto da ministra, está destacado entre aspas: “Mulher não é obrigada a ficar de quarentena com o agressor”. Esta negação categórica sinalizada como sendo da própria ministra nos oferece muitas pistas. A primeira nos leva à uma ligação direta com a situação de isolamento social vivida nesse período da pandemia, e que foi criticada abertamente pelo

governo federal e seus apoiadores. É mais uma recorrência desse posicionamento nos textos analisados que fazem uma ligação direta entre o isolamento e o aumento de casos, reforçando argumentos contrários ao isolamento social como medida preventiva na pandemia.

Há também a pressuposição de que mulheres (mas aqui também a sociedade em geral) acreditem ser obrigadas a aceitar uma situação de violência doméstica e por isso estariam nessa condição. Assim como a representação imagética da ministra, o texto verbal está vinculado ao discurso conservador cristão. Ao especificar o que a mulher não é obrigada a fazer, há a pressuposição de que há outras obrigações às quais as mulheres são submetidas e que essas seriam aceitas nessa forma de ver o mundo. Conforme discutido anteriormente, a doutrina cristã, na qual está incluída a defesa da família tradicional e do casamento cristão, ajuda a perpetuar a dominação masculina porque defende a submissão das mulheres e a busca pela manutenção do casamento a qualquer custo. A ministra, portanto, vestida de sua autoridade religiosa e de Estado, está liberando as mulheres de uma obrigação específica: “ficar de quarentena com o agressor”, uma forma abstrata de representar a situação de violência doméstica vivida pelas mulheres.

Nesse contexto colocado pela ministra em que a mulher tem escolhas, a única saída apontada é denunciar o agressor e confiar no “estado” (com letra minúscula de acordo com a publicação) conforme o *lettering* da imagem: “Encontramos na sociedade um movimento de apoio de inúmeras instituições. A mulher que quer denunciar terá uma resposta. E se, ao procurar um serviço de proteção, ela verificar que não tem para onde ir, a responsabilidade de proteção é do estado”. Essa simplificação de como opera a rede de assistência às mulheres em situação de violência doméstica traz contradições.

Primeiro, a ministra afirma que há “apoio de inúmeras instituições”, sem incluir especificamente o Estado – a menção feita na postagem é ao “estado”, com letra minúscula, e uma leitora atenta poderá interpretar a referência ao governo na esfera estadual, responsabilizada nos *posts* pela situação de isolamento, como vimos. Depois, afirma de forma categórica que haverá resposta, sem especificar de quem, caso a mulher queria denunciar. Para só então dizer que a responsabilização do “estado” será em oferecer proteção para mulheres que procuraram ajuda e constataram que “não tem para onde ir”, indicando a baixa probabilidade desse cenário a partir da sequência funil de possibilidades levantadas. Portanto, assim como os textos do ministério, a mulher é a principal vítima da violência doméstica no Instagram da

ministra, mas, ao mesmo tempo, é também o principal obstáculo para que o problema seja superado porque o que estaria faltando seria “apenas” ela denunciar.

Já no texto verbal da legenda, essa responsabilização da mulher é compartilhada com testemunhas: “O Disque 180, Ligue 100 e agora o App Direitos Humanos estão ai para auxiliar a todas as mulheres vítimas de violência doméstica. Mulher, procure ajuda. Você que é testemunha, faça a denúncia, ela pode ser feita de maneira anônima”. A ministra garante o anonimato nos canais de denúncia do governo federal e interpela mulheres vítimas de violência e testemunhas a denunciarem, reforçando a construção do problema social em cima da omissão dos envolvidos – agora mulheres e testemunhas.

Considerações

Os perfis analisados compreendem a violência doméstica de formas diferentes, sendo a principal discrepância o reconhecimento ou a negação das estruturas sociais que contribuem para a perpetuação dessa realidade, como gênero, raça e classe. Há também diferentes níveis de comprometimento das vozes analisadas ao se associarem com discursos particulares, como feminista, progressista, liberal, de cuidado e conservador, principalmente. O ponto em comum é a exaustiva nominalização ao tratar sobre as agressões sofridas pelas mulheres.

Os argumentos direcionados para superar a violência doméstica são apontados sem responsabilização específica, o que acaba mitigando o esforço discursivo. O foco na necessidade de as mulheres denunciarem as agressões como forma de superar o problema, principalmente por intermédio da tecnologia, é importante, mas acaba atribuindo somente às mulheres o poder e a obrigação de pôr fim às agressões.

O achado sobre como os perfis representam a situação de isolamento social também foi essencial para compreender o enquadramento dado à violência doméstica. A causalidade entre isolamento social e o aumento dos casos foi reconhecida por todos os perfis, mas os representantes do governo federal adicionaram críticas às recomendações de restrição de circulação.

Como discutido ao longo desta seção, as formas como as mulheres em situação de violência e os agressores são representados nos textos têm papel central para compreender como as vozes analisadas representam a violência doméstica contra mulheres. Na próxima seção, o

foco de minha análise será a representação verbo-visual das mulheres em situação de violência e dos agressores.

4.3 Como as mulheres em situação de violência doméstica e os agressores são representadas/os nos textos?

Nesta seção, meu objetivo é compreender como os textos representam mulheres em situação de violência doméstica e agressores. As seções anteriores já apontam elementos relevantes sobre a representação desses atores/atrizes sociais: as mulheres em situação de violência são as participantes mais presentes nos textos verbais e visuais, e são o foco da interpelação de demanda por denúncia da maioria dos perfis analisados, enquanto os agressores são praticamente apagados dos textos na estratégia generalizada de nominalização das agressões sofridas pelas mulheres.

É importante lembrar que as ações discursivas dos perfis não focaram em publicizar casos concretos de crimes cometidos contra mulheres, mas abordar de forma mais genérica, falando sobre o aumento da violência doméstica no contexto da pandemia; e de forma mais abstrata, ao tratar do problema social em si. Isso se reflete na representação das participantes da seguinte maneira: as imagens de mulheres analisadas não são de vítimas reais, mas de pessoas representando vítimas potenciais; os textos verbais trazem representações menos abstratas, mas ainda genéricas, do perfil de vítimas potenciais.

Busquei outras pistas sobre a representação das mulheres em situação de violência e de seus agressores a partir da análise de suas participações nos processos realizados nos textos (são participantes ativos, passivos, individuais, coletivos?); dos modos de referência; do que fazem e como interagem nos textos (com outros participantes textuais e com quem lê); e dos atributos que carregam. Para isso, fiz uso das categorias representação de atores sociais (VAN LEEUWEN, 2008) e as relacionadas com as funções representacionais e interacionais da Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2021), sempre observando os dois sistemas semióticos agindo em conjunto, conforme a Semiótica Social (VAN LEEUWEN, 2005). Considerei todos os textos verbais e o grupo 2 de imagens para esta seção da análise. Como explicado no capítulo sobre o percurso metodológico da pesquisa, esse grupo é formado por 41 banners com fotografias de mulheres e oito banners com ilustrações gráficas de mulheres.

Com relação às representações nos textos verbais, a forma abstrata como os perfis representam o próprio problema da violência doméstica também se observa na representação das mulheres, referidas na maior parte das vezes de forma passiva, genérica, sem classificação ou nomeação. Mesmo assim, encontrei nos modos de referência pistas que ligam as vítimas a estruturas de (destituição de) poder, como gênero, sexualidade, raça, idade, classe e território, como “mulheres negras”, “mulheres periféricas”, “mulheres migrantes”, “trabalhadoras domésticas”, “lésbicas”, “LBT”.

Volto a destacar que dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021 apontam que a violência de gênero no Brasil é interseccional: mulheres negras representam 61,8% das vítimas de feminicídio em 2020; 36,5% de vítimas fatais são brancas; 0,9%, amarelas; e 0,9%, indígenas. Do total de vítimas, 74,7% têm entre 18 e 44 anos. As mulheres jovens, pardas e pretas também foram as que mais registraram ocorrência de casos de violência doméstica recebidos pelos canais de denúncia do governo federal em 2020 (Ligue 180 e Disque 100).

As representações visuais das mulheres também trouxeram pistas com relação ao reconhecimento da violência interseccional. Como explicado na seção sobre o tratamento dado às imagens, criei descritores para aspectos referentes a raça, faixa etária e classe das mulheres representadas nas imagens para auxiliar na investigação dos processos conceituais analíticos. De acordo com a teoria sobre a qual me debrucei para esse estudo, cor da pele, cor e tipo de cabelo, modo de vestir, faixa etária e outras características prototípicas são considerados processos conceituais atributivos porque auxiliam a criar um conceito visual do participante relacionado a suas origens e identidades (KRESS; VAN LEEUWEN, 2021, p. 108).

De forma geral, as mulheres em situação de violência foram representadas nos textos visuais com fotos de mulheres brancas (28/49), adultas (30/49) e de classe social indefinida (33/49). Apenas 12 representações imagéticas são de mulheres negras, e a coleta no perfil da ONU Mulheres trouxe a maior parte das mulheres negras representadas em todo o grupo 2 de imagens (5/12), assim como as mulheres representadas com atributos relacionados a classe econômica empobrecida (2/2) e a ampla maioria das mulheres idosas (3/4). Mulheres indígenas foram representadas em apenas duas imagens: uma no perfil da ONU Mulheres e outra no perfil do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. O perfil da ministra do MMFDH trouxe todas as imagens correspondentes à representação de mulheres (sabidamente) de classe alta identificadas na coleta. As imagens publicadas pelo Instituto Patrícia Galvão no período da

coleta não trazem mulheres representadas com fotografias, mas como ícones e ilustrações gráficas.

Mulheres aparecem em quase metade dos banners do grupo 2 (22/49) pedindo ajuda ou denunciando, o que reforça a interpelação de que esse grupo é alvo nos textos verbais. Quando não estão agindo dessa forma, estão demonstrando sentimentos de contrição, desolamento e tristeza, em clamor para que uma ação por parte de quem lê seja tomada, ao menos a reflexão.

Nas subseções que seguem, discuto esses achados cruzados com outras recorrências encontradas.

4.3.1 ONU Mulheres

Em seus textos publicados no Instagram, a ONU Mulheres fez referências verbais a mulheres em situação de violência de forma abstrata (35/42) e passiva (38/42), e as classifica em relação a perfil econômico, raça, idade e território nos textos verbo-visuais. Dessa forma, temos as seguintes referências nos textos verbais para designar de forma geral essas participantes: “mulheres em situação de violência” (10), “mulheres vítimas” / “sobreviventes de violência” (1), “vítimas de violência doméstica e familiar” (2), “mulher” / “mulheres” / “todas as mulheres” (5), “mulheres e meninas” (2), “nenhuma mulher” (1) e “mulheres que já romperam com o ciclo da violência” (1).

O eixo de classe foi representado atravessando mulheres negras (6), indígenas (2), periféricas (1), refugiadas (1), migrantes (3), trabalhadoras domésticas (2) e informais (4). Essas representações foram encontradas desde formas mais evidentes, em postagens que traziam atributos tanto nos textos verbais quanto nos visuais, quanto de forma mais sutil, conforme o Texto 52, a seguir:

Texto 52



Fonte: reprodução ONU Mulheres

Nessa imagem, as referências ao território foram encontradas nas *hashtags* (*#RespostaCovidComAsRefugiadas* e *#RespostaCovidComAsMigrantes*) e no mapa em segundo plano no banner, que traz a América Latina. Essa forma menos evidente de caracterizar vítimas em potencial de violência doméstica não se mostra adequada para o gênero-suporte em análise. Conforme discutido anteriormente, o consumo das notícias em redes sociais costuma ser feito de forma instantânea.

Texto 53



Fonte: reprodução ONU Mulheres

Já nessa segunda imagem (Texto 53), a potencial vítima de violência doméstica é referida três vezes na publicação: na imagem, no *lettering* da imagem e na legenda. Portanto, os dois sistemas semióticos estão em cooperação para reforçar a mensagem: trabalhadoras domésticas podem ser vítimas de violência doméstica e estão assistidas pela Lei Maria da Penha. Mesmo no contexto de pandemia, a ONU Mulheres empregou esforço discursivo para debater esse assunto porque empregadas domésticas foram incluídas, em alguns estados, no rol de serviços considerados essenciais.

Com isso, enquanto famílias estavam resguardadas em suas casas, as trabalhadoras domésticas tinham de deixar seus lares em um momento em que não havia vacina e pouco se sabia sobre a gravidade da covid-19, colocando em risco suas próprias vidas e de seus entes familiares. A primeira vítima fatal de covid-19 no Rio de Janeiro foi uma empregada doméstica, negra e idosa, que contraiu o vírus da patroa que havia acabado de chegar infectada de uma viagem internacional. Essa profissão, além de ter um nível alto de informalidade e baixos salários, também é preenchida por um perfil já atravessado de vulnerabilidades: mulheres negras, pobres, mães/ avós e chefes de família. O Brasil contava, em 2018, com pouco mais de 6 milhões de pessoas ocupadas com emprego doméstico com 18 anos ou mais de idade, cerca de 70% não possuíam carteira assinada. São “4,3 milhões de trabalhadores(as) domésticos(as)

informais – dos quais 4,1 milhões são mulheres e 2,8 são mulheres negras”, aponta relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e ONU Mulheres.

Das seis representações visuais de mulheres negras encontradas no perfil da ONU Mulheres, três são jovens, conforme *prints* a seguir:

Texto 54



Texto 55



Texto 56



Fonte: reprodução ONU Mulheres

Nos três casos, os textos verbais encontrados também fazem referência a “mulheres e meninas” e também à “violência doméstica e familiar”. Com esse link de informação entre as representações verbais e visuais, a ONU Mulheres chama atenção para outras modalidades de crimes que não a violência doméstica contra mulheres adultas: a violência contra meninas negras em seu ambiente íntimo praticado também pela família estendida.

Com relação à representação de agressores nos textos no Instagram de ONU Mulheres, as representações são apenas verbais, visto que as duas imagens em que aparecem pessoas do sexo masculino são de publicações que tratam como os homens podem ser aliados no enfrentamento desse problema social, e não referindo-os como agressores.

Quadro 4.2: Representação verbal de agressores no perfil ONU Mulheres

1	O impacto econômico da pandemia Covid-19 pode dificultar que uma mulher deixe o parceiro violento, assim como pode aumentar o risco de exploração sexual.
2	Isso porque boa parte dos casos de violência doméstica são praticados por conhecidos, como companheiros, ex-cônjuges, namorados e familiares.
3	Neste momento de necessária reclusão, as mulheres podem estar sujeitas à violência de maridos, companheiros.
4	Além de se verem forçadas a passar mais tempo junto de seus agressores, elas se encontram distantes de suas redes de apoio e com acesso reduzido aos serviços públicos de atendimento à mulher, já que eles estão funcionando com horários e fluxos adaptados à nova realidade do Covid-19.

5	137 mulheres são assassinadas por um membro da sua família a cada dia no mundo.
---	---

Fonte: elaboração própria

Conforme quadro 4.2, agressores são referidos como: parceiro violento, conhecidos, companheiros, ex-cônjuges, namorados, familiares, maridos, agressores e membro da sua família. Apenas em 2 e 5 os agressores são representados ligados diretamente a atos violentos, mesmo assim de forma passiva, com as formas verbais “são praticados” e “são assassinadas”.

Já em 3 e 4, não há vinculação direta dos agressores aos crimes, mas a pressuposição da violência doméstica acontecida no passado e o alerta para possíveis novas agressões. Em “as mulheres **podem estar sujeitas** à violência de *maridos, companheiros*”, a modalização ameniza esse risco de novas agressões; já em “Além de se verem forçadas **a passar mais tempo** junto de seus *agressores*”, a probabilidade é vislumbrada pela circunstância do isolamento.

Nas publicações que publicizam canais de denúncia, encontramos referências a mulheres de forma a incluir a própria leitora no grupo de possíveis vítimas:

Quadro 4.3: Representação verbal de mulheres em situação de violência doméstica no perfil ONU Mulheres

1	Então, se você conhece alguém ou você mesma está passando por alguma situação de violência e não sabe o que fazer ou a quem recorrer, eu posso te orientar.
2	Então, se você sofreu ou conhece alguma mulher que esteja sofrendo algum tipo de violência e precisa de apoio para se sentir mais segura, me chama aqui no inbox ou no Google Assistente
3	Pensando nisso, preparei um guia rápido de como se proteger, onde e como buscar ajuda, caso você ou alguma mulher que você conheça (compartilhe com ela!) esteja em situação de risco durante a quarentena por coronavírus.

Fonte: elaboração própria

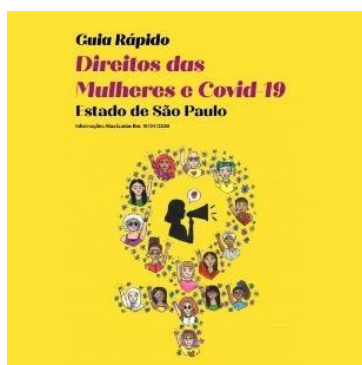
Falar diretamente com uma possível pessoa em situação de violência e, ao mesmo tempo, sobre outro grupo (alguém ou alguma mulher) é uma estratégia que gera proximidade, e, ao mesmo tempo, pode diminuir o constrangimento de uma possível vítima. Ainda de acordo com os três excertos, o verbo “conhecer” foi utilizado sugerindo necessidade de um grau de intimidade e sutileza para interceder nesses casos de violência em espaço íntimo, o que caracteriza o discurso de acolhimento do perfil nas ações de promoção de formas de denunciar, ao passo que também pode desencorajar denúncias em defesa de mulheres desconhecidas.

4.3.2 Instituto Patrícia Galvão

Assim como para ONU Mulheres, predominaram referências genéricas a mulheres em situação de violência citadas nos textos verbais do Instagram do Instituto Patrícia Galvão: “mulheres” / “mulher” (8); “mulheres em situação de violência” (3); “mulheres vítimas de violência doméstica” (1); “mulheres vítimas de violência doméstica e familiar” (1); e “vítimas de violência doméstica” (1). A estratégia de falar com e sobre potenciais vítimas também foi utilizada com os seguintes referenciais: “você ou alguma mulher” (1); “você” (2); e “moça” (1). Os textos verbais também referiram “mulheres jovens e crianças” (1): “mulheres, adolescentes e meninas” (1); “meninas e mulheres” (1); e “mulheres e meninas” (1), muito embora a representação do eixo idade não tenha sido registrada nos textos visuais. A maioria das participantes foi representada de forma passiva (25/32), agindo ativamente somente em ações relacionadas com o ato de denunciar e procurar ajuda, e houve relação com os eixos de raça, gênero, classe, território e sexualidade.

O Instituto Patrícia Galvão foi o único perfil que não utilizou fotografias de pessoas para representar mulheres em situação de violência doméstica, optando por ilustrações, conforme exemplos abaixo:

Texto 57



Texto 58



Texto 59



Fonte: reprodução Instituto Patrícia Galvão

Os três banners foram produzidos por outras instituições, conforme identificação nas próprias publicações: Governo do Estado de São Paulo, Instituto Avon e Sesc, e o Fundo de População das Nações Unidas, respectivamente. Na imagem à esquerda, há 17 mulheres ilustradas com atributos diversos, até difíceis de serem identificados por conta do tamanho da imagem, mas a mensagem de união e diversidade é compreendida sem prejuízos. Essa mesma

construção simbólica se repete na imagem à direita, que representa quatro mulheres com atributos também variados, mas de forma mais estetizada. A imagem do meio também representa união e coletividade, embora não diversidade.

Essas escolhas de uso de recursos semióticas – com ilustrações gráficas, e não fotografias, e simbologias de união e diversidade – representam as mulheres em situação de violência de forma não personificada ou individualizada, mas ainda mais abstrata. Portanto, o foco não é a vítima ou ações que mulheres devam tomar, mas a mensagem de acolhimento “Você não está sozinha” e o compartilhamento de informações, como é o caso da postagem sobre o “Guia rápido. Direito das Mulheres e Covid”.

Outra particularidade do Instituto Patrícia Galvão foi fazer referência a mulheres classificando-as em relação à sua sexualidade - “lésbicas” (2) e “bissexuais” (1) – e identidades de gênero - “trans” (2) e “travestis” (1) -, sempre em outras vozes institucionais, conforme excertos no Quadro 4.4:

Quadro 4.4: Representação verbal das mulheres em situação de violência no perfil do Instituto Patrícia Galvão

1	Com esta reflexão, @lainacrisostomo, advogada e fundadora da rede @atamojuntas, alerta que nosso papel durante o período de isolamento social “é encorajar mulheres a romperem o ciclo da violência; fazer com que elas entendam que, neste período de pandemia, a vida delas também importa”; que a vida de mulheres – negras, lésbicas, trans e travestis – importa muito.
2	Neste contexto de isolamento social devido à pandemia de #Covid19, mulheres negras, periféricas e LBTs permanecem sendo as mais vulnerabilizadas, alerta Lívia Sant’Anna Vaz (@liviasantanavaz), promotora de Justiça do Ministério Público da Bahia (@mpdabahia)

Fonte: elaboração própria

Esses modos de referências que trazem atributos da sexualidade e identidade de gênero de potenciais vítimas de violência doméstica foram registrados nas falas de duas mulheres negras: Laina Crisóstomo, advogada e fundadora da rede @atamojuntas; e Lívia Sant’Anna Vaz, promotora de Justiça do Ministério Público da Bahia. Foram as únicas referências desse tipo encontradas nos *corpora* da pesquisa e incluem um aspecto importante previsto na Lei Maria da Penha: violência doméstica não é apenas registrada em relacionamentos heterossexuais e normativos, mas em todo o tipo de relacionamento íntimo, inclusive relacionamentos homoafetivos.

As representações de agressores foram feitas apenas nos textos verbais, com quatro ocorrências do mesmo modo de referência:

Quadro 4.5: Representação verbal dos agressores no perfil do Instituto Patrícia Galvão

1	Com a epidemia do novo #coronavírus e a recomendação de que as pessoas fiquem em casa para evitar maior propagação do vírus, alguns estados já apresentam aumento no número de denúncias de violência contra a mulher. Isso acontece pois muitas mulheres estão confinadas com seus agressores .
2	Durante a pandemia de #Covid19, como tem sido a vida de mulheres que vivem confinadas diariamente com seus agressores ?
3	Mulheres em situação de violência enfrentam mais dificuldades ao pedir ajuda durante a quarentena, uma vez que ficam mais expostas aos riscos e convivem mais tempo com seus agressores .
4	O @magazineluiza lançou um botão em seu aplicativo de vendas Magalu para que mulheres vítimas de violência possam denunciar os agressores .

Fonte: elaboração própria

Ao utilizar a referência “agressores”, o ato de agredir está pressuposto e é o qualificador do participante. Em 1, 2 e 3, os fragmentos não trazem o ator social realizando processo material de forma ativa, mas alterando a circunstância em que as mulheres se encontram dentro de casa, confinadas e convivendo com agressores. Já em 4, eles são os participantes que sofrem a ação ao serem denunciados pelas mulheres. Assim como nas postagens do perfil da ONU Mulheres, não há referências a agressores como praticantes de processos materiais (agredir) de forma direta, apenas por inferência.

4.3.3 Instituto Geledés

O Instituto Geledés representou mulheres em situação de violência fazendo referência aos eixos de gênero, classe, raça, território e deficiência nas quatro publicações do período. Essas referências se deram em textos verbais e, na ausência desses, nos textos visuais. Os modos de referência verbais mapeados no perfil foram: “mulheres das comunidades periféricas” (1), reconhecendo as estruturas de gênero, classe e território; “mulheres e da população negra em geral” (1), apontando um elo entre esses dois grupos; “mulheres negras” (1), em reconhecimento ao atravessamento de gênero e raça; “vítima” (3); “mulheres” (2); “mulheres em situação de violência” (2); e “mulheres surdas” (1).

Das doze referências a mulheres nos textos verbais, em quatro elas estavam em processo ativo. Nas quatro representações visuais de mulheres, três delas por ilustração e uma por foto, apenas uma mostra mulher de forma ativa. Os textos verbo-visuais com mulheres sendo participantes ativas representam mulheres denunciando ou procurando ajuda.

Nas ilustrações de mulheres publicadas pelo perfil, duas são de mulheres negras em processo comportamental, conforme textos a seguir:

Texto 60



Texto 61



Fonte: reprodução Instituto Geledés

Na imagem à esquerda, a mulher está chorando, sentada, em recolhimento, enquanto encara quem lê, no banner que fala sobre violência sexual; na direita, sendo constrangida por violência psicológica materializada pelo dedo em riste apontado para ela, a participante se coloca em posição de demanda para ser observada. Nos dois tipos de interação com quem lê (demanda e oferta), também está sendo criada uma atmosfera de opressão e tristeza, que pede uma reação.

Agressores foram representados apenas duas vezes nas publicações do Geledés: na imagem anterior, pela mão (branca) com dedo em riste coagindo a mulher (negra), e no *lettering* de um banner, com a referência “réu”. Esse banner traz um comunicado do Tribunal de Justiça de São Paulo. É o mesmo conjunto de imagens que traz as três referências a mulheres em situação de violência como “vítima”. Esses modos de referência (“réu” e “vítima”) são característicos do discurso jurídico presente no texto citado nas postagens do Instituto Geledés.

4.3.4 Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos

Ao contrário dos perfis analisados nessa seção até agora, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos não classificou mulheres em situação de violência doméstica, fazendo referência de forma abstrata: “mulher”/ “mulheres” (13), “vítima” (9), “população feminina” (1), “mulheres em situação de violência doméstica e familiar” (2), “vítimas da violência doméstica” (1), “mulheres em situação de violência” (1), “mulheres vítimas de violência” (1), “vítimas de violência contra a mulher” (1).

O número total de referências (27) é bem menor do que a quantidade de vezes que essas participantes aparecem nos outros perfis. Essa pista se soma às pistas discutidas nas seções anteriores, sobre o que é violência doméstica para os perfis analisados e sua ação discursiva. As poucas referências verbais às participantes caracterizam esse modo de representar o próprio problema social da violência doméstica, de forma superficial, e com a ação discursiva mais focada em falar para as mulheres em vez de sobre as mulheres, ao interpelar para que elas denunciem.

Por outro lado, os textos visuais (18) trazem informações importantes sobre a representação das mulheres, que receberam atributos com relação à raça, idade e classe. Os três banners a seguir foram divulgados pelo perfil e apresentam fotos de mulheres negras em sua composição, todos em posição de oferta, sem olhar diretamente para quem lê.

Texto 62



Texto 63



Texto 64



Fonte: reprodução MMFDH

A primeira apresenta atributos possessivos correspondentes a uma pessoa de classe média ou alta, com roupas correspondentes a este nível de renda, brincos, cabelos com

coloração, confortavelmente sentada em uma cadeira de design e manuseando um *tablet*. Além do processo analítico possessivo, a mulher também realiza um processo transacional unilateral em que é a participante e o *tablet* é a meta. A posição de oferta e a ação transacional responde à pergunta do *lettering* que compõe a imagem: “O que fazer em casos de violência doméstica?”. A resposta seria: denunciar utilizando o aplicativo por meio do *tablet*.

Instigar a realização digital de denúncias foi uma estratégia do ministério nas publicações no Instagram após o lançamento do aplicativo Direitos Humanos Brasil, por meio do qual é possível fazer este registro sem precisar falar, apenas escrevendo, uma forma mais discreta de pedir ajuda para quem está em situação de violência e tem acesso a dispositivos digitais. Isso exclui quase 40% da população, das classes D e E, que ainda não têm acesso à internet, conforme pesquisa “Acesso às tecnologias de informação e comunicação no domicílio” (2020), do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação.

Na imagem ao centro, a mulher em situação de violência possui atributos que revelam sua idade (cabelos grisalhos, marcas de expressão no rosto) e classe econômica (ausência de objetos de maior valor, roupas simples), um reconhecimento da violência interseccional a partir de gênero, raça, idade e classe. Sua expressão no rosto revela preocupação e desamparo vividos em ambiente doméstico e ela mesma pode representar uma trabalhadora doméstica. A participante também está em posição de oferta para quem lê, que é instigada/o a refletir tanto sobre a condição da mulher como sobre suas próprias atitudes na vida real a partir da frase em saliência no *lettering*: “PODERIA SER A SUA MÃE”. Com essa modalidade epistêmica de probabilidade, o produtor da imagem apela para a relação entre mãe e filho/a para tentar extrair de quem lê alguma indignação a partir do que está sendo discutido na publicação. É uma tentativa de engajamento que apenas alimenta a compreensão de que violência contra as mulheres é um problema individual, e não estrutural, pois qualquer mulher corre riscos de sofrer violências de gênero e todas devem ser amparadas e respeitadas, independente do parentesco estabelecido.

Na imagem à direita, apenas parte do rosto de uma pessoa negra aparece na composição da publicação. A posição da participante também a coloca em condição para ser observada por quem lê e, junto ao *lettering*, informa sobre a adesão do ministério à Campanha Sinal Vermelho. A iniciativa foi lançada pelo Conselho Nacional de Justiça e Associação dos Magistrados Brasileiros, em junho de 2020, para auxiliar pessoas em situação de violência doméstica a

encontrar ajuda. No período em que foi lançada, muitos municípios brasileiros só mantinham abertos estabelecimentos que ofereciam serviços considerados essenciais, como farmácias, supermercados e agência bancárias. A ideia é que a mulher faça um sinal em forma de X de cor vermelha na palma da mão e mostre a atendentes de qualquer estabelecimento como forma de pedir ajuda. O/A atendente entraria em contato com as autoridades policiais para solicitar a presença de proteção à vítima e iniciar o encaminhamento do caso.

Adiante com a análise de outro achado conceitual e fazendo uma análise comparativa entre perfis, destaco a recorrência de processos simbólicos sugestivos no grupo 2, em que os atributos dão lugar às sensações que a composição visual pode causar. De acordo com a Gramática do Design Visual, esse tipo de processo se diferencia do atributivo porque os significados partem do próprio participante e não são dados a eles por quem lê, mas a partir de conhecimentos externos à imagem. Nessa categoria, encontramos cinco imagens de mulheres em situação de violência sendo representadas expressando a atmosfera e o temperamento de uma situação não específica, semelhante a um estado de espírito.

Texto 65



Fonte: reprodução MMFDH

Texto 66



Fonte: reprodução ONU Mulheres

As mulheres representadas nessas imagens estão numa posição de distância de quem lê, posando de costas e de lado, respectivamente. Com isso, não é possível acompanhar a linha de visão delas, mas supor que estão com olhares perdidos, reflexivas, sozinhas e em ambiente doméstico. Houve a escolha visual de editar a foto em preto e branco, o que ajuda a criar a

atmosfera de melancolia, aproximando quem lê tanto do sofrimento de quem vive na pele a condição de violência quanto de uma situação hipotética. Não está sendo retratado um ato de violência, mas suas consequências, e esse ponto é de extrema importância para a reflexão de toda a sociedade. A violência doméstica não atinge somente a vítima, mas toda a família, deixando a paz do lado de fora de casa. Os reflexos podem ser percebidos também no trabalho, no ambiente educacional, na convivência com amigas/os e outras/os familiares, na saúde mental e física da mulher como um todo. A pandemia somente agravou a situação de quem já enfrentava esses problemas.

Dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021, divulgado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, apontam que foram 12.895 suicídios no Brasil em 2020, uma variação de +0,4% em relação a 2019. Esses números indicam uma tendência, já que em 2012 foram 6.905 casos. O estudo Saúde Brasil 2018 aponta que brasileiras que registraram episódios de violência nos serviços de saúde públicos têm 150 vezes mais chances de morrer por homicídio ou suicídio em comparação com a população geral do sexo feminino.

Ainda de acordo com a descrição dos dados do grupo 2, há duas ocorrências de mulheres com atributos indígenas nas imagens coletadas. As duas mulheres foram representadas em um cenário externo e são exceções (junto a mais duas ocorrências) diante das 50 ocorrências de mulheres representadas no interior de residências no restante desse *corpus*.

Texto 67



Fonte: reprodução MMFDH

Texto 68



Fonte: reprodução ONU Mulheres

Na imagem da esquerda, divulgada no perfil do MMFDH, além dos atributos possessivos característicos prototipicamente estetizados de uma mulher indígena jovem, há também o atributo simbólico do X vermelho desenhado na mão difundido pela campanha sinal vermelho. Ao ilustrar a imagem com foto de uma mulher indígena fazendo o gesto, o/a

produtor/a de conteúdo reconhece que este tipo de violência também pode atingir mulheres indígenas. O que pode causar estranheza é que uma mulher paramentada como a que se representa esteja em contexto urbano, ou que no contexto da aldeia faça sentido a campanha, que parece prestar-se a ambientes comerciais nos quais seria incomum que mulheres indígenas se apresentassem ornadas em vestimentas tradicionais étnicas.

À esquerda, na publicação da ONU Mulheres, a mulher mais velha também é representada com atributos indígenas, mas o grau de estetização é menor. O jarro exibido em suas mãos é um atributo que confere à sua representação a atividade econômica de trabalhadora artesanal. O *lettering* da composição ratifica este atributo ao fazer referência a trabalhadoras informais e as dificuldades enfrentadas durante a crise econômica desencadeada pela crise sanitária mundial. Portanto, a violência interseccional é reconhecida a partir do gênero, classe, raça e idade.

Assim como o Instituto Patrícia Galvão, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos priorizou (12/13) utilizar os termos “agressor” / “agressores” para se referir a pessoas que cometem violência doméstica contra mulheres. Foi o perfil em que esse ator social foi mais representado, tanto nos textos visuais quanto nos textos verbais, conforme quadro 4.6, a seguir:

Quadro 4.6: Representação verbal de agressores no perfil do MMFDH

1	Dica de como denunciar seu agressor durante o isolamento: Fingir que vai levar o lixo para fora de casa e entrar em contato com os canais de denúncia.
2	Durante a quarentena, muitas vítimas da violência doméstica estão convivendo 24 horas com seus agressores , tornando a denúncia ainda mais difícil.
3	Por isso, essa dica pode ajudar a despistar o agressor enquanto a vítima faz a denúncia.
4	Ele não te bate, mas... Violência não é só física! Fique atenta aos detalhes e denuncie, peça ajuda. #sinalvermelho ✘
5	A mulher que sofre violência doméstica e tem dificuldade de pedir ajuda por estar convivendo com o agressor o tempo todo pode contar com a campanha #sinalvermelho.
6	Sua ajuda é fundamental para que mais mulheres conheçam a campanha #sinalvermelho ✘ e possam denunciar seus agressores!
7	Uma agressão quase sempre vem acompanhada de outras formas de violência. Conhecê-las é fundamental para identificar e denunciar um agressor . #sinalvermelho ✘
8	“A quarentena nos obrigou a deixar dentro de casa, o agressor e a vítima , a mulher. Com isso, nós precisávamos ampliar os canais de recebimento de denúncias do Ligue 180”, afirmou.
9	A denúncia fica mais difícil ainda no isolamento social. Crianças, mulheres, idosos e pessoas com deficiência têm convivido 24 horas com seus agressores .

10	Com o isolamento social, muitas vítimas da violência doméstica, como crianças, mulheres, idosos e pessoas com deficiência, têm convivido 24 horas com seus agressores , dificultando a denúncia.
----	---

Fonte: elaboração própria

Os modos de representação de agressores mostram dois padrões. No primeiro, temos em 1, 3, 6 e 7 o agressor sendo um participante passivo, que pode sofrer potencialmente as seguintes ações: ser denunciado ou ser despistado (para que a pessoa em situação de violência consiga denunciar). Portanto, fica pressuposto que o agressor está agindo ou pode voltar a agir a qualquer momento, restando apenas conter os danos de suas ações denunciando-o.

Já nos trechos 2, 5, 8, 9 e 10, os agressores estão representados dentro da circunstância de localização comum aos excertos: “em casa”, “24 horas por dia”, durante isolamento social. Ao invés de ligar o participante ao crime, a escolha foi por reforçar a justificativa de que o aumento dos casos de violência doméstica se deu pelas medidas de restrição de circulação de pessoas. Assim, agressores encontram circunstância mais propícia para continuar agindo.

Em 4, “Ele não te bate, mas...” traz pressuposto as agressões físicas e psicológicas em potencial, sendo a única representação de agressor que liga de forma mais direta o participante aos crimes. Nesse último exemplo, assim como os dois padrões encontrados, predomina o discurso punitivista, o que reforça as pistas encontradas com relação à representação do problema social do órgão.

As representações visuais de agressores foram registradas nos banners publicitários produzidos para a Campanha de Conscientização e Enfrentamento à Violência Doméstica. As análises dos banners serão trazidas no capítulo 5, junto com ao discurso de lançamento da ação, proferido pela ministra do MMFDH.

4.3.5 Ministra MMFDH

O perfil da ministra do MMFDH no Instagram seguiu a tendência de representar mulheres de forma passiva e abstrata nos textos verbais - como “mulher” (4), “vítima” / “vítimas” (2), “todas as mulheres vítimas de violência doméstica” (1) e “mulheres brasileiras” (1).

Dos 12 banners coletados com mulheres sendo representadas, 10 (Textos 26 a 34) foram analisados na seção 1, que discutiu a ação discursiva do perfil, pois se trata de uma mobilização de representantes do governo federal e aliadas para divulgar a campanha sinal vermelho. Representantes do governo federal e de sua base apoiadora reinterpretaram a campanha posando

como vítimas de violência doméstica que pedem ajuda. Os outros dois banners são repetidos: um havia sido publicado também no perfil do ministério e o outro é um banner da campanha de lançamento da campanha contra violência doméstica, que será analisado no próximo capítulo.

Assim como no perfil do ministério, as referências a agressores reforçam o discurso punitivista.

Quadro 4.7: Representação verbal de agressores no perfil da ministra do MMFDH

1	Damarex explica “Coronavírus: denúncias de violência doméstica aumentam uma vez que ela tem que conviver com a pessoa agressora diariamente, sob o mesmo teto”
2	Para a ministra Damarex Alves, o confinamento obriga vítimas a conviverem com seus agressores por longos períodos. “Pela nossa experiência, sabemos que o agressor é, na maioria das vezes, uma pessoa da família ou então muito próxima. Por isso, durante a quarentena, estamos reforçando os mecanismos que ajudam essas mulheres a denunciar”,
3	Não podemos permitir que covardes/bandidos (agressores de mulheres) se utilizem da quarentena para perpetuar o sofrimento das mulheres brasileiras. CADEIA PARA AGRESSORES DE MULHERES!

Fonte: elaboração própria

Os três fragmentos são aspas da ministra divulgadas no perfil. Em 1 e 2, utiliza-se recurso para não identificar o gênero do agressor, que recebeu a referência de “pessoa agressora”, e “uma pessoa da família ou então muito próxima”. Essa estratégia será discutida na próxima seção, em que reúno mais pistas sobre as representações de agressores a partir das peças de campanha divulgadas pelo ministério em 2020, em que tanto mulheres quanto homens são representados como potenciais agressores.

Já em 3, os agressores são referenciados como “covardes” e “bandidos”, léxicos que foram utilizados com a ideia de xingamento no texto, com avaliação moral negativa. Com isso, a violência doméstica é construída não como um problema social complexo a ser superado, mas que seria resolvido com os agressores que possuem desvios morais encarcerados, individualizando uma questão que é estrutural, coletiva.

O uso da caixa alta no comando “CADEIA PARA AGRESSORES DE MULHERES!” reforça a busca por mostrar revolta com a situação (nas interações virtuais, caixa alta corresponde a gritos), mas, ao mesmo tempo, se engaja com a superficialidade do discurso punitivista que prega o “denunciar e prender” como solução para todos os tipos de violência de nossos dias. Essa ânsia pelo encarceramento em massa é um sintoma da onda conservadora que

atravessa a conjuntura atual, em que a resposta almejada da força repressiva e punitiva do Estado acaba gerando mais exclusão e truculência.

Como alertam Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser (2019), devemos questionar o que é tomado como certo nesse discurso que apela por punição: “a suposição equivocada de que as leis, a polícia e os tribunais mantêm autonomia suficiente em relação à estrutura de poder capitalista para contestar sua profunda tendência a gerar a violência de gênero” (p. 60).

A própria Lei Maria da Penha, que não se limita a ser um arcabouço criminal, mas prevê que a mulher tem de ser amparada em sua integralidade, recebe críticas sobre qual mulher é usada como parâmetro para estas necessidades. De acordo com Crenshaw (1991), “haveria uma hesitação de mulheres não-brancas em chamar a polícia devido a uma falta de vontade geral entre as pessoas não-brancas para submeter sua vida privada ao escrutínio e controle de uma força policial que é frequentemente hostil” (p. 1.257). Portanto, quando uma mulher busca ajuda não significa que, necessariamente, ela está buscando uma punição para seus parceiros íntimos, mas parar o ciclo de violência em que se encontra, já que a experiência mostra que a truculência da força policial contra pessoas negras faz vítimas diárias – crianças, jovens, mulheres, homens e idosos – em todo o mundo.

Considerações

Os achados desta seção mostram como ações e representações discursivas orbitam em torno da aproximação, afastamento, ausência ou negação de eixos de (destituição de) poder, que puderam ser mapeados nos textos verbo-visuais analisados. Perfis que representam organismo internacional e sociedade civil organizada trazem reflexão sobre o cruzamento desses eixos ao escolher as formas de representar mulheres em situação de violência, em reconhecimento também à violência interseccional característica da pandemia e do crime de violência doméstica. Embora com menos profundidade e de forma mais sutil, esse entrecruzamento também está presente nas representações visuais do MMFDH, mas está ausente no perfil da ministra da pasta. Há também esforço discursivo para buscar representar as sensações e consequências psicológicas sofridas por mulheres em situação de violência.

Agressores são representados agindo passivamente ou de forma pressuposta nos textos verbais, mais um dado que aponta a dificuldade, desinteresse ou falta de conhecimento da

importância de falar sobre/com esse ator social. Sua presença é percebida sempre ligada ao discurso punitivista, com ocorrências de individualização do problema ao representar agressores como pessoas com desvios morais graves, que seriam facilmente percebidas e, em seguida, excluídas do convívio em sociedade. Essa forma de representar mascara a maneira sutil como, muitas vezes, se iniciam abusos em um convívio íntimo.

As representações visuais de agressores foram encontradas majoritariamente nos perfis que representam o governo federal, especificamente em uma série de banners publicitários divulgados no evento de lançamento da campanha contra violência doméstica de 2020, que será foco de análise no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5 . REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, DAS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA E DE SEUS AGRESSORES NO DISCURSO DA MINISTRA DO MMFDH

Neste capítulo, me propus fazer uma análise sequencial após uma análise estruturada do *corpus* 2 da pesquisa e do grupo 3 de imagens, que correspondem ao discurso proferido pela ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos na ocasião do lançamento da Campanha de Conscientização e Enfrentamento à Violência Doméstica e aos quatro banners exibidos e comentados pela ministra durante sua fala. Meu objetivo é colher mais informações sobre a forma de representar a violência doméstica, as mulheres em situação de violência e os agressores. As categorias analíticas utilizadas foram: estrutura genérica (movimentos retóricos), intertextualidade e interdiscursividade, conforme Fairclough (2013); e representação de atores sociais e legitimação, de acordo com van Leeuwen (2008). Também lancei mão de algumas observações sobre as escolhas lexicais e do uso de algumas metáforas que chamaram atenção na análise.

O evento de lançamento da campanha aconteceu no dia 15 de maio de 2020, no Palácio do Planalto, em Brasília, e contou com a presença do então presidente Jair Bolsonaro e da então primeira-dama, Michele Bolsonaro. Essa campanha, lançada no Dia Internacional da Família, foi uma tentativa do governo federal de se posicionar diante do crescente número de casos de violência doméstica registrados após o início da emergência mundial de saúde. Já se passavam quase três meses do primeiro caso de covid-19 registrado no Brasil, e os números de infecções cresciam vertiginosamente, ainda sem nenhuma sinalização sobre vacinas; havia clara falta de ação integrada entre os poderes executivos federal, estaduais e municipais sobre o manejo da pandemia, especialmente as medidas de restrição de circulação de pessoas.

Por ser um evento com a presença do presidente da República, a cerimônia seguiu protocolos específicos de planejamento e realização, conforme a Secretaria Especial de Comunicação Social. As orientações englobam: projeto básico para o evento; proposta de roteiro; convites; local da realização; montagem do palco; equipamentos e materiais audiovisuais, e distribuição de material. A ministra falou de forma improvisada, com apenas alguns curtos trechos sendo lidos de um papel que tinha em mãos. Na parte final do discurso, foram apresentados em um telão para o público banners publicitários da campanha oficial lançada, assim como *spot* de rádio e também um filme da campanha, todo o material sendo

comentado pela ministra. O texto verbal proferido pela ministra e os banners estáticos exibidos serão o foco de minha atenção.

O texto materializa o gênero situado discurso político, com gêneros do campo da publicidade (banners, *spot* e filme) entrelaçando o evento discursivo. É tanto um texto de via única mediado quanto não mediado. É não mediado para as pessoas que participaram da cerimônia e jornalistas que cobriram o evento no Palácio do Planalto; mas é mediado para quem acompanhou a transmissão da TV Brasil e demais retransmissões do sinal ao vivo ou gravado.

Como vimos no capítulo metodológico, o discurso proferido foi usado como insumo para publicações nas redes sociais do ministério e da ministra, sem receber cobertura dos outros perfis analisados, que não repercutiram a campanha oficial do ministério contra a violência doméstica no início da pandemia. Isso pode indicar a não concordância com o conteúdo e direcionamento da campanha e a busca por se afastar dos discursos reproduzidos pelo governo. A principal mensagem trazida pela campanha é que a violência doméstica pode acometer qualquer integrante da família: mulheres, crianças, idosos, pessoas com deficiência; e que qualquer um também pode ser o agressor, inclusive as mulheres. As pistas encontradas nos textos verbais e visuais coletados reforçam as formas de representar a violência doméstica, as mulheres em situação de violência doméstica e os agressores no perfil da ministra e põem luz sobre outros pontos relevantes ao debate.

Ao longo do discurso proferido pela ministra, ela própria encena a voz de um interlocutor imaginário que guia as narrativas e argumentações (19 ocorrências); demonstra indignação e surpresa; faz cobranças; e também dá abertura para injunções e comandos por parte da ministra. Falas diretas e indiretas atribuídas ao presidente da República (6 ocorrências) ratificam tomadas de decisões por parte do governo federal. Em alguns casos, a ministra também justifica posicionamentos, modos de falar e agir do presidente. Dados de fontes de informação tanto especificadas quanto indeterminadas são utilizados para contextualizar e explorar o aumento de casos de violência doméstica no Brasil e no mundo no período de isolamento imposto pela pandemia de covid-19, que ganham peso a partir da legitimação por autoridade da ministra.

O evento discursivo foi precedido pela execução do Hino Nacional, depois do qual se seguiu o discurso que apresento e analiso de forma sequencial, incluindo as imagens da campanha contra violência doméstica exibidas na ocasião. Todos os grifos nos excertos que seguem são meus:

- (1) Bom dia, senhor presidente. Bom dia, querida Michelle, nossa primeira-dama; Ministro Braga Neto, nosso ministro **querido, amado**, que hoje tem um papel, além de ministro da Casa Civil, nosso líder no Comitê de Combate ao coronavírus. Ministro da Justiça, ministro André; **nossa secretária nacional da família, doutora Ângela, sobrevivente do coronavírus usando cloroquina. Funciona, presidente!** Ministro Onix, meu **irmão, parceiro, amigo**, que hoje nós temos a honra de juntos lançarmos a campanha de prevenção à violência doméstica. Demais convidados, amigos, toda equipe do Ministério da Família, da Mulher, dos Direitos Humanos, todos os secretários nacionais que aqui estão, os demais convidados, demais ministros.

Ao introduzir sua fala e cumprimentar as demais autoridades, a ministra faz questão de demonstrar proximidade com interlocutoras e interlocutores presentes na cerimônia, como pode ser percebido nos processos relacionais com identificadores de posse (nosso, nossa), afeto (querida, querido, amado) e intimidade (líder, irmão, parceiro, amigo) utilizados. Em seu papel estratégico dentro do governo, a ministra demonstra trânsito livre nos outros ministérios a partir do grau de ligação com as demais autoridades presentes na cerimônia.

Ao saudar a secretária nacional da família, Ângela Gandra, única secretária do ministério a compor o palco do evento (aqui ressaltado a ausência da secretária Nacional da Mulher no lançamento da campanha contra violência doméstica), a ministra se refere a ela como “sobrevivente do coronavírus” e atribui o sucesso de sua recuperação à cloroquina. O medicamento sem eficácia comprovada foi amplamente divulgado pelo presidente, seus aliados e apoiadores como sendo a “cura” para a covid-19 por meio do “tratamento precoce”.

Uma Comissão Parlamentar de Inquérito investigou, no âmbito do Senado Federal, a condução da crise sanitária mundial pelo governo federal brasileiro. Em seu relatório final, a comissão aponta que o presidente praticou crimes, entre eles emprego irregular de verba pública, por destinar recursos para a compra de medicamentos ineficazes, como a cloroquina; e charlatanismo, ao fazer a defesa do uso desses medicamentos. Esse relatório foi divulgado um ano e meio após o pronunciamento aqui analisado, em outubro de 2021. Na época em que o evento ocorreu, a promoção da cloroquina e de seus efeitos ainda estava sendo iniciada e esse evento discursivo é uma amostra de como foi feita sua propagação. “Funciona, presidente!”, assegura a ministra, que não foi ouvida pela comissão, nem citada no relatório final.

- (2) Dia Internacional da Família! Nos preparamos tanto para esse dia, nos preparamos tanto. Tantas entregas do governo federal para esse dia. Nós tínhamos tantas coisas para celebrar na data de hoje, tanta coisa. **Este governo investiu em 2019 na família como nunca na história da**

República, nunca. E os recados começaram lá na transição, quando o presidente teve a **coragem** de trazer para o Brasil e realizar **o sonho do Brasil** com a criação do Ministério da Família, um anseio que se formos buscar nos Anais do Congresso Nacional as indicações, e os meninos, que os parlamentares mandavam para o executivo desde 96 pedindo a criação do Ministério da Família. O presidente Bolsonaro **ousou!** Porque o presidente Bolsonaro acreditava que **família forte é nação próspera, família protegida é nação soberana**, e nós começamos lá atrás, na transição, quando **ele deu ordem a todos os ministros que o tema família neste governo seria tratado de uma forma transversal**, e assim tem sido.

No trecho (2), a ministra inicia uma prestação de contas, se endereçando indiretamente à população, sobre os investimentos do governo federal na família. Em clara referência à emblemática afirmação “Como nunca na história deste país”, do ex-presidente Lula, diz que “Este governo investiu em 2019 na família como nunca na história da República, nunca”, com ênfase adicional pela repetição.

Ao fazer um resgate histórico da criação do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, avaliado moralmente como um ato de “coragem” e “ousadia” do presidente, a ministra afirma que o “sonho” da criação do “Ministério da Família” é uma demanda parlamentar desde 1996 por parte do Congresso Nacional. Tal sonho, alçado a “sonho do Brasil” numa estratégia de unificação, só teria sido concretizado porque o presidente teria reconhecido a seguinte relação de causalidade: se a família é forte e protegida, a nação será próspera e soberana. Assim, a ministra justifica a ordem dada pelo presidente eleito de que “o tema família neste governo seria tratado de uma forma transversal”, com a ‘família brasileira’ sendo cuidada pelo Estado, na figura do presidente, representado como grande patriarca da Nação. Importante lembrar que o discurso conservador cristão é construído em cima da instituição mística da família tradicional (nuclear, monogâmica, patriarcal, cristã).

(3) **Não** se fala **nada** no Ministério da Justiça se o foco **não** for família. Quando se estabeleceu no Ministério da Justiça prioridade de combater a violência, era para proteger a família. **Não** se faz **nada** lá na AGU se **não** for pensando em família. E **não** se faz **nada** na (Ministério) Saúde se **não** for pensando em família.

No fragmento (3), chamo atenção para as repetições (9 ocorrências) de “não” e “nada” como intensificadores para reforçar a avaliação positiva de que o tema família seria tratado de

forma transversal, e central, pelo governo federal, sem exceções. Os Ministério da Justiça, da Saúde e a Advocacia Geral da União foram citados como exemplos.

- (4) Dá um exemplo, ministra! *Vocês* assistiram a Campanha de Amamentação do ano passado, do Ministério da Família, do Ministério da Saúde? É impressionante! O bebê chorava e todo mundo esperava para a mãe levantar, como era de praxe. Quem levantava era o pai e, nas outras cenas, era avó que levantava primeiro. O recado tava (sic) dado: família, amamentação; amamentação, família. Se vocês começaram (sic) a observar com uma **lente**, neste governo família está no **foco** em todas as ações. Quando a gente vê o **nosso** Pedro, da Caixa Econômica, preocupado lá com seus números e com os seus dados, e quando a gente olha aí a gente vê com **lupa**, a preocupação da Caixa Econômica é: família. Quando vocês olham o **nosso** presidente do BNDES lutando para arrumar as contas do BNDES, quando vocês olham o **nosso** BNDES **não tá preocupado com grandes empresários do Brasil mais não**. É família! Este governo tem um foco: família.

Na descrição da campanha de amamentação do Ministério da Saúde, a ministra tenta se associar ao discurso feminista quando narra que, quando o bebê chora no filme da campanha, quem se levanta para pegá-lo é o pai, e não a mãe, como seria o esperado. É uma característica do discurso conservador cristão abraçar parcialmente algumas causas do movimento feminista, mas a suposta contradição logo é mitigada quando colocada em contexto.

Ao avaliar de forma negativa a suposta preocupação de gestões anteriores com “grandes empresários”, que supostamente não seria compartilhada pelo governo daquele momento, a ministra traz mais exemplos de instituições públicas que também seriam regidas pela preocupação com a “família”: Caixa Econômica Federal e BNDES. Aqui a ministra associou até os bancos públicos do Poder Executivo Federal em sua agenda de promoção da família, referenciada como um “foco”, uma “lente” do governo federal, que pode ser percebida em ação se for usada uma “lupa”. Essas metáforas ligadas ao olhar – com o foco sendo a lente e a aproximação como a lupa –, nos lembra o conceito de discurso como sendo uma visão do mundo de acordo com certos valores e crenças. A ministra, portanto, coloca de forma direta que o eixo família seria inserido de forma estratégica pelo governo federal para guiar suas políticas públicas de forma transversal, estando no cerne da forma de ver o mundo da gestão então à frente do Poder Executivo Federal.

- (5) E nós tínhamos muitas entregas, muitas entregas hoje, mas nós optamos hoje em não celebrar, em não fazer uma grande festa aqui no Palácio, também em respeito às famílias que perderam

tantas pessoas neste momento de pandemia. E viemos hoje aqui com **sabedoria** e com muita **sensatez** dizer que, infelizmente, nesse momento, a família está em sofrimento. Nós poderíamos apresentar os nossos avanços na área da família, mas a gente não vai fazer isso hoje. *Me permita*, nós vamos falar de coisa triste hoje. *Me permita!* A pandemia neste momento tá trazendo **tristezas** para as famílias e nós não temos muito a celebrar hoje, mas este governo lá atrás, quando viu que a pandemia lá no mundo, lá fora, estava fazendo com as famílias, **este governo se antecipou. E eu quero que vocês entendam às vezes quando o nosso presidente de uma forma e às vezes com agonia** quando ele fala desta pandemia e ele expressa com tanta tristeza a sua preocupação com as famílias, *entendam* porque esse ano de 2020, gente, era o nosso ano das grandes entregas.

A ministra mostra solidariedade com famílias que perderam entes queridos, instantes depois de afirmar que cloroquina salva vidas. Avalia a ação do governo em resposta à pandemia como sábia, sensata e precavida diante do contexto avaliado como infeliz, sofrido e triste enfrentado pelas famílias brasileiras.

A argumentação de que a família, nesse contexto de pandemia, “está em sofrimento” é usada como justificativa para que o presidente sinta tristeza e preocupação com as famílias, por isso ele estaria falando com “agonia” sobre a situação da covid-19 no Brasil. Essa estratégia retórica humaniza a figura do presidente e minimiza suas declarações de descaso, insensatez e desinformação quando questionado pela imprensa sobre ações governamentais contra a covid-19 no Brasil neste período. Enquanto a forma do presidente se expressar é avaliada como agoniada, triste e preocupada, a opinião pública pasmava diante da sequência de declarações do presidente minimizando a gravidade da pandemia e contradizendo orientações de autoridades em saúde em relação a medidas de isolamento e formas de prevenção.

A ministra continua a mostrar sua frustração com a pandemia, que é construída no discurso como sendo o obstáculo para que o governo faça “grandes entregas”.

- (6) Nós trabalhamos tanto em 2019. Nós em 2019 arrumamos a casa, presidente, era um ano da gente arrumar a casa. Nós pegamos o Brasil destruído. Lembre (sic.) *vocês* que eram 13 milhões de desempregados, violência, nós éramos o campeão mundial de homicídio. **Que vergonha!** Mulheres apanhavam, estupradas, pior país da América do Sul para se nascer menina. *Olha a nação que nós herdamos!* Lutamos em 2019! Aí nós chegamos dezembro, nós ministros, *vocês* não têm ideia que nós meninos **sonhávamos** com final de dezembro para janeiro a gente chegar e dizer a que viemos. Nós estávamos com tudo pronto para mostrar para *vocês, Brasil*, o que íamos fazer 2020. Tudo pronto! O que nós nos preparamos um 2019 para mostrar para o Brasil

o que era o governo Bolsonaro em 2020. A gente foi para casa no Natal felizes porque 2020 nós íamos mostrar para o Brasil e para o mundo as nossas realizações. Aí vem um bichinho, um vírus, e não nos permitiu ainda mostrar a que viemos.

Nesse excerto, a ministra se aproxima do discurso de pânico moral, assentada em sua legitimação por autoridade, citando informações sem citar fontes, em forma de manchete, com auxílio do interlocutor imaginário para mostrar consternação (“Que vergonha!”) com a “nação que herdamos”. Assim, critica de forma indireta governos anteriores ao falar sobre desemprego e violência no Brasil. Utiliza o “vírus” e essa “herança” como obstáculos para “mostrar para o Brasil o que era o governo Bolsonaro”, justificando assim a ausência de “realizações”.

- (7) *Vocês* conseguem imaginar a nossa **angústia**? *Cês* (sic) consegue (sic), *Brasil*, imaginar a nossa **tristeza** hoje, no dia 15 de maio, que era o dia que nós temos preparado para celebrar as conquistas, e nós aqui estamos reunidos para mostrar que nós vamos ter **que fazer uma campanha de combate à violência de novo**? *Vocês* conseguem imaginar que em novembro nós apresentamos aqui o nosso Abraço em Marajó e tudo que tava (sic) pronto para o Marajó?. *Desculpa* a emoção dessa ministra. *Cês* (sic) conseguem imaginar tudo que tava (sic) pronto hoje para a gente celebrar no Marajó, todo o nosso dinheirinho reservado para o Marajó? As famílias do Marajó lá nos esperando, nós alimentamos o sonho das famílias do Marajó. Era para mim (sic) ir para lá hoje, dançando carimbó com as famílias do Marajó. *Você* consegue imaginar a frustração de nós, ministros, hoje? *Você* consegue imaginar a frustração do nosso presidente? *Cês* (sic) consegue (sic) imaginar as noites sem sono do nosso presidente no dia, nesses meses todos. Eu quero que *vocês* entendam, *imprensa*, às vezes o nosso discurso de **tristeza, de agonia**, porque era o nosso ano, *Brasil*, da gente mostrar tudo que a gente fez em 2019, a gente ia mostrar agora em ações, e **um bichinho não tá dizendo está nos deixando ainda**. Mas eu vou dizer para *vocês* que ainda porque essa pandemia vai passar e eu prometo para o Brasil que 15 de maio do ano que vem a gente vai tá (sic) aqui é celebrando tudo o que nós prometemos para as famílias brasileiras. A gente vai conseguir, presidente, essa pandemia vai passar.

Em tom mais coloquial e emotivo, buscando empatia e proximidade com interlocutoras e interlocutores, a ministra continua a falar de sua frustração de não poder “celebrar as conquistas”, mas ter de lançar a campanha contra violência doméstica no Dia da Família (15 de maio). Assim a ministra amplifica a interpelação que já se apresentava desde o excerto (4), e o esforço de unificação, presente antes em “sonho do Brasil”, aqui faz do país todo um interlocutor homogêneo, ávido pelas supostas “realizações” no âmbito do tema da família. A imprensa é avaliada moralmente de forma negativa como incompreensiva diante do avanço do

vírus que estaria atacando diretamente a família, o governo e o progresso nacional. Ela se dirige diretamente ao presidente com o alento: “A gente vai conseguir, presidente, essa pandemia vai passar”, em um discurso de esperança.

- (8) Hoje a gente vem aqui apresentar para o Brasil, vai fazer o lançamento de uma campanha de combate à violência contra **a mulher, a criança, o idoso, a pessoa com deficiência, no dia 15 de maio, Dia Internacional da Família**, a gente vem aqui apresentar uma campanha de prevenção à violência doméstica. Não era isso que a gente queria, mas por quê? Quando a gente viu que estava acontecendo nos países da Ásia e da Europa que tiveram um aumento significativo no registro de denúncias e violência doméstica durante o confinamento, nós nos antecipamos. O nosso ministério, junto com a Saúde, com a Justiça, nós nos antecipamos, com a Cidadania, e tomamos medidas acertadas muito antes da quarentena. Mas o fenômeno se repetiu aqui no Brasil. Por mais que a gente tomou (sic) todas as medidas, o fenômeno se repetiu. E o que mais nos preocupa agora, e o que mais nos preocupava, era a **subnotificação da violência**. E faz necessário o lançamento dessa campanha hoje. Com a decretação de quarentena em vários estados e municípios, agressores e vítimas passaram a conviver junto (sic) 24 horas, e a gente fala entre nós lá no ministério que a **presa está com predador** 24 horas trancado (sic) dentro de uma casa. E a gente precisava fazer alguma coisa, a gente fez muita coisa até agora, mas a gente precisa fazer mais, é por isso que estamos aqui hoje.

A violência doméstica é representada pela ministra como um crime que acomete mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência. As pessoas em situação de violência e os agressores são referidos em pares: “agressor e vítima” (discurso punitivista) e “presa e predador”, uma metáfora ligada com a animalização dos atores sociais. Ao fazer essa última referência, é tirado do agressor a consciência, característica humana ausente nos outros animais, o que acaba amenizando os crimes cometidos, pois seriam na metáfora interpretados como resultado de impulso e não de decisão consciente.

O lançamento da campanha é avaliado como necessário, mesmo contra a vontade do governo, que novamente é investido positivamente por ter tomado “medidas acertadas muito antes da quarentena”.

- (9) Deixa dizer alguns números *para vocês*: o nosso disque 100 e o ligue 180 está (sic) apresentando números que nos assustam. O ligue 180, que a violência contra a mulher, em abril, 35% a mais de denúncias de violência contra a mulher só no ligue 180. No disque 100, é ao contrário: 18% caiu a denúncia de violência contra a criança. Uau, vamos celebrar. **Não, vamos chorar**. Mas

não vamos celebrar queda da denúncia da violência contra a criança? Aí é que tá, *gente*, a maioria da violência contra a criança a gente descobre na escola ou na creche quando o cuidador tá dando um banho tá trocando a fralda. Essas crianças não estão na creche, não estão na escola. Vocês têm ideia como é que o nosso coração está apertado, quando a pandemia passar, o que nós vamos descobrir com relação às crianças quando elas voltarem para a escola? A criança não liga, a criança não fala, a criança não vai denunciar, criança nos aplicativos. Nós estamos, eu vou dizer uma palavra que talvez a imprensa não gosta, mas eu vou dizer: nós estamos apavorados com o que nós vamos descobrir após pandemia. E eu quero que *vocês* entendam agora o discurso do presidente da República quando ele fala: nós precisamos pensar o pós Brasil, o pós pandemia. Porque o que nos espera pós pandemia nós não imaginamos ainda, nós não temos ideia ainda. Quando as casas forem abertas, quando as portas forem abertas, e este governo teve a **coragem de falar de um tema que ninguém falava**, que era o **estupro de bebês**. E quando eu comecei de estupro de bebê, general Heleno, alguém disse: cala a boca, porque quando um gestor fala que existe um problema esse gestor é obrigado a resolver. **Esse governo tem coragem de falar de estupro de bebê porque esse governo tem a coragem de enfrentar e resolver o estupro de bebês. Por isso que eu tive ordem do meu presidente de falar que no Brasil tem estupro de bebês de 8 dias.** Esses bebês estão trancados dentro de casa com seus agressores agora. *Vocês* têm ver o que vai acontecer pós pandemia?

Nesse trecho, a ministra intensifica a aproximação com o discurso de pânico moral, partindo de premissas não totalmente verdadeiras para chegar a conclusões falsas, contradições e causar um grande desconforto em quem a ouve. Ela expõe o crescimento de denúncias no Ligue 180, de violência contra a mulher (+35% em abril), e a diminuição de ligações para denunciar violência contra a criança (-15%), alegando a impossibilidade de as crianças ligarem, falarem e denunciarem.

A escola é representada como sendo uma instituição aliada no combate à exploração sexual de crianças, pois seria o espaço em que possíveis crimes são denunciados e descobertos “quando um cuidador está dando um banho, tocando uma fralda”. Ao mesmo tempo, a ministra já expressou inúmeras vezes ser contra educação sexual nas escolas e também a favor do *homeschooling* (ensino domiciliar), também foco da agenda do governo.

Em seguida, a ministra avalia novamente a imprensa de forma negativa, pois essa “não gosta” da indicação de aumento de crimes praticados contra crianças, que só serão revelados após a pandemia, na projeção da ministra. Mais uma vez, sai em defesa do presidente – e contra a imprensa – ao justificar a preocupação da autoridade com o “pós pandemia”. Em suas falas públicas para a imprensa, o presidente mostrava-se mais preocupado com os efeitos da

pandemia sobre a economia brasileira e com o pós pandemia de covid-19 que com as formas de contenção do vírus e a preservação de vidas, postura pela qual foi bastante criticado. Ainda de acordo com o relatório final da comissão que investigou suas ações de combate à pandemia, também são imputados: crimes contra a humanidade na condução da pandemia; crime de responsabilidade, por ter defendido a imunidade de rebanho por contágio, atentando contra o direito à vida e à saúde; e crime de epidemia ao promover aglomerações de pessoas.

Retomando o discurso de pânico moral, o governo federal é novamente avaliado positivamente por ter tido “a coragem de falar de um tema que ninguém falava, que era o estupro de bebês”. A ministra não cita fontes, e mais uma vez confia em sua legitimação por autoridade, ao afirmar que estaria havendo o crime e atribui ao presidente a coragem de “enfrentar e resolver”, pois o mesmo haveria dado a ordem “de falar que no Brasil tem estupro de bebês de 8 dias”. Como se houvesse no Brasil uma prática rotineira desse crime estarrecedor, a ministra amplifica o pânico moral, e dessa forma avalia o governo moralmente. Também deixa no ar a pressuposição de que qualquer pessoa que seja contra a preocupação do governo com o “pós pandemia”, como a imprensa, pode ser avaliada como a favor ou tentando negar a ocorrência do crime de estupro contra bebês. O esforço discursivo é no sentido de se associar a causas a que ninguém seria contra e chegar a conclusões duvidosas para causar comoção social e arrebatá-la sua base apoiadora.

- (10) 95% das denúncias registradas na ouvidoria apontam violências contra **mulheres, crianças, adolescentes, idosos e pessoas com deficiência, nessa ordem**. Vou repetir: **mulheres, crianças, adolescentes, idosos e pessoas com deficiência. Não se falava no Brasil de violência doméstica contra pessoas com deficiência; tivemos a coragem de falar**. Mas falar tem que resolver! Sim! E como é que vocês estão fazendo? Estamos entregando para o Brasil, pela primeira vez, um **canal para recebimento de violência de pessoas com deficiência, violência doméstica com pessoas com deficiência**. De que forma, ministra? Pela primeira vez no Brasil uma pessoa surda poderá ligar no nosso ligue 180, disque 100, e vai ser atendida 24 horas do outro lado, não por robô, mas por um atendente, especialista, formado, o intérprete em libras (sic.), e falar em libras. A comunidade surda agora vai poder denunciar a violência doméstica. Isso é governo Bolsonaro pensando na família. Essa experiência já tá sendo inclusive buscada por outros países do mundo. É o Brasil exportando políticas públicas.

No ranking de pessoas em situação de violência, a ministra reconhece sutilmente que as mulheres são as principais vítimas dos crimes denunciados na Ouvidoria Nacional de Direitos

Humanos. Nesse trecho, o léxico coragem (que teve 11 recorrências no discurso, sempre associado ao presidente ou ao governo) é novamente utilizado para incluir mais um tipo de crime como foco de atenção do governo federal: a violência doméstica contra pessoas com deficiência. Como resposta para a demanda desse grupo, a ministra sustenta que pessoas surdas poderão ser atendidas por um “intérprete de libras” nos canais de denúncia, mas não esclarece como uma ligação somente de áudio, como é o caso dos canais mencionados, poderia ser feita em libras. No entanto, a experiência estaria dando tão certo que seria “exportada”, afirma a ministra.

- (11) Mais números: Fórum Nacional de Segurança Pública, 44,9 (sic.) de aumento de ocorrência de **violência contra mulheres** durante a pandemia em São Paulo. Acre, atenção senhores, 600% de aumento de ocorrência no Acre, 600%. 34,1% de caso de lesão corporal dolosa e 54,3% de ameaça no Rio Grande do Norte durante a pandemia. Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Pará também registra (sic.) aumento em todos os índices. 431% de aumento de registro de briga entre vizinhos no Twitter. E aí? **Já temos registro de alguns estados que morreu mais mulher de feminicídio do que coronavírus.** E aí? Mato Grosso do Sul, **já morreu mais mulher de feminicídio do que coronavírus.** Nós vamos ter que encarar violência doméstica durante a pandemia. E de que forma a gente encara? Denunciando, esse é objetivo da campanha. **Denunciando** como, ministra? Ligando para o disque 100, 24 horas. Mas ministra como é que a mulher vai ligar se o agressor tá do lado? Alguém vai ouvir a voz dela. O governo Bolsonaro se antecipou, entregou para o Brasil aplicativo, todo mundo pode baixar de forma gratuita o aplicativo. **A mulher pode agora na hora do banho, silenciosamente, no aplicativo, fazer a denúncia. Ela pode fazer imagem, filmar e mandar na hora a imagem para nós, que inclusive antecipa a prova. A criança pode usar o aplicativo, adolescente pode o aplicativo, comunidade LGBTI, todo mundo pode usar o aplicativo.** Mas agora também tem o site, mas além do site agora também agora por meio de WhatsApp. Na hora de ir lá fora, a mulher jogar o lixo, pode usar o aplicativo, não precisa mais usar a voz. E outra coisa: de qualquer lugar do mundo, mulheres brasileiras, jovens brasileiros, adolescentes, crianças, em qualquer lugar do mundo, pode usar o nosso aplicativo. Brasileiros que estão sofrendo violência doméstica em qualquer lugar do mundo podem falar conosco 24 horas. **Dessa forma que a gente tá cuidando do nosso povo.**

Aqui a ministra abre o trecho buscando maior legitimação de sua fala como autoridade ao citar “mais números”, com destaque para “Mato Grosso do Sul, já morreu mais mulher de feminicídio do que coronavírus”, argumento indireto contra o isolamento social para contenção da pandemia. Para contornar a situação, a ministra aponta que a única saída seria denunciar, e

elencas a estrutura disponibilizada pelo governo federal para que pessoas em situação de violência e testemunhas denunciem: centrais de atendimento, aplicativo, WhatsApp, site, mas não há detalhamento do que acontece depois, dos próximos passos, inclusive para quem está fora do Brasil. Na perspectiva enunciada nesse discurso, o problema da violência doméstica teria como empecilho apenas a falta de denúncia, uma construção do problema social e dos modos de superação semelhante à encontrada em seu perfil no Instagram. Da mesma forma, o problema social não é explicado, mas exaustivamente nominalizado em um reforço ao discurso punitivista.

- (12) Aí vem a nossa campanha para dizer para todo mundo denunciar. Briga de marido e mulher ninguém mete a colher. Mete! E tem que meter mesmo! Mas ministra, se eu meter, **o vizinho vai me matar**. Anonimamente! Nós garantimos o anonimato! *Denuncie!* **E especialmente com relação à criança**, sabe aquele choro que *você* tá assim ouvindo? Pode ser dor de barriga, mas tá chorando demais, eu tenho dúvida. Na dúvida, *ligue*. Nós não somos **loucos**, nós não vamos chegar na casa e prender o pai e a mãe. Nós temos uma equipe interna que vai lá tirar dúvida, os nossos conselhos tutelares estão preparados para ir lá tirar dúvida. *Ligue!* Na dúvida, *liga* 100! *Entre* no aplicativo, *denuncie* a violência contra a criança, não é só violência sexual. Tem pais nesse momento que estão perdendo a paciência, estão batendo nas crianças. *Liguem* para nós, por favor. Na dúvida, *liga*, *é melhor você ligar* e dormir tranquilo que *você* denunciou que depois *você* o resto da vida ficar com peso na consciência que *você* não denunciou. *Ligue* para nós! O objetivo da campanha que nós estamos apresentando hoje é despertar nas famílias, em toda a sociedade, urgência em exercitar o **dever cívico** de informar as autoridades sobre as situações de violência vivenciadas dentro dos lares. Objetivo é incentivar os vizinhos, e aqui tem uma novidade: nós vamos trabalhar com condomínios, nós vamos ter cartazes em todos os condomínios e elevadores do Brasil, e aqui a gente vai disponibilizar no nosso site abaixo do nosso site, os cartazes. Imprimam, coloque nos elevadores, informando o nosso telefone, o aplicativo. Vizinhos, por favor, *enfie* a colher na briga de marido e mulher, *comece a denunciar*. **Bora todo mundo cuidar de todo mundo no Brasil!**

Em uma atividade moralizadora, a ministra busca despertar a urgência em “exercitar o dever cívico”, de informar as autoridades sobre situações de violência vivenciadas dentro dos lares. Nesse caso, é especificado que, após a denúncia, uma “equipe interna” e os “conselhos tutelares” (no caso de crianças) agiriam para dar andamento aos casos. Com base nesse apelo, o texto se estrutura no trecho (12) como troca de atividade, uma demanda explicitamente ordenada em verbos no imperativo (11 ocorrências, somadas à exortação/ameaça “é melhor

você ligar”) dirigidos a esse interlocutor universal (você Brasil). O convite “Bora todo mundo cuidar de todo mundo no Brasil” tenta aproximar a ministra e o governo do discurso de acolhimento e de empatia, mas acaba por esvaziar o problema quando não aponta quem precisa de mais cuidado e quem deve cuidar de quem.

- (13) E essa é a campanha que fazemos aqui hoje, *todo mundo denunciando* a violência contra **criança, idoso, pessoa com deficiência**, e aqui o idoso. Está aqui, presidente, nosso secretário nacional do idoso, **feliz, porque nunca o idoso esteve na pauta como está na pauta nesse governo**, e a preocupação dele com uma violência contra o idoso que ninguém tava (sic) falando no Brasil, que é a violência patrimonial. Por causa da pandemia, tem um monte de filhinho engraçadinho, de sobrinho e neto pegando o cartão do vovô, da mamãe, do papai, indo sacar o dinheiro da mamãe, do papai, dizendo: você não pode circular, num pode, idoso num pode sair de casa. E delapidando o patrimônio de idoso. *Atenção, denuncie!* Antecipação de herança, *denuncie!* Pegando procuração com amplos poderes de idosos, *denuncie!* Inclusive nós estamos entrando com uma medida no Congresso Nacional que antecipação de herança durante a pandemia só vai ser homologada depois que passar a pandemia, é assim que o governo Bolsonaro está cuidando dos idosos no Brasil. Chega de violência patrimonial contra idosos no Brasil.

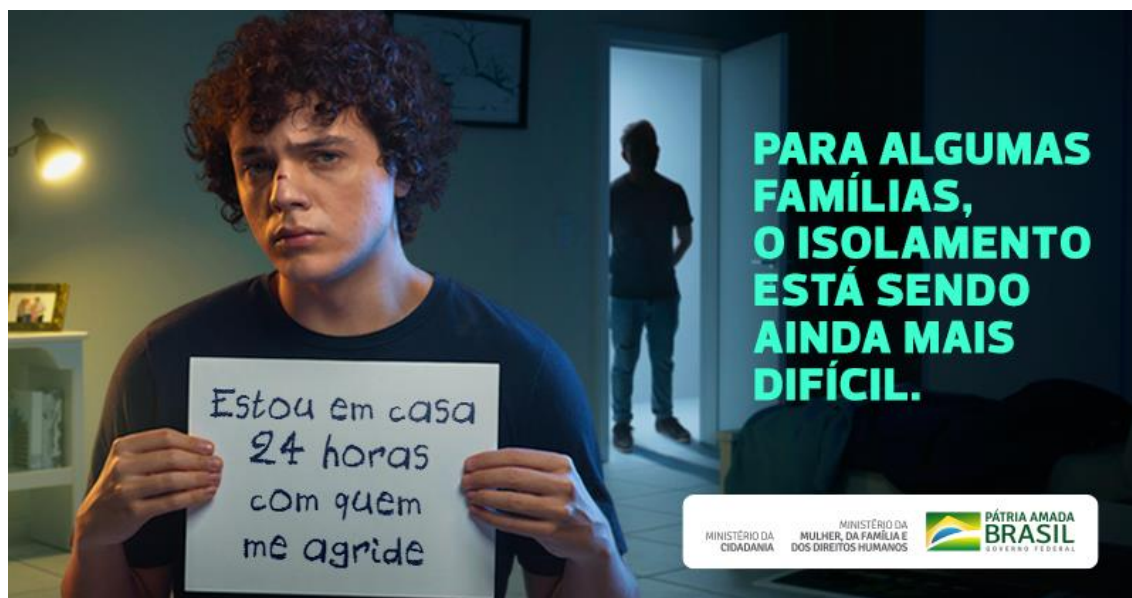
Mantendo o tom apelativo (“todo mundo denunciando” mais as repetidas instâncias de verbo no imperativo), agora a violência contra pessoas idosas é o foco, novamente avaliando as ações do governo como inclusivas e inovadoras. A ministra volta a agrupar pessoas em situação de violência doméstica (“criança”, “idoso”, “pessoa com deficiência”, mas não mulheres); e agrupa também o próprio crime de violência doméstica (ênfatizando nesse trecho a violência patrimonial contra pessoas idosas, prevista no Estatuto do Idoso). Assim, o crime de violência doméstica é interpretado como qualquer tipo de crime que aconteça dentro de casa, por familiares, tendo qualquer pessoa como vítima. Com essa estratégia, esvazia o eixo gênero da violência doméstica, o que ficará mais evidente no restante do evento discursivo.

A partir deste momento, a ministra passa a apresentar as peças publicitárias da campanha. Nas peças, homens, mulheres, idosos e pessoas com deficiência são representados como pessoas em situação de violência, enquanto tanto homens quanto mulheres figuram como agressores/as.

- (14) E agora vamos conhecer as peças de divulgação da nossa campanha. Desculpa, presidente, eu falei demais. Vamos conhecer as peças de divulgação da nossa campanha. Aqui está a peça 1 da campanha: é um adolescente que estrea o filme da campanha e pede ajuda por meio de cartaz.

Ao fundo o agressor observa para ilustrar o drama de quem está preso dentro de casa com o **agressor** e nós trouxemos peça também **com agressora**. Nós temos que lembrar que a **mulher também agride**, nós temos que lembrar que **mulher também abusa sexualmente**, então a gente tá trazendo aqui todos os tipos de agressores, jovens também agride (sic.). Nós temos que lembrar aqui neste momento ninguém está acima de qualquer suspeita.

Texto 69



Fonte: reprodução MMFDH

A peça traz um jovem branco denunciando que está sendo agredido, perfil que ainda não tinha sido incluído pela ministra no rol de vítimas de violência doméstica. Em processo verbal, ele segura o cartaz com a mensagem “Estou em casa 24 horas com quem me agride” e dirige o olhar a quem lê, em sinal de demanda. Há também o pressuposto da violência física devido à marca de agressão no nariz (processo simbólico sugestivo). Já o agressor é representado apenas por sua silhueta, mas é possível identificar que se trata de um homem adulto, que observa a cena do corredor da casa. O cenário de todas as peças é o interior de uma residência que tem características de pertencente a um núcleo familiar de classe média.

A ministra refere-se ao jovem como “adolescente” e ao homem em segundo plano como “agressor”, mas destaca que essa segunda posição também poderia ser ocupada por uma “agressora”. A ministra reforça a necessidade de “lembrar” que: “mulher também agride” e “mulher também abusa sexualmente”. A escolha do verbo “lembrar” deixa pressuposto que esses argumentos são plenamente verdadeiros, cabendo a quem está ouvindo sua mensagem

apenas “lembrar” deles, e não refletir sobre eles. Já o “também” é a marca de pressuposição que indica o reconhecimento mais amplo de que homens podem ser agressores.

- (15) A segunda peça, por favor, a segunda peça da campanha. Um QR Code aponta para baixar o aplicativo de direitos humanos, tá? E aqui a gente traz na segunda peça uma **adolescente com Síndrome de Down, uma linda menina** que veio para campanha conosco, uma **atriz incrível** representa as pessoas com deficiência, novamente o disque 100. **E com a violência doméstica não tem gênero**, observamos também ali a presença de **uma mãe, a mulher também, infelizmente, é às vezes a autora da violência, a gente traz também a figura feminina**. E a gente tá aí lembrando nos nossos cartazes as pessoas com deficiência e a gente quer lembrar também dos **cuidadores e das cuidadoras**. *Cuidado*, às vezes a gente paga um dinheiro caro para um cuidador e a gente quer aliviar nossa consciência, estamos pagando caro. *Acompanhe* os cuidadores. Temos verdadeiros anjos nas nossas casas, mas às vezes alguns não são anjos. *Acompanhe* (sic.), famílias. *Acompanha os cuidadores e as cuidadoras*.

Texto 70



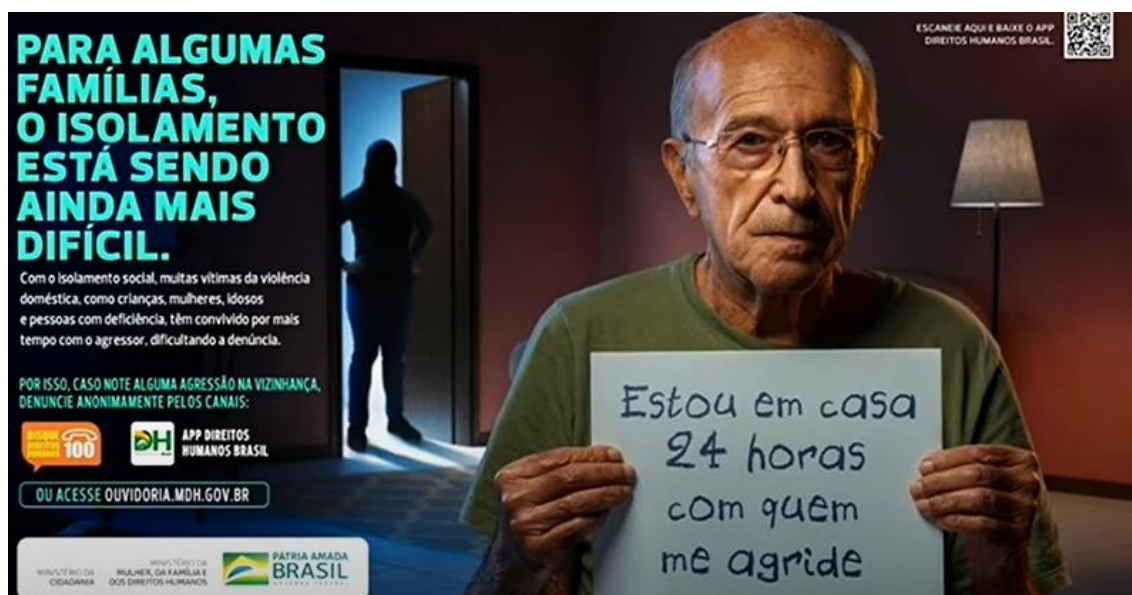
Fonte: reprodução MMFDH

O banner acima, variação da primeira peça publicitária apresentada, agora ambientada em um quarto, traz uma jovem branca, com Síndrome de Down, representando uma pessoa em situação de violência, e uma mulher ao fundo, representando a pessoa que comete violência. A agressora é referenciada no texto verbal da ministra como “mulher” e “mãe”. Para enfatizar que pessoas do sexo feminino também são agressoras em potencial, a ministra flexiona o artigo do

substantivo “cuidador” duas vezes (“dos cuidadores”, “das cuidadoras”, “os cuidadores” e “as cuidadoras”) e refere-se a esses atores sociais com metáforas ligadas ao campo religioso: “Temos verdadeiros **anjos** nas nossas casas, mas às vezes alguns não **são anjos**”.

- (16) Aí a terceira peça, por favor, passa lá, aí vem o **idoso**. A pessoa idosa é vítima de violência, os autores, segundo dados do disque 100, normalmente, **são os próprios filhos, filhas, sobrinhos e os cuidadores**. Importante destacar que o Aplicativo Direitos Humanos também pode receber denúncia por vídeos e fotos que ajudam a comprovar a violência. E aqui que eu queria falar do coração mais um produto do governo Bolsonaro. No nosso disque 100, nós começamos a receber muita ligação de idoso, viu, Michele, aí o idoso não queria denunciar violência. A gente percebeu que **os idosos queria (sic) conversar**, presidente, durante a pandemia. E agora, o que fazer? **Aí o presidente Bolsonaro disse: vocês têm que fazer alguma coisa**. Aí o disque 100, nós ampliamos os canais, general Heleno. Os idosos no Brasil agora que quiserem conversar, que estiverem se sentindo sozinho (sic.), pode (sic.) ligar no disque 100 para bater papo conosco. Nós ampliamos o nosso time 24 horas para conversar, inclusive eu estou sendo treinada para dar uma hora, duas horas por dia para atender os nossos idosos no Brasil. Quem se sentindo sozinho, com medo, triste, querendo só bater papo, pode ligar que nós estamos ali 24 horas com o time incrível para atender os idosos. **Alô, vovô! Alô, vovô! Pode ligar para o presidente Bolsonaro**.

Texto 71



Fonte: reprodução MMFDH

Essa é a segunda peça que traz uma mulher como agressora, enquanto a pessoa em situação de violência é um homem idoso. Em seu discurso, a ministra também se refere aos agressores como “os próprios filhos, filhas, sobrinhos e os cuidadores”. Já o idoso é

representado como alguém que precisa de proteção, mas também de atenção e empatia, pois esse grupo estaria usando o serviço de denúncia de crimes para conversar, representando os idosos como carentes e solitários. Nesse contexto, o presidente e a ministra são avaliados positivamente por compreender e atender essa demanda por atenção e até disponibilizar de seu tempo para atender às ligações de pessoas idosas.

- (17) Continuando, a última peça. No caso da mulher, ali, nós temos, o autor tem sido também o **homem, às vezes o filho, a filha**, estamos trazendo ali a imagem. A mulher **deve reconhecer** que ela **pode e deve** sair do ciclo de violência.

Texto 72



Fonte: reprodução MMFDH

O banner traz uma mulher branca representando a pessoa em situação de violência doméstica, e é a peça que recebe menos atenção e provoca menos entusiasmo da ministra em sua fala. A imagem traz o agressor sendo um homem, enquanto a ministra se refere como “o homem, às vezes o filho, a filha”. Em sua tentativa de atribuir à mulher a ação de superar a própria situação em que se encontra, a ministra diz que: “A mulher **deve** reconhecer que ela **pode e deve** sair do ciclo de violência.”, ênfase que não foi dada aos outros públicos. O uso dos verbos poder e dever (em colocação) confere à mulher, além do poder, a obrigação de sair do ciclo de violência.

A empatia e o acolhimento demonstrados com outros grupos de potenciais vítimas são inexistentes aqui, tampouco há mensagem de que a mulher deve ser protegida (como as crianças e as pessoas com deficiência) e receber atenção e compreensão (como as pessoas idosas). Com efeito de afastamento do eixo gênero do problema da violência doméstica, a ministra trata as mulheres, sabidamente as principais vítimas de violência doméstica, apenas como vítima circunstancial, já que podem se transformar em vítima porque, afinal, também estão dentro de casa como todos os outros grupos citados.

Compreender um problema social como o da violência doméstica partindo do pressuposto, em tese verdadeiro embora falacioso quando contrastado com a prática, de que toda pessoa pode agredir e ser vítima abstrai os dados que apontam quais os grupos são mais violentados e qual o perfil dos agressores, e assim se reduz a probabilidade de sucesso no enfrentamento do problema.

Em 2020, ano em que essa campanha foi lançada, início da pandemia, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos não executou/deu encaminhamento para 70% (R\$ 93,6 milhões) do orçamento destinado ao enfrentamento da violência contra mulheres. Os dados do Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc) apontam que a escolha por resguardar valores ideológicos anti-gênero se refletiu na inoperância da pasta ao longo dos últimos anos. Em 2021, dos R\$ 21,8 milhões reservados para a Casa da Mulher Brasileira, apenas R\$ 1 milhão foi gasto. Para 2022, o orçamento para o combate à violência e promoção da autonomia das mulheres foi reduzido drasticamente: R\$ 5,1 milhões.

Dando continuidade ao discurso, a ministra busca integrar a sociedade na divulgação da campanha.

- (18) Essas são as peças de cartazes que estão disponíveis para quem quiser baixar. Tem um empresário que quer imprimir para sua empresa, *liga* para nós. A gente manda arte, nós estamos fazendo também adesivos para carro, muita gente quer colocar sobre **pedofilia, abuso sexual**. Motoqueiros estão pedindo para a arte de capacete, a gente tá entregando para motoqueiros fazer a arte de capacete. *Liga, a gente disponibiliza as artes*. E nós também temos, o ministro Onix, como o senhor queria, rádio, todas as rádios do Brasil, e a gente vai ouvir agora o *spot* de rádio para gente finalizar e no final o vídeo. Acho que já dá para a gente ouvir:

(ENTRA ÁUDIO DO SPOT DA CAMPANHA)

A ministra reforça que as peças publicitárias também podem ser adquiridas e reproduzidas por outros atores sociais, como “empresário”, motoristas de carro e “motoqueiros”

– avaliados moralmente de forma positiva, pois querem combater “pedofilia, abuso sexual”. Voltando a prestar contas com o próprio governo, agora se dirigindo ao ministro Onyx Lorenzoni, a ministra apresenta o *spot* de rádio e o vídeo da campanha, que não foram analisados nessa pesquisa, mas têm o mesmo conceito das demais peças apresentadas e discutidas até aqui.

- (19) Todas as rádios do Brasil. Agora vamos encerrar mostrando o vídeo e dizendo o seguinte: nós melhoramos os canais de recebimento de denúncia. Em março, subiu 87% as denúncias nos nossos canais e tem gente que perguntou assim: vocês são corajosos? Somos! Trabalhamos com o Ministério da Justiça, ministro André, para que todos os estados agora tenham **boletim de ocorrência online de violência doméstica**. Catorze estados já têm. Nós vamos chegar a 100%. E alguém disse assim: mas vocês são loucos, vai estourar no colo do presidente Bolsonaro porque, como vocês **augmentaram o canal de denúncia**, vai ter muito mais denúncia e vão dizer que a violência cresceu no governo dele. **Este é um governo de coragem**. O nosso disque 100, quando nós assumimos, era 80 minutos para ser atendido, agora no governo Bolsonaro é menos de 30 segundos. Quando a gente melhora o canal de denúncia, de recebimento de denúncia, vai chegar mais denúncia. Nós não temos medo que alguém diga que a violência cresceu no nosso governo. Não, porque não vai crescer mais violência no nosso governo. Vai crescer o canal de denúncia. **Este governo não tem medo de enfrentar a violência porque aqui é política pública de verdade. Nós vamos cuidar de todo mundo!** Eu quero chamar *vocês* agora atenção para o vídeo e eu quero parabenizar a empresa que fez as nossas peças publicitárias. Toda a empresa de comunicação do Ministério da Cidadania, essa é uma parceria do nosso ministério com a Cidadania. Obrigado, ministro Onyx, a sensibilidade dos meninos, esses gênios que conceberam as peças, e eu quero chamar *vocês* atenção agora para o vídeo, a mensagem muito bem transmitida. *Olha* a sensibilidade e como uma mensagem vai ser transmitida, *por favor, assistam* o vídeo.

(ENTRA VÍDEO DA CAMPANHA)

Que Deus abençoe o Brasil! Vamos divulgar nossa campanha. Obrigado, presidente! Obrigada, ministros!

Mais uma vez determinada a imprimir uma avaliação positiva do governo, a ministra cita a possibilidade de registro de boletim *online* em casos de violência doméstica e da ampliação dos canais oficiais do governo federal para receber esse tipo de denúncia. As decisões ganharam também avaliação moral, pois essas iniciativas causariam, de acordo com a leitura da ministra, um aumento de casos que iria “estourar no colo do presidente Bolsonaro”. A ministra então avalia o governo como “de coragem”, mais uma vez em uma comparação

pressuposta com governos anteriores, que aqui recebem uma avaliação moral pressuposta de covardes. As políticas públicas em execução anteriormente, por sua vez, são avaliadas como ineficazes. Com “política pública de verdade”, agora “Nós vamos cuidar de todo mundo”, assegura a ministra, retomando a imagem patriarcal, focalizada na figura do presidente, e de cuidado do governo, que teria foco na família. O uso dos léxicos “família”, “povo”, “todo mundo”, “idosos” e “Brasil” reforçam a construção da avaliação positiva das ações do governo federal ao coletivizar os beneficiados.

A ministra finaliza seu discurso com “Que Deus abençoe o Brasil” e se dirige para cumprimentar as autoridades que estavam presentes no palco, entre elas a primeira-dama e o presidente, que optou por não discursar no evento, dando lugar à primeira-dama.

Considerações

O discurso da ministra e o conteúdo multimodal (imagens, áudio e vídeo) apresentado por ela imprimem a mesma síntese de valores e visões de mundo que governam o país: a agenda anti-gênero, conservadora cristã. Assim, temos a violência doméstica sendo representada como um crime que pode acometer todos os integrantes da família e que pode ser cometido por homens e mulheres, com a negação do eixo gênero que atravessa este problema social. Todos esses atores e atrizes foram representados imagetivamente por pessoas brancas, em um cenário domiciliar presumível de classe média, apagando assim os eixos de classe e raça, de forma similar à encontrada no perfil do Instagram da ministra. Por essas características, a campanha produzida se configura mais como um obstáculo para a compreensão e superação do problema do que como aliada para combatê-lo.

A forma de enfrentamento a que se apela em muitas instâncias imperativas é a denúncia, que deve ser feita pelas próprias vítimas e por testemunhas, aqui interpeladas civil e moralmente a agir. Ao governo federal, avaliado exaustivamente de forma positiva, não restaria nada a ser feito, pois esse já disponibilizaria toda a estrutura para o recebimento de denúncias.

O discurso da ministra também apela ao pânico moral e à construção do bem e do mal, do positivo e do negativo, para pontuar suas colocações. Assim, temos a imprensa, a pandemia e governos anteriores colocados de um lado; enquanto o governo atual e o presidente, protegendo a ‘família brasileira’, colocados no campo antagônico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar ação e representação discursiva sobre o aumento da violência doméstica contra mulheres durante a pandemia de covid-19. Considerei a análise de dois *corpora: posts* coletados do Instagram de cinco perfis (ONU Mulheres, Instituto Patrícia Galvão, Instituto Geledés, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e o da ministra do MMFD) e o discurso público proferido pela ministra do MMFDH no lançamento da Campanha de Conscientização e Enfrentamento à Violência Doméstica de 2020. As redes sociais têm se mostrado uma arena com alto poder de dispersão de discursos, principalmente no contexto de pandemia e de acirramento do antagonismo político em meio à ascensão do conservadorismo do Brasil.

Durante o período em que realizei esta investigação, me aproximei de campos interdisciplinares (Estudos Críticos do Discurso, Estudo de Gênero, Estudos de Comunicação) na busca por abordar de forma adequada os dados para identificar modos de agir e de representar que possam contribuir ou não para a superação desse problema social no Brasil. Para os ECD, os textos trazem em si marcas das estruturas sociais e dos elementos das redes de práticas sociais nas quais se originam, por isso o discurso pode ser uma forma de acesso para a discussão de problemas sociais de nossos dias. Com os Estudos de Gênero, compreendi os eixos de destituição de poder que atravessam as mulheres de formas diversas, com históricas desvantagens em relação aos homens na balança do gênero – da raça, da classe. Também compreendi a relação dialética entre mídia e sociedade nos dias de hoje, com a presença constante da mídia – como suporte, instituição e linguagem – no tecido social.

Minhas análises apontam que, apesar de integrarem o mesmo campo social dos direitos humanos para as mulheres, as formas de agir e representar discursivamente dessas instituições variaram de acordo com seu posicionamento diante de outros elementos do mundo, como as estruturas sociais, as relações que mantêm com outras instituições, seus interesses secundários e uma série de fatores que determinam seus objetivos comunicacionais materializados nos textos analisados.

A primeira pergunta que busquei responder foi como os perfis do Instagram reagiram discursivamente diante do aumento de casos de violência doméstica contra mulheres registrado logo nos primeiros meses de pandemia. Para fazer esse mapeamento, analisei como o suporte Instagram molda o gênero discursivo, o *layout* das publicações, as ações discursivas

materializadas nos textos e as pessoas neles interpeladas. Fiz uso das seguintes categorias analíticas: estrutura genérica/movimentos retóricos e funções de fala (ECD); valor informativo, saliência e estruturação (GDV), e composição e link de informação, com as subcategorias Elaboração e Extensão (Semiótica Social).

A análise estruturada dos movimentos retóricos pôs luz sobre o esforço discursivo empregado pelas instituições diante do aumento dos casos de violência doméstica, em que predominou a busca por comunicar: 1) posicionamento institucional; 2) mobilização; 3) divulgação de canais de denúncia; 4) conscientização; 5) notícia; 6) divulgação de ação institucional, e 7) registro de repercussão da mídia. No entanto, esse esforço não foi homogêneo. Enquanto os perfis ligados ao organismo internacional e à sociedade civil organizada promoveram o debate sobre a violência doméstica, houve ausência de publicações que discutissem as origens do problema social no perfil ligado ao Poder Executivo Federal e no perfil da ministra do MMFDH.

Com a análise das funções de fala e mapeamento das interpelações, identifiquei uma deficiência generalizada dos perfis em dialogar com homens ou potenciais agressores, com interpelações direcionadas repetitivamente para que as mulheres em situação de violência denunciem os crimes. Além de recair para a mulheres a responsabilidade para a superação da violência doméstica, ainda se perde a oportunidade de abrir diálogo com os homens e potenciais agressores.

A análise das possibilidades e limitações do gênero-suporte - e de como o suporte molda o gênero - mostrou que o suporte Instagram possibilitou a materialização do gênero postagem oferecendo espaço para a criatividade, porém a variação das composições visuais e dos textos verbais entre os perfis pode indicar características da prática social que os dados acessados não são capazes de responder plenamente, como diferente nível de acesso a recursos materiais para a produção profissional de conteúdo para redes sociais e o próprio entendimento da importância da presença digital institucional no Instagram, por exemplo.

A segunda pergunta de pesquisa foi o que é violência doméstica para os perfis analisados. Minha atenção foi voltada para a investigação de como o problema social foi representado e interpretado nos textos; quem foi chamada para falar sobre o assunto; quais os argumentos que apontam os obstáculos e formas de superação do problema. Esta etapa ofereceu pistas sobre a quais discursos as vozes se associaram e reproduziram; quais estruturas sociais

foram trazidas para o debate e quais foram suprimidas e negadas. Nesse sentido, mostraram-se úteis as categorias analíticas intertextualidade e interdiscursividade, conforme Fairclough (2003), e representação de ações sociais, conforme van Leeuwen (2008).

A análise dos modos de referência mostrou a escolha exaustiva da nominalização, ancorada na cristalização do termo “violência doméstica”, no lugar de outras estratégias para falar sobre as agressões praticadas contra mulheres. A estratégia de nominalização com uso de termo considerado mais conhecido, embora também mais “suave”, pouco contribui para a desmistificação, aproximação e conscientização sobre essa prática social criminosa, pois acaba por amenizar, muitas vezes, a gravidade dos crimes praticados.

A análise estruturada dos modos de representação indicou que a violência doméstica foi representada com a agência omitida, como costumam ser representadas violações de direitos humanos de forma geral. Assim, as agressões não são estabelecidas de forma direta com relação aos seus parceiros íntimos, mas o aumento é justificado pelo contexto de isolamento social da pandemia. As vozes do ministério e da ministra sugeriram essa ligação de causalidade direta para criticar medidas de isolamento tomadas por prefeituras e governos estaduais. Mesmo diante da conjuntura da pandemia de covid-19, em que foi enquadrado o problema social analisado em sua faceta discursiva, é vital não normalizar o aumento do número de casos em decorrência do isolamento social, mas sim porque, em nossa sociedade, ainda é comum e aceito violentar mulheres.

Há também discussão sobre o que fazer para superar o problema, mas esse esforço é mitigado pela responsabilização inespecífica das ações. A representação da violência doméstica incluiu as estruturas sociais de destituição de poder de gênero, classe e raça também de forma variável. Enquanto ONU Mulheres e os institutos Patrícia Galvão e Geledés reforçaram esses atravessamentos na representação dos crimes, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos reconheceu de forma tímida as estruturas. Já a voz da ministra do MMFDH foi omissa em relação aos eixos de classe, raça e gênero.

A análise da intertextualidade mostrou grande esforço da ONU Mulheres e do instituto Patrícia Galvão para ouvir vozes de especialistas de diversas áreas do conhecimento para debater o assunto, inclusive autoridades de organizações sociais ligadas ao feminismo negro. Já o instituto Geledés usou sua própria voz para propor o debate, em que também reconhece a violência interseccional que atinge, principalmente, as mulheres negras. A interseccionalidade

foi pouco reconhecida nas formas de representar a violência doméstica por parte do ministério e ausente na voz da ministra, que também se omitiu em debater o assunto com vozes exteriores ao ministério. O levantamento da intertextualidade também mostrou que a voz do governo federal só é trazida para textos de outros perfis quando estes citam pesquisas quantitativas da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, não se aliando em outros esforços discursivos, como apoio em campanhas e ações realizadas pelo Poder Executivo Federal durante o período de coleta da pesquisa.

As diferenças encontradas apontam como os textos são marcados por valores, crenças e visões de mundo que as instituições defendem ou a que se associam, como a agenda anti-gênero e o discurso conservador de um lado, e a agenda progressista e o discurso feminista de outro.

A terceira pergunta é relacionada a como mulheres em situação de violência e agressores foram representados nos textos multimodais no Instagram e no discurso público proferido pela ministra. Analisei os processos em que esses participantes estão inseridos; os modos de referência; o que fazem e como interagem nos textos (com outros participantes textuais e com quem lê); e os atributos que carregam. Utilizei, novamente de forma estruturada, as categorias representação de atores sociais (VAN LEEUWEN, 2008) e as relacionadas com as funções representacionais e interacionais da Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2021), sempre observando os dois sistemas semióticos agindo em conjunto, conforme a Semiótica Social (VAN LEEUWEN, 2005).

As análises mostraram que as mulheres foram representadas de forma passiva e genérica, mas com referências nominais e atributos visuais que reconheceram as estruturas de classe, gênero, idade, território, sexualidade, raça e deficiência. Perfis do organismo internacional e da sociedade civil organizada fizeram uma reflexão sobre o cruzamento desses eixos ao escolher as formas de representar as mulheres. Com menos profundidade e de forma mais sutil, esses atributos também estão presentes nas representações do MMFDH, mas estão ausentes no perfil da ministra da pasta.

Nas poucas representações dos agressores, eles estão agindo passivamente ou de forma pressuposta nos textos verbais, mais um dado que aponta a dificuldade, desinteresse ou falta de conhecimento da importância de falar sobre/com esse ator social. Sua presença é percebida sempre ligada ao discurso punitivista, com ocorrências de individualização de um problema que é estrutural, ao representar agressores como pessoas com desvios morais graves.

Já o discurso proferido no lançamento da Campanha de Conscientização e Enfrentamento à Violência Doméstica de 2020 e as peças produzidas para a iniciativa, que foram analisados de forma estrutura e também sequencial, representam as mulheres em situação de violência como vítimas circunstanciais de um crime que inclui crianças, jovens, idosos e pessoas com deficiência e ambos os sexos no rol de vítimas, assim negando o eixo gênero e dando à categoria família o poder catalisador da campanha publicitária. Houve também utilização da autoridade da ministra para a propagação de desinformação relacionada à eficácia do medicamento cloroquina e o repasse de outras informações sem fontes nomeadas. A análise também trouxe pistas sobre as estratégias discursivas para a construção de pânico moral e do bem e do mal, com a imprensa, a pandemia e governos anteriores colocados de um lado; enquanto o governo atual e o presidente, “protegendo a família brasileira”, colocados no campo antagônico.

Com isso, os textos analisados mostraram-se úteis para a discussão sobre a violência doméstica no contexto da pandemia de covid-19, mas também imprimiram malabarismos discursivos que objetivam a perpetuação de projetos de poder que podem não priorizar a segurança e a manutenção da vida das mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 50, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8650718>.

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185–213, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/rTCrZ3gHfM5FjHmzd48MLYN/abstract/?lang=pt>.

ANPOCS. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS. **BOLETIM #16: Projetos de Lei de proteção dos direitos das mulheres sancionados**. São Paulo, 2022. Disponível em:

https://anpocs.com/images/stories/boletim/anpocs_comunica/A4-CSArticuladas/2022-09-Boletim16.pdf . Acesso em: 16 set. 2022.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo Para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boi Tempo, 2019.

BIANCHINI, Alice. **Lei Maria da Penha e a violência de gênero no Brasil. Entrevista a Escola Superior do Ministério Público do Paraná. 16 de março de 2018. Disponível na internet**. [S. l.], 2018. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=JaYeHUSZYPo&list=WL&index=13>. Acesso em: 12 jul. 2022.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades [recurso eletrônico] : os limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boi Tempo, 2018.

BOULOS, Guilherme. A onda conservadora. *In*: DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane (org.). **A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil**. 1ªed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei 478/2007. Dispõe sobre o Estatuto do Nascituro e dá outras providências**. Brasília, 2007. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/345103>. Acesso em: 5 maio 2022.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei 4931/2016. Dispõe sobre o direito à modificação da orientação sexual em atenção a Dignidade Humana**. Brasília, Brasil: Câmara dos Deputados, 2016. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2081600>. Acesso em: 5 maio 2022.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei 6583/2013. Dispõe sobre o Estatuto da Família e dá outras providências**. Brasília, Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005>. Acesso em: 5 maio 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. SECRETARIA ESPECIAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Eventos com o Presidente da República**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/atuacao/eventos/eventos-com-o-presidente-da-republica>. Acesso em: 6 jun. 2022.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Decreto nº 6555, de 8 de setembro de 2008. Dispõe sobre as ações de comunicação do Poder Executivo Federal e dá outras providências**. Brasília, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6555.htm. Acesso em: 2 jun. 2022.

BRASIL. SENADO FEDERAL. **Relatório da CPI da Pandemia**. Brasília: [s. n.], 2021. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=2441&tp=4>. Acesso em: 6 jun. 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico Covid-19 - Nº 20**. Brasília: [s. n.], 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/boletins-epidemiologicos/boletim-epidemiologico-covid-19-no-20.pdf/view>. Acesso em: 4 maio 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico Covid-19 - Nº 89 Boletim Epidemiológico Especial**. Brasília: [s. n.], 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/covid-19/2021/boletim_epidemiologico_covid_89_23nov21_fig37nv.pdf. Acesso em: 3 maio 2022.

BRASIL, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **Denúncias registradas pelo Ligue 180 aumentam nos quatro primeiros meses de 2020**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/denuncias-registradas-pelo-ligue-180-aumentam-nos-quatro-primeiros-meses-de-2020>. Acesso em: 4 maio 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, Brasil: Presidência da República, 2003, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 5 maio 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, Brasil: Presidência da República, 2006, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 5 maio 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.827, de 13 de maio de 2019. Altera a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), para autorizar, nas hipóteses que especifica, a aplicação de medida protetiva de urgência, pela autoridade judicial ou policial, à mulher em situaç.**

Brasília, Brasil: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13827.htm. Acesso em: 5 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 13.880, de 8 de outubro de 2019. Altera a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), para prever a apreensão de arma de fogo sob posse de agressor em casos de violência doméstica, na forma em que especifica. Brasília, Brasil: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13880.htm. Acesso em: 5 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 13.984, de 3 de abril de 2020. Altera o art. 22 da Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), para estabelecer como medidas protetivas de urgência frequência do agressor a centro de educação e de reabilitação e acompanhamento psicossocial. Brasília, Brasil: Presidência da República, 2020, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L13984.htm. Acesso em: 5 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 14.022, de 7 de julho de 2020. Altera a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, e dispõe sobre medidas de enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher e de enfrentamento à violência contra crianças, adolescentes, pessoas idosas. Brasília, Brasil: Presidência da República, 2020, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L14022.htm. Acesso em: 5 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 14.132, de 31 de março de 2021. Acrescenta o art. 147-A ao Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para prever o crime de perseguição; e revoga o art. 65 do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções). Brasília, Brasil: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14132.htm. Acesso em: 5 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 14.149, de 5 de maio de 2021. Institui o Formulário Nacional de Avaliação de Risco, a ser aplicado à mulher vítima de violência doméstica e familiar. Brasília, Brasil: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14149.htm. Acesso em: 5 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 14.164, de 10 de junho de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir conteúdo sobre a prevenção da violência contra a mulher nos currículos da educação básica, e institui a. Brasília, Brasil: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14164.htm. Acesso em: 5 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 14.188, de 28 de julho de 2021. Define o programa de cooperação Sinal Vermelho contra a Violência Doméstica como uma das medidas de enfrentamento da violência doméstica e familiar contra a mulher previstas na Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha). Brasília, Brasil: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14188.htm. Acesso em: 5 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do

Adolescente e dá outras providências. Brasília, Brasil: Presidência da República, 1990, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 5 maio 2022.

BRASIL, Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Portaria nº 1.643, de 19 de junho de 2020. **Diário Oficial da União:** Brasília, Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-1.643-de-19-de-junho-de-2020-262754529>. Acesso em: 4 maio 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Saúde Brasil 2018: uma análise da situação de saúde e das doenças e agravos crônicos: desafios e perspectivas.** Brasília: [s. n.], 2019. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2018_analise_situacao_saude_doencas_agravos_cronicos_desafios_perspectivas.pdf.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** 1ªed. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

CARRERA, Fernanda. Racismo e sexismo em bancos de imagens digitais: análise de resultados de busca e atribuição de relevância na dimensão financeira/profissional. *In:* SILVA, Tarcízio (org.). **Comunidades, Algoritmos e Ativismos Digitais: Olhares Afrodiaspóricos.** São Paulo: Consultoria Editorial: LiteraRUA, 2020.

CARTA CAPITAL. **TJ-SP confirma condenação de Bolsonaro por ofensas contra Patricia Campos Mello.** São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/tj-sp-confirma-condenacao-de-bolsonaro-por-ofensas-contrapatricia-campos-mello/>. Acesso em: 13 jul. 2022.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança – Movimentos sociais na era da internet.** 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CETIC.BR. CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO. **Pesquisa Acesso às tecnologias de informação e comunicação no domicílio. TIC Domicílios - 2020 Domicílios.** [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/>. Acesso em: 6 jun. 2022.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity.** Edinburgh: Edinburgh Iniversity Press, 1999. *E-book.* Disponível em: <http://www.amazon.com/Discourse-Late-Modernity-Lilie-Chouliaraki/dp/0748610820>.

CRENSHAW, Kimberle Williams. Cartografiando los márgenes. Interseccionalidad, políticas identitarias, y violencia contra las mujeres de color. *In:* INTERSECCIONES: CUERPOS Y SEXUALIDADES EN LA ENCRUCIJADA. 1ªed. Barcelona: Bellaterra, 2012. p. 87–122.

CRENSHAW, Kimberle Williams. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color. **Stanford Law Review**, California, v. 43, n. 6, p. 1241–1299, 1991. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039?origin=crossref>.

CUNHA, Leonam Lucas Nogueira. A antipolítica de gênero no governo Bolsonaro e suas dinâmicas de violência. **Revista de Estudos Brasileños**, Salamanca, v. 7, n. 14, p. 49–61, 2020. Disponível em: <https://revistas.usal.es/index.php/2386-4540/article/view/reb20207144961>.

DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane. **A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil**. 1ªed. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse: Textual analysis for social research**. 1ªed. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and globalization**. London; New York: Routledge, 2006.

FERREIRA, Dina Maria Martins; NASCIMENTO, Iara de Sousa. Representatividade identitária da figura feminina no discurso da ministra Damares Alves. **Raído**, Dourados, MS, v. 14, n. 36, p. 475–492, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/11415>.

FORUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Nota técnica: Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19-Ed. 2. São Paulo, v. Ed. 2, p. 13, 2020.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência doméstica durante a pandemia de covid-19**. São Paulo: [s. n.], 2020.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021**. São Paulo: [s. n.], 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência doméstica durante a pandemia** **Violência doméstica durante a pandemia** Forum Brasileiro De Segurança Publica. São Paulo: [s. n.], 2020.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Visível e invisível : a vitimização de mulheres no Brasil**. São Paulo: [s. n.], 2021.

GOMES, Maria Carmen Aires. Estudo das reações sociodiscursivas verbais em ambientes de interação virtual. In: RESENDE, Viviane de Melo; ARAÚJO, Carolina Lopes Araújo; REGIS, Jacqueline Fiuza da Silva (orgs.). **Discurso, política e direitos : por uma análise de discurso comprometida**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2022.

G1. **Governo do RJ confirma a primeira morte por coronavírus**. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/03/19/rj-confirma-a-primeira-morte-por-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 26 maio 2022.

G1. **Ministério da Agricultura registra 2 agrotóxicos inéditos e mais 51 genéricos para uso dos agricultores**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2021/09/29/ministerio-da-agricultura-registra-2-agrotoxicos-ineditos-e-mais-51-genericos-para-uso-dos-agricultores.ghtml>. Acesso em: 18 jul. 2022.

HALLIDAY, M. A.K.; MATTHIESSEN, Christian M.I.M. **Halliday's introduction to functional grammar: Fourth edition**. 4ªed. London; New York: Routledge, 2014.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1ªed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

INESC P&D BRAZIL. **Nota técnica: análise do orçamento das políticas públicas para as mulheres – 2019 a 2021**. Brasília, 2022. Disponível em: https://www.inesc.org.br/wp-content/uploads/2022/03/8-de-Marco_Orcamento.docx.pdf. Acesso em: 6 jun. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. **Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>. Acesso em: 4 maio 2022.

KALLI, Isabela. Políticas antiderechos en Brasil: neoliberalismo y neoconservadurismo en el gobierno de Bolsonaro. *In*: SANTANA, Ailynn Torres (org.). **Derechos en riesgo en América Latina - 11 estudios sobre grupos neoconservadores**. 1ªed. Bogotá: Desde abajo, 2020. p. 35–47.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Reading images. The grammar of visual design**. 3ªed. London; New York: Routledge, 2021.

LEITE, Vanessa. “Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad REVISTA LATINO AMERICANA**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 119–142, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/44204/30461>. Acesso em: 1 set. 2020.

LOUREIRO, Cintia de Freitas Rodrigues; RESENDE, Viviane. La escalada de la violencia doméstica contra las mujeres durante la pandemia del covid-19 en el discurso de ONU Mujeres. **Signo y seña**, Buenos Aires, v. 40, n. 40, p. 121–143, 2021. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/10492/10193>. Acesso em: 12 jul. 2022.

LUGONES, María. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 9, p. 73–101, 2008. Disponível em: <https://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935–952, 2014.

MARTINO, Luis Mauro Sá. Rumo a uma teoria da mediatização: exercício conceitual e metodológico de sistematização. **Intexto**, Porto Alegre, n. 45, p. 16–34, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/77889>.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria da Comunicação: ideias, conceitos e métodos**. 5ªed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NEGREIROS PERSSON, Janaína. Os discursos sobre gênero das deputadas ultraconservadoras bolsonaristas. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 104–126, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/36403>.

ONU, Organização das Nações Unidas. **COVID-19: Mulheres à frente e no centro – ONU Mulheres. Declaração de Phumzile Mlambo-Ngcuka, vice-secretária geral da ONU e diretora executiva da ONU Mulheres**. [S. l.], 2020. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/covid-19-mulheres-a-frente-e-no-centro/>. Acesso em: 4 maio 2020.

ONU, Organização das Nações Unidas. **Diretrizes para atendimento em casos de violência de gênero contra meninas e mulheres em tempos da pandemia de Covid-19**. Brasília, 2020.

PAREDES, Julieta. Descolonizar as lutas: a proposta do Feminismo Comunitário. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu, v. 3, n. 1, p. 74–87, 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2470/2136>.

PAREDES, Julieta. **Hillando fino, desde el Feminismo Comunitário**. 1ªed. La Paz: Mujeres Creando Comunidad, 2010.

PASSOS, Nair Luisa Rabelo dos. **#Elasótem16anos: Análise discursiva crítica de postagens em rede social sobre caso de estupro coletivo no Rio de Janeiro (Dissertação de Mestrado)**. 2019. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35406>.

PINHEIRO, Luana; TOKARSKI, Carolina; VASCONCELOS, Marcia. **Vulnerabilidade das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil**. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10077/1/NT_75_Disoc_Vulnerabilidades das Trabalhadoras Domesticas.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10077/1/NT_75_Disoc_Vulnerabilidades%20das%20Trabalhadoras%20Domesticas.pdf). Acesso em: 26 maio 2022.

PRICEWATERHOUSECOOPERS (PWC). **PwC Global Entertainment & Media Outlook 2021–2025**. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <https://www.pwc.com/us/en/industries/tmt/library/assets/pwc-web-ready-pwc-outlook-perspectives-2021-2025.pdf>.

RAMALHO, Ingrid da Silva. **Representação discursiva da violência e da violação de direitos contra pessoas em situação de rua nas plataformas on-linedo Correio Braziliense (2014 a 2018) (Dissertação de Mestrado)**. 2020. 203 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38945>. Acesso em: 1 set. 2020.

REDE DE PESQUISA SOLIDÁRIA. **Desigualdades raciais e de gênero aumentam a mortalidade por Covid-19, mesmo dentro da mesma ocupação. Nota Técnica No. 34Covid-19 : Políticas Públicas e as Respostas da Sociedade.** [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: http://oic.nap.usp.br/wp-content/uploads/2020/04/Boletim-nº3_PPS_24abril.pdf. .

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso Crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada.** Campinas, SP: Pontes, 2017-. ISSN 2317-2347.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso Crítica e Etnografia: o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, sua crise e o protagonismo juvenil.** 2008. 332 f. - Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3624>. Acesso em: 20 ago. 2020.

RESENDE, Viviane de Melo. Perspectivas latino-americanas para decolonizar os Estudos Críticos do Discurso. *In*: RESENDE, Viviane de Melo (org.). **Decolonizar os Estudos Críticos do Discurso.** Campinas: Pontes, 2019. p. 19–46.

RESENDE, Viviane de Melo; VIEIRA, Viviane Cristina. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa.** 2ªed. Campinas: Pontes, 2016.

SEGATO, Rita Laura. **Contra-pedagogías de la crueldad.** 1ªed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. **e-cadernos CES**, Coimbra, n. 18, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1533>.

SENADO FEDERAL. **Senado aprova Auxílio Brasil, programa social que substitui o Bolsa Família.** Brasília, 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/12/02/senado-aprova-auxilio-brasil-programa-social-que-substitui-o-bolsa-familia>. Acesso em: 5 maio 2022.

SOCIALBAKERS. Social Media Trends Report. [s. l.], p. 1–3, 2020.

STATISTA. **Most popular social networks worldwide as of January 2022, ranked by number of monthly active users.** [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>. Acesso em: 16 maio 2022.

VAN DIJK, Teun A. Análise crítica do discurso. *In*: TOMAZI, Micheline Mattedi; ROCHA, Lúcia Helena Peyroton da; POMPEU, Júlio César (org.). **Estudos discursivos em diferentes perspectivas. Mídia, sociedade e direito.** São Paulo: Terracota, 2016. p. 19–42.

VAN LEEUWEN, Theo. **Discourse and Practice: new tools for critical discourse analysis.** New York: Oxford University Press, Inc., 2008.

VAN LEEUWEN, Theo. **Introducing Social Semiotics: An Introductory Textbook.** London; New York: Routledge, 2005. *E-book*. Disponível em: <http://www.amazon.com/Introducing->

Social-Semiotics-Introductory-Textbook/dp/0415249449.

VENTURA, Kárin Giselle Ferreira. **Análise discursiva da representação de feminicídios no Jornal Correio Braziliense (Dissertação de Mestrado)**. 2021. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/42434>.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Origin of SARS-CoV-2**. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/332197/WHO-2019-nCoV-FAQ-Virus_origin-2020.1-eng.pdf. Acesso em: 3 maio 2022.













WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Timeline of WHO's response to COVID-19**. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline>. Acesso em: 3 maio 2022.

APÊNDICE I – PLANILHAS DE IMAGENS

Mídia	CATEGORIAS DE PREPARAÇÃO					COMPOSICIONAL			REPRESENTACIONAL
	Ilustração e texto	Mulheres em situação de violência	Agressores	Gestores e figuras públicas	Outros atores	Local do participante	Local do Texto	Saliência	Cenário
Perfil ministra									
	x print					x	x	Hashtag	x
	x print					x	x	Manchete	x
	x ilustração					Margem	Centro	Texto: Disque	x
	imagem de arquivo			x ministra		Esquerda	Direita	Texto: Mulher não é obrigada	x
	foto do evento			x ministra		Direita	x	Ministra	x
	banner publicitário	x	x mulher			Esquerda	Direita	Cartaz	casa/interno/estúdio
	x ilustração					Topo/esquerda	baixo	Texto: Agenda	x
	x print					x	x	Manchete	x
	foto captada para este fim	x		x Cristiane Britto - secretária nacional de políticas para mulheres		centro	x	Mão	casa/interno/estúdio
	x print			x ministra		Topo	baixo	Ministra	x

	x ilustração					esquerda	direita	Texto: confinamento sem violência	x
	x ilustração					topo	baixo	Texto: confinamento sem violência	casa/interno/estúdio
	x ilustração					x	centro	Texto: DENUNCIE! DISQUE 180	x
	x ilustração					centro	topo	Texto: Direitos das mulheres e Covid 19	x
	x ilustração					baixo	topo	Texto: VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA	x
	foto de arquivo				x Maira Liguori - Think Olga; Daniela Grelin - Instituto AVON; Jacira Melo - Instituto Patrícia Galvão	centro	topo	Mulheres	x
	x ilustração					x	todo	Texto: Violência doméstica	x
	x ilustração					x	todo	Texto: Ligue 180, Disque 100, 190, 193 SAMU	x
	x ilustração					topo	baixo	Cartaz	casa/interno/estúdio
	x ilustração					x	todo	Texto: Feminicídio	x
	x ilustração					topo	baixo	Texto: VOCÊ	x

	x ilustração					topo	todo	Texto	x
	x ilustração					x	baixo	Texto	x
	x ilustração					x	centro/baixo	Texto	x
	x ilustração					x	centro/baixo	Texto	x
	x ilustração					x	todo	Texto	x
	x ilustração					x	baixo	Texto	x
	x ilustração					x	baixo	Texto	x
TOTAL									18
MMFDH									
	banner publicitário	x				topo/direita	baixo	Manchete	casa/interno/estúdio
	banco de imagens	x				topo	baixo	Texto: Violência doméstica	casa/interno/estúdio
	banco de imagens	x				esquerda	direita	Tablet	casa/interno/estúdio
	banco de imagens				x atendente/tecnologia	topo	baixo	Atendente	x
	banco de imagens					topo	baixo	Texto: Casa da Mulher Brasileira	x

	x foto de arquivo mãos/tecnologia						topo	baixo	Celular	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo	x					topo	baixo	Mão	casa/interno/estúdio
	foto do evento			x			topo	baixo	Ministra	x
	x foto de arquivo mãos/tecnologia						esquerda	direita	Celular	x
	x foto de arquivo mãos/tecnologia						topo	baixo	Tablet	casa/interno/estúdio
	x ilustração						topo	baixo	Ilustração	x
	x foto de arquivo mãos/tecnologia						topo	baixo	Tablet	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo	x					topo	baixo	Mulher	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo						topo	baixo	Texto: Ministério realiza reunião	x
	x foto de arquivo mãos/tecnologia			x			topo	baixo	Texto: Ministério promove reuniões	x
	foto de arquivo			x			topo	baixo	Gestoras	x
	foto de arquivo	x					topo	baixo	Texto: combate à violência doméstica	casa/interno/estúdio

	x foto de arquivo mãos						topo	baixo	Texto: Ministério firma parceria com Avon	x
	x foto de arquivo mãos/tecnologia			x			topo	baixo	Texto: para discutir ações de proteção à mulher	x
	foto do evento			x			topo	baixo	Texto: ações de combate à violência doméstica durante a pandemia	x
	x foto de arquivo mãos/tecnologia						topo	baixo	Texto: no enfrentamento à violência	casa/interno/estúdio
	banner publicitário		x mulher		x		topo	baixo	Cartaz	casa/interno/estúdio
	banner publicitário	x	x homem				topo	baixo	Cartaz	casa/interno/estúdio
	foto do evento			x			topo	baixo	Texto: contra violência doméstica	x
	banner publicitário						esquerda	direita	Celular	casa/interno/estúdio
	banner publicitário	x	x mulher				topo	baixo	Cartaz	casa/interno/estúdio
	banner publicitário		x homem		x		topo	baixo	Cartaz	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo	x					topo	baixo	Texto: Balanço Ligue 180	casa/interno/estúdio
	x fotos de arquivo mãos/ escrita						topo	baixo	Texto: para atendimento de mulheres em situação de violência no SUAS	x
	x foto de arquivo mãos/tecnologia						topo	baixo	Texto: durante o isolamento social	x

	x foto de arquivo mãos/tecnologia					topo	baixo	Texto: a efetividade de políticas de prevenção e combate à violência contra mulher	x
	x foto de arquivo mãos/tecnologia			x		topo	baixo	Texto: sobre enfrentamento à violência contra a mulher em tempos de pandemia	x
	x foto de arquivo mãos/tecnologia			x		topo	baixo	Texto: proteção às mulheres durante a pandemia	x
	foto de arquivo	x				topo	baixo	Texto: sinal vermelho contra a violência doméstica	casa/interno/estúdio
	x foto de arquivo tecnologia					topo	baixo	Texto: sobre combate à violência doméstica em tempos de pandemia	x
	foto de arquivo/ mão					esquerda	direita	Mão	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo/ mão	x				esquerda	topo/esquerda	Mão	EXTERNO
	foto de arquivo/ mão					esquerda	direita	Mão	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo/ mão					esquerda	direita	Mão	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo/ mão					esquerda	direita	Mão	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo/ mão					esquerda	direita	Mão	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo/ mão					esquerda	direita	Mão	casa/interno/estúdio

















	foto de arquivo/mão	x					centro	topo/esquerda	Mão	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo						topo	baixo	Texto: Nova Lei reforça medidas de combate à violência doméstica	x
	x foto de arquivo mãos/tecnologia						topo	baixo	Texto: para articular ações da campanha sinal vermelho	x
	Ilustração e texto						topo	baixo	Texto: ganha força em 10 estados do país	x
	x foto de arquivo mãos/tecnologia			x			topo	baixo	Texto: atendimento do Ligue 180 em diálogo virtual	x
	x foto de arquivo mãos/tecnologia						topo	baixo	Texto: violência contra a mulher	casa/interno/estúdio
TOTAL										48
Onu Mulheres										Ilustração
	foto de arquivo				x profissional de saúde		topo	baixo	Texto: Covid-19 na América Latina e Caribe	x
	foto de arquivo	x					direita	esquerda	Texto: COVID-19	externo
	foto de arquivo	x					direita	esquerda	Texto: violência contra as mulheres e meninas	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo	x					direita	esquerda	Texto: COVID-19	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo				x		direita	esquerda	Texto: COVID-19	externo
	foto de arquivo	x					esquerda	direita	Texto: COVID-19	externo













	foto de arquivo				x		direita	esquerda	Texto: aspas da deputada	x
	foto de arquivo				x		direita	esquerda	Texto: aspas da deputada	x
	foto de arquivo	x					direita	esquerda	Texto: Nossa voz será maior	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo		homens conscientes		x		direita	esquerda	Texto: Nossa voz será maior	x
	ilustração e texto						x	centro	Texto	x
	ilustração e texto						x	centro	Ícone ISA.bot	x
	foto de arquivo	x					direita	esquerda	Texto: COVID-19	casa/interno/estúdio
	ilustração e texto						centro	margens	Ilustração	x
	ilustração e texto		Pai/marido em contexto familiar				direita	esquerda	texto: emocional e a igualdade de gênero	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo				x		baixo	topo	Texto: 18H	x
	foto de arquivo				x		esquerda	direita	Taís Araújo	x
	foto de arquivo	x					direita	esquerda	Texto: Nossa voz será maior	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo	x					direita	esquerda	Texto: Nossa voz será maior	externo

	foto de arquivo				x		baixo	topo	Texto: LIVE	x
	foto de arquivo	x					direita	esquerda	Texto: Nossa voz será maior	casa/interno/estúdio
	foto de arquivo	x					direita	esquerda	Texto: Nossa voz será maior	casa/interno/estúdio
	ilustração e texto						direita	esquerda	Ícone raio	x
	foto de arquivo				x		direita	esquerda	Nilza	x
	foto de arquivo				x		direita	esquerda	Ana Lúcia	x
TOTAL									Ilustração	25
Portal Geledes									Ilustração	
	foto de arquivo				x		esquerda	direita	Texto: Géledes	x
	ilustração e texto						x	centro	Texto: Ação	x
	ilustração e texto						esquerda	direita	Texto: PLPS EM AÇÃO!	x
	ilustração e texto						direita	esquerda	Texto: VIOLÊNCIA FÍSICA	x
	ilustração e texto						direita	esquerda	Texto: VIOLÊNCIA SEXUAL	casa/interno/estúdio
	ilustração e texto						direita	esquerda	Texto: VIOLÊNCIA FÍSICA	x

Mídia	REPRESENTACIONAL				INTERACIONAL		
	CONCEITUAL						
	Raça	Faixa etária	Classe	Processos	Contato	Distância social	Perspectiva
Perfil ministra							
	Branca e negra	Jovem	indefinida	Verbal		Médio	Oblíquo
	Negra	Jovem	indefinida	Verbal		Médio	Oblíquo
	Branca	Jovem	Média	Material e verbal	Demanda	Médio	Frontal
	Branca	Adulta	Média	Simbólico	Demanda	Médio	Frontal
	Branca	Adulta	Alta	Simbólico	Demanda	Médio	Frontal
	Branca	Adulta	Alta	Simbólico	Demanda	Médio	Frontal
	Branca	Adulta	Alta	Simbólico	Demanda	Médio	Frontal
	Branca	Adulta	Média	Simbólico	Demanda	Médio	Frontal
	Branca	Adulta	indefinida	Comportamental	Oferta	Aberto	Oblíquo
	Branca	Adulta	Alta	Simbólico	Demanda	Médio	Frontal

	Branca	Adulta	Média	Simbólico	Demanda	Médio	Frontal
	Branca	Adulta	Média	Simbólico	Demanda	Médio	Frontal
	Branca	Adulta	Média	Simbólico	Demanda	Médio	Obliquo
	Branca	Adulta	Alta	Simbólico	Demanda	Médio	Frontal
Instituto Patrícia Galvão							
	Várias	indefinida	indefinida	Simbólico	Demanda	Médio	Aberta
	indefinida	indefinida	indefinida			Médio	Frontal
	Várias	jovem	indefinida	Comportamental	Oferta	Médio	Obliquo
MMFDH							
	Branca	Adulta	indefinida	Comportamental	Oferta	Aberto	Frontal
	Branca	Adulta	indefinida	Simbólico	Oferta	Médio	Frontal
	Negra	Adulta	Média	Material e verbal	Oferta	Médio	Obliquo
	Branca	Adulta	indefinida	Simbólico	Oferta	Aberto	Câmera alta

	Negra	Idosa	indefinida	Comportamental	Oferta	Médio	Oblíquo
	Branca	Adulta	indefinida	Simbólico	Oferta	Médio	Frontal
	Branca	Adulta	Média	Verbal	Demanda	Médio	Frontal
	Branca	Jovem	Média	Verbal	Demanda	Médio	Frontal
	Branca	Adulta	indefinida	Comportamental	Oferta	Médio	Costas
	Negra	Jovem	indefinida	Comportamental	Oferta	Fechado	Oblíquo
	Branca	Indefinida	indefinida	Simbólico	Demanda	Fechado	Frontal
	Indígena	Adulta	indefinida	Simbólico	Demanda	Médio	Frontal
	Branca	Adulta	indefinida	Simbólico	Oferta	Fechado	Frontal
	Branca	Adulta	indefinida	Simbólico	Oferta	Fechado	Frontal
	Branca	Adulta	indefinida	Simbólico	Oferta	Fechado	Frontal
	Branca	Adulta	indefinida	Simbólico	Oferta	Fechado	Frontal

	Branca	Adulta	indefinida	Simbólico	Oferta	Fechado	Frontal
	Branca	Adulta	indefinida	Simbólico	Oferta	Fechado	Frontal
Onu Mulheres							
	Indígena	Idosa	Indefinida	Material	Demanda	Médio	Oblíquo
	Indefinida	Indefinida	Indefinida	Comportamental	Oferta	Médio	Oblíquo
	Branca	Indefinida	Indefinida	Comportamental	Oferta	Aberto	Oblíquo
	Branca	Adulta	Indefinida	Comportamental	Demanda	Médio	Oblíquo
	Negra	Adulta	Indefinida	Comportamental	Demanda	Fechado	Oblíquo
	Negra	Idosa	Baixa	Verbal	Oferta	Médio	Oblíquo
	Negra	Idosa	Baixa	Comportamental	Demanda	Médio	Oblíquo
	Negra	Jovem	Indefinida	Comportamental	Demanda	Médio	Frontal
	Negra	Adulta	Indefinida	Comportamental	Demanda	Fechado	Frontal
	Branca	Adulta	Indefinida	Comportamental	Oferta	Fechado	Oblíquo

Portal Geledes							
	Negra	Adulta	Indefinida	Material	Oferta	Médio	Oblíquo
	Negra	Jovem	indefinida	Comportamental	Demanda	Médio	Frontal
	indefinida	indefinida	indefinida				
	Negra	Jovem	indefinida	Comportamental	Oferta	Aberto	Oblíquo

APÊNCIDE II - TABELAS

TABELA FUNÇÕES DE FALA				
	Troca de informação		Troca de atividade	
	Afirmção	Pergunta	Oferta	Demanda
ONU Mulheres	32	7	4	22
Inst. Patrícia Galvão	19	2	0	18
Inst. Geledés	4	0	0	2
MMFDH	47	2	0	44
Ministra	24	1	0	15
TOTAL	126	12	4	101

TABELA MODOS DE REFERÊNCIA: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA					
	ONU Mulheres	Inst. Patrícia Galvão	Inst. Geledés	MMFDH	Ministra
violência contra mulheres	14	18		25	6
violência de gênero	6	1			
violência doméstica	26	11	3	46	21
violência doméstica contra mulheres	0	0		0	
Violência contra mulheres e meninas	5	2			
violência doméstica contra trabalhadoras domésticas	2	0			
violência doméstica contra mulheres negras	2	0			
violência machista	1				
violência	5	5			

violência doméstica e familiar	3	2	2	13	
violência contra mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiências				6	2

TABELA MODOS DE REPRESENTAÇÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA			
	Como a violência doméstica é construída e explicada?	Nível de abstração	O que precisa ser feito?
GELEDÉS	agrava no contexto de pandemia é interseccional 5 tipos de violência doméstica: física, sexual, psicológica, moral e patrimonial acontece em casa	abstrato: fala do problema de uma forma geral e não cita dados nem casos concretos.	informações sobre violência doméstica e orientações para a proteção de mulheres e crianças escuta atenta dos possíveis sinais de ocorrências de violência doméstica. necessário uma ação que articule orientação, proteção e solidariedade, em um momento que as chances de intervenção social estão mais reduzidas. denunciar casos de violência doméstica buscar rede de apoio

<p>INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO</p>	<p>, mulheres negras, periféricas e LBTs permanecem sendo as mais vulnerabilizadas (trazida na voz da representante promotora negra de Justiça do Ministério Público da Bahia)</p> <p>frequência da subnotificação neste período em que há dificuldades para se comunicar, acessar os canais de denúncia e até mesmo para chegar fisicamente até eles. Os registros são fundamentais para romper o ciclo da violência e, conseqüentemente, a contenção da violência final, o feminicídio. (especialistas)</p> <p>As conseqüências podem marcar para sempre a vida daquelas que são</p>	<p>Cita dados</p>	<p>garantir a continuidade do atendimento nos serviços essenciais de enfrentamento à violência contra meninas e mulheres.</p> <p>Orientações para mulheres em situação de violência</p> <p>fundamental que as mulheres continuem denunciando e procurando a Justiça.</p> <p>importância do apoio dos vizinhos</p> <p>é encorajar mulheres a romperem o ciclo da violência; fazer com que elas entendam que, neste período de pandemia, a vida delas também importa"</p> <p>de oferecer apoio psicológico e jurídico às mulheres em situação de violência, e de facilitar o processo de denúncia</p> <p>orientação jurídica, psicológica, socioassistencial, médica e acolhimento gratuito por meio de um grupo no WhatsApp</p> <p>encontrar suporte às necessidades básicas como abrigo, medicação e</p>
----------------------------------	---	-------------------	--

	<p>vítimas. E são um desafio para que tenhamos um futuro mais justo e igualitário. Por isso, o enfrentamento à violência contra as mulheres precisa da união de todos os setores da sociedade.</p> <p>Quando a violência deixa de ser uma barreira, as mulheres avançam e toda a sociedade sai ganhando.</p> <p>violência contra elas deixe de ser um obstáculo para o surgimento de novas conquistas.</p>		<p>alimentos, assistência psicológica e/ou jurídica</p> <p>para acionar as delegacias de polícia e redes de atendimento</p> <p>E o enfrentamento dessa violência depende da união de toda a sociedade.</p> <p>iniciativa privada nesta luta ainda é tímida.</p> <p>Por isto, nos unimos a organizações e coletivos que defendem os direitos das mulheres para dizer que empresas e corporações podem fazer a diferença e ajudar a garantir um futuro realmente desenvolvido através do investimento social privado.</p> <p>importância de falar sobre a violência doméstica e sobre o direito das mulheres a uma vida com segurança, liberdade e paz. Além de informar como elas podem se prevenir.</p>
<p>ONU MULHERES</p>	<p>Medidas de isolamento devido ao #COVID-19 podem aumentar os riscos de violência doméstica</p> <p>Impacto econômico pode dificultar que</p>	<p>Cita dados</p>	<p>Pedimos aos governos que fortaleçam os mecanismos de resposta à violência de gênero e aumentem o apoio e o financiamento de organizações de mulheres que prestam serviços de apoio essenciais às mulheres em situação de violência.</p>

	<p>uma mulher deixe o parceiro violento, assim como pode aumentar o risco de exploração sexual</p> <p>que mulheres e igualdade de gênero sejam incluídas na resposta à pandemia do #COVID19. como incorporar mulheres e igualdade de gênero na gestão da resposta à crise sobre as dimensões de gênero na pandemia</p> <p>menor mobilidade e falta de documentos prejudicam também as mulheres imigrantes</p> <p>porque boa parte dos casos de violência doméstica são praticados por conhecidos, como companheiros, ex-cônjuges, namorados e familiares.</p>	<p>Oferecer serviços de atenção às mulheres vítimas/sobreviventes de violência durante a pandemia e facilitar o acesso delas aos serviços</p> <p>governos financiem políticas e programas de prevenção à violência de gênero e capacitação econômica para mulheres e meninas em suas respostas à pandemia.</p> <p>Solicitamos aos governos que incorporem medidas de compensação para as trabalhadoras informais para manter a geração de renda das mulheres mais afetadas</p> <p>o que governo, empresas, meios de comunicação e sociedade civil devem fazer</p> <p>você esteja atenta ou atento às mulheres e meninas que estão à sua volta. Mesmo distante, a sua atitude é fundamental para apoiar mulheres em situação de violência.</p> <p>homens unidos contra a violência (destacar)</p> <p>Medidas específicas e um olhar segmentado a essas situações é</p>
--	---	---

	<p>O risco de violência contra as mulheres tende a aumentar quando famílias em contextos de violência domésticas são colocadas sob tensão, isolamento e quarentena.</p> <p>Além de se verem forçadas a passar mais tempo junto de seus agressores, elas se encontram distantes de suas redes de apoio e com acesso reduzido aos serviços públicos de atendimento à mulher, já que eles estão funcionando com horários e fluxos adaptados à nova realidade do Covid-19</p> <p>Cuidado emocional e a igualdade de gênero contribuem para a construção de lares</p>		<p>extremamente importante durante a crise do #COVID19.</p> <p>Todas e todos temos de agir para proteger as mulheres em situação de violência. O distanciamento social não pode significar isolamento nem abandono das mulheres.</p> <p>! Somos todas e todos responsáveis e podemos apoiá-las e oferecer ajuda</p> <p>, vamos promover a masculinidade positiva para lares livres de tensão e violência</p>
--	--	--	--

	<p>livres de tensão e violência</p> <p>pode aparecer ou piorar com o confinamento</p> <p>O sexismo e o racismo aumentam as vulnerabilidades da violência com base em gênero.</p> <p>segue invisível e, muitas vezes, silenciosa em meio à pandemia</p>		
MMFDH	<p>se ancora com mais afinco ao isolamento social para explicar o aumento de casos (léxico "provocou" em uma afirmação categórica). Forma de introduzir o assunto foi mais categórica, e não reflexiva. Isso pode dar a ideias de que as estruturas, apesar de não reconhecidas, são</p>	<p>Cita dados</p>	<p>foco na divulgação dos canais de denúncia, tanto pelo fao do governo federal ser responsáveis por esses canais oficiais mas, ao mesmo tempo, reduz o debate e sua própria responsabilização, deixando para a vítima o papel de ser sua própria salvadora. ao mesmo tempo, se liga ao discurso punitivista, ampliado e reproduzido pelos representantes da gestão ultra-conservadora no poder, como discutido no capítulo sobre contextualização</p>

	<p>mais insuperáveis. o desenho não reflexivo rejeita as origens do problema social, coloca a culpa no isolamento social e faz a mulher ser responsável por sair sozinha da situação de violência.</p> <p>O problema é construído, então, na dificuldade de pedir ajuda por conta do contexto da pandemia.</p> <p>— Uma agressão quase sempre vem acompanhada de outras formas de violência. Conhecê-las é fundamental para identificar e denunciar um agressor.</p>		<p>digitalização dos canais de denúncia</p> <p>envolver vizinhos na batalha contra a violência doméstica durante a pandemia</p> <p>O combate à violação de direitos é um trabalho conjunto de toda a sociedade civil e do governo. Por isso, precisamos da sua ajuda.</p> <p>a proteção das mulheres diante do risco de crescimento e subnotificação dos casos de violência doméstica ao longo da pandemia do novo coronavírus</p> <p>rede de atendimento à mulher, empreendedorismo, enfrentamento à violência e mercado de trabalho.</p> <p>monitorar políticas e promover a troca de experiências.</p> <p>enfrentamento à violência doméstica, com o fortalecimento da rede de proteção.</p> <p>parcerias com 13 instituições da iniciativa privada, sociedade civil e do setor público</p>
--	--	--	--

			<p>Crianças, mulheres, idosos e pessoas com deficiência têm convivido 24 horas com seus agressores.</p> <p>garantir a proteção das mulheres vítimas de violência e assegurar a continuidade do serviço de atendimento, classificado como essencial, e a segurança das equipes da rede socioassistencial</p> <p> cursos e cartilhas sobre violência doméstica</p> <p>as respostas internacionais à nova realidade com o isolamento social e o papel da tecnologia digital em inovações na prestação de serviços e atendimento às vítimas</p> <p>desenvolvimento de sistemas de proteção social efetivos para assegurar a igualdade entre mulheres e homens (secretária fala)</p>
MINISTRA	Já Damares é ainda mais pessimista, desacreditando na potencialidade de mudança e na desresponsabilização	Cita dados	<p>reforçando os mecanismos que ajudam essas mulheres a denunciar</p> <p>AJUDEM A GENTE VIZINHOS</p>

	<p>de seu próprio governo para controlar o casos. o Objetivo é causar pânico social e moral.</p> <p>Forma generalizada sobre os dados</p> <p>“Coronavírus: denúncias de violência doméstica aumentam uma vez que ela tem que conviver com a pessoa agressora diariamente, sob o mesmo teto”.</p> <p>A experiência europeia do confinamento demonstrou que o conflito no ambiente doméstico pode aumentar durante a quarentena.</p> <p>vítimas são mulheres, crianças, idosos e pessoas com deficiência</p>		<p>pode ser prevenida e enfrentada por meio de políticas públicas eficazes e baseadas em evidências.</p>
--	--	--	--

	A violência contra as mulheres é considerada uma pandemia mundial		
--	--	--	--

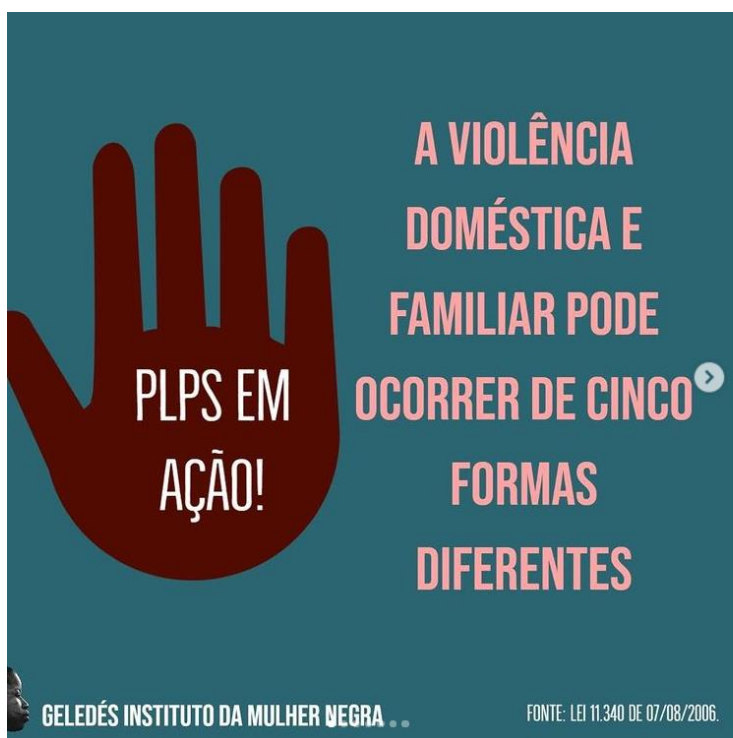
ANEXO I – PUBLICAÇÕES INSTAGRAM**INSTITUTO GELEDÉS**

Data da coleta: 10/09/2021

ABRIL<https://www.instagram.com/p/B-mniAQA58z/>https://www.instagram.com/p/B_OA1rfjm_q/



https://www.instagram.com/p/B_kscspg6mw/



portalgeledes • Following ...

portalgeledes • Geledés – Instituto da Mulher Negra articula sua rede de Promotoras Legais Populares-PLP, durante a pandemia da COVID-19, para atuar em suas comunidades, divulgando informações e orientações para o enfrentamento do coronavírus, para o acesso aos recursos emergenciais que estão sendo disponibilizados pelo poder público, além da escuta atenta dos possíveis sinais de ocorrências de violência doméstica.

É uma iniciativa que se soma às diversas ações desencadeadas por pessoas, redes, coletivos, comunidades, organizações da sociedade civil e fundos de financiamentos para reduzir o impacto

Liked by marcia.macambira and 94 others

APRIL 21, 2020

Add a comment... Post

portalgeledes • Following ...

portalgeledes • PLPs EM AÇÃO
71 w

_arcanja O triste é que conheço mulheres nessa situação, mas a vítima e os familiares acham tudo normal 😞😞

71 w 2 likes Reply

isabella.r.nunes @mlahtermaher

71 w 1 like Reply

View replies (1)

andrea_limaaa @pamella.lima

70 w 1 like Reply

Liked by fer_feijo and 648 others

APRIL 29, 2020

Add a comment... Post

VIOLÊNCIA FÍSICA


- EMPURRÕES
- PUXÃO DE CABELO
- PONTAPÉS
- TAPAS
- SOCOS



GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA ••••• PLPS EM AÇÃO!

VIOLÊNCIA SEXUAL

- INTIMIDAR
- AMEAÇAR
- COAGIR, FORÇAR A PRESENCIAR OU MANTER RELAÇÃO SEXUAL NÃO DESEJADA;
- INDUZIR A COMERCIALIZAR OU UTILIZAR A SUA SEXUALIDADE
- IMPEDIR USO DE QUALQUER MÉTODO CONTRACEPTIVO
- FORÇAR MATRIMÔNIO, GRAVIDEZ, ABORTO OU À PROSTITUIÇÃO, MEDIANTE COAÇÃO, CHANTAGEM, SUBORNO OU MANIPULAÇÃO
- ANULAR OU LIMITAR O EXERCÍCIO DOS DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS.




GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA ••••• PLPS EM AÇÃO!

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

- CAUSAR DANO EMOCIONAL
- DIMINUIÇÃO DA AUTOESTIMA
- CONTROLAR AÇÕES, COMPORTAMENTOS, CRENÇAS E DECISÕES

POR AMEAÇAS

- PERSEGUIÇÕES
- CHANTAGENS
- HUMILHAÇÕES
- PROIBIÇÕES



GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA PLPS EM AÇÃO!

VIOLÊNCIA MORAL

- DIVULGAR OU AMEAÇAR DIVULGAR FOTOS ÍNTIMAS
- ESPALHAR MENTIRAS A RESPEITO DA MULHER
- CALUNIAR, DIFAMAR OU INJURIAR
- OFENDER, ACUSAR DE TRAIÇÃO

GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA PLPS EM AÇÃO!

VIOLÊNCIA PATRIMONIAL

RETER, SUBTRAIR,
DESTRUIR PARCIAL
OU TOTALMENTE
◀ OBJETOS, INSTRUMENTOS
DE TRABALHO,
DOCUMENTOS PESSOAIS,
BENS, VALORES,
DIREITOS E RECURSOS
ECONÔMICOS.

POR EXEMPLO, QUEBRAR
CELULAR, RASGAR
DOCUMENTOS E ROUPAS,
▶ IMPEDIR A LIVRE
ADMINISTRAÇÃO DE
SALÁRIO OU DE BENEFÍCIOS
DE QUALQUER NATUREZA.



GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA

PLPS EM AÇÃO!

ATENDIMENTO ÀS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA AS MULHERES

CENTRAL DE ATENDIMENTO À MULHER - DISQUE 180 24HS (A DENÚNCIA
PODE SER ANÔNIMA)



EMERGÊNCIA POLICIAL - DISQUE 190 (POLÍCIA MILITAR DO SEU ESTADO)

APLICATIVO SOS MULHER: O APLICATIVO QUE PERMITE QUE MULHERES QUE TENHAM MEDIDAS
PROTETIVAS CONCEDIDAS PELA JUSTIÇA ACIONEM O SERVIÇO 190 EM
CASO DE RISCO.



GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA

PLPS EM AÇÃO!

MAIO

<https://www.instagram.com/p/CAD9BvGATmO/>

PLPS EM AÇÃO!

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:
COMO DENUNCIAR E PROCURAR
AJUDA**

#FIQUEEMCASA

portalgeledes • Following

lisdaleste 🍌🍌🍌🍌🍌
69 w Reply

kadinabastos Eu sou uma delas!!
Plps FND- UFRJ 🙏🙏
44 w Reply

Liked by kadinabastos and 230 others
MAY 11, 2020

Add a comment... Post

PROTEJA-SE

CASA DA MULHER BRASILEIRA (CMB):

ESPAÇO INTEGRADO DE ATENDIMENTO ÀS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA
QUE REÚNE DIFERENTES SERVIÇOS E PROTEÇÃO

ENDEREÇO: RUA VIEIRA RAVASCO, 26 - CAMBUCI/CENTRO - SÃO PAULO/SP.
TELEFONE: (11) 3275-8000 (ATENDIMENTO EM LIBRAS, NA CENTRAL DE
INTERMEDIÇÃO, PARA ATENDER MULHERES SURDAS).
HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO: 24 HORAS.

GELEDES INSTITUTO DA
MULHER NEGRA

#PLPSEMAÇÃO!

PROTEJA-SE

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO:

A DENÚNCIA PODE SER FEITA ATRAVÉS DO FORMULÁRIO DISPONÍVEL NO SITE
([HTTPS://WWW.DEFENSORIA.SP.DEF.BR/DPEP](https://www.defensoria.sp.def.br/dpesp));

POR MENSAGEM DE WHATSAPP: (11) 94220-9995 (AS MENSAGENS ENVIADAS EM DIAS ÚTEIS SÃO LIDAS EM, NO MÁXIMO, 24H);
OU PELO TELEFONE 0800-7734340 (ENTRE 7H E 19H, DE SEGUNDA À SEXTA-FEIRA).

OU PELO TELEFONE 0800-7734340 (ENTRE 7H E 19H, DE SEGUNDA À SEXTA-FEIRA)



#PLPSEMAÇÃO!

ATRAVÉS DOS CANAIS DE COMUNICAÇÃO DA DEFENSORIA PÚBLICA AS MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA PODEM:

-RECEBER ORIENTAÇÃO JURÍDICA; -SOLICITAR MEDIDAS PROTETIVAS DE URGÊNCIA EM RAZÃO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA SOFRIDA, MESMO SEM O BOLETIM DE OCORRÊNCIA;

-CONSULTAR O PEDIDO JÁ SOLICITADO;

- RECORRER NOS CASOS EM QUE A MEDIDA PROTETIVA FOR INDEFERIDA;

- SOLICITAR A INTIMAÇÃO DO RÉU ACERCA DAS MEDIDAS PROTETIVAS;

-INFORMAR DESCUMPRIMENTO DE MEDIDAS PROTETIVAS;

-REQUERER BUSCA E APREENSÃO DE CRIANÇAS;

-ACOMPANHAR PROCESSOS.



#PLPSEMAÇÃO!

PROTEJA-SE

DDMS – DELEGACIA DE DEFESA DA MULHER:

1ª DELEGACIA DE DEFESA DA MULHER: SEGUE FUNCIONANDO 24 HORAS;

ACOLHIMENTO E ATENDIMENTO POR EQUIPE MULTIDISCIPLINAR (PSICOLOGIA E SERVIÇO SOCIAL): SEGUE FUNCIONANDO 24 HORAS

ZONA NORTE - 4ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER – NORTE (24HS)

ZONA SUL - 2ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER – SUL (24HS); 6ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER – SUL (24HS)

ZONA LESTE 5ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER – LESTE (24HS); 7ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER – LESTE (24HS); 8ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER – LESTE (24HS)

ZONA OESTE 3ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER – OESTE - 9ª DELEGACIA DE POLÍCIA DE DEFESA DA MULHER – OESTE



#PLPSEMAÇÃO!

DENUNCIE

CENTRAL DE ATENDIMENTO À MULHER - DISQUE 180 24HS (A DENÚNCIA PODE SER ANÔNIMA)

EMERGÊNCIA POLICIAL - DISQUE 190 (POLÍCIA MILITAR DO SEU ESTADO)

APLICATIVO SOS MULHER: O APLICATIVO QUE PERMITE QUE MULHERES QUE TENHAM MEDIDAS PROTETIVAS CONCEDIDAS PELA JUSTIÇA ACIONEM O SERVIÇO 190 EM CASO DE RISCO.



#PLPSEMAÇÃO!

COMUNICADO TRIBUNAL DE JUSTIÇA/SP - CG Nº 259/2020

- NÃO É NECESSÁRIO A APRESENTAÇÃO DO BOLETIM DE OCORRÊNCIA PARA A INSTAURAÇÃO DE PROCESSOS COM BASE NA LEI MARIA DA PENHA.



- A VÍTIMA PODERÁ FAZER BOLETIM DE OCORRÊNCIA PELA INTERNET NA PÁGINA DA POLÍCIA CIVIL: EM SÃO PAULO - SIGA O PASSO A PASSO - [HTTPS://WWW.POLICIACIVIL.SP.GOV.BR](https://www.policiacivil.sp.gov.br)

- É MUITO IMPORTANTE QUE A VÍTIMA TENHA PROVAS DAS AGRESSÕES (FÍSICAS, VERBAIS, AMEAÇAS ETC.), FOTOS DAS LESÕES (MARCAS DA AGRESSÃO NO CORPO); PRINTS DAS AMEAÇAS E/OU XINGAMENTOS OCORRIDOS PELO CELULAR; TESTEMUNHAS QUANDO HOVER.



#PLPSEMAÇÃO

COMUNICADO TRIBUNAL DE JUSTIÇA/SP - CG Nº 262/2020

**A CORREGEDORIA GERAL DA JUSTIÇA, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES,
CONSIDERANDO A RESOLUÇÃO**

- O JUIZ PODERÁ AVISAR A VÍTIMA PELO APLICATIVO WHATSAPP, QUANDO FOR CONCEDIDA MEDIDAS PROTETIVAS DE URGÊNCIAS, DESDE HAJA ANUÊNCIA DAQUELA, NO MOMENTO DA LAVRATURA DO BOLETIM DE OCORRÊNCIA OU DA APRESENTAÇÃO DO REQUERIMENTO, COM O FORNECIMENTO DO NÚMERO DE SEU TELEFONE CELULAR.

- SE A VÍTIMA CONCORDAR EM INFORMAR SEU NÚMERO DE CELULAR, NO MOMENTO DA LAVRATURA DO BOLETIM DE OCORRÊNCIA OU DA APRESENTAÇÃO DO REQUERIMENTO DAS MEDIDAS, O JUIZ PODERÁ AVISAR PELO APLICATIVO WHATSAPP, A CONCESSÃO DE MEDIDAS PROTETIVAS DE URGÊNCIA.



#PLPSEMAÇÃO

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO

Data de coleta: 03/08/2020

MARÇO

https://www.instagram.com/p/B-lhDCzHaqj/?utm_source=ig_web_copy_link



“
Para além da responsabilização do autor do crime, é papel do Ministério Público buscar a minimização das consequências da violência sexual para a vítima. É olhar para os dependentes dessa mulher, para as consequências psicológicas e todas as questões sociais que precisam ser manejadas para que a mulher possa sair dessa situação de violência.
”

Silvia Chakian, promotora de justiça do Ministério Público do Estado de São Paulo.

ipatriciagalvao • Seguir

ipatriciagalvao Para conseguir romper a barreira do silêncio e denunciar o agressor, evitando assim a subnotificação do crime, é fundamental que a mulher que foi vítima de violência sexual se sinta protegida e acolhida, tanto em sua rede de apoio pessoal como também nos órgãos públicos.

Por isso é importante garantir a continuidade dos serviços essenciais de enfrentamento à violência contra meninas e mulheres, inclusive em períodos de pandemia como a de Covid-19.

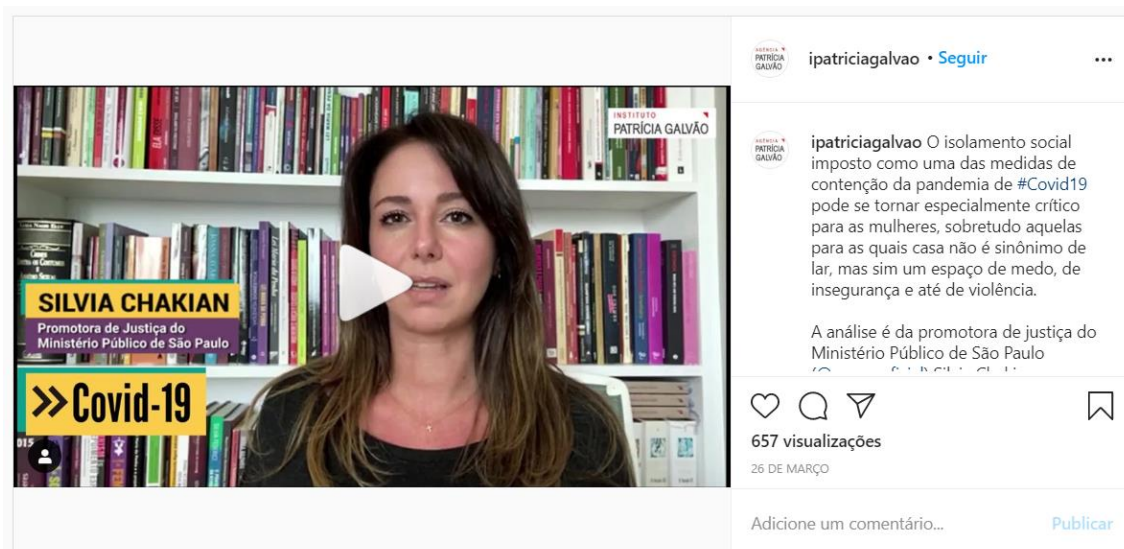
No caso do Ministério Público, além de conduzir a ação penal dos crimes

Curtido por coletivomulhervida e outras 66 pessoas

24 DE MARÇO

Adicione um comentário... **Publicar**

https://www.instagram.com/p/B-NRgGRHQrs/?utm_source=ig_web_copy_link



SILVIA CHAKIAN
Promotora de Justiça do Ministério Público de São Paulo

>> Covid-19

ipatriciagalvao • Seguir

ipatriciagalvao O isolamento social imposto como uma das medidas de contenção da pandemia de #Covid19 pode se tornar especialmente crítico para as mulheres, sobretudo aquelas para as quais casa não é sinônimo de lar, mas sim um espaço de medo, de insegurança e até de violência.

A análise é da promotora de justiça do Ministério Público de São Paulo

657 visualizações

26 DE MARÇO

Adicione um comentário... **Publicar**

https://www.instagram.com/p/B-R1tLBnmDJ/?utm_source=ig_web_copy_link



CONFINAMENTO SEM VIOLENCIA
me representa
Orientações para mulheres em situação de violência

MANTENHA CONTATO COM FAMILIARES E AMIGOS

SALVE OS CONTATOS DOS SERVIÇOS DE EMERGÊNCIA

ATENDIMENTO A MULHER **180**

POLÍCIA **190**

BOMBEIROS **193**

#NÃOSECALE

#AJUSTIÇA NÃOPARA

CNJ

ipatriciagalvao • Seguir

ipatriciagalvao A Covid-19 nos obriga a ficar em casa, não a tolerar violência. Denuncie qualquer suspeita ou ameaça de violência contra a mulher.

#Repost @cnj_oficial

.....

#NãoSeCale Com a epidemia do novo #coronavírus e a recomendação de que as pessoas fiquem em casa para evitar maior propagação do vírus, alguns estados já apresentam aumento no número de denúncias de violência contra a mulher. Isso acontece pois muitas mulheres estão confinadas com seus agressores.

Para que esse ciclo de violência seja encerrado, se torna fundamental que


Curtido por coletivomulherida e outras 239 pessoas

28 DE MARÇO

Adicione um comentário... Publicar

ABRIL

https://www.instagram.com/p/B-fahxIHbm-/?utm_source=ig_web_copy_link



INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO

>> Covid-19

EUGÊNIA VILLA
Superintendente do Sistema de Gestão de Risco e Inteligência Estratégico (SSP-PI)

>> Covid-19

ipatriciagalvao • Seguir


ipatriciagalvao #Covid19 | A delegada Eugênia Villa, superintendente de Gestão de Risco da Secretaria de Segurança Pública do Piauí (SSP-PI), explica quais são os órgãos e canais de denúncia aos quais as vítimas de violência doméstica podem recorrer durante a pandemia de coronavírus. Ressaltando que todos os serviços continuam em funcionamento, a delegada reforça também a

279 visualizações

2 DE ABRIL

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/B-xZwcvHmKg/?utm_source=ig_web_copy_link



ipatriciagalvao • Seguir


ipatriciagalvao Neste período de isolamento social necessário ao controle da pandemia de #Covid19, o Tribunal de Justiça de São Paulo (@tjsspoficial) recomenda a todos os magistrados atenção especial aos casos de violência doméstica. Uma das orientações é que as medidas protetivas de urgência sejam disponibilizadas sem a necessidade de boletim de ocorrência, conforme

342 visualizações

9 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/B_BH2XNHD8V/?utm_source=ig_web_copy_link



ipatriciagalvao • Seguir

ipatriciagalvao Durante a pandemia de #Covid19, como tem sido a vida de mulheres que vivem confinadas diariamente com seus agressores? Com esta reflexão, @lainacrisostomo, advogada e fundadora da rede @tamojuntas, alerta que nosso papel durante o período de isolamento social "é encorajar mulheres a romperem o ciclo da violência; fazer com que elas entendam que, neste

400 visualizações

15 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/B_DX9SejScj/?utm_source=ig_web_copy_link



GABRIELA MANSSUR
Promotora de Justiça do Ministério Público de São Paulo

>>Covid-19

ipatriciagalvao • Seguir

ipatriciagalvao Além da continuidade do atendimento nos serviços essenciais de enfrentamento à violência contra a mulher, Gabriela Manssur (@justicadesaia), promotora de justiça do Ministério Público de São Paulo (@mpsp_oficial), destaca que canais online têm sido criados com o objetivo de oferecer apoio psicológico e jurídico às mulheres em situação de violência, e de facilitar o

308 visualizações

16 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/B_Vwp0xHsNw/?utm_source=ig_web_copy_link



Guia Rápido
Direitos das
Mulheres e Covid-19
Estado de São Paulo
Informações Atualizadas Em: 16/04/2020

ipatriciagalvao • Seguir

ipatriciagalvao Historicamente, em um contexto de crise na sociedade, há o aumento de violações aos direitos das mulheres, adolescentes e meninas e, principalmente, o crescimento da violência doméstica e familiar.

Atento ao contexto da pandemia de #Covid19, o Núcleo de Promoção e Defesa dos Direitos das Mulheres (NUDEM) da Defensoria Pública do Estado de São Paulo (@defensoria_sp) elaborou um guia com as principais informações sobre o funcionamento de serviços e órgãos que auxiliam na garantia dos direitos das mulheres.

Também estão disponíveis no portal do NUDEM cartilhas informativas

Curtido por **crisgbonfim** e outras 123 pessoas

23 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/B_gBic3H1f2/?utm_source=ig_web_copy_link

ipatriciagalvao • Seguir

ipatriciagalvao Para meninas e mulheres que já vivenciam um ambiente violento, não sair de casa pode ser sinônimo de mais vulnerabilidade durante a pandemia de #Covid19. Se você está passando por isso, ou conhece alguma mulher que esteja, não hesite em buscar ajuda acionando os serviços essenciais de enfrentamento à violência doméstica.

387 visualizações

27 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/B IBDvFHL3s/?utm_source=ig_web_copy_link

ipatriciagalvao • Seguir

ipatriciagalvao Mulheres em situação de violência enfrentam mais dificuldades ao pedir ajuda durante a quarentena, uma vez que ficam mais expostas aos riscos e convivem mais tempo com seus agressores. Pensando em ajudar cada vez mais essas mulheres, o @institutoavon se reuniu com mais de 10 instituições públicas e privadas, para lançar o 'Programa Você Não Está Sozinha'. O programa conta com ações e serviços que podem facilitar o pedido de ajuda, contribuir com orientações e ser uma ponte para as denúncias em casos de violência doméstica. Entre os serviços, é possível encontrar suporte às necessidades básicas como abrigo, medicação e alimentos. assistência

Curtido por liviasantanavaz e outras 65 pessoas

29 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/B nVW15nT l/?utm_source=ig_web_copy_link



ipatriciagalvao • Seguir

ipatriciagalvao Neste contexto de isolamento social devido à pandemia de #Covid19, mulheres negras, periféricas e LBTs permanecem sendo as mais vulnerabilizadas, alerta Livia Sant'Anna Vaz (@liviasantanavaz), promotora de Justiça do Ministério Público da Bahia (@mpdabahia)


A Covid-19 nos obriga a ficar em casa,

305 visualizações
30 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

MAIO

https://www.instagram.com/p/B_0nzWcHuCc/?utm_source=ig_web_copy_link



ipatriciagalvao • Seguir

ipatriciagalvao "Mesmo em tempos de pandemia existe justiça", destaca Valéria Scarance (@valscarance), promotora de Justiça do Ministério Público de São Paulo (@mpsp_oficial), reforçando que há vários meios para acionar as delegacias de polícia e redes de atendimento às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

246 visualizações
5 DE MAIO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CAD1fUJHzz8/?utm_source=ig_web_copy_link

DIVERSIDADE RIO DE JANEIRO convida

Mobilização Corporativa em Tempos de Pandemia

Painel 02 12 de maio - 10h às 12h - Webex

Violência doméstica - cuidados em tempos de pandemia



Maira Liguori
Think Olga

Daniela Grelin
Insituto AVON

Jacira Melo
Instituto Patricia Galvão

INSCRIÇÕES EM : <https://bit.ly/35zwatJ>

ipatriciagalvao • Seguir

ipatriciagalvao Amanhã (12/05), temos um encontro marcado das 10h às 12h para conversar sobre a incidência da violência doméstica em tempos de quarentena e práticas de cuidado. Participam também do bate papo @institutoavon e @thinkolga.

O painel faz parte do evento "Mobilização corporativa em tempos de pandemia" promovido pelo Grupo Diversidade do Rio de Janeiro (@grupodiversidaderj). Todo valor arrecadado será revertido em doações de cestas básicas e materiais de limpeza para entidades de assistência social. Faça sua inscrição acessando: <http://bit.ly/35zwatJ>.

Curtido por coletivade defensoras e outras 83 pessoas

11 DE MAIO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CALxLmkHsLw/?utm_source=ig_web_copy_link

>>Covid-19

Violência doméstica

Denúncias no Ligue 180 subiram 14% nos quatro primeiros meses de 2020 em relação ao ano passado.

Mês de abril apresentou um aumento de 37,6% no comparativo entre os dois anos.

Fonte: MMFDH

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO

ipatriciagalvao • Seguir

ipatriciagalvao Dados divulgados nesta quinta-feira (14/05) pela Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos apontam que houve um aumento de 14,1% no número de denúncias feitas ao Ligue 180 nos primeiros quatro meses de 2020 em relação ao ano passado.

O total de registros foi de 32,9 mil entre janeiro e abril de 2019 contra 37,5 mil no mesmo período deste ano, com destaque para o mês de abril, que apresentou um aumento de 37,6% no comparativo entre os dois anos.

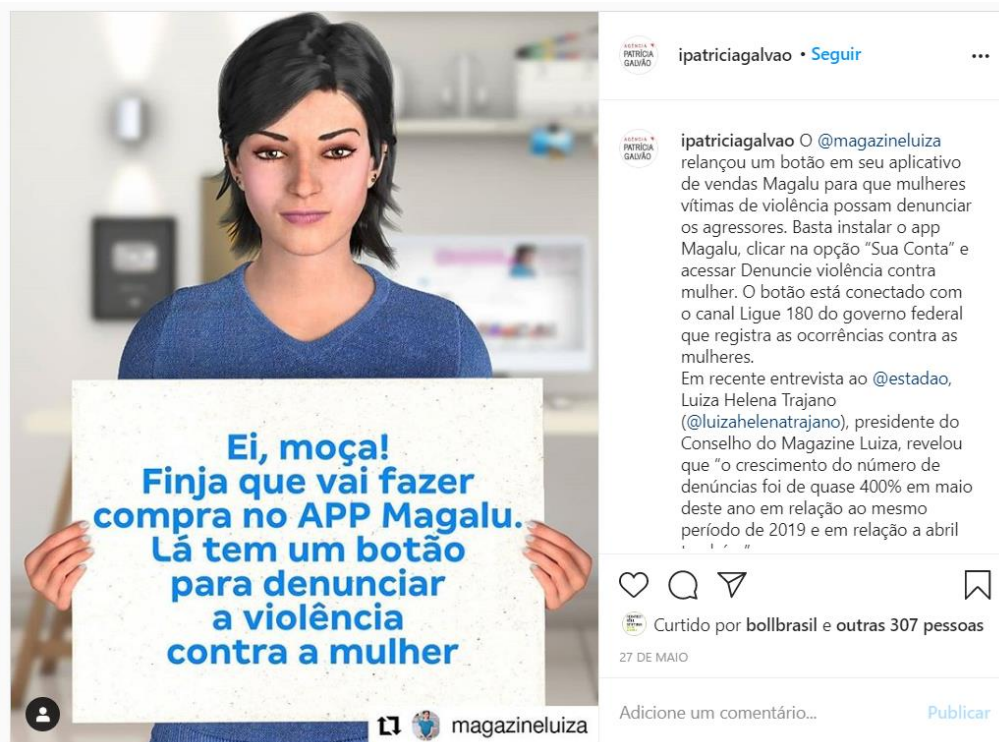
O ministério considera que uma das causas do aumento das denúncias foi

Curtido por crigbonfim e outras 185 pessoas

14 DE MAIO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CAtDhVgnq2m/?utm_source=ig_web_copy_link



JUNHO

https://www.instagram.com/p/CBoctoFHn7F/?utm_source=ig_web_copy_link



JULHO

https://www.instagram.com/p/CCWI_74ntcK/?utm_source=ig_web_copy_link



ipatriciagalvao • Seguir

ipatriciagalvao via @unfpabrazil:

O Sesc e o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), que já atuam em parceria no campo da Saúde Sexual e Reprodutiva, aderiram ao desafio de desenvolver a campanha "Você não está sozinha". O objetivo é apoiar as mulheres, reforçar a importância de falar sobre a violência doméstica e sobre o direito das mulheres a uma vida com segurança, liberdade e paz. Além de informar como elas podem se prevenir.

O isolamento social pode gerar mais tensões e, neste momento de pandemia, muitos casos de violência contra a mulher podem aparecer e os

Curtido por marialab_org e outras 63 pessoas

7 DE JULHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/tv/CC3dDFjnvkd/?utm_source=ig_web_copy_link



The image shows a screenshot of an Instagram post. On the left, a video player is visible with a play button, a progress bar at 0:00 / 3:00, and icons for volume, full screen, and more options. The video content displays the text "BOAS COMPANHIAS FAZEM DIFERENÇA" in blue and orange. On the right, the post details are shown: the user "ipatriciagalvao" is followed, and the post includes the hashtag "#BoasCompanhiasFazemDiferença". The text of the post discusses violence against women and the consequences of such acts. Below the text are icons for likes, comments, shares, and a bookmark, along with the view count "489 visualizações" and the date "20 DE JULHO". At the bottom, there is a text input field for comments and a "Publicar" button.

ipatriciagalvao • Seguir

ipatriciagalvao
#BoasCompanhiasFazemDiferença

#BoasCompanhiasFazemDiferença

Quantas histórias como essa você já ouviu falar? Ou até mesmo já presenciou? A violência contra a mulher também se tornou uma epidemia e pode estar mais próxima de nós do que imaginamos.

Diariamente, milhares de mulheres e meninas são alvo de agressões e das mais variadas formas de violência. Infelizmente, muitas das vezes, elas não têm a quem recorrer.

As consequências podem marcar para sempre a vida daquelas que são

489 visualizações

20 DE JULHO

Adicione um comentário... **Publicar**

https://www.instagram.com/p/CC8nKM6HKyN/?utm_source=ig_web_copy_link



MULHERES DOMINAM MAIS DE 70% DA PRODUÇÃO CIE

ASSEDIO MORAL ◦ VIOLÊNCIA INTRAFAMILIA

ipatriciagalvao • Seguir

ipatriciagalvao Queremos ver mais exemplos de realizações e histórias de sucesso vividas por mulheres, seja na política, nas artes, nos esportes, na ciência e onde mais elas estiverem. E também queremos que a violência contra elas deixe de ser um obstáculo para o surgimento de novas conquistas.

A violência contra as mulheres não tem hora, nem lugar, nem classe social. Pode ocorrer onde menos esperamos e interromper sonhos e impedir um futuro promissor.

É um dever de todas e todos nós ajudar na (re)construção desse novo futuro, onde não deve haver espaço

Curtido por linatavora e outras 182 pessoas

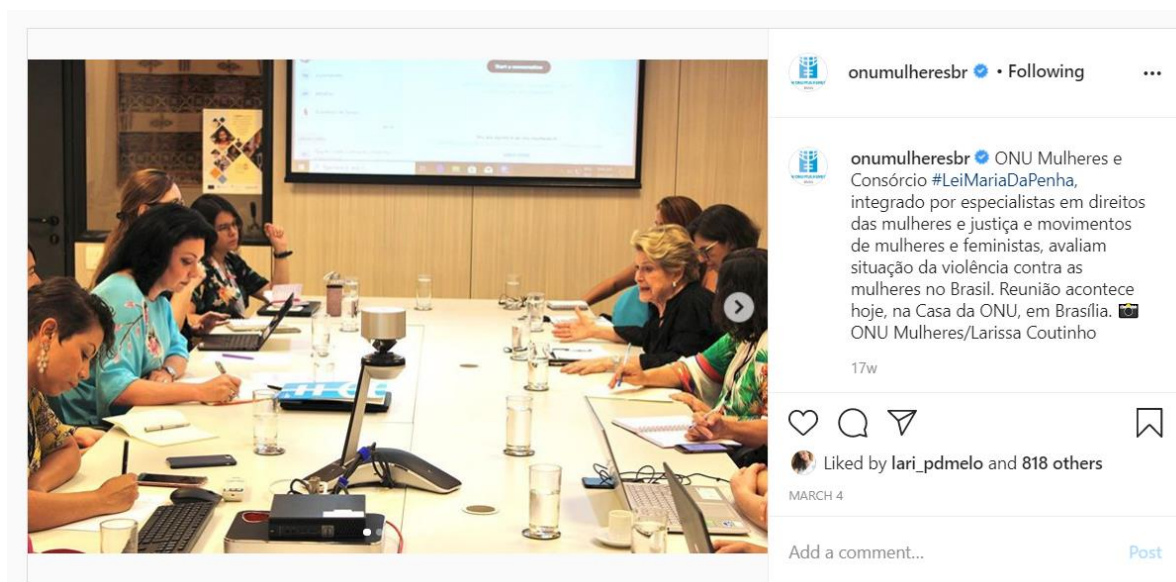
22 DE JULHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

ONU MULHERES

Data da coleta: 04/08/2020

<https://www.instagram.com/p/B9UJPLYI7FO/>



onumulheresbr • Following

onumulheresbr ONU Mulheres e Consórcio #LeiMariaDaPenha, integrado por especialistas em direitos das mulheres e justiça e movimentos de mulheres e feministas, avaliam situação da violência contra as mulheres no Brasil. Reunião acontece hoje, na Casa da ONU, em Brasília. 📷 ONU Mulheres/Larissa Coutinho

17w

Liked by lari_pdmelo and 818 others

MARCH 4

Add a comment... [Post](#)

https://www.instagram.com/p/B92c_NFlooM/



COVID-19 NA AMÉRICA LATINA E CARIBE: COMO INCORPORAR AS MULHERES E A IGUALDADE DE GÊNERO NA GESTÃO DA RESPOSTA À CRISE

FAÇA O DOWNLOAD DO RESUMO

onumulheresbr • Following

onumulheresbr  ONU Mulheres Américas e Caribe (@onumujeres) faz 14 recomendações para que mulheres e igualdade de gênero sejam incluídas na resposta à pandemia do #COVID19

Acesse: bit.ly/COVID19_Mulheres
 Acesse o QR Code ou o Stories e leia a publicação.
 #coronavirus #coronavirus #MulheresNaPandemia

Liked by crisgbonfim and 415 others

MARCH 17

Add a comment... Post

<https://www.instagram.com/p/B-E3i2tIXBM/>



Qual o impacto da pandemia do COVID-19 para as mulheres que estão na economia informal?

A redução da atividade econômica afeta particularmente as trabalhadoras informais que perdem o sustento da vida de modo imediato.

Solicitamos aos governos medidas compensatórias para as **trabalhadoras informais.**

#RespostaCOVID19 #coronavirus

ONU MULHERES

onumulheresbr • Following

onumulheresbr  Serviços essenciais podem salvar vidas. Pedimos aos governos que fortaleçam os mecanismos de resposta à violência de gênero e aumentem o apoio e o financiamento de organizações de mulheres que prestam serviços de apoio essenciais às mulheres em situação de violência.

#coronavirus #coronavirus #COVID19 #RespostaCOVID19

14w

politicaparamulheres Daí o Governo Bolsonaro me apareceu com a MP 927

14w 5 likes Reply

Liked by crisgbonfim and 990 others

MARCH 23

Add a comment... Post

<https://www.instagram.com/p/B-HXgUWFqDZ/>

Como prevenir a violência contra as mulheres e meninas em tempos de crise?

É indispensável oferecer serviços de atenção a mulheres vítimas/sobreviventes de violência durante a pandemia e desenvolver modalidades que facilitem o acesso delas aos serviços.

#RespostaCOVID19 #coronavirus

ONU MULHERES

onumulheresbr • Following

onumulheresbr Você sabia que, 1 em cada 3 mulheres na América Latina e no Caribe sofreu violência física e/ou sexual? Medidas de isolamento devido ao #COVID-19 podem aumentar os riscos de violência doméstica. #coronavirus #coronavirus #COVID19 #RespostaCOVID19

14w

eusamaracutrim Quais medidas essas meninas poderão tomar?

14w 1 like Reply

View replies (3)

Liked by crisgbonfim and 2,128 others

MARCH 24

Add a comment... Post

<https://www.instagram.com/p/B-Hqf4VFluK/>

Qual o impacto da pandemia do COVID-19 para as mulheres?

O impacto econômico da pandemia COVID-19 pode dificultar que uma mulher deixe o parceiro violento, assim como pode aumentar o risco de exploração sexual.

Responder às necessidades das mulheres em situação de violência deve ser **prioridade de todas as pessoas.**

#RespostaCOVID19 #coronavirus

ONU MULHERES

onumulheresbr • Following

onumulheresbr Em tempos de crise, o índice de violência contra mulheres e meninas aumenta. Pedimos que os governos financiem políticas e programas de prevenção à violência de gênero e capacitação econômica para mulheres e meninas em suas respostas à pandemia. #coronavirus #coronavirus #COVID19 #RespostaCOVID19

14w

ligaeduca Preocupante ao extremo

Liked by mulheresrepublicanas10 and 2,352 others

MARCH 24

Add a comment... Post

<https://www.instagram.com/p/B-K3GI5lCko/>



onumulheresbr • Following

onumulheresbr ONU Mulheres faz 14 recomendações para que mulheres e igualdade de gênero sejam incluídas na resposta à pandemia do #COVID19. Confira: http://bit.ly/COVID19_Mulheres #coronavirus

Trabalhadoras do setor de saúde, trabalhadoras domésticas, mulheres na economia informal, migrantes, refugiadas e mulheres em situação de violência são algumas das mulheres mais expostas ao COVID-19 e precisam ser envolvidas em todas as fases da resposta e nas tomadas de decisão nacionais e locais. Esta é uma das 14 recomendações da ONU Mulheres por meio da publicação COVID-19 na América Latina e no Caribe: como incorporar mulheres e

8,572 views
MARCH 25

Add a comment... Post

<https://www.instagram.com/p/B-KMYZAFkmP/>



onumulheresbr • Following

onumulheresbr 126 milhões de mulheres na América Latina e Caribe trabalham no setor informal. Solicitamos aos governos que incorporem medidas de compensação para as trabalhadoras informais para manter a geração de renda das mulheres mais afetadas. #coronavirus #COVID19 #RespostaCOVID19

77 w

390 likes
MARCH 25, 2020

Add a comment... Post

Como prevenir a violência contra as mulheres e meninas em tempos de crise?

A pandemia do COVID-19 pode dificultar o acesso a serviços essenciais que respondam à violência doméstica e outras formas de violência contra as mulheres e meninas.

Solicitamos aos governos para fortalecer os mecanismos de resposta à violência de gênero.

#RespostaCOVID19 #coronavirus

ABRIL

https://www.instagram.com/p/B_VeFY3lg11/



“
A Bancada Feminina está retomando a sua capacidade de atuar amplamente, debatendo não só a situação das mulheres, mas a crise de um modo geral, que afeta a vida de todas as pessoas. Nas reuniões virtuais da bancada feminina, que ocorrem quase diariamente, tem sido feitos debates sobre a economia e as políticas públicas, dando maior amplitude e profundidade às discussões.

Maria do Rosário,
deputada federal

#VozesDasMulheresSobreCOVID19
#RespostaCOVID19

ONU MULHERES

onumulheresbr • Following

onumulheresbr • Deputadas federais unem esforços e defendem direitos das mulheres na resposta do Brasil à pandemia Covid-19. #BancadaFeminina tem atuado na proposição e na votação de projetos de lei nas áreas econômica, proteção social, educação, prevenção e eliminação da violência contra as mulheres Saiba mais: bit.ly/Deputadas_federais_Covid19 #VozesDasMulheresSobreCovid19 #RespostaCovid19 #coronavirus

10w

caique.ale

10w Reply

Liked by onubrasil and 428 others

APRIL 23

Add a comment... Post

https://www.instagram.com/p/B_U2LVrFORu/



**COVID-19:
Quando ficar em casa
não é seguro.**

A violência contra as mulheres está aumentando de maneira preocupante na América Latina e Caribe. O que governos, empresas, meios de comunicação e sociedade civil devem fazer para responder à crise?

Participe da nossa videoconferência
23 de abril de 2020 - 16h
(horário de Brasília)

ONU MULHERES Grupo BID

onumulheresbr • Following

onumulheresbr • Que ações devem tomar governos, empresas, sociedade civil e meios de comunicação na resposta ao aumento da violência contra as mulheres, resultado do distanciamento social? Participe da discussão virtual com Ana María Rodríguez, vice-presidenta de Setores e Conhecimento do BID; María Noel Vaeza, diretora da ONU Mulheres para Américas e Caribe; Clara Alemann,

Liked by mariana_vidal1 and 1,121 others

APRIL 23

Add a comment... Post

Que ações devem tomar governos, empresas, sociedade civil e meios de comunicação na resposta ao aumento da violência contra as mulheres, resultado do distanciamento social? Participe da discussão virtual com Ana María Rodríguez, vice-presidenta de Setores e Conhecimento do BID; María Noel Vaeza, diretora da ONU Mulheres para Américas e Caribe; Clara Alemann, diretora de Programas do Promundo-US; Axel Gegenschatz, gerente-geral da Avon para Argentina, Chile y Uruguay; e Pablo Pardo, correspondente do El Mundo nos Estados Unidos.

https://www.instagram.com/p/B_aPa7xIMGt/

NOSSA VOZ SERÁ MAIOR
que o distanciamento social. Apoie mulheres em situação de violência.

ONU MULHERES
GERAÇÃO IGUALDADE

onumulheresbr • Following

onumulheresbr • Todo dia 25 é #Dialaranja pelo fim da violência contra as mulheres. Hoje, pedimos que você esteja atenta ou atento às mulheres e meninas que estão à sua volta. Mesmo distante, a sua atitude é fundamental para apoiar mulheres em situação de violência. #Ligue180 em caso de dúvida ou disque 190 em caso de urgências. #OrangeDay #GeraçãoIgualdade #Covid19 #coronavírus

10w

modatecalab 🍌🍌🍌🍌❤️

10w Reply

Liked by onubrasil and 1,535 others

APRIL 25

Add a comment... Post

https://www.instagram.com/p/B_gVerbl1BL/

NOSSA VOZ SERÁ MAIOR
que o machismo. Homens unidos contra a violência.

ONU MULHERES
GERAÇÃO IGUALDADE

onumulheresbr • Following

onumulheresbr • #NossaVozSeráMaior que o machismo. Apoie as mulheres em situação de violência. #coronavírus #Covid19

9w

erikapessoarp 🍌🍌🍌🍌❤️
Maravilhoso

9w Reply

michnorah Quê

9w Reply

tacyanacardosopi 🍌🍌

9w Reply

Liked by psi.livlobo and 659 others

APRIL 27

Add a comment... Post

https://www.instagram.com/p/B_nFLndlXo8/



onumulheresbr • Following

onumulheresbr • Diante da pandemia do coronavírus, temos visto aumentar o número de registros de violência doméstica durante o período de quarentena, em todos os países. No Brasil não seria diferente: segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, foram registradas 1,3 mil queixas de 14 a 24 de março. O ligue 180 (canal de denúncia e atendimento à mulher) registrou um aumento de 9% nas ligações durante o período de quarentena. Só no estado do Rio de Janeiro, o aumento dos registros de violência doméstica atendidos pela Polícia Militar, foi de 50%

Não vamos deixar que nenhuma mulher seja vítima de violência doméstica

Liked by onubrasil and 623 others

APRIL 30

Add a comment... Post

MAIO

https://www.instagram.com/p/B_xbtqeFVqY/



onumulheresbr • Following

onumulheresbr • Na quarentena, fique em casa, mas saia da violência doméstica! Sou a ISA.bot, uma robô programada para oferecer informações e acolhimento, para que todas as mulheres saibam o que fazer, como e onde buscar ajuda em casos de violência. Para receber orientações, basta me chamar aqui no inbox ou no Google Assistente (Falar: Ok, Google, falar com Robô ISA). Vamos juntas!

Saiba mais: isabot.org

#ISAbot #ChamaISAbot
#OkGoogleFalarComRobôISA
#ViolênciaDoméstica
#ChegaDeViolênciaContraAsMulheres
#Covid19 #Coronavirus
#AtividadesComRobôISA

NO INBOX DO FACEBOOK NO GOOGLE ASSISTENTE

Liked by dominiojuridico and 429 others

MAY 4

Add a comment... Post

https://www.instagram.com/p/B_z6UBRl8IR/

Qual o impacto da pandemia COVID-19 nas mulheres migrantes?

Com as restrições de mobilidade internas e externas, as mulheres e meninas têm mais risco de desproteção de direitos. Elas estão mais expostas à **violência de gênero** e ao **tráfico**.

Estes riscos podem aumentar devido às restrições de mobilidade internas e externas e à falta de documentação, o que torna mais difícil o acesso delas a serviços de saúde e medicamentos.

#RespostaCovid19 #coronavirus



onumulheresbr • Following

onumulheresbr Serviços essenciais podem salvar vidas. Pedimos aos governos que fortaleçam seus mecanismos para responder à violência baseada em gênero, aumentar o apoio e o financiamento de organizações de mulheres que prestam serviços essenciais de apoio. #RespostaFeminista #RespostaCOVID19

8w

carla.rodrigues.336 @cmaoabcolatina

8w Reply

vivian_rosana_c_c Triste realidade

Liked by crisgbonfim and 442 others

MAY 5

Add a comment... Post

https://www.instagram.com/p/B_2iF8LI-hd/



você NÃO ESTÁ SOZINHA!

#IsoladasSimSozinhasNunca
#QuarentenaSemViolência

onumulheresbr • Following

onumulheresbr Olá, sou a ISA.bot: uma robô programada para acolher, informar e promover uma internet mais segura para as mulheres. Tenho uma novidade: diante do aumento do número de registros de violência doméstica durante o isolamento social por coronavírus, me atualizei e agora também ofereço informações e orientações sobre o que fazer, como e onde buscar ajuda em casos como esse. Então, se você sofreu ou conhece alguma mulher que esteja sofrendo algum tipo de violência e precisa de apoio para se sentir mais segura, me chama aqui no inbox ou no Google Assistente (basta dizer: Ok, Google! Falar com Robô ISA). Quer saber +? Entra lá: www.isabot.org

2,461 views

MAY 6

Add a comment... Post

https://www.instagram.com/p/B_7vx5fIM3c/



ISA bot

quarentena
SEM VIOLÊNCIA!

#NãoSeCale

onumulheresbr • Following

onumulheresbr #FicaEmCasa é uma recomendação que todos devemos seguir, mas sabemos que a casa também é um lugar perigoso para muitas mulheres. Isso porque boa parte dos casos de violência doméstica são praticados por conhecidos, como companheiros, ex-cônjuges, namorados e familiares. Pensando nisso, preparei um guia rápido de como se proteger, onde e como buscar ajuda, caso você ou alguma mulher que você conheça (compartilhe com ela!) esteja em situação de risco durante a quarentena por coronavírus. Vamos lá?
Ah, e se precisar de mais orientações, estou aqui para isso! Me chama inbox aqui na página ou me acione no

1,833 views
MAY 8

Add a comment... Post

https://www.instagram.com/p/B_7wE2_lIdI4/



“

As mulheres são maioria entre cuidadores e, por isso, estão na frente ao enfrentamento do vírus e com mais possibilidade de adquiri-lo, as chefes de família. Além disso, é fundamental que se tenha atenção à ampliação da violência doméstica. Neste momento de necessária reclusão, as mulheres podem estar sujeitas à violência de maridos, companheiros.

Talíria Petrone,
deputada federal

#VozesDasMulheresSobreCOVID19
#RespostaCOVID19

ONU MULHERES

onumulheresbr • Following

onumulheresbr No início de abril, o governo brasileiro divulgou o aumento de 9% das denúncias de violência doméstica na comparação de uma semana para a outra. O risco de violência contra as mulheres tende a aumentar quando famílias em contextos de violência domésticas são colocadas sob tensão, isolamento e quarentena. Medidas específicas e um olhar segmentado a essas situações é extremamente importante durante a crise do #COVID19.
Leia mais:
bit.ly/Deputadas_federais_Covid19

#VozesDasMulheresSobreCovid19
#RespostaCOVID19 #coronavirus

8w

Liked by onubrasil and 400 others
MAY 8

Add a comment... Post

https://www.instagram.com/p/B_8Sbudla35/



França
Desde 17 de Março
Relatos sobre violência doméstica tiveram aumento de 30%.

Argentina
Desde 20 de Março
Chamadas de emergência de casos de violência doméstica tiveram aumento de 25%.

**Canadá
Alemanha
Espanha
Reino Unido
Estados Unidos**
Relatos de aumento de casos de violência doméstica e procura por abrigos de emergência.

ONU MULHERES

onumulheresbr • Following

onumulheresbr • Todas e todos temos de agir para proteger as mulheres em situação de violência. O distanciamento social não pode significar isolamento nem abandono das mulheres.

Mantenha-se alerta aos sinais da violência machista e apoie as mulheres da sua família, vizinhança e conhecidas.

Liked by onubrasil and 562 others

MAY 8

Add a comment... Post

https://www.instagram.com/p/B_7yQpGF4AJ/



ISA bot

LIVE
8/5, às 19h30
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA em tempos de pandemia

Juliana Paes
ONU Mulheres

Maísa Liguori
ONG Think Olga

LIVE @JULIANAPAES

onumulheresbr • Following

onumulheresbr • @julianapaes e @think_olga fazem "live" sobre violência contra as mulheres e uso da robô Isa.bot

Conversa será transmitida nesta sexta-feira (8/5) pelos perfis Instagram.com/julianapaes, defensora da ONU Mulheres Brasil para Prevenção e Eliminação da Violência contra as Mulheres, e instagram.com/think_olga e terá duração estimada de 30 minutos. Bate-papo será sobre violência doméstica e familiar em tempos de pandemia #Covid19 e sobre a ISA.bot, robô que pode ser acessada no Messenger da Página IsaBot no Facebook, e ativada, por escrito ou por áudio, no WhatsApp.

Liked by onubrasil and 480 others

MAY 8

Add a comment... Post

<https://www.instagram.com/p/CAF6LcUlrEx/>



The graphic features the ISA bot logo at the top. The main text reads "violência doméstica + covid-19" in a purple, handwritten-style font. A play button icon is overlaid on the word "doméstica". The background is white with small purple dots, and a purple wavy shape is at the bottom.

onumulheresbr • Following

onumulheresbr É fato: o risco de vida das mulheres em situação de violência aumenta em épocas de isolamento social (taí os números!). Além de se verem forçadas a passar mais tempo junto de seus agressores, elas se encontram distantes de suas redes de apoio e com acesso reduzido aos serviços públicos de atendimento à mulher, já que eles estão funcionando com horários e fluxos adaptados à nova realidade do Covid-19. Não há tempo a perder! Somos todas e todos responsáveis e podemos apoiá-las e oferecer ajuda. Como?

Eu sou a ISA.bot (isso mesmo, uma robô!) e estou aqui para isso: fornecer informações e ferramentas para

1,800 views
MAY 12

Add a comment... Post



The graphic features the ISA bot logo at the top. The main text reads "violência doméstica + covid-19" in a purple, handwritten-style font. A play button icon is overlaid on the word "doméstica". The background is white with small purple dots, and a purple wavy shape is at the bottom.

onumulheresbr • Following

Eu sou a ISA.bot (isso mesmo, uma robô!) e estou aqui para isso: fornecer informações e ferramentas para enfrentarmos juntas a violência de gênero. Para me acionar e acessar meu conteúdo, basta me chamar no inbox aqui da página ou no Google Assistente (diga: Ok, Google, falar com Robô ISA)! Saiba mais: isabot.org

#ISAbot #ViolênciaDoméstica
#ChegaDeViolênciaContraAsMulheres
#Covid19 #Coronavirus
#IsoladasSimSozinhasNão

7w

malu_goncalves28 Estou assistindo a palestra ao vivo que está ocorrendo no México. E

1,800 views
MAY 12

Add a comment... Post

<https://www.instagram.com/p/CAF6emFIKIT/> - **BOM EXEMPLO**

#ElesPorElasEmCasa

O cuidado **emocional** e a **igualdade de gênero** contribuem para a construção de lares livres de tensão e violência.

HeForShe
Eles por Eles. # por todas e todos nós.

ONU MULHERES

onumulheresbr • Following

onumulheresbr • A
#IgualdadeDeGenero começa em casa! O apoio emocional e as tarefas de cuidado não são baseadas em gênero. Nesta quarentena, vamos promover a masculinidade positiva para lares livres de tensão e violência. #ElesPorElasEmCasa #HeForSheAtHome

7w

tainahcarvalho Amando as postagens #ElesPorElasEmCasa

7w Reply

baiga.mag ❤️❤️❤️

7w Reply

Liked by gabivieirass and 1,012 others

MAY 12

Add a comment... Post

<https://www.instagram.com/p/CALenU9FG7e/>

Astrid recebe Lúcia Xavier, Criola e parceira da ONU Mulheres

LIVE HOJE
18H

onumulheresbr • Following

onumulheresbr • É daqui a pouco #live "Violência contra as mulheres em época de quarentena" no @gnt com Lúcia Xavier, coordenadora da @ongcriola e integrante do Comitê Mulheres Negras Rumo a um Planeta 50-50 em 2030, parceiro da ONU Mulheres nas ações da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável e Década Internacional de Afrodescendentes. Conversa será mediada por @astridfontenelle #Covid19 #coronavírus

7w

mulheres.do.futuro
Extremamente relevante

7w 1 like Reply

Liked by psi.livlobo and 257 others

MAY 14

Add a comment... Post

<https://www.instagram.com/p/CALDVkslqVW/>



onumulheresbr • Following

onumulheresbr Conheça a ISA.bot: a mais nova aliada das mulheres durante a quarentena por coronavírus. Uma robô programada para informar e acolher em caso de violência doméstica ou online. Para acioná-la, basta chamá-la no inbox do Facebook >> m.me/chama.isa.bot << ou dizer >> "Ok, Google, falar com Robô ISA" << no Google Assistente.

Saiba +: www.isabot.org

#ISAbot #ViolênciaDoméstica #ChegaDeViolênciaContraAsMulheres #Covid19 #Coronavirus #IsoladasSimSozinhasNão #CuidemosDelas #QuarentenaSemViolência

1,514 views
MAY 14

Add a comment... [Post](#)

<https://www.instagram.com/p/CAa9kdyFHou/>



onumulheresbr • Following

onumulheresbr Taís Araújo (@taisdeverdade), defensora da ONU Mulheres Brasil para os Direitos das Mulheres Negras, conversará com Clátia Vieira (@clatiavieira), do Comitê Mulheres Negras Rumo a um Planeta 50-50 em 2030 (vinculado à ONU Mulheres) e do Fórum Nacional de Mulheres Negras, nesta quinta-feira (21/05), às 19h. O bate-papo abordará a violência doméstica com foco na situação das mulheres negras, que são as que mais sofrem violência doméstica no Brasil. Segundo o Atlas da Violência de 2019, mais de 60% das mulheres assassinadas no país são negras. Iniciativa faz parte da sensibilização da segunda fase da ISA.bot

LIVE
21/5, às 19h
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA + COVID-19:
como isso afeta as
mulheres negras?

Tais Araújo
ONU Mulheres

Clátia Vieira
Fórum Nacional de
Mulheres Negras

LIVE @TAISDEVERDADE

Liked by shirleycruz_ and 549 others
MAY 20

Add a comment... [Post](#)



onumulheresbr • Following

...
mulheres negras.
Iniciativa faz parte da sensibilização da segunda fase da ISA.bot (www.isabot.org), uma bot voltada à segurança da mulher que pode ser acessada no Facebook Messenger ou no assistente de voz do Google. A ferramenta foi criada pela ONG Think Olga (@think_olga) e o Mapa do Acolhimento, projeto do Nossas.Org, com apoio do Facebook, Google e da ONU Mulheres.

6w

juliecezana @jenny_jrm
6w 1 like Reply

mariiaeduardacoelho 🍷🍷

Liked by shirleycruz_ and 549 others

MAY 20

Add a comment... Post

JUNHO

<https://www.instagram.com/p/CBRtX8oFEjZ/>



onumulheresbr • Following

...
onumulheresbr A violência contra mulheres e meninas afeta em média uma em cada três mulheres ao longo da vida. Priorizar medidas de prevenção à violência contra mulheres e meninas e fornecer assistência a elas, deve ser parte central das ações de resposta à pandemia da #COVID19

#RespostaCovidComAsRefugiadas
#RespostaCovidComAsMigrantes
#coronavirus

3w

3,562 views

JUNE 10

Add a comment... Post

UNHCR ACNUR Agência do ONU para Refugiados
UNFPA Fundo de População das Nações Unidas
ONU MULHERES
LUXEMBOURG AID & DEVELOPMENT

<https://www.instagram.com/p/CB3IJH4ljFq/>

NOSSA VOZ SERÁ MAIOR
do que a violência contra as trabalhadoras domésticas.
A Lei Maria da Penha se aplica a elas também!

ONU MULHERES
GERAÇÃO IGUALDADE

onumulheresbr • Following

onumulheresbr • Todo dia 25 é #DiaLaranja pelo Fim da Violência contra as Mulheres. Esteja atenta e atento à violência que acontece com trabalhadoras domésticas no exercício da profissão.

Para casos urgentes, acione o 190. Para orientação sobre como agir, #Ligue180. #Covid19 #coronavirus #OrangeDay

1w

verifactbrasil 🍌🍌🍌 estamos juntas

1w Reply

Liked by onubrasil and 792 others

JUNE 25

Add a comment... Post

<https://www.instagram.com/p/CCDtVZH1A/>

Nas periferias,
NOSSA VOZ SERÁ MAIOR
que a violência contra mulheres e meninas.

ONU MULHERES
GERAÇÃO IGUALDADE

onumulheresbr • Following

onumulheresbr • Apoie mulheres e meninas. Em tempos de distanciamento social, você pode fazer a diferença positiva em acolher e apoiar as vítimas da violência doméstica e familiar. #NossaVozSeráMaior pelo fim da violência contra as mulheres.

4d

izabel.pessoa.39 🍌🍌🍌

4d Reply

walsouzaoficial E que essa voz sempre ecoe 🍌💜💜💜🍌

3d Reply


Liked by onubrasil and 650 others

4 DAYS AGO

Add a comment... Post

JULHO

https://www.instagram.com/p/CCGNB8YI2XC/?utm_source=ig_web_copy_link



onumulheresbr • Seguindo

onumulheresbr #Estouaquiparacontar Esse é mais um esforço contra a violência doméstica, que cresce cada dia mais no nosso país. @thainaduarateoficial reuniu mulheres que já romperam com o ciclo da violência e não tiveram a oportunidade de ter sua voz ouvida, mas entendem a importância de contarem suas histórias. A ONU Mulheres é uma das apoiadoras

1.628 visualizações

1 DE JULHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CCGYLmpFa4c/?utm_source=ig_web_copy_link



onumulheresbr • Seguindo

onumulheresbr Amanhã (2/7) tem #live do #EstouAquiParaContar com @clatiavieira, do Fórum Nacional de Mulheres Negras e integrante do Comitê Mulheres Negras Rumo a um Planeta 50-50 em 2030, da ONU Mulheres, e @thainaduarateoficial, atriz e idealizadora do projeto #EstouAquiParaContar 🗣️👏👏👏👏 O tema em discussão é violência contra as mulheres negras.

4 sem

cmdmni Será hj ou 2/7? [Responder](#)

4 sem 1 curtida

petsaudeunifeso @ferreiradarci_ [Responder](#)

Curtido por raquelbertani e outras 277 pessoas

1 DE JULHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CCXFJnjlESM/?utm_source=ig_web_copy_link

Ouça e acolha mulheres vítimas de violência. Juntas, NOSSA VOZ SERÁ MAIOR

ONU MULHERES GERAÇÃO IGUALDADE

onumulheresbr • Seguindo

onumulheresbr Apoie mulheres e meninas. Em tempos de distanciamento social, você pode fazer a diferença positiva em acolher e apoiar as vítimas da violência doméstica e familiar. #NossaVozSeráMaior pelo fim da violência contra as mulheres.

3 sem

walsouzaoficial Não podemos nos calar e precisamos encorajar que outras mulheres também não se calem 🙌💪📢

3 sem 2 curtidas Responder

thyonceestrela Quem é a modelo

Curtido por liviasalomoni e outras 1.636 pessoas

7 DE JULHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CCLnwo5lw0O/?utm_source=ig_web_copy_link

A pandemia agrava as desigualdades e violências. NOSSA VOZ SERÁ MAIOR que o racismo e o sexismo.

ONU MULHERES GERAÇÃO IGUALDADE

onumulheresbr • Seguindo

onumulheresbr O sexismo e o racismo aumentam as vulnerabilidades da violência com base em gênero. Contamos com você para apoiar #mulheresnegras e #mulheresindigenas. #NossaVozSeráMaior

3 sem

scechinel Olá. Entre os dias de hoje e quarta-feira está acontecendo uma conferência com a temática de igualdade de gênero e mulheres na liderança, acho válido compartilhar <<https://girlup.org/programs/leadership-summit>>.

Curtido por crisgbonfim e outras 1.198 pessoas

13 DE JULHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CDC1xkCFhL1/?utm_source=ig_web_copy_link

137 mulheres são assassinadas por um membro da sua família a cada dia no mundo.

Fonte | ONU Mulheres. O Progresso das Mulheres no Mundo 2019-2020
#coronavirus #COVID19

onumulheresbr • Seguindo

onumulheresbr A violência contra as mulheres segue invisível e, muitas vezes, silenciosa em meio à pandemia #Covid19 Esteja atenta e atento. Apoie mulheres em situação de violência.

1 sem

2diiiiie Números assustadores

1 sem Responder

Curtido por crisgbonfim e outras 883 pessoas

24 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CDC8kwyFTI1/?utm_source=ig_web_copy_link

“
Em preto e preto, a pandemia escancarou que são as mulheres negras, pobres e periféricas as mais afetadas, pois além de estarem nas ruas e nas casas das patroas batalhando pelo sustento da família; enfrentando os cuidados com a casa, as crianças, os idosos, e os doentes e lutando por justiça, muitas vezes, elas ainda convivem com a violência doméstica dentro de casa

NILZA IRACI
Geledés e Comitê Mulheres Negras Rumo a um Planeta 50-50 em 2030

MULHERES NEGRAS RUMO A UM PLANETA 50-50 EM 2030 UM PASSO DECISIVO PELA IGUALDADE DE GÊNERO

DÉCADA DE AÇÃO AFRO ONU MULHERES

onumulheresbr • Seguindo

onumulheresbr Nilza Iraci, do @portalgeledes e integrante do Comitê Mulheres Negras Rumo a um Planeta 50-50 em 2030, afirma que a pandemia #Covid19 está aumentando a pressão e a exclusão das #mulheresnegras #JulhoDasPretas #25DeJulho #DécadaAfro #DécadadeAçãoODS #ODS #Planeta5050

1 sem

aleixoboson Oq a @onumulheresbr faz em prol dessas mulheres além de falar frase bonita na Internet?

1 sem Responder

Curtido por portalgeledes e outras 393 pessoas

24 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CDFIVzIq4r/?utm_source=ig_web_copy_link

66

Devemos enfrentar o racismo denunciando o tratamento desigual por parte de órgãos ou pessoas que prestam serviços de saúde e de proteção social, pois no polo inferior estão as mulheres negras. O "novo normal" não comporta a omissão do Estado, nem o silêncio diante da violência doméstica, da fome ou do alto custo dos alimentos

ANA LÚCIA PEREIRA
Agentes de Pastoral Negras e Comitê Mulheres Negras Rumo a um Planeta 50-50 em 2030

MULHERES NEGRAS RUMO A UM PLANETA 50-50 EM 2030
UM PASSO DECISIVO PELA IGUALDADE DE GÊNERO

DÉCADA DE AÇÃO AFRO ONU MULHERES

taisdeverdade

onumulheresbr • Seguindo

onumulheresbr #Repost @taisdeverdade with @make_repost

Essas maravilhosas aqui em cima, são algumas das integrantes do Comitê de Mulheres Negras rumo ao planeta 50-50 em 2030. Este projeto que é parceiro da @onumulheresbr, vem pensando em sustentabilidade no mais amplo sentido da palavra e priorizando a vida das mulheres negras, que é comprovadamente o grupo que vem sendo mais afetado diante da pandemia por Covid-19.

Elas atuam com estratégias para ajudar a garantir direitos básicos como acesso ao sistema de saúde, saneamento, combate a pobreza e a

Curtido por feministrampos e outras 210 pessoas

25 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

Data da coleta: 13/07/2020

MARÇO

https://www.instagram.com/p/B-P9jvhlwco/?utm_source=ig_web_copy_link



min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #Coronavirus — De acordo com dados do Ligue 180, a quarentena recomendada por governos estaduais e municipais como forma de conter a propagação do novo coronavírus (Covid-19) provocou um aumento de quase 9% no número de ligações para o canal que recebe denúncias de violência contra a mulher.

Segundo a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), a média diária entre os dias 1 e 16 de março foi de 3.045 ligações recebidas e 829 denúncias registradas, contra 3.303 ligações recebidas e 978 denúncias registradas nos dias 1 e 16 de fevereiro.

Curtido por jairnubial e outras 78 pessoas

27 DE MARÇO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/B-QC04pFA7E/?utm_source=ig_web_copy_link



min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #Repost @spmulheres_gov #Coronavirus — O isolamento social é necessário para a contenção da COVID-19, mas pode aumentar o risco de violência doméstica. Se precisar de ajuda ligue 180!

#QuarentenaSemViolenciaDomestica
#SNPM #ViolenciaDomestica
#ligue180

15 sem

Curtido por danielsantosdesouza007 e outras 62 pessoas

27 DE MARÇO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/B-QDGS1lw4C/?utm_source=ig_web_copy_link



O que é violência doméstica?

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES
MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #Repost @spmulheres_gov #Coronavirus — Durante o período de isolamento, países registraram aumento no número de casos de violência doméstica. Então, vamos relembra-los que é violência doméstica? .

A Lei nº. 11.340/2006 define que a violência doméstica e familiar contra a mulher é qualquer ação ou omissão baseada no sexo que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.

A lei diz também que toda violência doméstica e familiar é uma violação

Curtido por danielsantosdesouza007 e outras 70 pessoas

27 DE MARÇO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/B-QDO-nlLi/?utm_source=ig_web_copy_link



O que fazer em casos de violência?

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES
MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #Repost @spmulheres_gov #Coronavirus — Em tempos de isolamento social, você pode recorrer a Central de Atendimento à Mulher para obter informações e registrar denúncia. O Ligue 180 funciona 24h, todos os dias da semana e garante o anonimato. Lembre-se: você não precisa ser a vítima para denunciar uma situação de violência contra a mulher..

#QuarentenaSemViolenciaDomestica
#Ligue180 #ViolenciaDomestica
#GovernoFederal #covid_19

15 sem

Curtido por danielsantosdesouza007 e outras 41 pessoas

27 DE MARÇO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/B-QDu6vITrL/?utm_source=ig_web_copy_link



Atenção!
O ligue 180 segue funcionando 24h para atender você!

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES | MINISTÉRIO DE MULHERES, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS | PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #Repost @spsmulheres_gov #Coronavirus — A Central de Atendimento à Mulher, Ligue 180, segue com atendimento ininterrupto para esclarecer dúvidas e realizar denúncias de violência contra a mulher. .

O canal é uma alternativa importante para quem não pode se deslocar até uma unidade policial. É um serviço de utilidade pública essencial oferecido pelo @min_direitoshumanos .

#Ligue180 #Coronavirus #24h #mulheres #violênciadoméstica

15 sem

Curtido por **danielsantosdesouza007** e outras 55 pessoas

27 DE MARÇO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/B-QEJKFsu2/?utm_source=ig_web_copy_link



Alô mulheres
Casa da Mulher Brasileira segue com atendimento 24h!

SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES | MINISTÉRIO DE MULHERES, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS | PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #Repost @spsmulheres_gov #Coronavirus — Sabemos que os riscos de violência doméstica crescem em período de isolamento. A boa notícia é que as Casas da Mulher Brasileira seguem em pleno funcionamento durante a pandemia do COVID-19. Anota aí os endereços:

- 📍 Campo Grande: Rua Brasília, s/nº, Lote 10 A, Quadra 2, Jardim Imá; 📍 São Luís: Avenida Carlos Cunha, 572, Jaracaty;
- 📍 Curitiba: Avenida Paraná, 870, Cabral;
- 📍 Fortaleza: Rua Teles de Souza, s/nº, esquina com Rua Tabuleiro do Norte, Couto Fernandes;
- 📍 São Paulo: Rua Vieira Ravasco, nº 26.

Curtido por **danielsantosdesouza007** e outras 183 pessoas

27 DE MARÇO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

ABRIL

https://www.instagram.com/p/B-fyMdoHR I/?utm_source=ig_web_copy_link



DIREITOS HUMANOS

Governo lança canais digitais
de atendimento para enfrentamento
à violência doméstica durante a pandemia

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #Coronavirus — Para combater a violência familiar e doméstica durante a pandemia do novo coronavírus (Covid-19), o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) está tomando medidas emergenciais. .

A mais recente delas é o lançamento, nesta quinta-feira (2), de plataformas digitais dos canais de atendimento da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos (ONDH). .

Leia mais: <https://bit.ly/2RmwDcX>

#GovernoFederal

Curtido por danielsantosdesouza007 e outras 246 pessoas

2 DE ABRIL

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/B-xCwzRjE5g/?utm_source=ig_web_copy_link



DISQUE 100 E LIGUE 180
AGORA SÃO DIGITAIS!

BAIXE O APP
DIREITOS
HUMANOS
BRASIL

DISQUE 100 LIGUE 180

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos @min_direitoshumanos está mais perto de você. Chegou o app Direitos Humanos Brasil. Nele, os serviços de registro de denúncias oferecidos pelo Disque 100 e pelo Ligue 180 ficaram ainda mais práticos. Disponível nas lojas online do sistema Android e também estará disponível em breve para celulares com o sistema iOS.

Disponível na Google Play:
<https://bit.ly/2UTV5nW>

#Disque100 #Ligue180
#DireitosHumanos
#DireitosHumanosBrasil

Curtido por najla.advcorresp e outras 76 pessoas

9 DE ABRIL

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/B-7QWhUF1Hf/?utm_source=ig_web_copy_link



MULHERES

Acordo de cooperação
permitirá sistematizar dados
de violência contra a mulher

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos • #Tecnologia — O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) firmou acordo de cooperação com a Agência Municipal de Tecnologia da Informação e Inovação (Agetec), de Campo Grande (MS), para sistematizar dados de violência contra a mulher.

Com o acordo, o MMFDH passa a ter direito de uso ao "Sistema Íris", desenvolvido pela Agetec, em todas as unidades da Casa da Mulher Brasileira (CMB).

Leia mais: <https://bit.ly/2Vu7sGi>

Curtido por sandraarbues e outras 74 pessoas

13 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/B_A2Xs0lNy2/?utm_source=ig_web_copy_link



MULHERES

Ministério lança cartilha com orientações para as mulheres

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos • @min_direitoshumanos lançou, nesta terça-feira (14), a cartilha "Mulheres no Covid-19", com orientações para as mulheres diante dos impactos da pandemia do novo coronavírus.

A publicação é uma iniciativa da @spmulheres_gov. O material apresenta dicas de prevenção, orientações para gestantes e lactantes, informações sobre a rede de atendimento à mulher, empreendedorismo, enfrentamento à violência e mercado de trabalho.

Saiba mais: <https://bit.ly/2V770u7>

Curtido por adrianaborgesandrade e outras 58 pessoas

15 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/B_F4suWIHDg/?utm_source=ig_web_copy_link



**MINISTÉRIO REALIZA
AÇÃO DE ENFRENTAMENTO
À VIOLÊNCIA EM CONDOMÍNIOS**

Alô, vizinho!
Escutou grito suspeito?
Notou hematomas visíveis na sua vizinha?
É hora de ajudar!

Denuncie! Garanta o anonimato. Utilize um dos canais de denúncia.

180
DHF
BRASIL

Seu ação pode salvar uma vida. Diga não à violência dentro e ao redor!

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #Mulheres — Com o objetivo de envolver vizinhos na batalha contra a violência doméstica durante a pandemia, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) preparou material informativo para ser distribuído por organizações como a Confederação Nacional dos Síndicos, a Associação Brasileira de Síndicos e Síndicos Profissionais.

Saiba mais: <https://bit.ly/2KaNT0A>

#PraTodosVerem

Texto da imagem

Curtido por adrianaborgesandrade e outras 53 pessoas

17 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/B_SkSJoliOO/?utm_source=ig_web_copy_link



PODERIA SER A SUA MÃE. O APP DIREITOS HUMANOS BRASIL CHEGOU PARA FACILITAR O REGISTRO DE DENÚNCIAS. BAIXE AGORA!

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #APP — O combate à violação de direitos é um trabalho conjunto de toda a sociedade civil e do governo. Por isso, precisamos da sua ajuda. Baixe no seu celular o app Direitos Humanos Brasil e denuncie a violência contra a mulher. O serviço está disponível em app, para Android. Em breve, disponível para iOS.

#PraTodosVerem

Texto da imagem:
Poderia ser a sua mãe. O app Direitos Humanos Brasil chegou para facilitar o registro de denúncias. Baixe agora!
Descrição de imagem: card colorido, com a imagem de uma mulher negra.

Curtido por sandraterena_oficial e outras 228 pessoas

22 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/B_ViZCYlfSH/?utm_source=ig_web_copy_link



min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #Mulheres — O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) promoveu, nesta quarta-feira (22), uma reunião com o Colégio de Coordenadores da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar do Poder Judiciário Brasileiro (Cocevid) e com a Secretaria Nacional de Justiça (Senajus).

O diálogo, uma iniciativa da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres (SNPM), teve como foco a proteção das mulheres diante do risco de crescimento e subnotificação dos casos de violência doméstica ao longo da pandemia do novo coronavírus

Curtido por adrianaborgesandrade e outras 46 pessoas

23 DE ABRIL

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/B_XHgV_FcHh/?utm_source=ig_web_copy_link



min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #Mulheres — O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) iniciou, na última quarta-feira (22), uma série de reuniões com gestores estaduais de políticas públicas para mulheres.

A ação da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres (SNPM) tem como objetivo estimular a realização de ações de enfrentamento à violência contra a mulher, monitorar políticas e promover a troca de experiências. O trabalho foi iniciado por videoconferência com representantes das regiões Norte e Sul.

Curtido por sandraterena_oficial e outras 71 pessoas

24 DE ABRIL

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/B_ipatJl15V/?utm_source=ig_web_copy_link



The image shows an Instagram post from the account 'min_direitoshumanos'. The main visual is a photograph of two women, Damares Alves and Cristiane Britto, smiling. Overlaid on the bottom left of the photo is a yellow and purple text box that reads: 'LIVE // 28/04', 'C/ CRISTIANE BRITTO', 'SECRETÁRIA NACIONAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES', and 'ÀS 21H, NO FACEBOOK DO MMFDH'. At the bottom right of the photo, there is a purple box with the text 'MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS'. The Instagram post itself shows the profile name 'min_direitoshumanos' with a verified badge, followed by a caption in Portuguese: 'Daqui a pouco, às 21h, a ministra Damares Alves e a secretária Nacional de Políticas para as Mulheres, Cristiane Britto, estarão em um bate-papo sobre o enfrentamento ao novo coronavírus (Covid-19) e à violência doméstica durante a pandemia. Não perca! O debate será ao vivo no #Facebook do @min_direitoshumanos: https://www.facebook.com/direitoshumanosbrasil/'. Below the caption, it says '11 sem' and shows a user 'marcellyquintal' who is watching the live. The post has 223 likes and is dated '28 DE ABRIL'. At the bottom, there is a text input field 'Adicione um comentário...' and a 'Publicar' button.

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos  Daqui a pouco, às 21h, a ministra Damares Alves e a secretária Nacional de Políticas para as Mulheres, Cristiane Britto, estarão em um bate-papo sobre o enfrentamento ao novo coronavírus (Covid-19) e à violência doméstica durante a pandemia. .

Não perca! O debate será ao vivo no #Facebook do @min_direitoshumanos: <https://www.facebook.com/direitoshumanosbrasil/>

11 sem

marcellyquintal Estarei assistindo 

 Curtido por [adrianaborgesandrade](#) e outras 223 pessoas

28 DE ABRIL

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/B_kum0mjQHU/?utm_source=ig_web_copy_link



COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE QUARENTENA É DESTAQUE EM LIVE

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos #SNPM — Nesta terça-feira (28), a ministra Damares Alves e a secretária nacional de políticas para as Mulheres, Cristiane Britto, falaram sobre as iniciativas voltadas para a população feminina durante a pandemia do novo coronavírus (Covid-19). O foco da pasta na quarentena é o enfrentamento à violência doméstica, com o fortalecimento da rede de proteção. .

Leia mais: <https://bit.ly/2yaBuY8>

#PraTodosVerem
Texto da imagem: Combate à violência doméstica durante quarentena é

Curtido por adrianaborgesandrade e outras 106 pessoas

29 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/B_7gdRgFowL/?utm_source=ig_web_copy_link



MINISTÉRIO FIRMA PARCERIA COM A AVON PARA ENFRENTAR VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE A PANDEMIA

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos #Parceria — Em parceria com o Instituto Avon e outras 10 instituições da sociedade civil e do poder público, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) integra o Programa Você Não Está Sozinha. A iniciativa é uma resposta ao aumento de casos de violência doméstica durante o período de quarentena adotado para conter o avanço da pandemia do novo coronavírus (Covid-19) no Brasil.

Leia mais: <https://bit.ly/2WhGu6F>
#ParaTodosVerem
Texto da imagem: Ministério firma parceria com a Avon para enfrentar

Curtido por conferenciajuventude e outras 253 pessoas

8 DE MAIO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CAFdDusn0mo/?utm_source=ig_web_copy_link



min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #Repost @spmulheres_gov – Na última sexta-feira (8) o @min_direitoshumanos, por meio da @spmulheres_gov, voltou a se reunir com o Colégio de Coordenadores da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar (Cocevid) e o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) para discutir ações de proteção à mulher.

O encontro permitiu a troca de experiências entre os órgãos, a avaliação das ações executadas em alguns estados e a criação de dois grupos técnicos.

Curtido por neid_3 e outras 108 pessoas

12 DE MAIO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CAluOAUgtFf/?utm_source=ig_web_copy_link



min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #Mulheres — O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) apresentou diversas ações tomadas pela pasta no combate à violência doméstica contra a mulher durante a pandemia do novo coronavírus (Covid-19) na reunião desta terça-feira (12) da Comissão Externa de Ações contra o Coronavírus da Câmara dos Deputados.

Com o tema "Mulher, violência doméstica e Covid-19", a reunião contou com a titular da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres (SNPM), Cristiane Britto, e com o ouvidor nacional de direitos humanos.

Curtido por julianafisiariavet e outras 191 pessoas

13 DE MAIO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CAJZ2scF6t9/?utm_source=ig_web_copy_link



min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) lançou, nesta quarta-feira (13), uma nova cartilha para auxiliar as mulheres que estão em situação de violência doméstica e familiar.

O material apresenta informações que vão desde conceitos básicos sobre o processo de violência, passa pelos impactos, legislação e também aborda o funcionamento da rede de proteção e atendimento.

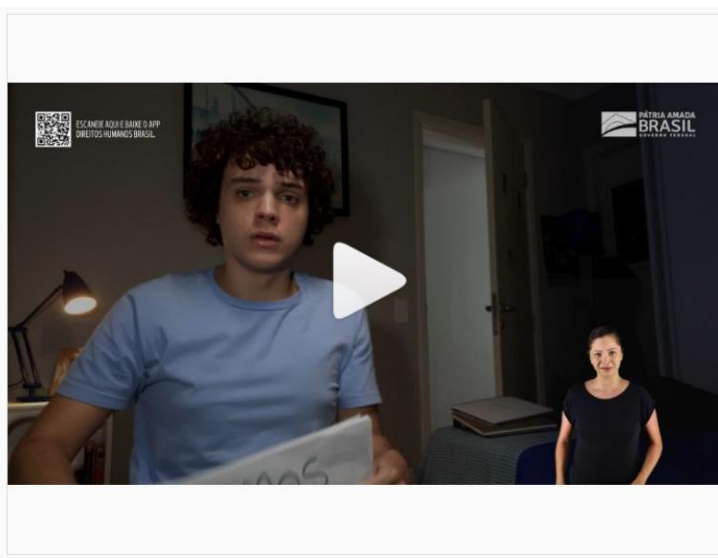
Saiba mais: <https://bit.ly/2WtFM6b>

Curtido por cassiareis.fisio e outras 170 pessoas

13 DE MAIO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CANohvrH7mS/?utm_source=ig_web_copy_link



min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos A denúncia fica mais difícil ainda no isolamento social. Crianças, mulheres, idosos e pessoas com deficiência têm convivido 24 horas com seus agressores. Denuncie anonimamente pelo Disque 100 ou 180 ou em ouvidoria.mdh.gov.br

@damaresalvesoficial1

14.123 visualizações

15 DE MAIO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CAN0KziF8kr/?utm_source=ig_web_copy_link



GOVERNO FEDERAL LANÇA CAMPANHA CONTRA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos  #GovernoFederal — Em parceria com o Ministério da Cidadania, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) lançou, nesta sexta-feira (15), Dia Internacional da Família, a Campanha de Conscientização e Enfrentamento à Violência Doméstica.

Com o mote "Denuncie a violência doméstica. Para algumas famílias, o isolamento está sendo ainda mais difícil", a campanha aborda não somente a violência contra a mulher, mas também contra idosos, pessoas com deficiência, crianças e adolescentes.

Curtido por  jay_nicaretta e outras 587 pessoas

15 DE MAIO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CAN5WtNF6JW/?utm_source=ig_web_copy_link




Estou em casa 24 horas com quem me agride

MINISTÉRIO DA CIDADANIA | MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS | PÁTRIA AMADA BRASIL

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos  Com o isolamento social, muitas vítimas da violência doméstica, como crianças, mulheres, idosos e pessoas com deficiência, têm convivido 24 horas com seus agressores, dificultando a denúncia. Por isso, caso note alguma agressão na vizinhança, denuncie pelo Disque 100, pelo aplicativo Direitos Humanos Brasil ou pelo site ouvidoria.mdh.gov.br


#PraCegoVer O card mostra um jovem de cabelos cacheados, com expressão angustiada. Ele está de frente e pode-se ver um pequeno corte no seu nariz. O jovem está dentro de um cômodo pouco iluminado e segura uma cartolina onde está escrito a frase

Curtido por  helenafelix77 e outras 47.550 pessoas

15 DE MAIO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CAN9yRgFqxc/?utm_source=ig_web_copy_link



min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos Com o isolamento social, muitas vítimas da violência doméstica, como crianças, mulheres, idosos e pessoas com deficiência, têm convivido 24 horas com seus agressores, dificultando a denúncia. Por isso, caso note alguma agressão na vizinhança, denuncie pelo Disque 100, pelo aplicativo Direitos Humanos Brasil ou pelo site ouvidoria.mdh.gov.br

#PraCegoVer O card mostra um senhor grisalho de óculos. Ele está de frente e podemos ver sua expressão angustiada. O senhor está dentro de um cômodo pouco iluminado e segura uma cartolina onde está escrito

Curtido por carlabia e outras 312.662 pessoas

15 DE MAIO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CAOC8K6FZYA/?utm_source=ig_web_copy_link



min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos Com o isolamento social, muitas vítimas da violência doméstica, como crianças, mulheres, idosos e pessoas com deficiência, têm convivido 24 horas com seus agressores, dificultando a denúncia. Por isso, caso note alguma agressão na vizinhança, denuncie pelo Disque 100, pelo aplicativo Direitos Humanos Brasil ou pelo site ouvidoria.mdh.gov.br


#PraCegoVer O card mostra uma jovem de cabelos longos e castanhos. Ela está de frente e vemos que ela tem síndrome de down e apresenta uma expressão angustiada. A jovem está dentro de um cômodo pouco iluminado e segura uma cartolina

Curtido por matheusmafepi e outras 221.072 pessoas

15 DE MAIO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CAOIFVslwW/?utm_source=ig_web_copy_link



min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos Com o isolamento social, muitas vítimas da violência doméstica, como crianças, mulheres, idosos e pessoas com deficiência, têm convivido 24 horas com seus agressores, dificultando a denúncia. Por isso, caso note alguma agressão na vizinhança, denuncie pelo Ligue 180, pelo aplicativo Direitos Humanos Brasil ou pelo site ouvidoria.mdh.gov.br

#PraCegoVer O card mostra uma mulher de cabelos escuros e curtos. Ela está de frente e vemos em seu rosto marcas de agressão, além de uma expressão angustiada. A mulher está dentro de um cômodo pouco

Curtido por neid_3 e outras 134.073 pessoas

15 DE MAIO

Adicione um comentário... [Publicar](#)



min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos Durante a quarentena, muitas vítimas da violência doméstica estão convivendo 24 horas com seus agressores, tornando a denúncia ainda mais difícil. Por isso, essa dica pode ajudar a despistar o agressor enquanto a vítima faz a denúncia. E lembrando que, além dos canais diretos, a denúncia também pode ser feita pelo site ouvidoria.mdh.gov.br e pelo app Direitos Humanos Brasil. .

#PraCegoVer Card em fundo verde-escuro, com uma linha grossa clara em volta, como margem. À esquerda, vemos a ilustração de uma mulher de calça azul e blusa laranja. Ela manuseia um celular e o segura em frente ao

Curtido por almalavada.bsb e outras 540 pessoas

18 DE MAIO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CA5nM6EFa2H/?utm_source=ig_web_copy_link



BALANÇO LIGUE 180: VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR É A MAIS RECORRENTE

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #Balanço — As violações mais recorrentes registradas pela Central de Atendimento à Mulher — Ligue 180 em 2019 são relacionadas à violência doméstica e familiar, que somam 78,96% dos registros. É o que aponta o balanço anual do ano passado do canal de denúncias do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH).

O documento divide a violência doméstica em várias categorias. A violência física é a mais praticada (61,11%), seguida da violência moral (19,85%) e a tentativa de feminicídio (6,11%).

Curtido por jay_nicaretta e outras 213 pessoas

1 DE JUNHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

JUNHO

https://www.instagram.com/p/CA-NF-I5mg/?utm_source=ig_web_copy_link



GOVERNO FEDERAL PUBLICA ORIENTAÇÕES PARA ATENDIMENTO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA NO SUAS

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #EnfrentamentoAViolência — Na última terça-feira (2), o Governo Federal publicou portaria com recomendações gerais para o atendimento a mulheres em situação de violência doméstica e familiar na rede do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), no contexto da pandemia do novo coronavírus (Covid-19).


O documento é assinado pelo Ministério da Cidadania e elaborado com o apoio da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres (SNPM), do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). O

Curtido por jay_nicaretta e outras 129 pessoas

3 DE JUNHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CBL0W6DF-OX/?utm_source=ig_web_copy_link



MINISTÉRIO LANÇA CURSO SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos #Cursos — Em parceria com o Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT) e a plataforma Educação Livre (EduLivre), o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) lança o curso gratuito "Violência doméstica e familiar contra a mulher durante o isolamento social".

O conteúdo será disponibilizado na modalidade EAD (Educação à Distância) a partir desta segunda-feira (8). É voltado para as instituições que compõem a rede de atendimento à mulher, porém qualquer interessado poderá acessá-lo.

Curtido por biancatoledoonline e outras 120 pessoas

8 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CBOO1xVn0RA/?utm_source=ig_web_copy_link



MINISTÉRIO PARTICIPA DE DEBATE SOBRE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) marcou presença, nesta segunda-feira (8), em uma live que discutiu o enfrentamento à violência contra a mulher em tempos de pandemia.

Organizado pela Comissão de Direitos Humanos, o encontro abordou ações que estão sendo tomadas e as que ainda podem ser implementadas sobre o tema em diversas frentes de atuação.

Saiba mais: <https://bityli.com/IXiJ2>
#ParaTodosVerem

Curtido por jay_nicaretta e outras 75 pessoas

9 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CBOXNn5ja3c/?utm_source=ig_web_copy_link



https://www.instagram.com/p/CBeMYRSldqQ/?utm_source=ig_web_copy_link



https://www.instagram.com/p/CBiDVkxALmo/?utm_source=ig_web_copy_link



COM BANCO MUNDIAL, MINISTÉRIO PROMOVE WEBINÁRIO SOBRE COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #Repost @spmulheres_gov — Em parceria com o Banco Mundial, o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) realiza, nesta quarta-feira (17) o Webinário internacional "Combate à violência doméstica em tempos de pandemia - O papel das ferramentas digitais".

O Webinário pretende, por meio de diversas exposições, trazer respostas, uma vez que a política de isolamento social pode expor mulheres a uma situação de maior vulnerabilidade no âmbito doméstico.

Curtido por fagundes_julyana e outras 85 pessoas

17 DE JUNHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CBoV7PpFSA5/?utm_source=ig_web_copy_link



PROTEÇÃO DAS MULHERES DURANTE A PANDEMIA É TEMA DO ÚLTIMO DIA DE REUNIÃO DO MERCOSUL

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #Repost @spmulheres_gov — Os esforços do governo brasileiro para garantir políticas públicas efetivas para as mulheres, durante a pandemia do Covid-19, ganharam destaque, nesta sexta-feira (19), no segundo dia da XV Reunião de Ministras e Altas Autoridades da Mulher no Mercosul (RMAAN). A secretária nacional de políticas para mulher do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), Cristiane Britto, representou a titular da pasta, ministra Damares Alves, no encontro que termina hoje.

Durante o discurso, a secretária

Curtido por priscillagasparoficial e outras 93 pessoas

19 DE JUNHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CBwMEgiF11f/?utm_source=ig_web_copy_link



SINAL VERMELHO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Também é violência:

Impedir que a mulher lave as mãos ou use sabonete e álcool em gel

Disseminar **informações erradas** sobre a COVID e o isolamento, como **forma de controle**

Não permitir comunicação com familiares por redes sociais

min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos • #Respost @campanhasinalvermelho — Ele não te bate, mas... Violência não é só física! Fique atenta aos detalhes e denuncie, peça ajuda. #sinalvermelho ✖

3 sem

taynapontes Oi?

3 sem 1 curtida Responder

— Ver respostas (4)

marcinha_joyola Conhece um que bate na ex mulher ameaça ela de todos os jeitos já falei pra denunciar mais ela tem medo, porque ele disse que eia matar

Curtido por priscillagasparoficial e outras 1.100 pessoas

22 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CBxt6s3jNWe/?utm_source=ig_web_copy_link



Sinal vermelho contra a violência doméstica

min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos • #Repost @campanhasinalvermelho — Você não está sozinha! ✖

A mulher que sofre violência doméstica e tem dificuldade de pedir ajuda por estar convivendo com o agressor o tempo todo pode contar com a campanha #sinalvermelho. Basta mostrar um X vermelho na mão ao atendente da farmácia, que vai chamar a polícia.

3 sem

ju_juliana_esteves. Fazem campanha, mas na hora que precisamos não temos ajuda! A pouco tempo procurei uma delegacia da mulher e não obtive

Curtido por renatagilamb e outras 589 pessoas

23 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CB0Lw6TI6Jg/?utm_source=ig_web_copy_link



Quais farmácias já aderiram à campanha?

min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos #Repost — Para conferir a lista de farmácias que já aderiram à campanha #sinalvermelho ✕ ou cadastrar a sua farmácia, acesse @campanhasinalvermelho e saiba mais.

3 sem

eliansoressj E as acusações falsas de agressão.? Isso os direitos humanos não vê? Quantos homens são injustiçados por denúncias falsas de agressão de ex mulher/namorada, muitos são julgados e presos, sofrem agressão na cadeia porque uma mulher revoltada resolveu

Curtido por [almalavada.bsb](#) e outras 532 pessoas

24 DE JUNHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CB3uYcMIArE/?utm_source=ig_web_copy_link



FOTO: WILLIAN MEIRA/MMFDH

PADRONIZAÇÃO DAS INVESTIGAÇÕES VAI MUDAR A HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO PAÍS, DIZ MINISTRA

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

min_direitoshumanos • Following ...

min_direitoshumanos • Esse instrumento veio para mudar a história da violência contra a mulher no Brasil". A afirmação foi feita pela titular do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), ministra Damares Alves, durante o lançamento oficial do Protocolo Nacional de Investigação e Perícias nos Crimes de Femicídio. A cerimônia, realizada em Brasília (DF), ocorreu, na última quarta-feira (24), no Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) – um importante aliado nesse combate.

Saiba mais: <https://bit.ly/2No17sq>

#DaraTodosVerem

Liked by palhooma and 237 others

JUNE 25

Add a comment... Post

https://www.instagram.com/p/CB5Og0Zl6DV/?utm_source=ig_web_copy_link



Como posso ajudar na campanha?

AMB Associação dos Magistrados Brasileiros

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos • #Repost @campanhasinalvermelho | Sua ajuda é fundamental para que mais mulheres conheçam a campanha #sinalvermelho ✖ e possam denunciar seus agressores! Para isso: compartilhe os materiais da campanha, tire uma foto com um X na mão e marque nossas redes, mostre a campanha para farmácias da sua cidade.

2 sem

valeriacvalverde • 2 sem Responder

valeriacvalverde • 2 sem

Curtido por jay_nicaretta e outras 369 pessoas

26 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CB6AEclloTU/?utm_source=ig_web_copy_link

SINAL VERMELHO CONTRA A VIOLENCIA DOMESTICA

Tipos de violência:

Violência **não** é apenas **física**,
conheça os tipos de violência para
poder identificar e denunciar
um agressor.

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos • #Repost
@campanhasinalvermelho — Uma
agressão quase sempre vem
acompanhada de outras formas de
violência. Conhecê-las é fundamental
para identificar e denunciar um
agressor. #sinalvermelho ✖

2 sem

tetetaragao E a obstétrica? Não
faz parte desse rol?

2 sem 1 curtida Responder

— Ver respostas (1)

renatagilamb • #sinalvermelho

Curtido por jay_nicaretta e
outras 594 pessoas

26 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

SINAL VERMELHO CONTRA A VIOLENCIA DOMESTICA

Tipos de violência:

Física: agressões físicas ou
que atentem a saúde
corporal.

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos • #Repost
@campanhasinalvermelho — Uma
agressão quase sempre vem
acompanhada de outras formas de
violência. Conhecê-las é fundamental
para identificar e denunciar um
agressor. #sinalvermelho ✖

2 sem

tetetaragao E a obstétrica? Não
faz parte desse rol?

2 sem 1 curtida Responder

— Ver respostas (1)

renatagilamb • #sinalvermelho

Curtido por jay_nicaretta e
outras 594 pessoas

26 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

SINAL VERMELHO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



Tipos de violência:

Psicológica: condutas que ferem a autoestima, manipulações, humilhações, ameaças, constringimentos.

min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos • #Repost @campanhasinalvermelho — Uma agressão quase sempre vem acompanhada de outras formas de violência. Conhecê-las é fundamental para identificar e denunciar um agressor. #sinalvermelho

2 sem

tetetaragio E a obstétrica? Não faz parte desse rol?

2 sem 1 curtida Responder

Ver respostas (1)

renatagilamb • #sinalvermelho

Curtido por jay_nicaretta e outras 594 pessoas

26 DE JUNHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

SINAL VERMELHO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



Tipos de violência:

Sexual: agressões sexuais, obrigar ou forçar relações sexuais, exposição sem consentimento ou como meio de coação.

min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos • #Repost @campanhasinalvermelho — Uma agressão quase sempre vem acompanhada de outras formas de violência. Conhecê-las é fundamental para identificar e denunciar um agressor. #sinalvermelho

2 sem

tetetaragio E a obstétrica? Não faz parte desse rol?

2 sem 1 curtida Responder

Ver respostas (1)

renatagilamb • #sinalvermelho

Curtido por jay_nicaretta e outras 594 pessoas

26 DE JUNHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

SINAL VERMELHO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Tipos de violência:

Patrimonial: retenção, controle ou subtração de bens patrimoniais, objetos, recursos financeiros, documentos, instrumentos de trabalho.

min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos #Repost @campanhasinalvermelho — Uma agressão quase sempre vem acompanhada de outras formas de violência. Conhecê-las é fundamental para identificar e denunciar um agressor. #sinalvermelho

2 sem

tetetaragao E a obstétrica? Não faz parte desse rol?

2 sem 1 curtida Responder

Ver respostas (1)

renatagilamb #sinalvermelho

Curtido por jay_nicaretta e outras 594 pessoas

26 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

SINAL VERMELHO CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Tipos de violência:

Moral: calúnia, difamação ou injúria.

min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos #Repost @campanhasinalvermelho — Uma agressão quase sempre vem acompanhada de outras formas de violência. Conhecê-las é fundamental para identificar e denunciar um agressor. #sinalvermelho

2 sem

tetetaragao E a obstétrica? Não faz parte desse rol?

2 sem 1 curtida Responder

Ver respostas (1)

renatagilamb #sinalvermelho

Curtido por jay_nicaretta e outras 594 pessoas

26 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CCJ8pZbJFqb/?utm_source=ig_web_copy_link

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos Basta uma mensagem instantânea e é feito o registro da denúncia. Em tempos de isolamento social, provocado pela pandemia do novo coronavírus (Covid-19), o serviço disponível no Telegram surge como mais um canal de ajuda para as mulheres que passaram a ficar 24h dentro de casa ainda mais expostas à situação de violência.

Vítimas de violência contra a mulher podem pedir ajuda, de qualquer lugar, pelo aplicativo de celular. Para utilizar o canal, basta apenas acessar o aplicativo e digitar na busca "Direitoshumanosbrasilbot". A indicação "bot" é uma regra do Telegram para a criação de contas de

2 DE JULHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

DISQUE DIREITOS HUMANOS 100

LIGUE 180
Central de Atendimento à Mulher

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER PODE SER DENUNCIADA PELO TELEGRAM

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

https://www.instagram.com/p/CCMRRTallMr/?utm_source=ig_web_copy_link

min_direitoshumanos • Seguindo ...

min_direitoshumanos #EnfrentamentoÀViolência| Mais que um chamado, a campanha "Alô vizinho!" agora é um alerta que desperta a atenção em todo o país. A ação idealizada pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) para o enfrentamento da violência doméstica contra mulheres em condomínios ganhou força em pelo menos dez estados e cinco municípios.

Saiba mais: <https://bit.ly/3dZvdgN>

#ParaTodosVerem

3 DE JULHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

CAMPANHA DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER GANHA FORÇA EM 10 ESTADOS DO PAÍS

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

https://www.instagram.com/p/CCZdgDmFo9C/?utm_source=ig_web_copy_link



min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos #EnfrentamentoAViolência| Novas medidas para reforçar o combate à violência doméstica e familiar durante a pandemia do novo coronavírus (Covid-19) entraram em vigor. A lei sancionada pelo presidente da República, Jair Bolsonaro, nesta quarta-feira (8), altera norma anterior, publicada em fevereiro deste ano.

O texto que beneficia mulheres, crianças, adolescentes, pessoas idosas e com deficiência define como urgente, enquanto durar o estado de emergência de saúde, todos os prazos processuais, a apreciação de matérias, o atendimento às vítimas e a

Curtido por generalgirao e outras 294 pessoas

8 DE JULHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CCbJkBlExx/?utm_source=ig_web_copy_link



min_direitoshumanos • Seguindo

min_direitoshumanos #Reunião| Gestoras estaduais e municipais e coordenadoras de organismos de políticas para as mulheres (OPM) de todo o país se reuniram com o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), nesta quarta-feira (8), para articular as ações da campanha "Sinal vermelho contra a violência doméstica".

Saiba mais: <https://bit.ly/2W4FkLf>

#ParaTodosVerem
 Texto da imagem: Gestoras estaduais e municipais se reúnem para articular ações da Campanha Sinal Vermelho.

Curtido por jay_nicareta e outras 74 pessoas

9 DE JULHO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CC9I5mYFFIF/?utm_source=ig_web_copy_link



https://www.instagram.com/p/CDNO8vFIB6p/?utm_source=ig_web_copy_link



MINISTRA DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

Data da coleta: 21/07/2020

MARÇO

https://www.instagram.com/p/B-N6BtTD2mo/?utm_source=ig_web_copy_link

Mulher, Família e Direitos Humanos

Direitos Humanos - MMFDH ✓

@DHumanosBrasil

#Coronavirus – Entre os dias 14 e 24 de março, foram registrado 1.133 relatos no Disque 100 e no Ligue 180 antes mesmo da divulgação da abertura desses canais de atendimento para notificações relacionadas à pandemia. Leia mais: bit.ly/2UkP1V7

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 Lamento informar, mas a tendência é aumentar. Em alguns países a violência doméstica aumentou durante a quarentena.

18 sem

juniaamotta #bolsonaro2022

18 sem Responder

juniaamotta #globolixo

18 sem 1 curtida Responder

Curtido por priscillagasparoficial e outras 6.390 pessoas

26 DE MARÇO

Adicione um comentário... **Publicar**

https://www.instagram.com/p/B-N6od4DIEf/?utm_source=ig_web_copy_link

CNN BRASIL politica

5 FATOS NOITE

Críticas de Bolsonaro, coronavoucher e mais notícias desta quinta

Home > Política

Damares prepara plano de contingência contra violência doméstica na quarentena

Por Daniel Adjuto, CNN

23 de Março de 2020 às 19:31

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 Estamos apresentando medidas emergenciais para enfrentar o aumento da violência doméstica em dias de quarentena.

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/03/23/damares-prepara-plano-de-contingencia-contra-violencia-domestica-na-quarentena>

18 sem

isa_theodore @damaresalvesoficial1 pena de morte para os assassinos de mulheres e crianças!! Isso já foi

Curtido por marta_lanca e outras 9.048 pessoas

26 DE MARÇO

Adicione um comentário... **Publicar**

ABRIL

https://www.instagram.com/p/B-dMc_5julo/?utm_source=ig_web_copy_link

cnmpoficial

O **risco de violência** contra **mulheres e meninas** é maior em contextos de emergência, como a pandemia de Covid-19.

DISQUE:

- 190** - Se ouvir gritos ou som de briga
- 192** - Para urgências médicas
- 180** - Para denunciar violência doméstica (casos sem violência iminente)
- 100** - Quando a violência for contra crianças

Caso necessite se deslocar à delegacia, lembre-se das recomendações de precaução do Ministério da Saúde.

damaresalvesoficial1 • Seguir

100shoke_ Excelente trabalho 🙏❤️
17 sem Responder

silvamayo3 Em um país de cultura machista como o Brasil, é necessário se criar um programa intenso sobre ABUSO, que tem várias formas. Uma campanha para ser espalhada na tv, nos metros, nas escolas, nas igrejas, nos parques, museus, hospitais, etc..... Os pais precisam ensinar pelo exemplo. Uma mulher que aceita

Curtido por priscillagasparoficial e outras 5.176 pessoas

1 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/tv/B-dhvMGj6KW/?utm_source=ig_web_copy_link

DAMARES EXPLICA

"Coronavírus: denúncias de violência doméstica aumentam"

uma vez que ela tem que conviver com a pessoa agressora diariamente, sob o mesmo teto.

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 🇧🇷

Para a ministra Damares Alves, o confinamento obriga vítimas a conviverem com seus agressores por longos períodos. "Pela nossa experiência, sabemos que o agressor é, na maioria das vezes, uma pessoa da família ou então muito próxima. Por isso, durante a quarentena, estamos reforçando os mecanismos que ajudam essas mulheres a denunciar", disse.

#br #brasil #brazil #jairbolsonaro #bolsonaropresidente #bolsonaro #damaresalves #ministradamares

17 sem

62.251 visualizações

1 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/tv/B-hixK1jjM4/?utm_source=ig_web_copy_link



The image shows a screenshot of an Instagram video post. On the left, a woman with dark hair and glasses, wearing an orange blazer, is speaking into a microphone. The video player interface shows a progress bar at 0:00 / 2:13. A blue banner at the bottom of the video reads "2020 - Governo Federal atualiza enfrentamento ao coronavírus". On the right, the post is from the account "damaresalvesoficial1", which is verified and has a "Seguir" button. The caption discusses the impact of confinement on domestic violence and mentions the "Direitos Humanos Brasil" app and reporting channels. The post has 57,185 views and was posted on April 3rd. There are icons for likes, comments, shares, and a bookmark.

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 Coronavírus X Violência doméstica

A experiência europeia do confinamento demonstrou que o conflito no ambiente doméstico pode aumentar durante a quarentena. Mas o Governo Federal já começou a implementar uma forma de chegar às vítimas. Lançamos o aplicativo *Direitos Humanos Brasil*, que poderá ser baixado nas lojas android e IOS. E você já pode agora fazer sua denúncia em disque100.mdh.gov.br ou ligue180.mdh.gov.br. Lá você consegue mandar foto, vídeo, áudio e documentos que comprovem a situação de violência. Faça sua parte. Ajude quem precisa. Denuncie!!!!

57.185 visualizações

3 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/B-SjUqcyjbb/?utm_source=ig_web_copy_link



“Mulher não é obrigada a ficar de quarentena com agressor”

Encontramos na sociedade um movimento de apoio de inúmeras instituições. A mulher que quer denunciar terá uma resposta. **E se, ao procurar um serviço de proteção, ela verificar que não tem para onde ir, a responsabilidade de proteção é do estado.**

Direitos Humanos Para Todos | Damares Alves

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 O Disque 180, Ligue 100 e agora o App Direitos Humanos estão ai para auxiliar a todas as mulheres vítimas de violência doméstica. Mulher, procure ajuda. Você que é testemunha, faça a denúncia, ela pode ser feita de maneira anônima. Não podemos permitir que covardes/bandidos (agressores de mulheres) se utilizem da quarentena para perpetuar o sofrimentos das mulheres brasileiras. CADEIA PARA AGRESSORES DE MULHERES!

#br #brazil #brasil #governobolsonaro #jairbolsonaro #bolsonaropresidente #governodainclusao #damaresalves #ministradamares #mdh

Curtido por min_direitoshumanos e outras 23.372 pessoas

22 DE ABRIL

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CAOxKXCAY-D/?utm_source=ig_web_copy_link



damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 Hoje lançamos Campanha Nacional de Prevenção a Violência Doméstica.

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/05/15/campanha-do-governo-liga-isolamento-a-violencia-domestica>


11 sem

Curtido por associacaoguadalupe e outras 17.113 pessoas

15 DE MAIO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CAQFZFlgnw6/?utm_source=ig_web_copy_link



ESCANE AQUI E BAIXE O APP DIRETOS HUMANHOS BRASIL.

FÉLIXIA AMARAL BRASIL

AJUDEM A GENTE, VIZINHOS

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 AJUDEM A GENTE VIZINHOS 🙏

11 sem

+

cantoraraaelamonteiro Tem que chamar a polícia tem que denunciar

85.651 visualizações

16 DE MAIO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CAReCayAW1n/?utm_source=ig_web_copy_link



ESCANE AQUI E BAIXE O APP DIRETOS HUMANHOS BRASIL.

PARA ALGUMAS FAMÍLIAS, O ISOLAMENTO ESTÁ SENDO AINDA MAIS DIFÍCIL.

Como o isolamento social, muitas vítimas da violência doméstica, como crianças, mulheres, idosos e pessoas com deficiência, têm convívio por mais tempo com o agressor, dificultando a denúncia.

POR ISSO, CASO NOTE ALGUMA AGRESSÃO NA VIZINHANÇA, DENUNCIE ANONIMAMENTE PELOS CANAIS:

100 APP DIRETOS HUMANHOS BRASIL

OU ACESSSE OUVIDORIA.MDH.GOV.BR

ESTADO DE SÃO PAULO SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO CARLOS

FÉLIXIA AMARAL BRASIL

Estou em casa 24 horas com quem me agride

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 Não se cale!

11 sem

+

zeza.alves.520 Que nossa senhora te proteja

10 sem Responder

Curtido por beloscaramelle e outras 16.554 pessoas

16 DE MAIO

Adicione um comentário... [Publicar](#)

https://www.instagram.com/p/CBMf3MJDhLM/?utm_source=ig_web_copy_link



WEBINÁRIO:
"Políticas de Prevenção à Violência contra as Mulheres: o que funciona e o que não funciona"

AGENDA

9h30/10h
ABERTURA DO EVENTO PELA MODERADORA PAULA TAVARES
Advogada Especialista Sênior em Género - Banco Mundial

10h/10h50
PALAVRAS DE BOAS-VINDAS PABLO ACOSTA
Coordenador Sênior de Desenvolvimento Humano do Banco Mundial para o Brasil

10h50/11h40
ROSÂNGELA GOMES
Deputada Federal
CRISTIANE RODRIGUES BRITTO
Secretária Nacional de Políticas para Mulheres

11h40/12h
Debate entre as palestrantes a partir de perguntas selecionadas no chat

A violência contra as mulheres é considerada uma pandemia mundial. No entanto, diversos estudos comprovam que ela pode ser prevenida e enfrentada por meio de políticas públicas eficazes e baseadas em evidências. A partir de uma revisão de iniciativas e pesquisas sobre o que funciona e o que não funciona, busca-se ampliar o conhecimento sobre o tema e aprimorar as intervenções da Rede de Enfrentamento.

Nesse contexto, o evento abordará o papel de políticas públicas efetivas na prevenção e enfrentamento à violência doméstica, apresentando experiências e respostas nacionais e internacionais, inclusive no que tange à constituição e atuação dos organismos de políticas para mulheres.

Logos: LIQUE 100, THE WORLD BANK, MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS PAIS, PÁTRIA AMADA BRASIL

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 Você é comprometida com a questão da violência contra a mulher? Quer contribuir com a discussão sobre o que funciona e não funciona? Acompanhe pelo youtube, o seminário virtual que estamos promovendo! É hora de ajudar a transformar o Brasil num país melhor para as mulheres! Bora gente!!!! Espero vocês lá! Amanhã, 9h30min. <https://bitly.com/HOOaa>

7 sem

laurice_dias Hoje infelizmente eu

Curtido por priscillagasparoficial e outras 2.686 pessoas

8 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CBPCJT0D56c/?utm_source=ig_web_copy_link



Parceria com TJDF e EduLivre

Ministério da Mulher lança curso online sobre violência doméstica na pandemia

Logos: F, 3, f

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 Enfrentando a violência contra a mulher!

<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ministerio-da-mulher-lanca-curso-online-sobre-violencia-domestica-na-pandemia/>

7 sem

andradedorilene Tinha que nos curso de defesa pessoal de grátis, a polícia tarde d+.

7 sem Responder

Curtido por davidmquinlan e outras 8.903 pessoas

9 DE JUNHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CBq0CERj0AN/?utm_source=ig_web_copy_link



https://www.instagram.com/p/CCFYiFWD79T/?utm_source=ig_web_copy_link



JR ENTREVISTA

JR Entrevista: ministra Damares Alves explica o crescimento de casos de violência contra a mulher

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 Nesta entrevista expliquei como o povo yanomami lida com a morte e com a despedida do corpo de um parente quando morre.

O corpo é deixado npor dias em um lugar alto, exposto ao sol para secar e durante neste período a família protege o corpo dos animais e chora a morte do parente. Em seguida o corpo é levado a uma fogueira e transformado e cinzas. Por um tempo as cinzas são guardadas até a celebração de uma cerimônia onde um mingal de banana é feito e as cinzas do falecido é misturada e toda comunidade come.

Curtido por **fc_damaresalves** e outras **13.577** pessoas

1 DE JULHO

Adicione um comentário... **Publicar**

https://www.instagram.com/tv/CCJ1Inpj_4L/?utm_source=ig_web_copy_link



O AUMENTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DURANTE A COVID-19

Damares Alves comenta violência doméstica durante entrevista.

@DamaresAlvesOficial1

0:00 / 4:26

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 BR

#br #brazil #brasil #governobolsonaro #jairbolsonaro #bolsonaropresidente #governodainclusao #damaresalves #ministradamares #mdh #violenciacontramulher #mariadapenha #disque100 #ligue180 #mulher #woman #combateaviolenciadomestica

4 sem

naiana_abbruzzini Danares cada dia eu te admiro mais 🍌🍌🍌

4 sem Responder

mariarussodasilva Parabéns Ministra Damares. Trabalho

37.465 visualizações

2 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CCMhJC7jEqv/?utm_source=ig_web_copy_link



Sinal vermelho contra a violência doméstica

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 Nós somos centenas e milhares de mulheres que aderimos a @campanhasinalvermelho

Nossa Super Ministra da Agricultura @terezacristina está aqui para dizer basta de violência contra a mulher do campo.

Entrou na farmácia? Basta mostrar o **X** na palma da mão para o balconista e aguardar. Ele é parceiro das mulheres e vai acionar o 190 para ajudar você. Estou falando da Campanha #SinalVermelho Contra a Violência Doméstica, uma iniciativa do CNJ e da AMB, da qual a Secretaria Nacional de Política Para as Mulheres faz parte!

Curtido por michellebolsonaro e outras 16.703 pessoas

3 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CCM1CA8DZzu/?utm_source=ig_web_copy_link



VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER PODE SER DENUNCIADA PELO TELEGRAM

MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 • Chega de violência contra as mulheres!
4 sem

fciley
Apelo ao Pr JAIR MESSIAS BOLSONARO que apoie os candidatos a uma vaga nos quadros de oficiais das forças armadas, pois neste ano a data da prova do IME está coincidindo com a data da prova da AFA e muitos candidatos pretendem participar de ambas.

Curtido por capitaosophia.official e outras 4.452 pessoas
3 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CCOeMdjxOY/?utm_source=ig_web_copy_link



Sinal vermelho contra a violência doméstica

Mostre um X para o farmacêutico e ele vai ligar anonimamente para polícia. Peça ajuda!

Campanha de enfrentamento à violência doméstica. Uma iniciativa do CNJ e AMB, em parceria com a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres.

michellebolsonaro

LIGUE 180

DH APP Direitos Humanos Para Todos

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 • UNIDAS contra a violência doméstica!
#Repost @michellebolsonaro (@get_repost)

@campanhasinalvermelho

Aceitei o desafio da Ministra @damaresalvesoficial1 para divulgar a "Campanha #SinalVermelho", que traz um código especial para as mulheres que estão em situação de violência. Então, se você estiver precisando de ajuda, basta mostrar o X na palma da mão para o balconista da farmácia e aguardar. Ele vai acionar o 190 para ajudar você.

Curtido por capitaosophia.official e outras 31.192 pessoas
4 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CCWrqAvDo2S/?utm_source=ig_web_copy_link



Sinal vermelho
contra a violência doméstica

190

AMB
Associação Brasileira de Magistrados

CNJ
CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA

Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres

PÁTRIA AMADA BRASIL

Campanha de enfrentamento à violência doméstica. Uma iniciativa do CNJ e AMB, em parceria com a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres.

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 Estou aqui para falar de um código super especial para mulher, que está passando por uma situação de violência.

Entrou na farmácia? Basta mostrar o ✖ na palma da mão para o balconista e aguardar. Ele é parceiro das mulheres e vai acionar o 190 para ajudar você. Estou falando da Campanha #SinalVermelho Contra a Violência Doméstica, uma iniciativa do CNJ e da AMB, da qual a Secretaria Nacional de Política Para as Mulheres faz parte!

Compartilhe essa dica, poste sua foto e desafie seus amigos a fazerem o mesmo!

Curtido por teresinhaneves e outras 12.441 pessoas

7 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CCe-npWDYJS/?utm_source=ig_web_copy_link



Sinal vermelho
contra a violência doméstica

190

AMB
Associação Brasileira de Magistrados

CNJ
CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA

Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres

PÁTRIA AMADA BRASIL

Campanha de enfrentamento à violência doméstica. Uma iniciativa do CNJ e AMB, em parceria com a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres.

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 Recado da Dra. @angela_vgandra

Entrou na farmácia? Basta mostrar o ✖ na palma da mão para o balconista e aguardar. Ele é parceiro das mulheres e vai acionar o 190 para ajudar você. Estou falando da Campanha #SinalVermelho Contra a Violência Doméstica, uma iniciativa do CNJ e da AMB, da qual a Secretaria Nacional de Política Para as Mulheres faz parte!

Compartilhe essa dica, poste sua foto e desafie seus amigos a fazerem o mesmo!

A SNPM e o MMFDH te esperam nessa campanha! 🗨️ @airmessiasbolsonaro

Curtido por priscillagasparoficial e outras 8.519 pessoas

10 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CCir6n_DW0Z/?utm_source=ig_web_copy_link



Sinal vermelho
contra a violência doméstica

Mostre um X para o farmacêutico e ele vai ligar anonimamente para polícia. Peça ajuda!

190

AMB Associação Brasileira de Magistrados
CNJ Conselho Nacional de Justiça
Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres
PATRÍCIA AMARAL BRASIL

Campanha de enfrentamento à violência doméstica. Uma iniciativa do CNJ e AMB, em parceria com a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres.

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 Recado da Dra. @cristianebrittotooficial, Secretária Nacional da Mulher
Entrou na farmácia? Basta mostrar o X na palma da mão para o balconista e aguardar. Ele é parceiro das mulheres e vai acionar o 190 para ajudar você. Estou falando da Campanha #SinalVermelho Contra a Violência Doméstica, uma iniciativa do CNJ e da AMB, da qual a Secretaria Nacional de Política Para as Mulheres faz parte!

Compartilhe essa dica, poste sua foto e desafie seus amigos a fazerem o mesmo!
A SNPM e o MMFDH te esperam nessa campanha! 🙌

Curtido por terezacristinams e outras 11.580 pessoas

12 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CCoXr3ijneB/?utm_source=ig_web_copy_link



Sinal VERMELHO
contra a violência doméstica

Mostre um X para o farmacêutico e ele vai ligar anonimamente para polícia. Peça ajuda!

190

AMB Associação Brasileira de Magistrados
CNJ Conselho Nacional de Justiça
Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres
PATRÍCIA AMARAL BRASIL
VALÉRIA ALONSO

Campanha de enfrentamento à violência doméstica. Uma iniciativa do CNJ e AMB, em parceria com a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres.

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 Recado da querida Deputada @bolsonarovaleria

Entrou na farmácia? Basta mostrar o X na palma da mão para o balconista e aguardar. Ele é parceiro das mulheres e vai acionar o 190 para ajudar você. Estou falando da Campanha #SinalVermelho Contra a Violência Doméstica, uma iniciativa do CNJ e da AMB, da qual a Secretaria Nacional de Política Para as Mulheres faz parte!

Compartilhe essa dica, poste sua foto e desafie seus amigos a fazerem o mesmo!
A SNPM e o MMFDH te esperam nessa campanha! 🙌

Curtido por sarahsheeva e outras 7.294 pessoas

14 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CCqx3jQD6ld/?utm_source=ig_web_copy_link



Governo lança disque denúncia com atendimento em libras o antagonista

O projeto foi encabeçado pelo Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, comandado por Damares Alves.

#DireitosHumanos ParaTodos  #GovernoDaInclusão

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 Ninguém fica para trás!

@jairmessiasbolsonaro
@michellebolsonaro
@priscillagasparoficial

#br #brazil #brasil #governobolsonaro #jairbolsonaro #bolsonaropresidente #governodainclusao #damaresalves #ministradamares #mdh

2 sem

joseueldersousa Alguém aqui pode me ajudar gente para que esta enciclopédia chegue até a Ministra Damares?

2 sem 3 curtidas Responder

15 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CCv5fP3DCVa/?utm_source=ig_web_copy_link



Sinal vermelho contra a violência doméstica

Mostre um X para o farmacêutico e ele vai ligar anonimamente para polícia. Peça ajuda!

190

AMB Associação Brasileira de Médicos e Cirurgiões
CNU Conselho Nacional de União
Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres
PÁTRIA AMADA BRASIL

Campanha de enfrentamento a violência doméstica. Uma iniciativa do CNU e AMB, em parceria com a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres.

damaresalvesoficial1 • Seguir

damaresalvesoficial1 O RECADO HOJE é da Secretária Nacional das Pessoas com Deficiência, Dra. @priscillagasparoficial

Estou aqui para falar de um código super especial para mulher, que está passando por uma situação de violência.

Entrou na farmácia? Basta mostrar o X na palma da mão para o balconista e aguardar. Ele é parceiro das mulheres e vai acionar o 190 para ajudar você. Estou falando da Campanha #SinalVermelho Contra a Violência Doméstica, uma iniciativa do CNU e da AMB, da qual a Secretaria Nacional de Política Para as Mulheres

17 DE JULHO

Adicione um comentário... Publicar

https://www.instagram.com/p/CCzklf8D7Ad/?utm_source=ig_web_copy_link



**Sinal vermelho
contra a violência
doméstica**

Mostre um X para o farmacêutico e ele vai ligar
anonimamente para polícia. Peça Ajuda!

190

AMB
Associação Brasileira de Magistrados

CNJ
Conselho Nacional de Justiça

Ministério do
Município de
Brasília


BRASIL
República Federativa do Brasil

Campanha de enfrentamento a violência doméstica.
Uma iniciativa do CNJ e AMB, em parceria com a
Secretaria nacional de Políticas para Mulheres.

 damaresalvesoficial1 • Seguir ...


 damaresalvesoficial1 Obrigada
querida @cristinamelreal por estar
conosco pela proteção da mulher!

2 sem


 wil_2022 Lembrar que homem
também está sofrendo violência
doméstica e vcs s calam
!feminismo dominante

2 sem 4 curtidas Responder

— Ver respostas (2)

 tejsaboia Já deu isso aí 😊 que
tal alguma palavra do Ministério
dos Direitos Humanos em relação
às arbitrariedades do STF e do



 Curtido por marta_lanca e
outras 10.774 pessoas

18 DE JULHO

Adicione um comentário...

Publicar